

**Thomas Campbell**

# MY BIG TOE

**Minha Grande Teoria de Tudo**

**D E S P E R T A R**

**Livro Um da Trilogia Unificadora da  
Filosofia, da Física e da Metafísica**

[www.my-big-toe.com](http://www.my-big-toe.com) - [www.mybigtoe.com.br](http://www.mybigtoe.com.br)

**Thomas Campbell**

# MY BIG TOE

**Minha Grande Teoria de Tudo**

**D E S P E R T A R**

**Livro Um da Trilogia Unificadora da  
Filosofia, da Física e da Metafísica**

[www.my-big-toe.com](http://www.my-big-toe.com) - [www.mybigtoe.com.br](http://www.mybigtoe.com.br)



**Minha Grande  
Teoria de Tudo:  
D E S P E R T A R**

**PARTE UM DA TRILOGIA  
UNIFICADORA DA FILOSOFIA,  
FÍSICA E METAFÍSICA**

**Thomas Campbell**

<http://www.My-Big-TOE.com>  
<http://www.MyBigTOE.com.br>

O modelo de realidade *My Big TOE* vai ajudá-lo a compreender sua vida, objetivo, a totalidade da realidade que experimenta, como a realidade funciona, e como você pode interagir mais lucrativamente com ela.

***Alguns leitores de teste independentes vindos de diversificada experiência foram solicitados a avaliar a trilogia My Big Toe e registrar suas impressões dela. Isto foi o que disseram:***

“Eureca! Uma Teoria de Tudo que de verdade sustenta seu nome! My big TOE não apenas unifica a física, mas também a filosofia e a teologia. Você vai ficar espantado!”

**- Pamela Knight, Física**

“Ler *My Big TOE* desafiou minha mente e alargou meu horizonte. Esteja preparado para expandir radicalmente sua visão de mundo e para que sua perspectiva alcance um novo nível de compreensão.”

**- Ina Kuzman**

“*My Big TOE* é completamente original, pioneira e audaciosa. Campbell escreve com clareza e humor à medida que explora e responde as questões difíceis neste abrangente trabalho sobre a natureza última da realidade e da consciência. Cheio de ideias frescas e profundas, você vai ficar atônito por descobrir como o funcionamento da realidade na verdade melhora a qualidade da sua vida”.

**- Lyle Fuller, Engenheiro de Energia**

“A Trilogia *My Big TOE* rugiu através do meu confortável mundo não cerebral como se fosse um furacão categoria F5 que faz você gargalhar... quando a poeira finalmente assentou, eu fui deixado com uma incrível visão cristalina de como e porque as coisas são como elas são”.

**- Peg Rochine, Fundadora e CEO, Pesquisas Clínicas Associadas**

“Esta Trilogia vai mudar você profundamente... você nunca mais vai olhar para seu mundo da mesma forma novamente”.

**- Ina Kuzman**

Única, profunda e enriquecedora são as palavras que mais facilmente vem a minha mente para descrever *My Big TOE*”.

**- Lyle Fuller, Engenheiro de Energia**

Se você alguma vez já se perguntou: Isto é tudo o que há? Qual é o propósito? Como estou relacionado com tudo isto? A lógica da *My Big TOE*, assentada na ciência, provê respostas inequívocas que farão você pensar. Uma profunda e fascinante leitura”!

**- Ina Kuzman**

“Finalmente... alguém desvendou o Nó Górdio, descascou todo o abacaxi, e colocou uma solução em termos que são claros e fáceis de entender. Agora, tudo faz sentido”!

**- Peg Rochine, Fundadora e CEO, Pesquisas Clínicas Associadas**

Pegue uma mão cheia de “marcadores”, sente-se na cadeira mais confortável que você encontrar e prepare-se para a leitura de uma vida”!

**- Kate Von Seeburg, Empreendedora**

“Se você for um tradicionalista, um membro normal de sua cultura carregando os pressupostos que somos supostos nunca questionar, a trilogia *My Big TOE* vai chacoalhar suas fundações, desatarraxar seu cérebro, e te dar toda uma nova forma de apreciar a vida”!

**- Peg Rochine, Fundadora e CEO, Pesquisas Clínicas Associadas**

“Novos conceitos e perspectivas pouco usuais. Profundos mistérios e segredos muito antigos. Boa ciência e talento humano. Tom Campbell, uma combinação única de “Encontre o Sr. Mágico”, Dr. Phil, e Bill Murray, leva você em uma jornada através do espaço interno que você jamais esquecerá.

**- Kate Von Seeburg, Empreendedora**

Estes são livros que você vai querer ler mais de uma vez. Cada leitura produzirá uma experiência completamente nova – expandindo sua mente e compreensão em direções completamente novas – porque depois, você vai ser uma pessoa significativamente diferente”.

**- Pamela Knight, Física**

“*My Big TOE* finalmente coloca a realidade mais ampla, o total da sua experiência, me uma sólida base teórica. Se você algum dia já considerou as questões mais profundas da existência, você precisa ler este livro.

**- Lyle Fuller, Engenheiro de Energia**

“A lógica é inegável e a ciência é sólida... a trilogia *My Big TOE* representa a explosão de uma bomba científica de 100 megatons que vai simultaneamente chacoalhar as fundações da ciência tradicional, refocalizar a filosofia e a metafísica, e deixar em pânico os mantenedores do status quo”.

**- Pamela Knight, Física**

“Será eu o Santo Graal da Física foi finalmente descoberto? Tom Campbell apresenta um caso atraente. Esta TEORIA UNIFICADA DE TUDO é entregue de forma direta e sem ressalvas. Leia e considere as possibilidades”!

**- Ina Kuzman**

“A trilogia My Big TOE entrega uma perspectiva inteiramente nova, uma formulação mais geral da física que faz o mundo, sua ciência, filosofia, teologia, e você, tudo se encaixar em conjunto com uma compreensão científica consistente do todo”.

**- Pamela Knight, Física**

Ninguém interessado em ciência, espiritualidade, ou na natureza da realidade e consciência pode permitir-se ignorar este livro importante, audacioso e extremamente original. Só o princípio da incerteza psi já é uma das mais significativas ideias já compartilhadas, ponto”.

**- Lyle Fuller, Engenheiro de Energia**

Título original: My Big TOE: Awakening

Copyright © 2003 por Thomas Campbell

Original em Inglês publicado pela Lightning Strike Books

Copyright da Tradução © 2017 por Mario J P Santos

Todos os direitos reservados – inclusive o direito de reprodução, total ou parcial, e em qualquer formato. Nenhuma parte pode ser guardada em um sistema de recuperação, ou transmitida em nenhuma forma ou por nenhum meio eletrônico, mecânico, fotocopiado, gravado, digital, ótico, ou de outra forma, sem a previa autorização por escrito do autor.

Tradução: **Mario JP Santos**, colaboração de **Celso TP Junior e Miguel Melo Queiroz**. Revisão por **Sueli Endriukaite** e Mario JP Santos.

Site da tradução por **Gerson Medeiros** :

**[www.MyBigTOE.com.br](http://www.MyBigTOE.com.br)**

Contato sobre a tradução: **[traducaomybigtoe@gmail.com](mailto:traducaomybigtoe@gmail.com)**

Arte da Capa: Frank Foster

Capa: Celso, Mario & Jens Walter

2ª Edição 2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

---

C191m

Campbell, Thomas.

Minha grande teoria de tudo: despertar / Thomas Campbell ;  
tradução Mario J. P. Santos, Celso Junior. – São Paulo (SP): M. J. P.  
Santos, 2017.

274 p. : 14 x 21 cm

Título original: My big TOE: awakening.

ISBN 978-85-922212-0-1

1. Ciência. 2. Filosofia. 3. Metafísica. 4. Teoria de grande  
unificação. I. Título.

CDD-530.142

*Ao Chris*

*Ao Bob e a Nancy*

*Ao Dennis & Nancy Lea*

*Ao Todd, Lyle, Ina e ao Trevor,  
cujo encorajamento  
foi chave para o êxito.*

*Para aqueles necessitando de  
uma nova perspectiva.*

*Para todos os que estão em busca da  
Grande Verdade.*

*À Pamela, A Única (The One).*

*Ao amor que está dentro,*

*Um Coração*

*Feliz.*



## Sinopse

# Minha Teoria de Tudo de Visão Ampla

My Big TOE - Uma trilogia unificadora da filosofia, física e metafísica

## Livro 1: Despertar

A **Seção 1** provê uma biografia parcial do autor que é pertinente a subsequente criação desta trilogia. Essa breve mirada à experiência única e credenciais do autor lança alguma luz sobre as origens deste trabalho extraordinário. As associações pouco usuais, as circunstâncias, o treinamento e pesquisa iniciais que eventualmente levaram a criação da trilogia “*My Big TOE*” são descritas para permitir uma perspectiva mais acurada do todo.

A **Seção 2** desenha, justifica logicamente e define os blocos conceituais básicos necessários a descrição dos fundamentos conceituais da “*My Big TOE*” . Discute as crenças culturais que prendem nosso pensamento a uma conceituação limitada e estreita da realidade, define os fundamentos da epistemologia e ontologia da “Visão Mais Ampla”, assim como examina nosso funcionamento interno e a prática da meditação. Mais importante ainda, a Seção 2 define e desenvolve os dois postulados básicos sobre os quais, a trilogia é baseada. A partir destes dois postulados, tempo, espaço, consciência e as propriedades básicas, objetivo e mecânica da nossa realidade são logicamente inferidos.

## Livro 2: Descoberta

A **Seção 3** desenvolve a interface e interação entre “nós as pessoas” e nossa realidade de consciência digital. Ela deriva e explica as características, origens, dinâmicas e função do ego, do amor, da liberdade de escolha e de nosso objetivo mais amplo. Finalmente, a Seção 3 desenvolve o princípio da incerteza da PSI assim com explica e inter-relaciona os fenômenos PSI, o livre arbítrio, o amor, a evolução da consciência, a física, a realidade, o objetivo humano, a computação digital e a entropia.

A **Seção 4** descreve um modelo funcional e operacional de consciência que leva adiante os resultados da Seção 3 e dá base as conclusões da Seção 5. As origens e a natureza digital da consciência, a qual leva à consciência real e a nós. A Seção 4, deriva nosso universo físico, nossa ciência e nossa percepção da realidade física. A dicotomia mente – matéria é resolvida, assim como a realidade física é derivada da natureza da consciência digital.

## **Livro 3: Funcionamentos Internos**

A **Seção 5** junta as seções 2, 3 e 4 em um modelo mais formal da realidade que descreve como uma realidade aparentemente não-física funciona, interage e se inter-relaciona com nossa experiência de realidade física. Realidades prováveis, predição e modificação do futuro, teletransporte, viagem no tempo, telepatia, corpos múltiplos físicos e não-físicos, e a natureza fractal de uma realidade de consciência digital em evolução são explicados e descritos em detalhe.

A **Seção 6** é a consolidação final que coloca tudo que foi discutido nas Seções de 2 a 5 em uma perspectiva pessoal, facilmente compreensível. Adicionalmente esta seção também aponta para a relação entre a Minha Grande Teoria de Tudo e a ciência e filosofia contemporâneas. Por conseguir demonstrar uma relação conceitual próxima entre esta “TOE” e algumas das nossas mais respeitadas estrelas intelectuais, a Seção 6

solidamente integra a “*My Big TOE*” no pensamento científico e filosófico Ocidental.



# Conteúdo

Sinopse

Agradecimentos

Prefácio: Nota do Autor ao Leitor

Prólogo: Uma Orientação Conceitual

Lista de Acrônimos, Símbolos, Palavras e Frases Estrangeiras

LIVRO 1: D E S P E R T A R

Seção 1 Ilusão ou Conhecimento: Este cara é louco, ou o que?

1 Introdução a Seção 1

2 Olá Senhor, Quer Aprender a Meditar?

3 A Banana Sacrificial

4 Cuidado Com O Primeiro Passo, Ele É Um Dos Grandes

5 E Este Cara, O Monroe, É Louco, ou o Que?

6 Face a Face Com O Mago de Whistlefield

7 A Aventura Começa

8 A Ciência dos Estados

Alterados de Consciência

9 Avanço Radical

10 Mas Isto É Real?

11 Se Hoje É Terça, Devo Estar Na Realidade-Físico-Material

12 O Fim de Uma Era

- [13 Era Uma Vez a Muito, Muito Tempo Atrás](#)
- [14 Este Moleque Já É Muito Estranho](#)
- [15 Com Uma Pequenininha Ajuda de Meus Amigos: Como Está Sua Vida Amorosa?](#)
- [16 Lá Vamos Nós De Novo](#)

## [Seção 2 \*\*Misticismo Desmistificado: As Fundações da Realidade\*\*](#)

- [17 Introdução a Seção 2](#)
- [18 No Início – Causalidade e Misticismo](#)
- [19 Cuidado Com A Armadilha da Crença](#)
- [20 Causalidade em Cada Dimensão Pode Potencialmente Transformar Um Místico Em Um Cientista](#)
- [21 Viés Cultural](#)
- [22 A Atitude Correta](#)
- [23 Para quem é que você vai ligar?](#)
- [24 Dois Conceitos](#)
- [25 A Evolução da AUO: Consciência](#)
- [26 Evolução da AUO: O Que é Aquela Coisa Consciência Mascarada e O Que Ela Pode Fazer?](#)
- [27 A Evolução da AUO: Padrões, Símbolos, Informação e Memória; Motivação e Restrições Evolucionárias](#)
- [28 A Evolução da AUO: O Nascimento Do Grande Computador \(TBC\)](#)
- [29 A Evolução da AUO: O Nascimento do Tempo](#)
- [30 A Evolução da AUO: O Nascimento Da AUM \(AUO evolui à AUM\)](#)
- [31 O Nascimento do Espaço-Tempo: Como O Espaço É Criado Aplicando-se Um Limite de Velocidade Constante à PMR](#)
- [32 Uma Visão Ainda Mais Ampla](#)

**33 Infinito Fica Muito Grande Para Usar Calças de Verdade**

**34 Saudações! Leitores Corajosos, Vós Haveis Demonstrado Paciência Divina e Grande Tenacidade Quem é Tom Campbell**



## Agradecimentos

**À Única** . Numa categoria só para ela, queria agradecer a incomensurável contribuição, de todas as formas possíveis, dada pela mais constante, consistente e desafiadora professora: Pâmela – “A Única”.

**Companheiros de viagem** . Primeiro e mais importante, agradeço a **Bob Monroe** e a sua esposa **Nancy** que permitiram minha exploração pelo caminho que eventualmente me levou a trilogia “My Big TOE”. Em seguida a **Dennis Mennerich** , meu amigo explorador e companhia de viagem. Incentivamos um ao outro, quando nenhum de nós sabia muito bem onde estávamos indo ou como faríamos para chegar lá. Então a **Nancy Lea McMoneagle** , que não foi apenas a primeira viajante, como também a principal facilitadora do sucesso de Monroe. Todas joias raras, cada um – eu não poderia partir em uma jornada estranha com uma coleção melhor de amigos e mentores. Finalmente, para os muitos não nomeados que me proporcionaram as oportunidades, que permitiram ser o que e quem me tornei. Gostaria de poder ter feito mais com as oportunidades que vocês me ofereceram. No fim são estes dez, estas centenas, estes milhares, que tornaram essa trilogia possível. **Obrigado a todos** .

**Grandes contribuintes** . Em uma veia mais direta e imediata, há **alguns leitores** de indomada fortaleza a quem sou eternamente grato. O tempo e esforço voluntários dessas pessoas extraordinárias fez toda a diferença do mundo. Juntos tentamos tornar todos os três livros tão claros e compreensíveis quanto foi possível.

Agradecimentos especiais para **Lyle Fuller, Todd Philips, Ina Kuzman e Caroline Lampert** pelo seu esforço em melhorar a legibilidade e clareza de My Big TOE. Todos os três foram rápidos em apontar, onde deixei pedras para tropeçar pelo caminho do entendimento da “Big TOE”.

Adicionalmente, os questionamentos de Todd e Ina serviram como

catalisadores para desentocar muito material interessante. Muito obrigado a **Chris Nelson** , quem me fez começar a escrever em primeiro lugar. Sem a generosidade altruísta e dedicação acima de toda razão, esta trilogia seria uma pobre sombra daquilo que você tem a sua frente.

Acrescentando, agradeço a **Nancy Lea McMoneagle e Dennis Mennerich** por ajudar e corroborar na precisão da minha memória dos primeiros dias em **Whistlefield** . Também um sincero obrigado a **Lyle Fuller, Joel Dobrzelewski, Trevor Goldstein e Eric Campbell** pelo seu encorajamento e boas perguntas. Agradecimento especial a **Steve Tragesser** por fazer perguntas que se tornaram catalisadoras de muito no Capítulo 18, Livro 3. Da mesma maneira, a **Lyle Fuller** por obstinadamente caçar perguntas que eventualmente produziram, a discussão sobre livre arbítrio encontrada no Capítulo 11, Livro 2 e que adicionaram clareza, à minha exposição ao princípio de incerteza PSI. Similarmente, a **Trevor Goldstein** , cuja experiência e perguntas precipitaram a discussão sobre tectônica mental no Capítulo 6, Livro 2; e para **Ina Kuzman** , por iniciar a discussão encontrada no Capítulo 23, Livro 1 sobre a natureza e a prática da meditação. Também, obrigado para **Eric Campbell** por iniciar a discussão sobre as restrições naturais de um sistema finito de consciência. Créditos para **Bryan Mott, Ted Vollers, Tom Hand, Zane Young, Rhonda Ganz e Kristopher Campbell** por me oferecerem comentários úteis e fazerem boas perguntas. Finalmente, gostaria de agradecer a **Steve Kaufman** , por estar no lugar certo e na hora certa, com seu livro: **Teoria da Realidade Unificada: A Evolução da Existência para a Experiência** . Adoro quando um plano acaba funcionando.

**Ajuda Contratada** . Duas damas de grande integridade e competência permitiram que My Big TOE fizesse a transição de uma criação amadora para um produto profissional. **Kate von Seeburg** , dona da K8 & Company, editou o manuscrito enquanto **Michele DeFilippo** , dona da 1106 Design, produziu a diagramação e a capa.

Família. Grande estima para a minha esposa e filhos, que paciente e alegremente me permitiram trabalhar “no livro” quando deveria lhes dar

atenção. Espero que o resultado final se prove merecedor do nosso sacrifício coletivo.

**Não-contribuintes.** Por último, e certamente como mínimo, gostaria de pelo menos mencionar Kathy Cyphert e Peggy Rochine, quem, junto de muitos outros, numerosos demais para nomear, contribuíram com absolutamente nada com este esforço, mas queriam ver seus nomes mencionados mesmo assim. Adicionalmente, Boldar, Kiana, Onyx, Joe, Nikki, Chico, Mr. Pickle, Sid, Moe, Sr. Maximus, Snuffy, Sr. Minimus, Kia, Gabrielle, Isabel e Kuga-Bear também merecem uma menção honrosa por sua marcante não contribuição.

- **Tom Campbell,**  
**9 de dezembro de 2002**



## Prefácio: Nota do Autor ao Leitor

**S**im, você deveria ler este prefácio.

Entendo que muitos leitores têm pouco interesse, ou paciência, em ler extensos prefácios e prólogos. A primeira pergunta sempre é: Devo gastar tempo lendo este texto auxiliar ou posso pulá-lo sem perder nada importante?

A maioria fica ansiosa para passar pelas preliminares e imediatamente cravar os dentes na carne do texto principal. Antecipação e expectativa nos impulsionam para chegar à coisa real. Nós da cultura Ocidental somos impacientes, orientados ao objetivo, movidos em direção aos pontos finais. Em nossa pressa para a linha de chegada, “quase não percebemos a jornada” que nos leva até lá. Tal direcionamento de ênfase, geralmente dissipa nossas oportunidades porquê com frequência, a parte mais “saborosa e nutritiva” da vida está em “experimentar o processo”, não em alcançar o objetivo.

Ao fim da Seção 6 você irá, sem dúvida, concordar que esses livros são... digamos, diferentes. Como tal, requerem uma abordagem diferente. O prefácio e o prólogo de “*My Big TOE*” são partes integrais da história. Já que a trilogia abre uma trilha nova “bem longe do caminho conhecido”, é essencial incluir um material introdutório, que ajude a prepará-lo para o que está adiante. Sei que está ansioso para continuar e descobrir se a trilogia “entrega a mercadoria”, mas ir rápido demais em busca desse alvo, na verdade reduz a probabilidade de que você sequer chegue lá.

A função do prefácio e do prólogo é maximizar o retorno do seu investimento na leitura. Eles provêm uma visão geral da tonalidade, da estrutura, do processo e da mecânica da trilogia. Estabelecem uma visão ampla do conteúdo dela e rascunham um mapa “mais grosseiro”, de onde você irá nesta jornada incomum. Eles fornecem o contexto e o foco, onde o

conteúdo da trilogia fica, em sua maioria, mais facilmente compreendido. Prólogo e prefácio juntos, melhoram a compreensão e minimizam a frustração ao dar uma visão global da floresta, antes que você comece a descer para o meio das árvores.

Fortemente recomendo que você adote uma atitude de paciência quanto a obter um entendimento, dos profundos mistérios e segredos antigos que são logicamente revelados por esta “nova física”. A **Minha Grande Teoria De Tudo** levará você, tanto ao início como ao fim do tempo. Levará fundo dentro do coração humano e a sondar também os limites da mente humana. Definirá sua significância e fornecerá novo sentido à sua existência. Ajudará a perceber e aperfeiçoar seu potencial. Desenvolverá um entendimento científico totalmente novo, tanto do seu mundo interior como do exterior.

Você pode achar mais produtivo ritmar sua leitura, mais na profundidade de compreensão do que no avanço em páginas lidas. Evite correr de um conceito a outro como as crianças perseguem presentes no Natal. Dê um tempo. Um alimento para o coração, cabeça e alma é melhor se ingerido aos poucos, mordida a mordida, com pausas reflexivas e cogitação cuidadosa para ajudar a digestão. Descobertas genuínas devem ser absorvidas devagar enquanto paradigmas existentes se dissolvem ressentidamente. Paradigmas familiares, assim como ursos de pelúcia prediletos são difíceis de abandonar.

Toda jornada de sucesso, independente quão longa ou difícil seja, começa com um simples passo animado pelo bom senso, dirigido pelos objetivos e repetido quantas vezes forem necessárias, por uma perseverança obstinada. Nesta jornada em particular, o prefácio é o primeiro passo, o prólogo o segundo, seguido pelos três livros: **Despertar, Descoberta e Funcionamentos Internos** .

Direcionei cuidadosamente o conteúdo desta exposição científica e filosófica para uma audiência comum de experiência variada. Você não precisa de experiência científica, filosófica ou metafísica para entender o conteúdo da **Minha Grande Teoria De Tudo** . Nenhum salto de fé ou

crença são requeridos para chegar aonde estes livros irão levar. Um buscador da verdade tenaz e determinado – de intelecto forte e independente, que tenha por natureza uma mente aberta e cética – constitui o leitor ideal. Não existem pré-requisitos. Se você tem mente lógica, aberta e inquisitiva – atitude de pragmatismo científico que aprecia a elegância da verdade fundamental e o arrepiamento da descoberta – irá desfrutar esta jornada de descoberta pessoal e científica.

Sob as melhores circunstâncias, o sucesso na comunicação do conteúdo desta trilogia irá exigir muito de nós dois. Este trabalho apresenta muitos desafios únicos e assustadores para uma comunicação eficiente entre autor e leitor. Visões do mundo não são colhidas ao acaso, como frutas em uma quitanda: Para fazer as conexões necessárias, precisamos mergulhar fundo.

Bem abaixo das fundações do intelecto, sua cultura lançou o modelo da sua visão de mundo, por sobre o sistema de crenças central que define sua percepção da existência. As suposições que dão base a sua noção de realidade, não são vistas de forma alguma como suposições – são aceitas, sem questionamento, como o mais sólido dos fatos. Esta é simplesmente, a natureza da cultura – crença ao nível dos ossos e tendões da consciência. A questão é: os conceitos apresentados aqui irão provavelmente desafiar o sistema de crenças de sua cultura – não importando de qual cultura você vem.

O material de “My Big TOE” pode desafiar suas hipóteses familiares, crenças e paradigmas ao ponto de causar desconforto sério. Se este desconforto levar para uma resolução vantajosa, fico satisfeito; se não, fico entristecido. Meu objetivo é ser informativo e prestativo. Te encorajo a pegar o que você puder usar proveitosamente, e a abandonar o resto.

Há conceitos e perspectivas novas e incomuns apresentadas aqui, que seriam o bastante para gerar vários livros. De propósito deixei muito não dito na periferia, à fim de me manter concentrado na ideia central do desenvolvimento da “Big TOE”. Ainda que a trilogia permaneça, do início ao fim, focalizada em seu objetivo primário, às vezes, farei pequenos

passeios laterais na forma de apartes para adicionar cor, explorar conexões relacionadas e inserir tópicos de interesse especial e valor prático. Espero que venha a achar estes passeios laterais tão interessantes e informativos que irá, gentilmente, perdôá-los pela interrupção. Algum esforço seu será necessário para fazer a ponte nestes apartes à fim de manter a continuidade lógica da discussão maior. Para ter certeza de que não se confunda se está lendo um aparte ou texto principal, os apartes estão recuados, tem sua fonte especial própria, e são marcados (no começo e no fim) com setas parecidas com esta: ► . Se um aparte secundário residir dentro de um aparte primário, será recuado novamente e marcado com seta dupla ►► . Portanto, uma simples olhadela é tudo o que precisa para determinar se o texto que está lendo está dentro de um aparte e estando, em qual nível.

Você pode achar o texto desafiador em alguns lugares ou óbvio em outros. O que é desafiador ou óbvio demais para cada leitor depende em geral da experiência e entendimento daquele leitor individual. É minha intenção nunca acelerar através desta exposição de tal modo que você não possa apreciar o cenário, nem nos afundar repetitivamente no óbvio – embora de vez em quando, dependendo da experiência, alguns possam ter a sensação que ocasionalmente fazemos as duas coisas.

Embora a língua Inglesa Americana seja decididamente pobre em descrições conceituais não-físicas, ela tem a vantagem de ser inusitadamente rica, nas descrições sobre comunicação e tecnologia da informação. Esta última, bem estranhamente é o que me permite transmitir a primeira. Por estranho que possa parecer é o alcance da ciência moderna e da tecnologia, especialmente comunicações e processamento de dados, que provê as ferramentas conceituais necessárias para produzir um modelo de realidade maior em que a “mente ocidental” – ou mais amplamente, a “atitude ocidental” ou mais precisamente, o sistema de crenças ocidental – possa se relacionar, entender e trabalhar.

Ciência e tecnologia têm avançado ao ponto onde suas aplicações e entendimento, começaram a espelhar alguns processos fundamentais da existência. Nós do século vinte e um, apenas recentemente, adquirimos os

conceitos necessários para entender e apreciar a natureza da realidade maior, dentro do contexto de nosso ponto de vista ocidental contemporâneo. Anteriormente, o conhecimento e entendimento da Visão Ampla e da nossa existência nela, era compreendido e descrito por antigos sábios em termos de metáforas, que eram pertinentes a suas culturas e especialmente criadas em benefício de seu público em questão. Hoje, vemos essas descrições antes consideradas práticas, como altamente simbólicas e irrelevantes para a visão científica moderna da realidade. Filosofia, teologia e ciência se encontram em desacordo sobre o que é significativo.

Sou um cientista. Esta trilogia é resultado de uma longa e cuidadosa exploração científica, focada na natureza da realidade e do indivíduo. Noções preconcebidas serão mais obstáculo que ajuda. É tarefa desta trilogia construir clara e completamente, sua consciência, mundo, ciência e existência de uma maneira universal, lógica e científica que explique de forma compreensível, **todos** os dados pessoais e profissionais que coletou durante sua vida.

Uma teoria de Visão Ampla abrangente que explica **tudo** pode parecer altamente improvável, se não absolutamente impossível, mas não é.

Tenha coragem: Boa ciência e a *engenhosidade* humana têm frequentemente entregado o impossível por pelo menos duzentos anos... fique aberto – a história demonstra repetidamente que a aparência de impossibilidade é quase sempre resultado de uma visão limitada.

Paciência será necessária. Esta aventura sobre a mente, ciência e espírito é complexa e levará um tempo significativo para se revelar. Se fosse algo imediatamente óbvio ou já seria notícia velha ou você estaria lendo um curto artigo de jornal, ao invés desta trilogia. Uma mente aguçada que seja cética e aberta é o único ingresso que você precisa ter para fazer esta jornada.

Baseado nos comentários daqueles que o precederam, espero que você ache esta viagem, às profundezas da consciência elementar e da realidade fundamental, pessoalmente enriquecedora. Você será impelido a ter alguns pensamentos grandes e a ponderar algumas grandes ideias, mas

as conclusões a que eventualmente chegue serão inteiramente suas, não minhas. Estes livros não foram publicados para convencê-lo de qualquer coisa, ou persuadi-lo em direção a um ponto de vista em particular. A cada rodada você é fortemente dissuadido de se tornar um crente. Dados, fatos e resultados mensuráveis são as únicas moedas com as quais essa trilogia negocia.

Ler a trilogia “*My Big TOE*” não é para ser uma experiência passiva. Se você decidir agarrar a oportunidade de escalar para fora da caixa, provavelmente acabará fazendo algum trabalho difícil. Você sempre será encorajado a pensar por si mesmo e chegar às conclusões que sejam baseadas na sua experiência pessoal. Apesar de todas as cogitações sérias, iremos também brincar, rir, e nos divertir um pouco enquanto avançamos.

Muito do que acredita -- sobre si mesmo, sua existência e a natureza da realidade -- será desafiado. Se você está aberto para explorar uma visão maior, estes livros farão você pensar e pensar novamente. A maioria dos leitores não considerará esta trilogia como leitura fácil – seguir apenas os processos lógicos e sequências, enquanto eles absorvem velhos paradigmas, exigirá esforço concentrado. Por outro lado, crescimento significativo e aprendizado, raramente são fáceis – e se forem, raramente têm significância.

Contrário aos meus esforços, as Seções 2, 3, 4 e 5 continuam de certa forma conceitualmente interdependentes. Cada Seção será melhor entendida e fará muito mais sentido, depois de ler as outras seções. Não havia o que fazer. A realidade é uma coisa inteira e unificada, com cada uma das suas partes, inexoravelmente entrelaçada com as demais.

Os três livros da trilogia em suas seis seções, desenvolvem o conteúdo conceitual da “*My Big TOE*” de forma aproximadamente sequencial. Consequentemente, ler os livros fora da ordem original gera uma experiência abaixo da ideal. No entanto, entender “*My Big TOE*” é muito mais dependente da leitura inteira da trilogia, do que sobre a ordem particular em que será lida.

A natureza da realidade e do leitor típico é tal, que temos de nos esgueirar pela “*My Big TOE*” a razão de um conceito por vez. Iremos examinar a Visão Ampla de **múltiplas perspectivas**, para assegurar que o projeto e a estrutura do todo, se tornem claramente visíveis. Se as coisas parecerem ficar meio distantes de vez em quando, aguarde firme até que tudo se reúna em uma visão completa e coerente.

Pela razão acima, uma leitura lenta e cuidadosa dará melhor proveito a seu investimento – não tenha pressa, passeie pelos livros a passo calmo e relaxado. Se ficar atolado, é melhor continuar (e voltar depois) do que ficar preso a ler cada palavra na ordem que aparece. Seria lamentável para você, não ver uma parte da floresta que pode ser importante, porque se perdeu exausto ou desencorajado, vagando improdutivamente entre as árvores de outra parte.

Por toda “*My Big TOE*”, usei uma técnica de **semeadura** para passar por algumas das ideias mais difíceis. Frequentemente planto sementes conceituais (que rapidamente apresentam ou introduzem uma ideia) dentro das seções, capítulos, páginas que precedem uma discussão completa e minuciosa da ideia. Faço isto, porque muitos leitores acharão os conceitos apresentados na “*My Big TOE*” totalmente desconhecidos. A compreensão e entendimento desta trilogia são significativamente melhorados se o leitor estiver, pelo menos de alguma maneira, preparado para as discussões conceituais principais.

Questões podem ocasionalmente saltar à sua mente enquanto você lê. Segure suas perguntas, ou melhor, anote-as enquanto continua. A maioria será respondida dentro de alguns parágrafos ou páginas. Se você tiver perguntas não respondidas, depois de completar a Seção 5, elas podem ser usadas produtivamente, como o foco inicial na sua própria busca pela Grande Verdade – um assunto que é tomado com prazer na Seção 6.

Tome cuidado para não perder a Visão Ampla de vista por estar demasiadamente concentrado nos detalhes. É fácil ficar girando em torno de detalhes, que atinjam uma ressonância emotiva com suas crenças. A estratégia vencedora aqui é ter um vislumbre da floresta inteira e não ficar

argumentando sobre a cor do musgo, que cresce em algumas árvores específicas. Controle seu interesse apaixonado em coloração de musgo ou pode perder por completo o que é importante.

Uma última nota antes que você comece. Os que me conhecem bem, juntamente com alguns leitores iniciais, me sugeriram alertá-los sobre **meu senso de humor** . Se ler algo nestes livros, que puder ser interpretado como humor, sarcasmo, condescendência, arrogância, tolice, futilidade ou todas acima, é provavelmente apenas humor, ou ocasionalmente, **humor com um toque de sarcasmo** . Se se sentir inseguro sobre quão ofendido deveria estar, sugiro que pelo menos temporariamente, suspenda seu julgamento sobre a mentalidade do autor. Disseram-me que eventualmente (ao fim da Seção 4) você estará mais familiarizado com meu humor dissimulado e estilo informal e tagarela. Consequentemente, um julgamento posterior pode ser mais preciso.

A anatomia estrutural da “*My Big TOE* ” está exposta como um sapo em uma mesa de dissecação nos parágrafos abaixo. A maioria dos leitores vai achar que esta visão geral fornece uma perspectiva prestativa, sobre como o livro que está lendo agora, se encaixa em toda a trilogia “*My Big TOE* ”.

“*My Big TOE* ” é planejado como um conjunto de três livros. É organizado como livros separados, para aqueles que preferem pacotes menores ou não tem certeza sobre quão grande será a primeira mordida que desejam dar e como uma encadernação mais econômica com três livros em um, para aqueles que estão confiantes em querer tudo. Cada um dos livros separados contém a mesma dedicatória, sinopse, índice, agradecimentos, prefácio e prólogo, bem como a lista de acrônimos e duas seções de conteúdo exclusivas. Apesar da numeração dos capítulos e páginas reiniciar em cada um dos livros separados, as seis seções estão numeradas em sequência pela trilogia inteira para adicionar uma sensação de continuidade da estrutura. Quando os três livros estão unidos em um único grande livro, a numeração das páginas e dos capítulos, bem como a numeração das seções, corre continuamente, do início ao fim.

**O Livro 1: *Despertar*** contém as duas primeiras seções. A **Seção 1** fornece uma biografia parcial do autor que é pertinente para o assunto. Sua função é lançar luz sobre as origens deste trabalho incomum, provendo um olhar sobre a experiência e credenciais únicas do autor, que eventualmente levaram a criação de “My Big TOE”. A **Seção 2** expõe os blocos de construção básicos necessários para desenvolver a fundação conceitual desta “TOE”. Muitos dos conceitos iniciados na Seção 2 serão totalmente explicados em seções posteriores.

**O Livro 2: *Descoberta*** contém as duas seções centrais. A **Seção 3** leva adiante a informação obtida na Seção 2 e desenvolve suas implicações em mais detalhes e profundidade enquanto relaciona-a mais diretamente com a experiência pessoal do leitor. A **Seção 4** junta as ideias da Seção 2 e 3, enquanto desenvolve os conceitos adicionais exigidos para juntá-los em um todo consistente. As Seções 2, 3 e 4 são cuidadosamente projetadas para trabalhar sequencialmente juntas, para produzir o entendimento fundamental que é necessário a compreender a Seção 5.

**O Livro 3: *Funcionamentos Internos*** contém as últimas duas seções. A **Seção 5** apresenta o modelo da realidade convencional em detalhes. A **Seção 6** é a embalagem, que coloca tudo o que foi discutido em uma perspectiva facilmente entendida. Adicionalmente, a Seção 6 aponta a relação de “My Big TOE” com a ciência e filosofia contemporâneas. Demonstrando uma relação conceitual próxima entre esta TOE e algumas das nossas mais bem estabelecidas e respeitadas estrelas intelectuais. A Seção 6 solidamente integra a “My Big TOE” no pensamento científico e filosófico Ocidental.

Existe um lugar no ciberespaço [<http://www.My-Big-TOE.com> - a URL não é sensível a maiúsculas, **mas os hifens são necessários** ] tome um tempo para compartilhar sua experiência, exercitar seu intelecto, dar voz a suas opiniões, desabafar sua angústia, ou apenas se reunir com os amigos viajantes. Você pode enviar e-mails tanto para o autor como para a editora pelo “website” **my-big-toe.com** , assim como adquirir todos os livros da “*Big TOE*”. Lá você pode manter-se atualizado com as últimas informações

sobre a “*Big TOE*” , eventos, bate-papo, comentários, pesquisas e grupos de discussão.

- **Tom Campbell**  
**09 de dezembro de 2002**



## Prólogo: Uma Orientação Conceitual

S em a perspectiva apropriada, uma visão clara produz apenas dados. A questão aqui é dar ao leitor a oportunidade de uma espiada inicial, de grande altitude, na floresta antes de iniciar nossa trilha em suas profundezas. Neste prólogo, descrevo aonde você estará indo e o que deveria esperar realizar. É sempre útil, saber qual sua direção, mesmo que ainda não faça ideia de como chegará lá. Este sobrevoo conceitual é planejado para minimizar o efeito desorientador, que um território totalmente desconhecido pode causar.

Ambos, estrutura e conteúdo da sua percepção da realidade são dependentes da cultura. Como um monge Budista Tibetano ou como um físico norte-americano descreveriam a realidade é tão vastamente diferente quanto as palavras, expressões e metáforas que cada um empregaria. O que faz sentido e é óbvio para um, pareceria perdido e sem sentido para o outro.

Se pudermos ir além da nossa propensão cultural, teremos a tendência de perguntar ou ao menos querer saber: Qual descrição está certa e qual está errada? Elas parecem claramente incompatíveis - certamente não podem ser ambas precisas e corretas. Se formos mais sofisticados, poderemos perguntar qual porção de cada descrição está certa ou errada, procurar por áreas de possível acordo e definir áreas que pareçam ser mutuamente excludentes. Esta é uma abordagem melhor, mas é ainda mal direcionada.

Nenhuma das abordagens, embora a segunda seja mais ampla que a primeira, encontrará a verdade. Qual delas está certa ou errada, não é a pergunta certa – ela representa uma perspectiva estreita e exclusiva. Qual abordagem funciona ou ajuda mais seu possuidor a atingir seus objetivos, quais objetivos seriam mais produtivos e levariam ao crescimento e progresso individual, e também para a felicidade, satisfação e utilidade para os demais? Estas são perguntas um pouco melhores porque têm foco nos

resultados práticos e no efeito mensurável, que cada visão de mundo teria quando aplicada para os indivíduos – bem como nos efeitos secundários que elas têm sobre os outros. No entanto, algo importante ainda está faltando.

Como se define, percebe ou mede a satisfação, crescimento pessoal, qualidade de vida e cumprimento do propósito individual, que é derivado de cada visão de mundo? Qual é o padrão contra o qual a conquista desses objetivos é avaliada? Agora temos um conjunto de questões que têm potencial para nos levar a uma descoberta pessoal na busca da verdade fundamental. Significância da “Visão Ampla” e valor, substituíram a “pequena visão” de certo e errado, como medida principal do que vale a pena.

A verdade fundamental (de Visão Ampla ou simplesmente Grande Verdade), embora absoluta e uniformemente significativa para todos, deve ser descoberta por cada indivíduo, dentro do contexto da sua experiência. Nenhuma abordagem pessoal para aquela descoberta é certa para todos. A significância da “pequena verdade”, por outro lado, é circunstancial e relativa ao observador.

A Verdade existe em todas as culturas. Só é compreensível para um indivíduo quando é expressa na linguagem cultural (símbolos, metáforas e conceitos) do indivíduo. É intenção da “*My Big TOE*” (Minha Grande Teoria de Tudo) capturar a verdade científica e metafísica, de várias culturas e múltiplas disciplinas e apresentá-las dentro de um modelo coerente e autoconsistente, que a mente Ocidental objetiva possa facilmente compreender. Afinal, uma “*TOE*” (*Theory of Everything* – Teoria de Tudo) deve conter e explicar **tudo**. Esta é uma tarefa difícil. Uma Teoria de Tudo de **Visão Ampla** ou deve incluir metafísica (ontologia, epistemologia e cosmologia) bem como a física e outras ciências, em um único modelo integrado e sem emendas da realidade. É sobre tudo isto que trata a “*My Big TOE*”. (N.T.: *Ontologia* significa “estudo do ser”; *Epistemologia* é a ciência que trata das leis gerais que regem o universo).

Verdade é verdade, mas comunicar a verdade é outro empreendimento difícil, carregado de mal-entendidos de sentido e

interpretação. Grande Verdade, como sabedoria, não é algo que você pode ensinar ou aprender de um livro. Deve ser compreendido por indivíduos dentro do contexto de sua experiência. Cada um de nós vem com um entendimento da realidade através da interpretação das nossas experiências físicas e mentais.

A experiência dos outros quando muito pode fornecer um modelo útil – uma estrutura para o entendimento – uma perspectiva que permite compreender e interpretar nossos dados de experiência de uma maneira que faça um bom sentido prático. Os melhores professores, não podem fazer mais do que oferecer um entendimento consistente e coerente da realidade, que ajude seus estudantes a encontrar a perspectiva maior, necessária para que descubram por si próprios a Grande Verdade. Tal modelo somente será correto e abrangente, se descrever com precisão todos os dados (físicos e metafísicos), todas as vezes e sob todas as circunstâncias para todos que o aplicarem. A utilidade de um modelo, depende do quão corretamente ele descreve os dados da experiência. Um bom modelo deveria ser preditivo. Deveria explicar o que é conhecido, produzir um novo conhecimento útil e fornecer um entendimento mais produtivo do todo.

Se “*My Big TOE*” comunica algo de significância para você por ressoar com seu conhecimento único, então esta expressão particular da natureza se adequa ao seu ser. Se o deixa intocado, talvez uma outra visão da realidade irá falar mais efetivamente com você. A forma que seu entendimento toma não é significativa – é o resultado que conta! Se está estimulado para um conhecimento mais produtivo, está no caminho certo. A expressão da realidade que mais efetivamente empurra seu entendimento na direção do aprendizado, crescimento e em evoluir para uma qualidade de ser mais elevada é a certa para você. “*My Big TOE*” não é a única expressão útil que a Grande Verdade pode tomar. Todavia, é um modelo singularmente compreensível da realidade, que fala a linguagem da abordagem analítica Ocidental. A trilogia integra completamente uma visão de mundo subjetiva, pessoal e holística, com a ciência objetiva. Oriente e

Ocidente se fundem, não simplesmente numa mistura compatível ou reforçada mutuamente, mas como uma solução única totalmente integrada.

Quando algumas pessoas escutam a palavra “modelo”, imaginam um modelo de escala – uma versão em miniatura da coisa real. “*My Big TOE*” não tem nada a ver com modelos de escala. Um modelo é um dispositivo intelectual que os teóricos usam para alcançar entendimento concreto de um conceito abstrato. São frequentemente desenvolvidos para descrever uma função, interação ou processo desconhecidos (algo que fica além da nossa experiência individual atual) em termos de algo mais compreensivo. O modelo em si pode assemelhar-se de perto à realidade que descreve, ou apenas descrever suas entradas e saídas. Em ambos os casos, **não confunda o modelo da realidade com a própria realidade**. Por favor, repita isto duas vezes antes de continuar.

Se você tem suficiente experiência direta e um profundo entendimento do que está sendo modelado, o modelo se torna supérfluo. Sem experiência direta, o modelo permite um entendimento, que seria impossível de obter de outra forma. Com experiência direta limitada, o modelo permite colocar essa experiência dentro do contexto da estrutura lógica consistente do mesmo. Para aqueles com experiência suficiente para incitar a curiosidade e formular questões práticas, o modelo traz uma interpretação significativa e explicação para os dados (experiência, informação, fragmentos da verdade) que de outra forma, pareceriam desesperadamente aleatórios e desconectados.

O modelo da realidade desenvolvido dentro desta trilogia permite a você entender as propriedades e características da realidade, como interage com ela, seu objetivo e limites, processos, funções e mecanismos dessa realidade. Descreve o “o quê”, o “porquê” e o “como” (a natureza, propósito e regras) da ação recíproca e interações entre substância, energia e consciência. Você irá descobrir a distinção entre o mundo físico exterior e objetivo, e o mundo não-físico interior e subjetivo, da mente e da consciência, que são totalmente dependentes do (e relativos ao) observador.

“*My Big TOE*” descreve, como qualquer “*Big TOE*” deve fazer, a unicidade básica, a continuidade e a conexão de Tudo O Que É. Sistemática e logicamente deriva a relação natural entre mente e matéria, física e metafísica, amor e medo, e demonstra como o tempo, o espaço e a consciência estão interconectados – tudo com um mínimo de pressupostos. Adicionalmente, descreve em detalhes o processo mais importante da nossa realidade – como e por que essa realidade funciona. Vai descobrir que os resultados da “*My Big TOE*” estão em consonância com os dados atuais – e que ela resolve uma série de problemas pendentes de longa data da ciência, da física e da metafísica.

O modelo de realidade desenvolvido dentro da “*My Big TOE*” não é a única metáfora ou descrição válida para a natureza da realidade maior. Não obstante, este modelo é talvez o mais compreensível, para aqueles de nós acostumados a entender a realidade local em termos de processos e medições de causalidade objetiva. Uma definição materialista ou científica da realidade é às vezes referida como “Ocidental”, porquê a noção de que a realidade é construída sobre uma causalidade objetiva inviolável, fica no centro do sistema de crenças culturais do Ocidente.

“*My Big TOE*” é escrito para ser especialmente acessível para a mentalidade e atitude Ocidentais. O Ocidente não tem agora, nem nunca teve, um monopólio sobre a abordagem orientada a processos, materialista e objetiva da existência e da realidade. No Ocidente temos, talvez, perseguido a ciência e a tecnologia de forma mais persistente que os outros e, sem dúvida, adicionamos uma inclinação singular para o nosso tipo particular de materialismo baseado em consumidores e marcas, mas as bases daquilo que chamo de atitude Ocidental, estão hoje completamente impregnadas no mundo todo e se expandindo em todas as direções.

O esplêndido sucesso da ciência e engenharia do século vinte, parece provar a utilidade e também exatidão da visão Ocidental. O resultado é que muitos, seja do Leste, Oeste, Norte ou Sul do planeta, enxergam a realidade de uma perspectiva objetiva e materialista que

frequentemente coexiste com alguma forma tradicional de religião e dogma social baseados em sua cultura.

Assim, um equilíbrio ou impasse, entre nossas necessidades internas e externas evoluíram para uma visão prática de mundo, que encoraja a produtividade material Ocidental. Um materialismo pragmático que depende da causalidade objetiva é usado para gerar a aparência de uma estabilidade racional e manipulável pelo lado de fora, enquanto um sistema de crenças de algum tipo provê a segurança pessoal necessária pelo lado de dentro. Para eliminar o desconforto das conflitantes visões de mundo, os dois fins dessa dicotomia conceitual bipolar, são em geral mantidos separados e não se misturam ou integram em qualquer profundidade significativa. Cada uma delas apoia a outra superficialmente enquanto juntas, produzem um trabalhador com o foco na materialidade, responsável, que luta para crescer e com uma boa ética de trabalho, valores cooperativos, inclinação para a dependência e uma alta tolerância a dor.

Como a mentalidade Ocidental está crescendo e se espalhando rápida-mente, e por causa do espírito humano geralmente murchar na videira antes de começar a amadurecer em tal ambiente, é particularmente importante marcar uma trilha para o entendimento da realidade maior, em termos de linguagem e metáforas desta mentalidade. Eu mesmo, como produto da cultura norte americana e como cientista, tenho me esforçado em elaborar um modelo da realidade maior, que não apenas pareça racional para a atitude Ocidental objetiva, mas que também forneça um modelo abrangente, completo e preciso, sobre o qual a ciência Ocidental possa vir a construir.

“*My Big TOE*” provê um entendimento da realidade que pode ser usado proveitosamente por ambos, ciência e filosofia – que forneça uma perspectiva original e faça uma contribuição significativa, para a física e a metafísica e também para várias outras disciplinas acadêmicas e práticas tradicionais. No momento que terminar a Seção 6, você terá sido exposto não apenas a física e metafísica de Visão Ampla, mas também a psicologia, biologia, evolução, filosofia, ciência da computação, inteligência artificial e

filosofia da ciência de Visão Ampla. Há até mesmo “um osso” de “*TOE*” (*TOE* também significa dedão do pé em Inglês) para lançar aos matemáticos – eles vão encontrar novos conceitos sobre fractais e descobrir porque a geometria fractal, reproduz com sucesso a aparência dos objetos naturais. Descobrirá porquê Albert Einstein e outros não tiveram sucesso em desenvolver a Teoria de Campo Unificada e porquê as tentativas atuais de produzir uma “*TOE*” têm sido frustradas da mesma maneira.

O problema que os físicos têm atualmente em descrever uma realidade consistente ocorre primariamente por causa da forma como definem espaço, tempo, objetividade e consciência. Suas ideias atuais, destes conceitos básicos contém limitações, derivadas de crenças culturais incorretas. É esta cegueira induzida pela crença, que cria os paradoxos científicos (tais como a dualidade onda/partícula e a comunicação instantânea entre um par entrelaçado). Como Einstein apontou mais de meio século atrás, espaço e tempo, como interagimos com eles e os experimentamos, são ilusões. Muitos dos melhores cientistas dos séculos vinte e vinte e um perceberam este fato, mas não sabiam e não sabem o que fazer sobre isso ou como prosseguir. Seu problema é de perspectiva – a sua conceituação de realidade é limitada demais (apenas uma visão reduzida) para conter a resposta.

O campo de espaço-tempo de Albert Einstein (como descrito em sua Teoria de Campo Unificada) afirmou um campo não-físico, como sendo especificamente a base da matéria e da realidade como um todo, desse modo movendo a ciência para mais perto da verdade, mas ele não gostava das propriedades digitais discretas do espaço-tempo ou do papel da consciência (ao invés do espaço-tempo) como o campo primário de energia. O aluno e colega de Einstein, o grande físico quântico David Bohm (junto com alguns dos melhores teóricos da Mecânica Quântica incluindo Niels Bohr, Werner Heisenberg e Eugene Wigner) fizeram a conexão da consciência, mas perderam a conexão digital e a Visão Ampla.

O físico contemporâneo Edward Fredkin e seu movimento da Física Digital faz a conexão digital (espaço e tempo quantificados) e está indo na

direção certa, como estavam Einstein, Bohr e Bohm, mas ainda perdem a sólida conexão com a consciência. A Física Digital, ainda não descobriu que a consciência é o computador. Em todos, falta uma valorização da limitação natural da nossa causalidade objetiva física e uma vista coerente da Visão Ampla, que amarre tudo como um conjunto. A você será mostrado não apenas todos os pedaços de antigos e novos quebra-cabeças da realidade, mas você verá também como se encaixam – filosofia e ciência, mente e matéria, normal e paranormal – em uma Visão Ampla única, unificada e coerente.

Você ouvirá mais dos cavalheiros da ciência citados acima, bem como de muitos dos maiores pensadores ocidentais de todos os tempos, na Sessão 6, onde integro os conceitos da “*My Big TOE*” com a base de conhecimentos da ciência e filosofia tradicionais do ocidente.

“*My Big TOE*” representa uma turnê científica e lógica pela realidade, que vai bem além do ponto onde Einstein e os outros cientistas desistiram em frustração. Enquanto as limitações são removidas de seu pensamento, verá claramente a fonte da frustração deles, como e por que ficaram travados, e a solução que não puderam encontrar ou entender. Que esta seja uma exposição não técnica e desprovida da linguagem matemática da nossa ciência de visão reduzida, não é na verdade uma fraqueza – mesmo de uma perspectiva estritamente científica. Como pode ser? Enquanto você progride pela “*My Big TOE*”, vai entender as limitações naturais fundamentais e inevitáveis da lógica, da ciência e da matemática de visão estreita.

Mostrarei como a física é relacionada à (e derivada da) metafísica. Adicionalmente, você irá descobrir que mente, consciência e o paranormal irão ganhar uma explicação científica, que se firma em fundações teóricas sólidas. Não necessariamente da maneira que se esperava pela ciência tradicional – no entanto, como descobrirá, ser não tradicional é uma força necessária e não uma fraqueza inevitável.

A evolução do conhecimento demanda que cedo ou tarde, a verdade deva prevalecer e o que é falso deva se autodestruir. Embora o consenso da

opinião baseada na cultura possa ganhar o dia, os resultados mensuráveis vão ganhar o dia depois desse. O valor e sucesso da “*My Big TOE*” devem ser medidos em termos dos resultados pessoais e objetivos que ela produz. Apenas a verdade pode produzir resultados consistentes significantes. Em contraste, a falsidade se sobressai ao produzir crenças assertivas, argumentos e opiniões. Abra a sua mente, mantenha-se cético, busque apenas resultados mensuráveis e significantes e deixe que “as fichas caiam” onde tenham de cair.

“*My Big TOE*” está na forma de um modelo de realidade, em um nível que é necessariamente incomum, mas fácil de entender. Fornece uma exploração das implicações científicas e filosóficas da evolução da consciência, um assunto que tem significado crítico para todos nós.

Por causa desse material precisar desenvolver paradigmas científicos e da realidade totalmente novos, ele requer uma apresentação extensiva, para lançar luz sobre as limitações dos padrões de pensamento culturais habituais – uma meta que não pode ser alcançada, ao mesmo tempo rápida e efetivamente. Tão profunda análise multidisciplinar, fica melhor em uma trilogia do que na estrutura formal condensada de um artigo científico tradicional.

O foco desta trilogia é voltado na direção da significância potencial que a “*My Big TOE*” contém para cada leitor individualmente. Estes livros foram escritos para você – achará seu tom mais pessoal do que genérico, mais um compartilhamento de experiências e conceitos, do que a apresentação feita por um especialista. É a sua potencial interação pessoal com este material que deu início, e também guiou, o seu desenvolvimento.

Você vai perceber que uma mente aberta, lógica e cética, com uma ampla profundidade de experiência, será muito mais útil do que conhecimentos técnicos anteriores. Os detalhes da realidade de visão estreita, são por natureza altamente técnicos e território exclusivo da ciência e matemática modernas. Por outro lado, a realidade de Visão Ampla está disponível e acessível a **qualquer um** com uma mente aberta e com

vontade de aplicá-la. Não existem requisitos de educação formal ou credenciais técnicas, à fim de se entender o que é apresentado aqui.

Existem três desafios principais a ser atendidos, à fim de se entregar uma “*Big TOE*” elaborada para o público em geral. Primeiro, com as mangas arregaçadas e as luzes acesas, devo transformar uma parcela da metafísica em física, pois meu intento é descrever a realidade por completo – mente e matéria, normal e paranormal – não só a matéria e a parte normal. Consequentemente, a metafísica é por onde devo começar – nossa física contemporânea fluirá naturalmente da metafísica. O segundo desafio é elaborar este assunto, inevitavelmente distante, de uma maneira que seja interessante e de fácil leitura, que engaje intelectualmente e não seja ameaçador. Para este fim, uso o formato de “um-para-um”, (peer-to-peer – sem intermediários), de uma discussão informal, entre o leitor e eu. O terceiro desafio é tornar e manter “*My Big TOE*” crível – permanecer estritamente lógico, enquanto estou explicando diretamente os dados de nossa experiência individual e coletiva.

Os reflexos da mente culturalmente condicionada podem precisar ser reexaminados, generalizados e expandidos. O fato de parte do conteúdo desta trilogia provavelmente ficar muito além da familiaridade confortável da sua experiência pessoal, cria um problema difícil de comunicação para ambos. “*My Big TOE*” não requer que você apenas pense “fora da caixa”, mas “fora do estádio” (e talvez “fora do universo”) também. Você será desafiado a sobrepujar âncoras culturais instintivas profundamente enterradas, a fim de escalar a montanha suficientemente alto para conseguir uma boa vista.

Somente agora, ciência e a tecnologia modernas fornecem conhecimento combinado pelo qual a metafísica pode ser entendida. Não deveria ser tanta surpresa, que a ciência em sua exploração incansável pelo desconhecido, chegaria algum dia às raízes da própria existência. Como se vê, a natureza da realidade tem, tanto componentes objetivos como subjetivos. “*My Big TOE*” fornece uma descrição científica minuciosa de uma Teoria de Tudo objetiva, que cobre todos os aspectos da realidade de

uma maneira totalmente geral. Em adição, fornece entendimento notavelmente prático e pessoalmente significativo da consciência subjetiva e explica como você está individualmente relacionado, a realidade maior. Para apreciar e entender profundamente a natureza pessoal ou subjetiva da consciência, você deve fazer crescer sua própria “*Big TOE*” . Um dos maiores objetivos da “*My Big TOE*” é fornecer a plataforma lógica conceitual, os materiais, as ferramentas e a direção que precisa, para criar sua própria “*Big TOE*” *de forma independente*.

“*My Big TOE*” proverá a fundação e estrutura que precisamos, para dar sentido tanto a sua experiência objetiva, como subjetiva. Seu Grande Entendimento da Grande Verdade particular, deve fluir da sua experiência direta – não apenas do intelecto. Esta trilogia unirá sua experiência objetiva e subjetiva, sob um entendimento coerente de você como um todo.

Por favor, entenda, **não** coloquei o “My” (Minha) em “*My Big TOE*” para ostentar o orgulho da autoria. Nem o “My” indica falta de generalidade ou de aplicabilidade para os outros. O “My” foi inserido para ser um lembrete constante, de que este modelo de realidade não pode servir como seu “*Big TOE*” **pessoal**, até que seja baseado em sua **experiência pessoal** . Por outro lado, a experiência pessoal ou subjetiva é apenas um pedaço dos quebra cabeças da realidade. No mundo físico objetivo da ciência tradicional, “*My Big TOE*” entrega um modelo abrangente da realidade, que coloca em contexto mais amplo a ciência moderna, descreve nossa realidade objetiva material e é universalmente aplicável. A física contemporânea, mostra ser um caso especial de um conjunto mais geral de princípios básicos. Após ler a trilogia “*My Big TOE*” , vai entender melhor a natureza universal (objetiva) e pessoal (subjetiva) da percepção, da consciência, da realidade e das “*Big TOE s*”. Você aprenderá a apreciar o fato de que a realidade maior se estende além da causalidade objetiva, além do alcance do esforço intelectual, para dentro da mente subjetiva de cada indivíduo. “ **My Big TOE**” é a plataforma de lançamento. “ **Sua Big TOE**” é o destino final.

Uma “*Big TOE*” pessoal é necessária, porquê a realidade maior assim como sua consciência, tem um componente subjetivo bem como um componente coletivo objetivo. A realidade maior não pode ser totalmente apreciada ou entendida, apenas estudando ou lendo sobre ela. Precisa experimentá-la. Adicionalmente, seu entendimento da Visão Ampla deve ser suficiente, para integrar a experiência subjetiva com o conhecimento objetivo compartilhado ou ambos permanecerão superficiais. Para o cientista tradicional e outros tipos analíticos, que usam demais o lado esquerdo do cérebro, o que acabei de dizer soa suspeito, como um misto de ciência de verdade com abracadabra de sentimentalismo e bobagem ligadas a crenças. Não é, mas uma mente cética adequada, talvez precise digerir todos os três livros antes que isto fique aparente.

Chegar a conclusões baseado na assumida infalibilidade e aparente verdade dos paradigmas culturais, pessoais e profissionais, embutidos em dogmas, tornará difícil de entender a realidade maior. Mudança e novas maneiras de pensar são geralmente traumáticas, difíceis de integrar e muitas vezes indesejáveis. A resistência a mudança é automática, em um nível muito profundo -- nos agarramos aos modos familiares pela segurança e conforto que eles fornecem. Não vemos padrões não familiares com facilidade. Você deve querer sobrepujar o medo e ascender, sobre sua cegueira derivada da crença autoimposta, se for para ter êxito em dar uma boa olhada na Visão Ampla.

Nas páginas adiante, exploraremos terras intocadas da realidade. Esta trilogia é sobre o “como”, o “o que” e o “porquê” daquilo que é. É sobre física e metafísica, seu mundo e outros mundos. É sobre começos, fins, mente e matéria, razão e propósito – é também sobre a qualidade da sua consciência pessoal.

O entendimento intelectual da realidade onde você existe e é parte, é só o começo – um lugar para começar. A ação mais importante, a verdadeira diversão, começa **depois** que tiver terminado a trilogia e começado a aplicar o que você aprendeu sobre a realidade e a Visão Ampla, para o resto da sua vida – tanto profissional como pessoal.

Embora você venha a aprender em breve, que existe mais sobre a realidade do que teoria e fatos, aqui vai um fato que deveria considerar antes de começar: A Grande Verdade, uma vez compreendida e assimilada, sempre modifica a sua intenção e, invariavelmente, leva a uma mudança pessoal.



## Lista de Acrônimos, Símbolos, Palavras e Frases Estrangeiras

<b>Acrônimo</b>	<b>Descrição</b>
AUO	Unicidade Absoluta Sem Fronteiras (Absolute Unbounded Oneness)
AUM	Multiplicidade Absoluta Sem Fronteiras (Absolute Unbounded Manifold)
AI Guy	O Cara IA (Inteligência Artificial)
Big TOE	Grande Teoria de Tudo (TOE - Theory Of Everything)
Big Picture	Visão Ampla (Bigger Picture – Visão Mais Ampla)
CEO	Oficial Executivo Chefe (presidente da empresa)
CNS	Sistema Nervoso Central
EBC	Computador Ainda Maior (Even Big Computer)
EEG	Eletroencefalógrafo
FWAU	Unidade Perceptiva com Livre Arbítrio (Free Will Awareness Unit)
GSR	Resposta Galvânica da Pele
Hz	Hertz (unidade de frequência)
MOG	Mente de Deus (Mind of God)
MT	Meditação Transcendental
NPMR	Realidade Não Física-Material
OOBE	Experiência Fora do Corpo (Out Of Body Experience)
OS	Nosso Sistema (Our System)
PMR	Realidade Física-Material (Physical Matter Reality)
PUI	Interface Física de Usuário (Physical User Interface)

RWW Realidade Wide Web (associação com www)

TBC O Grande Computador (The Big Computer)

TOE Teoria de Tudo (Theory of Everything)

### **Outros**

c Velocidade da Luz – 300.000 km/s

C++ Linguagem compilada de programação de computador

Bootstrapping Operação de evoluir sua consciência por seus próprios meios, “puxando as alças das próprias botas” ou “puxar-se pelos próprios cadarços”

CdR Rule-set – Conjunto-de-Regras – restrições programadas que permitem a geração das diversas “realidades” e “jogadores”

über alles sobre tudo, acima de tudo (em alemão)

# **Minha Grande Teoria de Tudo**

LIVRO 1:

D E S P E R T A R

## **Seção 1**

**Ilusão ou Conhecimento:  
Este cara é louco, ou o que?**

## **Seção 2**

**Misticismo Desmistificado  
As Fundações da Realidade**

<http://www.My-Big-TOE.com>

# Seção 1

...

## Ilusão ou Conhecimento: Este cara é louco, ou o que?

---

...

---

...

1

### Introdução a Seção 1

**I**nicar com uma biografia parcial do autor pode parecer algo desnecessário e fora de propósito. Comumente, a experiência anterior do autor é adequadamente coberta em alguns poucos parágrafos na aba interna da capa. Contudo, entender as origens da experiência do autor neste caso é onde a aventura deve começar. Se você não souber nada sobre mim, o resto deste esforço pode se esvaír na vinha conceitual antes de estar maduro para ser colhido. Esta trilogia estabelece uma Teoria de Tudo com Ampla Visão

(mais concisamente conhecida como uma Grande Teoria de Tudo – “*Big TOE*” ) que contém, como qualquer “*Big TOE*” deve conter, um modelo abrangente da realidade.

Porque a *Minha “Big TOE”* é tão fora do comum, tão distante dos pensamentos que você está provavelmente acostumado a pensar, é importante que tenha alguma compreensão da semente, solo e raízes das quais esta exposição nada usual brotou. Sabendo das origens e do meio mental no qual ela foi forjada, pode ajudar a criar o contexto necessário para ter acesso a qualidade genuína da “*My Big TOE*” .

Esta trilogia apresenta um modelo funcional da grande realidade, baseado em dados que coletei ao longo de uma vida de cuidadosa exploração científica. A Seção 1 descreve, como o destino me colocou neste caminho tão pouco comum e então me encaminhou, para as extraordinárias experiências requeridas para formular os conceitos apresentados nestas páginas.

A intenção é dar a você alguma visibilidade interna de quem eu sou, de onde estou vindo e de como terminei com uma “*Big TOE*” tão pouco usual. Esta trilogia é sobre a realidade, não uma biografia sobre mim; assim sendo, por favor me perdoe por desviar um pouco aqui e ali sobre minha vida, passando rapidamente por coisas, que talvez você até desejasse que eu pudesse explicar em mais detalhes. Por ora, uma rápida visão sobre os meus anos de formação será suficiente. Não vou tentar explicar os vinte anos mais recentes da minha formação, mas vou ao contrário me focar nos dez anos anteriores a isto. Foi naquele tempo que o molde foi preparado e a direção da minha vida foi estabelecida.

Ainda que eu tenha aprendido muito durante todos estes trinta anos, tenha amadurecido e ganhado em sabedoria, como tipicamente acontece com a idade, não mudei minha forma básica de acessar o aprendizado, o conhecimento ou a ciência, desde que ocorreram os eventos, que estou pronto a compartilhar com você.



## 2

### Olá Senhor,

### Quer Aprender a Meditar?

Como um cientista “bacana” como eu acaba em um lugar estranho como este? Minha família não tinha nenhum interesse incomum – éramos completamente normais. Talvez fôssemos mais livres de problemas do que a maioria, mas sem estranhezas em nossas raízes. Fui bem durante a faculdade, me graduando duplamente, tanto em física quanto em matemática. Fiz então pós-graduação, onde obtive meu Mestrado em Física e comecei a trabalhar em meu Doutorado. Passei nos testes eliminatórios e de qualificação na primeira tentativa e estabeleci minha tese e pesquisa, na área especializada em física nuclear experimental. Era 1968 e eu era um típico físico de vinte e três anos de idade – excessivamente cerebral e distante dos meus sentimentos, analítico, preciso, curioso e acima de tudo, motivado e dirigido pelo intelecto.

Sem qualquer sinal de estranheza. Se você conheceu qualquer jovem físico impertinente, provavelmente está ciente de que eles tendem a ser inusitados – meio fora da curva, poderia dizer alguém de forma educada. Se não quiser ser tão educado e não foi ofuscado ou intimidado pelo seu estilo intelectual dominante, então “arrogante” ao invés de “inusitado”, provavelmente seria o adjetivo que viria mais naturalmente à sua mente.

Em um dia quente, no fim da primavera de 1971, enquanto andava pelo prédio da Física, a caminho de uma aula que daria a uma classe de estudantes não graduados, notei um grande cartaz anunciando uma palestra gratuita sobre Meditação Transcendental – ou, simplesmente MT, como a maioria das pessoas chamava isso. Como um estudante pós-graduado,

pobreza me era uma condição natural, conseqüentemente, qualquer coisa grátis chamava a minha atenção. “Controle Sua Mente”, gritava o cartaz, em grandes letras maiúsculas: “Aprenda como relaxar profundamente e baixar a sua pressão sanguínea”.

“Ok” pensei, “isto é legal, mas e quem se importa?”, e continuei a ler: “Melhore a concentração e diminua sua necessidade de dormir”.

O quê? Li aquela frase novamente. Agora era tanto interessante quanto grátis.

Alguns dias depois, eu assisti à palestra gratuita. A MT foi apresentada como ciência – técnica e resultados, com estímulo e resposta. Não havia teoria. Realizando-se regularmente este processo descomplicado de meditação, se obtém automaticamente os benefícios psicológicos — ponto final. Não havia dependência do misticismo da filosofia oriental ou de qualquer sistema de crenças. Eu não queria qualquer associação com coisas que fossem “não científicas”, místicas ou baseadas em crenças – em outras palavras, bobas. Esse tipo de “abracadabra” era para pessoas ingênuas, com necessidades emocionais descontroladas.

Os dois palestrantes de MT apoiaram suas alegações em trabalhos de pesquisa aparentemente sérios e estudos informais de indivíduos respeitáveis em instituições respeitáveis. Parecia honesto o suficiente – pelo preço especial para estudantes de apenas US\$ 20, eu aprenderia a meditar em quatro horas divididas ao longo de uma semana. Melhor concentração, pensamento mais claro, memória melhorada, estresse reduzido e eu precisaria de menos sono – tudo por US\$ 20 e mais quatro horas de prática.

Eu estava cético, mas se funcionasse só a metade do que os palestrantes alegavam, seria um bom investimento para qualquer estudante. Naqueles dias, US\$ 20 era bastante dinheiro – dinheiro importante para um estudante batalhador e recém graduado. Estes ainda eram os anos 70 e eu era um estudante a uma curta caminhada do meu lado selvagem – e fazer algo “contracultura” – parecia quase uma obrigação. Assim, me inscrevi.

“Basta seguir estas instruções” me disse com um sorriso amigável o cara da MT, entregando um pacote de papéis enquanto pegava meu cheque.



### 3

## A Banana Sacrificial

Uma semana depois, eu estava a caminho para o Centro de MT (Meditação Transcendental) para pegar meu som pessoal de meditação chamado mantra. Isto deveria levar menos de cinco minutos conforme me prometeram – passe por aqui, pegue seu mantra, e então atenda as quatro sessões de treinamento de uma hora cada – o que poderia ser mais fácil?

Conforme as indicações, no dia combinado eu compareci a esta pequena casinha com “um lenço limpo e uma banana”. Um lenço limpo e uma banana? Que ridículo! Comecei a duvidar da sabedoria daquilo que estava fazendo e me senti meio bobo, enquanto caminhava para esta casa com a banana e o lenço. Qualquer um que precise de uma fruta fresca e um lenço, para me ensinar como meditar, seria mais provavelmente um tolo ou uma fraude, pensei. Aquele foi meu primeiro sinal de algo estranho. Eu tinha pensado seriamente sobre a alternativa de aparecer sem o lenço e sem a fruta – apenas para ver o que aconteceria – mas meu realismo interveio. Decidi que seria uma estratégia melhor satisfazê-los. Aquela pequena solicitação, parecia suficientemente sem riscos e mais importante, eles já tinham meus U\$ 20 em suas mãos.

“E o que se passa com esta banana?” falei de forma desdenhosa, mostrando a banana para a primeira pessoa que encontrei lá. “O que essa fruta tem a ver com meditação?” perguntei. “Não disseram nada sobre frutas e lenços na palestra que assisti – me parece meio bobo.” A pessoa que questionei, claramente não parecia um tipo muito “científico”. Estava tão perdido quanto eu, mas questionar a relação entre meditação, frutas e lenços, evidentemente nunca tinha ocorrido a ele. Achei aquilo muito difícil de compreender.

Sua resposta tinha sido um “dar de ombros” exagerado, seguido de um largo sorriso. Estava claro para mim agora, que esse cara tinha seguido as instruções sem pensar muito sobre elas. Ele provavelmente estava agora imaginando, porque eu estava fazendo tanto barulho por causa de uma banana, que nem era cara nem dava tanto trabalho para conseguir. Ele parecia um pouco embaraçado e desconcertado com minha “entrada muito direta”. Olhei para o outro lado, silenciosamente imaginando como as pessoas podiam ser tão pouco críticas e usar tão pouco o cérebro, para analisar as coisas que estavam fazendo. Havia algo familiar sobre aquele sorriso – sorri internamente de forma surpresa e imaginei, se ele talvez fosse parente do “Alfred E. Newman”.

Haviam cerca de dez pessoas em pé e sentadas na área de espera. Encontrei um canto para ficar e esperei em pé em silêncio, agarrado a minha fruta, como todos os demais. Finalmente, chegou a minha vez. “E para que serve esta banana?” perguntei na primeira oportunidade. Meu iniciador explicou que eles (a organização da MT) tinham uma espécie de cerimônia de algum tipo e que ele era requerido participar – que a fruta fresca era para representar a tradicional oferenda que um estudante fazia para seu professor.

“E o que vocês vão fazer com a fruta?” perguntei. Em minha cabeça, imaginei uma enorme pilha de frutas simbólicas, apodrecendo – um testamento triste aos gestos cerimônias inúteis.

“Nós as comemos,” disse ele com um sorriso.

Agora entendi – era uma forma simples de conseguir alimento grátis. Se queriam adicionar uma sobretaxa de uma banana ao preço de U\$ 20, de forma que tivessem algo mais para comer no café da manhã – bem, comigo não havia problema. Contudo, eu preferia que tivessem sido mais diretos na solicitação.

O homem em pé próximo a mim era aproximadamente da minha idade, bem vestido, bem-falante e parecia inteligente e sério – não parecia ser um traficante de frutas. Talvez não fossem eles, criei uma hipótese, talvez as pessoas que armaram este negócio sabiam que teriam dificuldade

em fazer face às despesas. E deixei passar. Tendo resolvido o mistério da banana, segui adiante para o próximo problema – a cerimônia “ainda por vir”.

Com a intenção de ser útil, ofereci uma crítica construtiva ao meu “iniciador”. Disse a ele que qualquer cerimônia era completamente irrelevante e que prejudicava a imagem racional, que tinham tão cuidadosamente construído durante a palestra pública inicial. Ele polidamente acenou que sim com a cabeça, indicando a mim que reconhecia a discrepância, mas não deu qualquer outra resposta.

“Eu tenho de fazer esta cerimônia,” disse discretamente.

Era óbvio que não se importava com o que eu pensava a respeito da sua cerimônia ou provavelmente de qualquer outra coisa – era apenas a forma que aquilo precisava ser feito. Olhou para mim pedindo permissão para continuar. “OK,” eu disse, “nenhum problema sério, siga adiante e faça sua cerimônia se isto o faz se sentir melhor. Eu vou seguir com isto, desde que não tenha que declarar nenhuma crença nem fazer nenhuma promessa.” Ele sorriu para mim, divertido e imediatamente concordou.

Sob sua direção ajoelhamos, lado a lado, em um pequeno tapete no meio do piso da cozinha. No piso a nossa frente estava minha banana, ficando ali no centro de um lenço branco limpo, estendido sobre um pequeno prato – o altar de um homem pobre, sem dúvida. O instrutor entoou um pequeno cântico “ininteligível” em Sânscrito (pelo menos foi o que nos explicou depois) por cerca de um minuto, então tudo ficou quieto por uns 30 segundos, finalmente ele passou meu mantra. Repeti aquilo com ele algumas vezes até conseguir fazer direito. Em pouco menos de três minutos, tinha recebido e memorizado apropriadamente meu próprio mantra pessoal secreto (e provavelmente compartilhado com milhões).

Fui em seguida colocado em uma sala com vários outros e instigado a praticar silenciosamente meu mantra, de forma que não o fosse esquecer.

“Apenas repita isto seguidamente na sua cabeça por uns 20 minutos,” ele disse. “E isto é tudo, depois pode ir embora. Mas tenha certeza de voltar depois para as sessões de treinamento.”

“Que palhaçada,” pensei, “paguei U\$ 20 e uma banana para receber este mantra mágico em Sânscrito? O que poderia – ficar repetindo um determinado som – fazer pela minha mente?”.

Eu não esperava mais nada, mas já tendo vindo até aqui, estava determinado a seguir as instruções e dar a isto pelo menos uma tentativa justa. Os vinte minutos de prática passaram vagarosamente no início, mas então fui derivando para um “lugar nenhum” apazível. Subitamente, percebi que alguns dos iniciados que estavam bem atrás de mim na fila, já estavam saindo. “Eles devem pensar que isto é uma palhaçada também, e não vão ficar para praticar,” imaginei. Então chequei meu relógio. “Uau!” Já tinha passado bastante da hora de ir – eu tinha praticado por cerca de uns “quarenta e cinco” minutos! Chequei meu relógio mais uma vez, só para ter certeza.

Tentei me levantar para sair, mas descobri que não podia me mexer. Meu corpo simplesmente se recusou a responder à minha vontade e esforço – isto nunca tinha me acontecido antes. Meus membros estavam pesados, como se eu tivesse dormido por um longo período de tempo, mesmo assim eu estava seguro que tinha estado consciente o tempo todo – **não** tinha adormecido. “Isto é muito estranho”, pensei enquanto forçava meu grosso, viscoso e semissólido corpo a vagarosamente levantar e andar. Hummm, talvez exista realmente algo nisto tudo e estive realmente conseguindo fazer algo. Ou talvez eu apenas estivesse mais cansado do que havia pensado. Mas aquilo não era uma boa explicação – eu tinha conseguido dormir, bem mais que meu costume na noite anterior. “Isto é realmente interessante” pensei, “muito interessante”.

Eu tinha feito algo muito estranho, ou aparentemente bobo, e experimentado um resultado estranho (minha primeira viagem dentro do espaço interno) tudo na mesma hora. Permaneci cético, o que era (e segue sendo) minha natureza, mas também mantive a mente aberta. Havia ainda quatro seções de uma hora pendentes e minha curiosidade estava crescendo. Eu tinha inegavelmente, experimentado alguma coisa dramaticamente incomum. Aquela experiência, junto com a minha ancestralidade Escocesa

e o fato de que os meus U\$ 20, já estavam irremediavelmente perdidos para sempre, garantiram o comprometimento necessário para poder seguir esta aventura da MT até o seu fim.

+



## 4

### **Cuidado Com O Primeiro Passo, Ele É Um Dos Grandes**

Dois dias depois estava assistindo a minha primeira aula. Haviam cerca de quinze de nós, sentados em desconfortáveis cadeiras dobráveis de metal. Olhei em volta para avaliar meus colegas. Parecíamos uma colcha de retalhos, mas por outro lado, éramos apenas um grupo de estudantes casualmente vestidos. Estava esperançoso em aprender algo extraordinário e útil, ainda que ao mesmo tempo estivesse meio incrédulo, quase envergonhado por ter gasto vinte dólares perfeitamente bons, para me associar a esta coisa de meditação indiana. O instrutor parecia conosco, exceto por ter o cabelo mais curto, estar barbeado e melhor vestido – obviamente não era um estudante. Nos falou sobre MT (Meditação Transcendental), explicou sobre as técnicas que deveríamos usar para manter o mantra em nossa mente e respondeu a nossas perguntas.

Tudo era orientado a processos. Sem teoria, sem mais cerimônias exigindo bananas de sacrifício, sem “embromações” metafísicas – apenas técnica. Eu gostava desse jeito. Sabia que havia um suposto Iogue indiano com um nome comprido, e a barba também, que era o líder do movimento MT, mas ninguém sequer o mencionava. Exceto pelo fato de que esse dito

guru me vendeu sua técnica de meditação através de sua organização, nem um nem outro eram relevantes, para o que eu poderia fazer com isso. Comprovei este fato sem incertezas logo que o instrutor abriu a reunião às perguntas. A única condição era que eu não poderia dar ou vender o mantra para outros. Eu, instintivamente, não confio em nada que tenha de ser mantido em segredo, mas esse pedido me parecia bastante razoável. O pessoal da MT não estava escondendo nada da luz escrutinadora de visão crítica e aberta, eles estavam apenas protegendo sua fonte de renda e de frutas frescas. Considerei isto como direito autoral ou como uma patente – propriedade intelectual produtora de renda a ser protegida pelo sigilo. Sem problemas.

Finalmente, as últimas perguntas foram respondidas e era hora de praticarmos nossa técnica de meditação. Me afundei na minha cadeira de aço tentando em vão ficar confortável e começar a ocupar a minha mente, com o som do meu mantra. Em poucos minutos eu não era nada além de um simples ponto de consciência desperta existindo num vazio absoluto – flutuando livre, sem fazer nada – existindo como mente consciente sem dimensão ou forma. Sem pensamentos, sem corpo, sem cadeira, sem sala, sem instrutor, sem nada. Era uma experiência incrivelmente prazerosa até que um simples pensamento começou a violar a paz e o silêncio em expansão: “Oh oh... Estarei fazendo isto certo? Não era para eu supostamente pensar no som do meu mantra?” Aquele único pensamento crítico, interrompeu o que antes era um flutuar sem pensamentos pelo meu espaço interior. Precisaria voltar à tarefa de pensar em meu mantra. De repente, a percepção do mundo exterior veio rápido, me assustando ao perceber que eu não somente tinha um corpo e estava em uma sala com um instrutor, como estava prestes a cair da minha cadeira!

Opa! Emergência! Emergência! Meu alarme interno soou rapidamente e tentei me endireitar. Minha perna direita, desajeitadamente, se jogou para frente, arremessando meu corpo de volta ao equilíbrio. “Ufa! Esta foi por pouco – eu quase caí no chão como um saco de batatas – não teria sido uma cena daquelas?” pensei comigo mesmo, depois de ficar claro que havia recuperado meu equilíbrio com sucesso. Na minha imaginação podia me ver, batendo no chão e causando um tumulto. Meu pensamento seguinte foi mais prático. “Opa, poderia ter batido minha cabeça em algo – meditação pode ser perigosa.” Fiz uma nota mental para ser mais cuidadoso no futuro. Quase que instantaneamente o instrutor começou a falar.

“Voltem.” Disse ele, “acabou o tempo de prática. ”

“Ótimo”, pensei sarcasticamente, ele percebeu e agora vai diminuir o tempo de prática de todo mundo porque eu quase caí da minha cadeira”. Dei uma olhada e, para minha surpresa, o instrutor estava engajado em uma conversa com um estudante sentado no lado oposto da sala. Parecia estar totalmente despercebido de mim ou da minha quase catástrofe.

“Acabou o tempo.” Disse ele.

Eu olhei para o meu relógio. O quê?! É impossível! Acabei de perder vinte minutos da minha vida. O que estive fazendo nos últimos vinte minutos, onde estive?

“Alguma pergunta?” disse ele para o grupo como um todo.

Eu levantei minha mão. “Como você faz para não cair da sua cadeira?” perguntei. Todos riram. Eu estava falando sério; não me ocorreu imediatamente, que a minha experiência fosse incomum. Não acho que ele tenha ouvido essa pergunta antes porque pareceu surpreso e não sabia o que dizer.

“O que aconteceu?” perguntou ele.

“Eu comecei com o mantra, então tudo ficou preto, foi legal, mas quando percebi que não estava dizendo mais o mantra, quase caí da minha cadeira e os vinte minutos já tinham acabado depois de passarem apenas poucos minutos”. Todos riram novamente, incluindo o instrutor. De repente percebi, que o que eu havia dito tinha soado confuso, desorientado ou estúpido – a escolha é sua – e que ninguém mais ali teve uma experiência como a minha.

“Duas de duas - esta meditação poderia ser uma coisa estranha”, pensei comigo mesmo. A sessão de perguntas e respostas foi despachada rapidamente. Fizemos a recomendação para que praticássemos a meditação duas vezes ao dia, por vinte minutos cada. Ele marcou a hora do nosso próximo encontro e fomos dispensados. Eu meditei (ou pelo menos tentei fazê-lo) por duas vezes e nas duas experimentei algo muito estranho. “O que irá acontecer na próxima vez?” pensei. Isto era excitante – alguma coisa parecia estar acontecendo. Meu intelecto e curiosidade, estavam se divertindo. Eu queria experimentar. Queria saber se alguma coisa real estava envolvida. Funcionaria como eles disseram? Se sim, então o que mais eu poderia fazer com isto?

As demais aulas de treinamento foram parecidas com a primeira, exceto por eu ter colocado minha cadeira ao lado da parede, em ângulo, de

modo que não pudesse cair. “Preciso colocar um cinto de segurança e um capacete, ou encontrar uma cadeira maior”, brinquei em pensamento. Imediatamente vi uma imagem mental de mim mesmo, sentado em uma cadeira dobrável de metal, na frente de um grande ventilador. Eu estava no meio de outra sala vazia, usando cinto de segurança, um capacete de motociclista, óculos de proteção, e com um cachecol agitado pela brisa a minha frente (por isso o ventilador). Fiquei totalmente entretido e abri um largo sorriso pela cena bizarra. Lembrei imediatamente do “Ás Voador Snoopy” sentado em cima da sua casa de cachorro, combatendo o Barão Vermelho com seu avião “Sopwith Camel”. Frequentemente imaginava cenas assim. Algumas eram tão engraçadas quanto esta, já outras eram úteis. Elas nunca duravam mais do que alguns segundos, e desapareciam tão rápido quanto tinham vindo.

Com cada aula de treinamento, flutuar no estado vazio ou existindo em um único ponto de consciência se tornou mais fácil e mais familiar. Rapidamente eu iria aprender, através de tentativa e erro, a combinar o estado vazio com visões controladas. As duas coisas podem parecer incompatíveis, mas não são.

Dois meses depois eu estava meditando duas vezes ao dia, tomando cuidado de colocar meu corpo em uma situação onde ele não cairia. A experiência de “ponto de consciência” continuou. Era sempre agradável. Geralmente eu queria ficar mais tempo, mas não o fazia porque era extremamente ocupado. Também achava isto revigorante – parecia impulsionar a minha energia. A maior surpresa de todas foi descobrir que meditação poderia ser profissionalmente produtiva! Ao adicionar as visualizações, se tornou um grande lugar para trabalhar.

Eu podia resolver alguns problemas de física, projetar experimentos, analisar dados de pesquisa, escrever e “debugar” códigos de programação dez vezes mais rapidamente, e com melhores resultados enquanto em estado de “ponto único de consciência”, do que poderia em estados normais. Questões extremamente complexas, pareciam se tornar muito simples e mais claras, em meu estado de meditação. Quando você trabalha uma semana inteira, sem sucesso, tentando encontrar um “bug” em seu software de análise e então, quando vai para casa e resolve o problema - não apenas imaginando que você resolveu, mas realmente resolvendo – com apenas dez minutos de meditação... bem, você sabe que encontrou algo que tem efeitos reais – e valor real.

Este tipo de experiência produtiva ilógica, embora extraordinária, não era apenas circunstancial; não aconteceu apenas uma ou duas vezes, de vez em quando – tornou-se uma rotina confiável. Eventualmente, eu já não esperava até que todos os métodos e esforços comuns acabassem antes de partir para a meditação. Funcionava bem quando eu a tentava primeiro, salvando bastante tempo e esforço, ao pular os primeiros três passos do processo. Trabalho duro, longas horas, frustração e irritação, não eram mais pré-requisitos para resolver problemas difíceis e complexos de programação e de física.

Eu estava surpreso e encantado, que a meditação tinha um valor prático direto e objetivo. Essa foi uma revelação inesperada. Testei e testei e então comecei a depender disto. Parecia que eu tinha ficado mais esperto e os outros formandos notaram. Comentaram sobre a mudança nas minhas habilidades. Agora, mais do que nunca, eles queriam discutir suas pesquisas e vinham até mim, para ajudá-los a “debugar” código.

Contei a eles sobre MT, mas nenhum se esforçou em tentar. Isto me surpreendeu. Por alguma estranha razão, achei que os físicos seriam mais abertos. Meditação, parecia requerer um grande passo fora das zonas de conforto dos seus sistemas de crenças pessoais e culturais. “Bom, azar deles.” pensei. Não sabia até então, mas eu estava a caminho de me tornar estranho. Eu tinha, pelo menos era o que parecia, uma mente muito aberta. Minha perspectiva e realidade estavam sendo expandidas.

Até este ponto, eu acreditava que experiências significativas estavam restritas a uma realidade operacional. Isto é, se alguma coisa pode ser medida, então é real. Para ser mensurável, uma coisa precisa interagir com nossos sentidos ou com algum dispositivo que interaja com nossos sentidos. Se não é mensurável (se não pode interagir conosco ou nossos dispositivos), então esta realidade ou existência (ou falta dela) é irrelevante. Coisas que não são mensuráveis, mas podem ser inferidas de outras coisas que são mensuráveis, caem na área cinzenta da conjectura. Todas as coisas teóricas ou hipotéticas caem neste cesto cinza.

Coisas cinzentas são aceitáveis como construções conceituais ou ideais, mas não devem ser confundidas com coisas reais e não devem ser tomadas muito a sério, dentro e fora delas mesmas. A missão primária do cientista pesquisador acadêmico é coletar dados mensuráveis válidos e possíveis de ser repetidos, em quantidade suficiente para transformar uma construção teórica cinzenta, em um objeto ou efeito real.

Até aquele momento, pacotes de onda da mecânica quântica, buracos negros, quarks, justiça e amor, todos eles se encaixavam naquela área cinzenta. É importante não confundir coisas hipotéticas com coisas reais ou você pode facilmente acabar “caçando sua própria cauda imaginária” ou alucinando sobre os atributos da solidez da fumaça. Minha mente não era fechada, eu tinha tolerância para a possibilidade de novas informações. Com dados reais medidos suficientes uma pessoa poderia mover algo, tal como (por exemplo) um buraco negro, do reino do hipotético para o reino do real — mas somente com dados de qualidade em quantidade suficiente. Esta minha atitude em particular, nunca sofreu mudança. Continuava a me sentir da mesma maneira, trabalhar desta forma e empregar esta metodologia para separar o real daquilo que não era.

Agora tinha de mudar minha filosofia de realidade. Havia aquelas coisas que não eram mensuráveis, mas ainda assim funcionalmente operacionais (incluindo meu estado de meditação, que era mais propriamente definido como um estado alterado de consciência), que caía na categoria da experiência **subjéctiva com resultados objectivos**. Uma pessoa poderia usar estes estados não mensuráveis da mente, para operar em coisas reais. (Aqui, estou usando termos como “operar” e “operador” em um sentido matemático e científico). Eu tinha mostrado que um estado alterado de consciência, dirigido pela intenção, podia consistente e directamente afetar e interagir com coisas reais, tais como meu código de computador. Problemas lógicos complexos podiam ser resolvidos sem a aplicação intencional de um processo racional. De alguma forma, uma experiência subjéctiva não mensurável poderia ser tornada em uma ferramenta científica confiável e efetiva, por algum tipo de operador de consciência. Muuuito interessante!

Em contraste aos conceitos construídos como justiça e amor, estados alterados de consciência e seus resultados objectivos pareciam ser mensuráveis, consistentes e razoavelmente bem definidos. Eram mais como as coisas da ciência, coisas que eram passíveis de investigação e experimento. Se uma pessoa estivesse neste estado alterado particular, ela poderia sempre fazer estas coisas com ele – atividade similar vai produzir resultados similares para todos os experimentadores.

Eu não era especial. Eu era igual a todo mundo. Eu me perguntava se existiriam outros estados de consciência e o que se poderia fazer com eles. Estava curioso – é da minha natureza ser curioso.

Minha realidade se expandiu. Adicionei a afirmação: “Se algo é bem definido e consistentemente funcional (pode proveitosa e confiavelmente ser utilizado por qualquer um dentro da realidade operacional conhecida), então também deve ser real”. Parecia razoável, que somente coisas reais poderiam ser operadores funcionais dentro de uma realidade operacional. Como poderia algo não real, afetar diretamente coisas que eram reais? Por definição, em uma realidade operacional, coisas que não são reais, não têm efeitos mensuráveis, não podem interagir e não tem relevância, para coisas que são reais.

Minha meditação tinha um efeito objetivo mensurável – eu sabia disto, e uma dúzia de pessoas tinha notado isto claramente; mesmo se não entendessem o porquê. Para mim, estava claro como o dia e totalmente óbvio; esse não era um efeito sutil, sendo mal interpretado por um não cientista de cabeça mole. Não era alucinação. Eu sabia o que eu sabia. Quantos outros, se é que havia alguém, concordavam comigo não era relevante. Eu tinha confiança em minha mente e em minha ciência.

Comecei a analisar outros estados alterados mais comuns, como sonhar acordado. O sonhar acordado (imaginação proposital de figuras visuais autoguiada) era funcional? Claro! Por que não percebi isto antes? As pessoas têm se preparado mentalmente, para todos os tipos de coisas desde o começo dos tempos. Por exemplo, alguém pode repetidamente praticar, fazer um discurso em sua imaginação – fazendo apontamentos e respondendo a questões imaginárias. Os critérios de relevância são: Isto é consistentemente funcional, realmente ajuda o desempenho de alguém na realidade objetiva e os efeitos são mensuráveis? Nosso exemplo de imaginação dirigida daria um “sim” definitivo para todos os quesitos.

Pergunte para qualquer atleta top de linha se a preparação mental intencional e focalizada é importante para o sucesso dele ou dela. Esforço mental dentro do contexto de um estado alterado particular representa algo real porque produz efeitos reais que são universais e também específicos para aquele estado mental. “Alterado” foi definido como diferente do normal. “Normal” significa totalmente desperto e focado no mundo físico – como você está agora enquanto lê este livro. Cada estado alterado tem sua funcionalidade. Sonhar acordado é um tipo específico de estado alterado. De todos os estados alterados possíveis, aqueles sem funcionalidade universal consistente, são por definição, inúteis, portanto irrelevantes.

Apenas os úteis, eram bem-vindos à minha nova e expandida realidade – eram aqueles sobre os quais eu queria saber.

Coisas reais, coisas significantes, deveriam agora ser ou objetivamente mensuráveis ou consistente e previsivelmente interativas com outras coisas reais. Essa era uma grande expansão do meu mundo real. A palavra “objetivo”, significa que essas coisas reais devem existir universal e consistentemente para os outros assim como para mim. Devem ser independentes de mim e existir, quer eu exista ou não. Outros (potencialmente todo mundo) devem ser capazes de fazer as mesmas medições e encontrar a mesma funcionalidade mensurável. Caso contrário, elas seriam apenas uma alucinação particular, não parte de uma realidade maior que todos nós compartilhamos.

Quando percebi que o escopo do quadro da realidade era muito maior do que eu previamente pensava, me perguntei se haviam outras experiências subjetivas, que também tivessem resultados objetivos mensuráveis e consistentes. Onde estavam os limites? Quanto mais de realidade estaria por aí e que eu teria perdido? Qual outro processo real e funcional da mente estava à espreita, além da minha consciência limitada? Estive cegamente inconsciente de uma parte significativa da minha realidade, por vinte e poucos anos! Este pensamento era de dar nós na cabeça, o que pesava muito sobre mim.

Que eu tinha inadvertidamente imposto uma grande limitação na minha realidade operacional por pura ignorância me era inaceitável, indesculpável, e mais que um pouco humilhante. Quais outras partes significantes da minha vida estavam faltando? Eu tinha que encontrar a resposta. Ficar contente em aceitar qualquer coisa que é dada, sem pressioná-la com força contra os limites, era absolutamente estranho a minha natureza. Minha mente foi aberta a força pelos fatos indiscutíveis da minha experiência e como resultado, me tornei menos daquele filósofo “sabe-tudo”. Percebi que existia muito mais sobre a vida e a realidade, do que eu sabia. A arrogância diminuiu, enquanto a abertura e a curiosidade brilharam.

Não mudei significativamente minha abordagem filosófica sobre definir a realidade, nos trinta e três anos que se passaram depois daquilo; hoje minha definição sobre o que constitui uma experiência real, continua essencialmente a mesma. Qualquer concepção verossímil de realidade, deve

incluir a experiência subjetiva que possa consistente e universalmente levar a uma funcionalidade útil e objetiva (mensurável por qualquer um).

Bem mais tarde ficou evidente, que expandir minha realidade além de certo nível inicial, iria requerer um crescimento pessoal. Eu tinha de aumentar a qualidade da minha consciência, para entender a visão mais ampla. Reciprocamente, entender a visão ampla me ajudou a crescer. Eles trabalhavam juntos.

Assim, minha jornada começou de forma bastante inocente.

Curiosamente, embora nada tenha mudado muito até onde chega a minha filosofia global, o fluxo contínuo de incríveis experiências de aprendizado tem acelerado constantemente. Minha compreensão da realidade continua a se expandir ativamente.



## 5

### **E Este Cara, O Monroe,**

### **É Louco, ou o Que?**

“Vá conseguir um emprego!”, faz parte de uma canção popular na minha juventude. Todos devem sair da escola um dia. Eu tinha agora quase vinte e sete anos e estive continuamente na escola desde os cinco. Com minha pesquisa completa, fiz a primeira aplicação para um trabalho de verdade usando física clássica e matemática, para um sistema de simulações mecânicas e eletromagnéticas. Um trabalho real com um holerite real – imagine só isso! Continuei a meditar mais ou menos regularmente, mas tinha descoberto, que não precisava mais fazer uso do mantra. Um pouco de pesquisa e experimentação, mostrou também que qualquer palavra de duas sílabas sem sentido terminando em “...ihm ou ...uhm” (tipo um som ressonante), funcionava tão bem quanto qualquer outra, incluindo o meu “supersecreto” mantra. Não havia nada místico ou mágico operando aqui, somente um método de controlar os pensamentos,

preenchendo uma mente de outra forma ativa com “alguma coisa”, nada além de técnica – nem bananas ou lenços eram necessários.

Repetir o mantra eventualmente pareceu acabar ficando no caminho e me atrasar; conseqüentemente o abandonei. O estado de meditação era agora familiar o suficiente, para que eu pudesse chegar lá em um instante e retornar tão rápido quanto. Este nível de controle era bem prático no trabalho. Eu podia meditar, encontrar soluções e voltar, sem que ninguém suspeitasse que eu estava fazendo algo estranho – ao mundo eu parecia estar concentrado em pensamentos. Que eu estava em forma pontual fora do corpo e conscientemente à deriva no vazio – completamente retirado do mundo a minha volta e sem nenhuma percepção residual daquela realidade – era um segredo apenas meu. Algumas vezes as pessoas tentavam falar comigo enquanto eu estava “fora”. Para eles, era como tentar falar com um morto. Nem é necessário dizer, ganhei uma reputação de excêntrico – com poderes de concentração fora do comum ou com habilidade para dormir enquanto permanecia sentado – ninguém sabia dizer ao certo qual era a alternativa correta.

Meu chefe, Bill Yost, era uma grande pessoa. Ele era esperto – sem frescura, besteiras ou agenda oculta e sem nenhum tato – ou seja, um engenheiro de ponta a ponta. Brillhante, honesto e extremamente direto – este é o tipo de personalidade com a qual eu mais facilmente me relacionava. Um dia o Sr. Yost veio até a minha escrivaninha e atirou um livro para mim. Eu o peguei no meio do voo e li o título. Jornadas Fora Do Corpo, por Robert A. Monroe. “O que é isto?” perguntei, surpreendido pela estranheza do tema.

“Leia isto,” ele disse, “e depois me diga o que você achou”.

Quando seu chefe diz, “Leia isto,” você apenas faz o que ele pede, e nem pergunta por que.

Eu li “Jornadas” durante os próximos dias. O livro estava configurado como um diário. Era o tipo de história “Isto foi o que aconteceu comigo” onde o Sr. Monroe, alegava ter coletado evidência sólida que dava base a realidade das experiências fora do corpo. Estas experiências, e as evidências da sua real ocorrência, estavam expostas de uma forma realista, sem nenhuma teoria ou sistemas de crenças envolvidos. Era um conceito completamente “alienígena” – uma realidade mais ou

menos independente e atingível apenas através da mente. Tendo experiência previa com estados alterados funcionais de consciência, eu era provavelmente mais mente aberta que o tipo científico comum, mas também não era fácil de enganar. Eu sabia o que era real para mim, e meus dados mensuráveis (experiência) não incluíam nada daquilo.

“O livro foi muito interessante,” eu disse ao meu chefe após ter completado a leitura, “mas não sei que conclusão tirar disto. Este cara (o Monroe) é louco, está tentando vender livros para trouxas ou está falando a sério?” perguntei retoricamente. E continuei praticamente sem pausa: “Como alguém pode dizer qual é a dele? Se esta história é real, se puder levar a sério o que ele relata, um novo aspecto da realidade se abre, que eu nunca tinha considerado antes. Isto seria com certeza um Uau! Mas por hora, apenas soa como algo “alienígena” e não tenho nenhuma forma de julgar a veracidade disto”.

Tendo praticamente “cuspidado” tudo isto para fora em “fogo rápido” e mal respirando, agora dei uma respirada profunda e esperei para ver a reação. Fiquei olhando meu chefe cuidadosamente, para ver se ele estava aprontando alguma piada comigo por ter sido o primeiro a me abrir.

Como um estudante, eu estava acostumado a ter que dar as respostas certas. Estaria ele esperando que eu condenasse isto como lixo idiota ou acreditasse que era uma possibilidade séria? Não tinha ideia qual era a perspectiva dele. Ele não tinha dado nenhuma pista. Eu estava trabalhando como um civil em uma organização militar, era 1972 e as pessoas eram conservadoras. Eu era um jovem físico cabeludo e de olhos selvagens, recentemente graduado e saído da escola. Tinha acabado de decidir que minha abertura tinha sido um erro político, quando o Sr. Yost finalmente falou.

“Concordo com você,” disse pensativamente. “É um conceito bem estranho, não é?”

“É, com certeza é muito estranho” concordei.

“Mas pense no que isto significaria se fosse mesmo verdade,” continuou com um entusiasmo que indicava que tinha pensado seriamente sobre isto. Não respondi. “Pense sobre isto,” disse ele. “O que isto implica logicamente se for mesmo verdade – se a evidência for real e não forjada?”

“Pois é,” eu disse, “Coisa bem estranha – mas como poderemos saber se é realmente verdade ou se é forjado?” Ele acenou com a cabeça concordando e mudou de assunto. Foi o fim daquilo. Nenhuma outra

palavra foi mencionada sobre “Jornadas”, pelo menos não por algumas semanas.

Já tinha quase esquecido o livro do Monroe, tendo colocado fora dos meus pensamentos, como algo que jamais poderia ser logicamente confirmado ou negado – assim sendo classificado como irrelevante.

“Você gostaria de ir ver o Monroe conosco?” perguntou meu chefe quando ficamos a sós um dia.

“Como?” murmurei sem fazer a conexão com o assunto. “Há um grupo de nós aqui do trabalho, indo ver o Monroe – você sabe, aquele cara que escreveu “Jornadas” – nesta sexta-feira depois do trabalho. Você gostaria de ir conosco?”

“Onde?” perguntei em resposta.

“Logo ali fora da cidade, aproximadamente há 45 minutos daqui,” ele disparou de volta com alguma excitação na sua voz. “Claro,” disse. “Eu realmente gostaria de encontrar este cara e ver se ele está louco ou é são, se é honesto ou trapaceiro, se vive fora da realidade ou se é racional.” “Eu também,” disse Yost com um brilho nos olhos – “eu também!”



## 6

### Face a Face Com O

### Mago de Whistlefield

O final da tarde de Sexta-feira finalmente chegou. Enquanto nossos parceiros de trabalho iam para casa para começar seus fins de semana, doze de nós se empilhavam em três carros, para uma viagem até o local de encontro com o Monroe. Eu não conhecia estas pessoas; era relativamente novo como empregado, numa organização que tinha mais de quinhentas pessoas. Éramos uma tripulação estranha, de homens e mulheres; mais jovens e mais velhos, todos muito conservadores – a maioria do tipo profissional técnico. Não éramos o tipo de gente, que alguém esperaria estar convergindo ansiosamente até o “Senhor Fora do Corpo”. Estava impressionado por haver tantas pessoas com a mente aberta, no local que eu trabalhava. Como sempre para mim, qualquer coisa inesperada demandava uma revisão imediata. Minha hipótese era de que ter vivido exclusivamente entre cientistas linha dura, pelos últimos sete anos, tinha inadvertidamente distorcido meu julgamento das pessoas em geral –

claramente, havia um viés de erro em meu algoritmo de análise. Aquilo era um sério problema. Dentro de poucos segundos tinha traçado um plano tentativo para “debugar” meus pressupostos e fiz uma nota mental, para observar estas pessoas mais de perto.

Muitos eram céticos, uma das moças estava um pouco assustada, todos estavam entusiasmados e ninguém sabia exatamente o que esperar. Eles todos tagarelavam de forma nervosa e sem parada – a cena parecia hiperativa e irracional para mim. Como de costume, não disse nada. Eu não era bom para me misturar. Eu não me relaciono fácil com emoções borbulhantes e desfocadas ou ansiedade e não compreendia estas pessoas. As vidas deles pareciam ser guiadas ou pelo menos animadas, por sentimentos irracionais aleatórios. Eram estranhamente afetados pela incerteza. Naquela época, eu ainda não tinha ideia de que eles é que eram na verdade normais. Anos de escola de graduação e uma ausência de interação com o veio principal da sociedade, haviam empurrado minha visão da normalidade um tanto para fora do centro. Eu achava que o **Sr. Spock** era normal, enquanto o resto da tripulação da Enterprise (em Jornada nas Estrelas) eram cabeças de cogumelo sem esperança, eternamente felizes.

Suspirei, “isto vai ser uma noite estranha” pensei comigo mesmo, “com todas estas pessoas esquisitas, nesta excursão esquisita para ver o Sr. Esquisito”. Da forma como aquilo finalmente acabou, exceto pelas pessoas com as quais eu estava viajando, não foi na verdade tão estranho, mas acabou mudando minha vida para sempre.

Bob Monroe vivia em uma propriedade chamada Whistlefield – quinhentos acres de lagos, florestas e campos. Uma grande mansão de campo elegantemente empoleirada no topo de uma colina, meia dúzia de cavalos, um celeiro e dois pequenos lagos, adicionados em boa medida. Pareceu a mim, que o Sr. Monroe era um cavalheiro sulista relativamente rico. Vagarosamente nos dirigimos com os carros por uns 800 metros ao longo do caminho margeado por uma cerca de madeira recentemente pintada de branco. Poucos cavalos trotavam nos acompanhando. “Uau! Isto tem muita classe”, pensei. “Este cara não é nenhum pobre lunático

desvairado – isto é certo”. Minha análise continuou, “livros esquisitos não pagam tão bem – não me parece que enganar trouxas por seu dinheiro seja uma provável motivação”. Contudo, guardei meu julgamento final neste tema, até que pudesse encontrá-lo pessoalmente.

O carro finalmente parou na frente da casa. Vários cachorros grandes vieram saltando para fora nos encontrar – dois dálmatas e um grande pastor alemão vieram vigorosamente, soando o alarme que havia intrusos na entrada. Meus companheiros de caminho, acharam melhor ficar dentro dos carros até que a atitude amigável dos cachorros fosse confirmada.

Absurdo! Estas pessoas eram muito estranhas – assustadas como crianças. Imaginei o que poderia ter acontecido para deixá-las assim. Cachorros latem para estranhos porque isso é o que fazem – não significa nada. Saltei rapidamente do carro para dizer alô e fazer carinho atrás de algumas orelhas.

Fui imediatamente assediado por três línguas molhadas e três rabos acenando. Amor à primeira vista. Agiram como se não tivessem recebido atenção por semanas. Me senti bem por estar fora do carro lotado, cercado por “seres racionais” que sabiam o que estavam fazendo. Imediatamente me senti mais centrado.

Devo explicar que pular para fora do carro não tinha sido nem corajoso e nem estúpido – aqueles cachorros eram **obviamente** amigáveis. O que não entendia, era porque este fato não era óbvio para todos os demais. Concluí que, ou eu estava andando com um grupo de pessoas não familiarizado com cachorros ou que uma das pessoas, com dificuldade e por medo de lidar com cachorros tinha influenciado o restante do grupo.

A esta altura, todo mundo já estava saindo dos carros e olhando em volta, imaginando o que fazer a seguir. “Talvez eu não devesse ter usado estes velhos jeans”, disse uma das moças apreensivamente – obviamente estava intimidada pelo ar de classe da propriedade Monroe. As três mulheres presentes estavam remexendo automaticamente em suas bolsas, procurando por maquiagem fresca. “Por que sempre fazem isso?” pensei silenciosamente. “Será que não descobriram até agora, que isto não vai fazer nenhuma diferença”? Eu ficava sempre espantado e divertido, quando as pessoas eram internamente dirigidas por comportamentos flagrantemente irracionais.

Eu tinha, por muitos anos, sido curioso acerca das causas raízes desta “insanidade cultural” – aquelas atitudes e ações absurdamente ilógicas que nossa cultura considera normais. Algumas, incluindo “maquiagem de urgência” são benignas; outras variam do medianamente disfuncional ao terrivelmente destrutivo. Eu tinha chegado à conclusão temporária de que os motivadores chave da insanidade cultural eram baseados em medo e emocionalmente dirigidos. Não conseguia me relacionar de forma alguma a nenhum deles. Ainda assim, intuitivamente sabia que isto não era uma coisa boa e que não falava muito bem, do nível geral de racionalidade da nossa sociedade. Estava curioso sobre isto e tomei cuidadosas notas mentais, sempre que percebi este tipo de coisa. Não me sentia superior. Não me sentia inclinado a fazer comparações. Era um observador imparcial com uma curiosidade insaciável – era tudo. Era apenas diferente, nem melhor nem pior do que os outros, por causa desta diferença. Parecia que eu tinha nascido para ser um perpétuo forasteiro – e gostava deste jeito. Forasteiros têm uma visão mais imparcial e objetiva. Como cientista, nada era mais importante do que clareza lógica e objetividade. Ser diferente e ter a visão de um forasteiro eram confortáveis para mim — via isto como vantagem. Adequava-se bem a mim.

Meu devaneio nas características e causas do comportamento social ilógico foi subitamente suspenso por uma coisa mais importante. A grande porta branca da mansão Whistlefield começou a se abrir. As conversas foram instantaneamente finalizadas no meio das sentenças. Todas as cabeças se viraram, com expectativa silenciosa. O primeiro, o único, o surpreendente, Homem Fora do Corpo, estava por se tornar carne e osso na frente dos nossos olhos. Logo todos saberíamos se este cara era louco, ou que.

Para a soleira da porta veio o Sr. Monroe. Por um segundo ou dois pareceu um pouco duvidoso – como um homem que sabe claramente que está para ser examinado e avaliado, como um alienígena cativo ou um animal estranho no zoológico. Olhou para a multidão de cabeças sem nome que o fixavam de volta silenciosamente. Depois da mais breve das pausas, saiu completamente para a varanda de pedra, com confiança e uma sólida presença. Não estava usando um terno branco com chapéu combinando e uma gravata de fitinha como o Coronel Sanders dos famosos frangos fritos (o único cavalheiro sulista que conseguia trazer à mente). Em vez

disto, nos olhou confortável, informal e amigavelmente – mais como os cachorros do que como a casa.

Robert Monroe era um homem de conformação pesada e altura mediana; tinha um grande sorriso e um brilho nos olhos. Apenas olhar para ele já fazia você se sentir relaxado. Nos cumprimentou a todos individualmente, como se fosse um político experiente – fazendo gracejos e piadas conforme seguia. “Este cara podia ser o Papai Noel”, pensei mais que um pouco divertido, “um bom velhinho – passando refrescantes e tradicionais coquetéis refrescantes de verão “Kentucky mint juleps” na varanda de sua propriedade de campo”.

“Para o que é que você está sorrindo?” demandou ele bem-humoradamente, conforme sua atenção subitamente se focou em mim.

Estava agora olhando diretamente para mim com um conhecedor e travesso sorriso. Por um momento, tive a sensação que estaria lendo minha mente e tinha ficado divertido, com minha visão de Papai Noel Monroe.

“Oh nada” respondi me desfazendo desajeitadamente da pergunta. Antes que pudesse reagir, instantaneamente segui aquela esquivada com uma das minhas perguntas. “Como e quando você saiu do corpo pela primeira vez?” perguntei. Até este ponto, ninguém tinha sido tão direto. Mas eu não sabia ser de nenhuma outra forma. Subitamente tudo ficou quieto e focado, todos estavam agora ouvindo atentamente.

“Apenas aconteceu”, disse ele. “Começou a acontecer em torno de 15 anos atrás sem nenhuma razão aparente”.

“E como você reagiu a esta experiência?” continuei sem nenhuma pausa.

“Pensei que estava ficando louco”, ele disse, “Isto me preocupou no início, mas não havia nada que eu pudesse fazer exceto experimentar com isso – é da minha natureza.”

Ele tinha consultado psicólogos, psiquiatras e parapsicólogos. Todos acharam que tinha uma razão sã e tão sólida como pedra, o que fez com que se sentisse melhor e lhe deu confiança.

Monroe parecia ter inadvertidamente, tropeçado em um estado alterado de consciência, que lhe deu acesso à uma realidade mais ampla, produzindo alguns dados evidenciais surpreendentes, em circunstâncias controladas por um parapsicólogo. Como isso não tinha tido nenhum efeito ruim sobre sua solidez e competência mental, foi encorajado a seguir, gravar e eventualmente controlar suas experiências pouco usuais.

“Que tipo de evidências você tem”? Atirei de volta.

“A maior parte disso está no livro”, disse ele, “A maior parte do tempo situações de visão remota”.

“O que exatamente é visão remota?” perguntei.

“Obter informação de forma paranormal, indo a algum lugar no estado fora do corpo, para coletar as informações alvo – sem levar seu corpo com você, quero dizer”.

“Ah..., vejo”, disse eu timidamente, me dando conta que tinha feito uma pergunta idiota, que deveria ter sido óbvia. Minha pausa momentânea deu uma chance aos outros, para invadir minha conversação privada. Ninguém mais estava sendo tímido.

Ao fim da tarde o Monroe nos levou ao local, que ele esperava em breve se tornasse, um laboratório dedicado ao estudo dos estados alterados da mente. Era obvio para mim, que ele queria muito legitimar aquilo que espontaneamente ocorria com ele. Queria remover o estigma de doido e repor com a aprovação de uma ciência aceitável. Ele era correto, sério e queria mostrar que acreditava no que fazia.

Ele não estava fazendo pose ou forçando – estava genuinamente interessado em ciência real. Queria legitimidade e não reconhecimento ou fama. Era um homem de negócios local de sucesso. Adicionalmente, era o presidente de uma companhia de cabo em crescimento e parecia para mim totalmente são, inteligente, controlado e conservador. Ainda melhor, ele era do tipo racional, tinha a personalidade de um engenheiro. Era mais direto e intelectualmente preciso – menos emocionalmente dirigido – que a maioria dos profissionais técnicos, que atiravam agora perguntas na direção dele. A qualidade do questionamento era errática – claramente, ele estava sendo polido e paciente. Se não soubesse que ele tinha escrito sobre experiências fora do corpo, nunca teria adivinhado isto pelas circunstâncias, sua aparência ou comportamento.

Então veio a oferta que eu não podia recusar. Olhando para o nosso grupo, recostando-se na parede do futuro laboratório, Monroe nos desafiou: “Vocês caras são tipos científicos, não são”? Perguntou retoricamente. Todos acenamos positivamente com as cabeças, imaginando o que viria a seguir. “Estou procurando engenheiros e cientistas sérios”, continuou. “Alguém com boas credencias profissionais, que possa me ajudar a fazer ciência real e apropriada, que seria aceitável para outros cientistas”. “Então foi por isso que fomos convidados?” pensei eu, “Legal!”

Atirei minha mão para o ar – em um ato condicionado por 20 anos consecutivos como estudante – não tinha como evitar isto. Não podia, assim parecia, responder a pergunta com os braços ao meu lado. Monroe olhou diretamente para mim, divertido por ver minha mão acenando. Sentindo-me meio estúpido, recolhi minha mão e disse: “eu sou físico e estou muito interessado em sua pesquisa sobre os estados alterados. Se me ensinar o que sabe sobre estar fora do corpo e estados alterados de consciência, posso ajudá-lo a legitimar sua pesquisa científica”.

Quase imediatamente do outro lado da sala outra voz também falou.

“Sou engenheiro elétrico e também gostaria de trabalhar com você... se tentar me ensinar o que sabe”.

Me estiquei para ver quem estava falando. Era um cara jovem, talvez poucos anos mais velho que eu, mas não muito. Não o conhecia; ele não estava viajando no mesmo carro que eu. Monroe olhou para nós atentamente – uma pausa longa e cheia de sentido seguiu-se, enquanto ele analisava a situação e pesava suas opções. Todo mundo estava quieto, esperando para ver o que aconteceria a seguir.

Creio que o Monroe teria preferido ter em seu laboratório, cientistas mais velhos e estabelecidos. Alguém mais maduro, com uma reputação estabelecida – credibilidade instantânea. Mais ambos sabíamos que este tipo de profissional, muito provavelmente não estaria interessado em trocar seu trabalho por conhecimento. Se tivessem reputações profissionais estabelecidas teriam de protegê-las e jamais se permitiriam estar associados, com algo assim tão fora do limite – tão distante da segurança da multidão. Cientistas, ao contrário de seus próprios relatórios de imprensa, são apenas e na maioria, ovelhas de um tipo diferente. Toda credibilidade flui das revisões de seus companheiros e pares mais notáveis da comunidade científica, que iriam tratar os estados alterados de consciência e experiências fora do corpo como “lepra” intelectual. Monroe já tinha batido de cabeça antes, contra esta parede de tijolos de pessoas com mente fechada – o que provavelmente, fazia com que ele desesperadamente desejasse respeito e aceitação.

Ele rapidamente avaliou suas chances de conseguir algo melhor. Finalmente quebrou o longo silêncio, “Que tipo de graduação vocês tem?” Dennis Mennerich, o outro voluntário, tinha um grau de mestre em engenharia elétrica. “Ok”, disse ele com confiança, “Temos um acordo! Liguem-me daqui alguns dias e vamos marcar uma reunião”. Ele rabiscou

um número de telefone e nos passou. O assunto mudou. Parei de prestar atenção nos detalhes da conversa. Estava tão excitado, quanto alguém como eu pode chegar a estar – isto é, senti uma leve elevação na minha ansiedade.

Aonde isto iria nos levar? O que ele realmente poderia nos ensinar? Como poderia ele tentar nos ensinar? Que protocolos científicos seriam aceitáveis? Que tipo de dados conseguiria coletar? O que estaríamos medindo? Pergunta depois de pergunta chovia em minha mente. E se tudo isto terminasse sendo falso? Se eu descobrisse, que ele não estava realmente interessado em fazer ciência real, rápida e polidamente me retiraria – isto seria bastante fácil.

A tarde tinha se tornado melhor do que eu esperava. Eu ia estudar os estados alterados – uma coisa que já queria fazer por um ano ou mais, mas não tinha sabido por onde começar. “Isto poderia ser uma grande oportunidade”, pensei... “Bem, talvez devesse apenas esperar para ver o que ia acontecer, se é que algo ia acontecer”.

Ainda não sabia então, mas minha vida estava para dar uma guinada. Cada vez mais o estranho (tudo cuidadosamente científico, claro) estava para se tornar mais comum a cada dia.

Depois de uns poucos dias, chamei o número que ele havia anotado num pedaço de papel, que eu tinha bruscamente obtido naquela noite na sala do Monroe. Estava escuro e nós estávamos do lado de fora – e naquele momento o número tinha parecido claro. Tentei ligar novamente. Não houve resposta. Tentei mais tarde e nenhuma resposta. No dia seguinte aconteceu à mesma história e todos os dias depois daquele. Nenhuma resposta. Nenhuma resposta. Nenhuma resposta. Deixei passar o resto da semana. Na próxima semana tentei de novo. Nenhuma resposta. Decidi que talvez o três, fosse em verdade um oito e tentei aquilo. Nenhuma resposta. Eu tentei as informações – mas o Monroe não tinha seu número na lista. Deixei mais alguns dias passarem. Duas semanas tinham se passado desde a nossa visita. Tentei mais uma vez com três, então de novo com o oito... espere... alguém começou a falar... Caramba era apenas uma secretária eletrônica! A máquina não mencionava nomes e deixei uma mensagem. Nada aconteceu, ninguém retornou à ligação.

Poucos dias mais tarde decidi tentar mais uma vez. Fiquei tão surpreso quando a voz de uma mulher educadamente falou “Alô”, que me levou alguns segundos para focar no que estava fazendo – uma pessoa real em carne e osso! Uau! Pedi para falar com Sr. Monroe.

“Em referência a que?” Ela perguntou polidamente.

Estava em uma sequência. “É da residência de Robert Monroe?” perguntei.

“Sim, quem está falando?” ela disse.

Com imenso alívio tinha conseguido fazer a conexão, e rapidamente expliquei quem eu era e que o Sr. Monroe tinha pedido para chamá-lo em uns poucos dias e que isto tinha acontecido já há duas semanas.

“Espere um minuto”. Disse ela.

“Finalmente”, pensei, “ele provavelmente vai ficar feliz por ouvir de mim.” Imaginei que ele estava preocupado que eu talvez tivesse mudado de ideia. Ele tinha parecido excitado inclusive de alguma forma ansioso, sobre colocar este laboratório para funcionar.

“Alô!” diz a voz do outro lado da sem nenhum senso de familiaridade.

Talvez ela não tivesse dito a ele quem eu era, pensei. “Aqui fala o Tom Campbell”. “Nós falamos na área de seu laboratório faz umas poucas semanas – eu sou o físico – você me pediu para ligar”.

“O que?” disse ele. “Físico? Que tipo de físico é você?”

Que tipo de pergunta era essa? Pelo seu tom era obvio que não sabia quem eu era e que não se lembrava do nosso acordo – ou será que estava fingindo? Obviamente, não estava sentado esperando e preocupado porque eu não tinha chamado antes. Detalhei a visita e a oferta que tínhamos combinado.

“Ah, aquele físico”, disse ele com uma dramática entonação. “Qual é mesmo o seu nome?”

Falei meu nome pela segunda vez.

“Tinha outro cara com você, não tinha?”

“Sim, havia outro cara – seu nome era Dennis”, respondi de forma curta e esperei.

“Por que os dois não vêm ao laboratório na próxima quinta-feira?”, disse depois de uma curta pausa.

“Está bom para mim. Eu vou checar com o Dennis e aviso”.

“Apenas venham, não precisa avisar – apenas venham para o laboratório às dezenove horas – você e o Dennis – está bem?”

“Certamente”, disse eu meio intrigado.

“Você sabe como chegar até aqui?”

“Sim”, respondi. “Eu posso chegar lá. Vou vê-lo na próxima quinta-feira as dezenove horas no laboratório”. Fiz uma pausa para ter certeza que não havia erros na compreensão.

Ele murmurou um “OK”, soando como se estivesse um pouco irritado por eu ter repetido o que havíamos combinado e então desligou.

“Como ele podia saber que o Dennis estaria disponível para vir na quinta?” pensei. Ainda não sabia com certeza. Como ele poderia estar tão certo? Ponderei sobre as circunstâncias. Será que ele quer que eu vá sozinho mesmo que o Dennis não possa ir? Ele não parecia particularmente ansioso para começar. Ou ele parecia estar meio perdido? “Agora a conversa parecia definitivamente estranha”, pensei. Com o tempo, eu eventualmente ficaria acostumado com o fato do Monroe ser distraído e saber das coisas de forma paranormal. Sua mente não estava frouxa, na verdade estava um passo à frente e geralmente certa. Diferente de mim, ele não precisava esperar pelos fatos.

Avisei ao Dennis na manhã seguinte.

“Sem problema”, disse ele.

Eu contei a ele que o Monroe parecia saber que ele estaria disponível na quinta à tarde para ir. Nos olhamos e demos de ombros.

“Se você tivesse me contado isso ontem ou a qualquer hora da última semana, eu teria dito a você que não seria possível”, adicionou Dennis após pensar um pouco. “Mas justo esta manhã as coisas mudaram e agora não há conflitos no calendário”.

Isto estava para se tornar uma aventura interessante – e eu tinha certeza disto.

“Quem vai dirigir?” Perguntou Dennis.

“Eu pretendo ir de motocicleta. Você quer ir comigo?”

“Ok”, disse ele, “eu tenho meu próprio capacete – também tinha uma moto alguns anos atrás.”

“Eu tenho uma Honda grande de quatro cilindros – duas pessoas não serão problema”.

“Legal, vai ser divertido”, ele respondeu.

“Ele é bem corajoso”, pensei. Eu pouco conhecia este cara, ele não sabe nada sobre mim e está se dispondo a andar na garupa da motocicleta comigo? “Talvez apenas uma vez”, gargalhei comigo mesmo. Ele me passou o endereço da casa dele e concordou que o pegasse às 18 horas e 15 minutos.



## A Aventura Começa

A viagem para Whistlefield era feita em uma combinação de estradas interestaduais e rurais. A maior parte da quilometragem foi feita em uma interestadual bem nova e pouco movimentada. Eu adorava minha motocicleta. Adorava a velocidade. Adorava a aceleração. Adorava a sensação de força bruta bem controlada e responsiva e adorava a presença, a sensação de estar vivo, e a concentração no momento presente que se consegue em cima de uma grande motocicleta. Você, a motocicleta, o ambiente e o destino – um pacote intimamente integrado – um destino compartilhado. Era divertido. Com o Dennis atrás, resolvi ser conservador, nada acima dos 135 quilômetros por hora de maneira geral, era meu plano. Não seria responsável, delicado, nem simpático ser imprudente com a vida de outra pessoa.

A 190 km/h, minha motocicleta era sólida como uma rocha e suave como a seda. Era feita para a velocidade e eu estava viciado nela. Guiava motocicletas desde a adolescência. Com esta moto em particular, foi amor à primeira vista – a maior, melhor e mais rápida. Dennis era destemido. Nunca se queixou nem vacilou – exceto uma vez quando a corrente de transmissão se partiu enquanto estávamos rugindo a 130 km/h e ele quase perdeu alguns dedos. Foi por pouco, mas quando se é suficientemente jovem para ser imortal e invencível “qualquer pequena margem”, parece sempre que foi por uma “grande margem” – nunca vacilávamos. O Dennis estava sempre pronto e descontraído. Montados neste fiel corcel de aço, encurtamos a viagem para Whistlefield para menos de meia hora.

Uma vez ultrapassadas as trocas de informação necessárias para nos conhecermos mutuamente, os horários foram rapidamente definidos e as

rotinas estabelecidas. Dennis e eu íamos ao laboratório duas ou três vezes por semana e por vezes aos fins de semana. Passávamos aquela primeira hora no laboratório instalando o equipamento, soldando fios, concebendo e construindo dispositivos de medição – em geral, ligar fios e equipar o local para ser um laboratório. Algum tempo depois, Bob Monroe vinha nos visitar no laboratório e então começava a verdadeira diversão.

Sob a orientação de Bob, o Dennis e eu dávamos início a uma exploração sistemática dos estados alterados de consciência. Estávamos sempre trabalhando no sentido de uma experiência consistente, passível de ser repetida e comprovável. Após algumas horas de exploração, Bob nos convidava para dentro de casa para discussões, bate-papo, planejamento ou talvez para conhecer outros investigadores que trabalhavam em áreas afins. A sua adorável esposa Nancy, a sempre respeitável, delicada e por demais afável anfitriã, frequentemente nos acompanhava nas conversas. Dennis e eu, andávamos tão entusiasmados e deslumbrados com a nossa persistente exploração das fronteiras da realidade, que nosso constante estado de total assombro, noite após noite, fazia com que Nancy se divertisse demais.

Bob conhecia gente de todo lado (ou assim parecia) que estava investigando ou experimentando algo fora do comum. Todos eles acabavam por vir a Whistlefield, para conhecer o Bob e compartilhar seus resultados. Era como se o Bob fosse um ímã nesta desconexa comunidade de investigadores e pesquisadores “das fronteiras da ciência” e excêntricos por conta própria, por causa da sua forma de ser direta e pragmática e da sua maravilhosa mente aberta. Em Whistlefield não se vendia nenhum “xarope mágico”. Devido à reputação do Bob e ao funcionamento e prestígio do seu laboratório, havia um constante fluxo de investigadores tremendamente interessantes. Eu estava impressionado por existirem tantos indivíduos inteligentes e lúcidos, por vezes com impressionantes qualificações, que levassem a sério esta área de pesquisa. Não se tratavam de malucos ou drogados praticando a sua “contracultura”. O Bob tinha tolerância zero para esse tipo de gente – não queria manchar a sua idoneidade ao se associar aos consumidores de droga. Pessoas do tipo ‘Timothy Leary’ (que pregava o

uso de drogas) estavam automaticamente excluídos. Além disto, o Bob estava sempre aberto a quase tudo o que alguém levasse a sério. Contudo, ele também era sempre cético. Com mente aberta e ceticismo – ele queria ver provas sólidas – afirmações eram interessantes, mas nunca suficientes por si mesmas.

A maioria dos visitantes era de meia idade, profissionais sérios em busca de respostas sérias para perguntas sérias. Eles, em sua maioria, estavam à procura de validação e provas sólidas. Havia os seguidores ocasionais que procuravam aumentar a sua credibilidade através da associação ao Bob e seus esforços de investigação e alguns, cujo principal objetivo era impressioná-lo com os seus talentos incomuns. O Bob tinha pouca paciência para ambos. Ele educada, mas firmemente, mandava os charlatões e não contribuintes seguirem seu caminho.



## 8

### A Ciência dos Estados

#### Alterados de Consciência

O edifício do laboratório continha, entre outras facilidades, uma sala de controle e três câmaras de isolamento. Uma das câmaras tinha sido construída com blindagem eletromagnética completa, de forma que o campo magnético da terra e outras radiações dispersas, não anulariam ou sobrepujariam o efeito que os campos eletromagnéticos cuidadosamente controlados, poderiam ter nos estados alterados de consciência. Cada câmara era construída para prover tanta privação sensorial quanto possível e estava conectada a sala de controle, por áudio e uma série de dispositivos de medição.

Tomei emprestado um caro e sofisticado dispositivo de detecção eletrostática, que não estava sendo utilizado e alguns geradores de sinal de áudio e o Bob comprou um conjunto de EEG (eletroencefalografia) completo, além de um misturador de áudio profissional. Bill Yost trouxe um voltímetro de alta impedância de entrada, excepcionalmente sensível. Dennis e eu projetamos e construímos um dispositivo para registrar a Resposta Galvânica da Pele (RGP). Não levou muito tempo e tínhamos um laboratório razoavelmente bem equipado onde fazer nosso trabalho, mesmo que ainda tivéssemos respingos de solda espalhados por todo o piso do lugar.

Nós medimos Bob. Ele nos mediu. O Bob tinha conseguido um dado importante a partir de seu estudo pessoal das Experiências Fora do Corpo (“OOBE” do Inglês), na percepção de que havia uma oscilação de 4 Hz dentro do seu corpo e consciência, justo antes de sair do corpo e também

algumas vezes, depois que retornava para ele. Alguma experimentação mostrou que se uma pessoa sob instrumentos era pega neste estado de pulsação em nosso laboratório, o EEG indicava que as ondas cerebrais coletadas por múltiplos pares de eletrodos, eram incomumente coerentes (em fase), coletivamente sincronizadas e moduladas nos 4 Hz. A leitura da RGP começava a oscilar também aos 4 Hz. O Bob intuitivamente sabia que este estado de pulsação era um ponto chave e nós nos preparamos para reproduzi-lo, capturá-lo e mantê-lo de forma estável, conforme demanda e sob de nosso controle.

Uma busca na literatura existente sobre este tema, trouxe uns poucos estudos acadêmicos sobre as experiências fora do corpo (OOBE), as quais eram também conhecidas como “projeção astral”. Uma meia dúzia de profissionais médicos e técnicos altamente respeitados e bem credenciados, haviam estudado as OOBE por décadas, na maioria dos casos em torno da virada do último século. Um livro pelos Dr. Hereward Carrington e Dr. Sylvan Muldoon intitulado *A Projeção do Corpo Astral*, publicado em 1929 por Samuel Weiser de Nova York, sugeria que a glândula pineal estava de alguma forma envolvida. *Projeções Astrais: Experiências Fora do Corpo* por Oliver Fox e *O Estudo e Prática da Projeção Astral* pelo Dr. Robert Crookall (University Press, 1960); concordavam que a glândula pineal era talvez um órgão chave que afetava a experiência fora do corpo.

Nós estávamos no modo prático de operação e iríamos tentar qualquer coisa pelo menos uma vez. Dennis e eu sempre aplicávamos qualquer dispositivo experimental fora do comum, primeiro em nós mesmos. Somente depois que tínhamos testado os efeitos em nós mesmos e ficávamos convencidos de seu valor e segurança é que tentaríamos o experimento em outras pessoas, para ganhar uma amostragem mais ampla – amigos, visitantes, passantes, qualquer um enfim, não éramos muito exigentes. Estávamos procurando por alguma coisa, que pudesse funcionar com qualquer um e com todos.

Por exemplo, uma das coisas que tentamos foi fazer vibrar a glândula pineal a 4 Hz. Construimos um grande capacitor com placas de 60 cm<sup>2</sup> ,

para gerar um campo elétrico forte e uniforme. Estávamos comprometidos e dedicados a perseguir nossa busca – correr riscos não era um problema. Com algo como uns 250,000 Volts e um sinal de CA de 4 Hz sendo alimentado às placas, enfiei minha cabeça entre elas e tentei atingir um estado alterado operável. Fiquei ali por cerca de uma hora experimentando com diferentes voltagens e frequências contra diferentes estados alterados, esperando por algum efeito ressonante, que pudesse ocorrer e que tivesse impacto dramático no meu estado de consciência. De repente comecei a sentir tontura. Minha cabeça começou a balançar perigosamente entre as placas de metal expostas. A experiência foi suspensa. Tive uma terrível dor de cabeça por cerca de três semanas.

Trabalhamos com um gerador de íons negativos, para proporcionar um fundo controlado e usamos o voltímetro de impedância ultra alta, para estudar a mudança de potenciais elétricos gerada por um corpo em um estado alterado versus um em estado normal. Medimos o acúmulo dinâmico de cargas estáticas ao redor de nossas cabeças com um equipamento emprestado, enquanto entrávamos e saíamos de várias configurações das ondas cerebrais sendo medidas pelo EEG.

Isto pode parecer um pouco com coisas de cientistas loucos trabalhando em seu laboratório no topo de uma colina a meia noite, mas éramos tão sérios, sóbrios e diretos como nossos colegas trabalhando em problemas tradicionais nas universidades em todos os lados. Éramos cuidadosos a respeito da nossa ciência. Nossa metodologia era boa. Éramos cautelosos e conservadores? Não, nós não éramos cautelosos. Se havia **alguma** chance razoável de ganhar conhecimento, nós a tomávamos. Éramos fortemente guiados para encontrar respostas honestas – resultados reais, verificáveis e repetitivos. Queríamos saber e esta era a chance de nossas vidas para descobrir. Éramos destemidos na perseguição da verdade, porque os riscos eram invisíveis para nós – por vezes, a ingenuidade e o entusiasmo impertinentes da juventude tinham suas vantagens.

Neste meio tempo, enquanto Dennis e eu estávamos trabalhando dentro e fora do laboratório, Bob nos liderava, ensinando a experimentar e

explorar o não-físico. Primeiro nos levava a um estado de relaxamento profundo, então usando visualização começávamos a focar nossos pensamentos, centrar nossa atenção – deixar ir nossos corpos e o ambiente. Estes exercícios produziram vários estados de consciência, que eram similares ao estado de meditação que eu tinha aprendido a atingir com a MT. Bob pensou que talvez houvesse oportunidade, nas fronteiras entre estar desperto e adormecido. Praticamos flutuando sobre aquela fronteira. Colocar o corpo para dormir e manter a mente acordada de forma simultânea. Eventualmente, ficamos bons naquilo e não tomava muito tempo chegar lá. Depois de desenvolver uma competência básica, em definir e estabelecer uma repetibilidade conforme nosso desejo, para cerca de meia dúzia de estados alterados de consciência, começamos a experimentar e explorar a funcionalidade de cada estado. Cada estado da mente tinha sua própria e única funcionalidade – coisas que você podia fazer ou habilidades que tinha, enquanto estava naquele estado.



## Avanço Radical

Um dia enquanto eu trabalhava, Dennis me mostrou um artigo da “Scientific American” de outubro de 73, de Gerald Oster, chamado “Batidas Auditivas do Cérebro” que descrevia o fenômeno das “batidas binaurais”.

De forma simples, se um tom puro de 100 Hz é colocado em um dos ouvidos, e outro tom puro de 104 Hz é colocado no outro, você percebe uma batida de 4 Hz junto com as de 100 e 104 Hz. Ele esperou enquanto eu lia. “Vamos experimentar isto”, disse ele. “Claro, porque não?”. Dennis juntou informações sobre as batidas por semanas e criou uma fita de áudio para teste. Esperávamos que a frequência, ocorrendo no corpo caloso entre os hemisférios cerebrais, fosse induzir as frequências das ondas cerebrais.

A intuição do Dennis era correta. As batidas afetavam o estado de consciência. Na semana seguinte imploramos, emprestamos e compramos o equipamento para expandir os experimentos. Bob estava fora da cidade por uns dias e assim experimentamos os efeitos dos binaurais em estados de consciência por nós mesmos. Depois de uma semana de tentativas e erros, estávamos ainda mais excitados com as possibilidades. O efeito era poderoso. Usar os binaurais para mudar as ondas cerebrais medidas pelo EEG era fato. O efeito no estado de consciência de uma pessoa era dramático. Bob voltou e começamos a testar o que a tecnologia conseguiria fazer. A boa notícia era que por tentativa e erro, aprendíamos a aperfeiçoar significativamente o efeito procurado. A melhor notícia era que aquilo parecia funcionar bem em todos, como tinha funcionado conosco. Agora tínhamos uma técnica, para colocar pessoas sem treinamento em um estado específico, conforme nosso desejo, sob encomenda e com resultados consistentes.

Nos focamos nas batidas de 4 Hz e criamos um conjunto de gravações de áudio, que guiavam o ouvinte no que Bob chamava “Realidade Não-Física-Material” (**NPMR**). A “Realidade Física-Material” (**PMR**) era a que continha meu corpo, o laboratório, a minha casa e o meu trabalho diário. Uma vez na **NPMR**, a diversão começava. Agora tínhamos o potencial de coletar evidências que seriam baseadas em uma quantidade mais ampla de “sujeitos”. Conforme ganhávamos experiência com mais pessoas, continuamente melhorávamos a efetividade das gravações. Em cerca de oito meses estávamos prontos para que o mundo nos experimentasse. Bob espalhou a palavra, de que precisávamos de uma quantidade limitada de “ratos de laboratório”, para testar nossa condução das ondas cerebrais pelas batidas binaurais, na facilitação da projeção da consciência de uma pessoa, no reino do “não-físico” como uma entidade operacional consciente. A resposta foi extraordinária.

Logo Bob estava reservando todos os quartos disponíveis no Hotel Tuckahoe próximo. A Gerência do Tuckahoe, que já tinha visto dias melhores, concordou em nos deixar passar fios em suas instalações. Dennis e eu tínhamos muito a fazer antes do grande fim de semana, quando iríamos descobrir se nossa metodologia era tão efetiva como pensávamos que fosse. Esperávamos por cerca de 20 “sujeitos” totalmente “verdes” – e planejamos mantê-los daquela forma, sem contar nenhum detalhe. Não queríamos induzir neles nenhuma das suas reações, gerando qualquer tipo de expectativa.

Construir equipamentos de medição e áudio móveis para grandes grupos era um desafio. Por pouco não atingimos as datas alvo, mesmo trabalhando todas as tardes e três fins de semana, mas com a ajuda de Bill Yost e da filha adotiva do Bob, Nancy Lea Honeycutt, tínhamos o equipamento instalado, checado e pronto para funcionar mais tarde, na tarde do último dia. Que pânico! Em uma atividade paralela, Nancy Lea, que havia se juntado ao nosso time de pesquisa depois da sua graduação na faculdade, orquestrou e administrou todos os arranjos necessários. De alguma forma, no último momento, tudo tinha ficado pronto. Valeu o

esforço. Durante a noite da sexta-feira, todo o dia de sábado, e metade do domingo, os participantes tiveram “o momento de suas vidas”. Houve tantos acontecimentos paranormais naquele fim de semana que tivemos dificuldades em conseguir gravar todos eles. Estes “sujeitos inocentes” estavam lendo números em envelopes fechados, vendo remotamente, manifestando luzes no céu, visitando seus parentes, lendo manchetes dos jornais da próxima semana e muito mais. Foi um circo! Divertido, mas muito exaustivo. Dennis, Nancy Lea e eu coordenamos o show, com várias visitas do Bob por todo o fim de semana.

Coletamos montes de dados e sólidas evidências – os resultados foram mais dramáticos do que tínhamos esperado. As coisas nunca mais foram as mesmas depois daquilo. Quando a palavra se espalhou sobre a efetividade do programa Monroe, Bob foi atolado com pedidos de pessoas de todos os lados querendo participar. Bob começou a ver o início de um negócio se formando e Dennis e eu junto com Nancy Lea, a partir daquele momento, nos tornamos mais treinadores do que pesquisadores.



## Mas Isto É Real?

Vamos deslizar de volta no tempo e ver o todo de uma perspectiva ligeiramente diferente. Minha associação com Bob Monroe representou uma fantástica oportunidade. Com aqueles anos de prática, Dennis e eu podíamos facilmente diferenciar entre os vários estados alterados de consciência e chegar a eles, mudar entre eles, e voltar ao estado normal a vontade. Contudo, não foi assim tão fácil para começar.

Trabalhamos pesado e modificamos o resto de nossas vidas para encaixar o trabalho. Eu tinha decidido que enquanto trabalhasse no laboratório, não tomaria nenhuma droga para alterar a mente. Já estava me tornando confuso o suficiente, sem mais esta variável voando ao redor da equação. Nunca tinha usado drogas como estudante, porque não parecia racional. Vivia a partir da minha mente que era meu bilhete para o sucesso – não queria estragar as coisas. Mas agora, jurei deixar fora até mesmo a cerveja ocasional. Nem uma gota – socialmente ou não. Me tornei devoto total do chá pela causa da claridade.

Poucos anos depois, aditivos na alimentação, conservantes, cafeína e açúcar foram para sempre banidos da dieta. Eu raciocinava, que efeitos naturais sutis poderiam ser facilmente perdidos, pelo impacto daquelas substâncias na consciência. Estava certo – a diferença foi dramática. O sucesso da pesquisa se apoiava na percepção clara de sutis mudanças na consciência e qualquer coisa que pudesse potencialmente embaçar aquelas águas, foi abandonada.

Registramos milhares de horas explorando e testando os limites da realidade, produzimos uma pilha de dados e enchemos caixas com gravações de áudio, com cada palavra dita em nas seções. O espaço mental

que usávamos para praticar era não-físico – sem corpo. Diferente de minhas meditações MT prévias, éramos ativos, com propósito, agentes autônomos dentro desta grande realidade não física. Fomos a lugares, fizemos coisas, nos comunicamos com seres não-físicos. Foi divertido, mas ainda não podíamos levar muito a sério.

Bob era sempre cuidadoso em nunca induzir uma testemunha. Ele fazia a parte do observador neutro – nunca dando deixo sobre o que poderíamos experimentar ou como. Não queria que suas próprias experiências influenciassem ou criassem preconceitos. Até onde podíamos dizer, ele não tinha expectativas sobre o que iríamos conseguir.

Bob sabia que se fosse para experimentarmos a realidade mais ampla, como ele havia feito, teríamos de chegar lá por nós mesmos. Ele poderia nos guiar, mas não induzir – aquilo arruinaria a qualidade do esforço independente. Ele não estava procurando ecos – queria fazer ciência de verdade. Inicialmente, Dennis e eu tínhamos o mesmo problema. Perguntamos: “Isto é mesmo real?”. Como saber se o que experimentávamos estava dentro (imaginávamos), ou fora (tinha a existência própria independente)? Era a grande pergunta que queimava dentro de nós – e para Bob da mesma forma.

Eventualmente ganhamos controle mental e facilidade suficientes para trabalhar com estados alterados, levando Bob a pensar que estávamos prontos para começar a coletar algumas evidências, para determinar a significância operacional daquilo que estávamos experimentando na **NPMR** (realidade não-física material). Dennis e eu estávamos excitados com as possibilidades e desejosos de aceitar os fatos, fossem quais fossem. Estávamos ávidos para testar objetivamente a significância operacional de nossas experiências subjetivas, já por algum tempo. Bob queria que esperássemos até que ele acreditasse que estávamos prontos. Nenhum de nós estava particularmente otimista ou pessimista – queríamos saber a verdade. Estávamos no “modo de descoberta” e abertos a todas as possibilidades. Enquanto nossa metodologia fosse sólida, estávamos

confiantes que eventualmente resultados suficientes se acumulariam para contar sua própria história.

Um de nossos primeiros experimentos foi, Dennis e eu, fazermos a viagem (experiência) ao não-físico juntos. Nossas descrições independentes, daquilo que estávamos experimentando deveriam se correlacionar de perto, se a experiência fosse real e independente de nós. Desde o início do treinamento, aprendemos a dar descrições em tempo real do que estivéssemos experimentando. Um microfone ficava suspenso do teto sobre cada uma de nossas cabeças. O que dizíamos era gravado em fita. Dennis e eu não podíamos ouvir um ao outro, porque estávamos separados em câmaras a prova de som.

Rapidamente atingíamos o estado alterado apropriado, deixávamos nossos corpos e nos encontrávamos no não-físico como planejado. Foi uma longa aventura. Fomos a lugares, vimos coisas, tivemos conversações um com o outro e com vários seres não-físicos que aconteceu de encontramos pelo caminho, nestas realidades não físicas.

Bob nos deixou ir por um longo tempo antes que terminasse a sessão e nos chamasse de volta. Puxamos nossos eletrodos EEG e GSR dos soquetes e nos atropelamos para fora da escuridão das cabines, no átrio do laboratório.

Na sala de controle, Bob esperava por nós. Depois de uma rápida troca de palavras, sabíamos que isto seria um bom teste porque ambos tínhamos experimentado muitas interações específicas. Mas será que elas eram realmente as mesmas interações? Bob nos olhou diretamente. “Então, vocês pensam que estiveram juntos?” perguntou, tentando soar desapontado. Olhamos um para o outro e demos ombro.

“Talvez,” disse Dennis de forma tentativa, “pelo menos percebemos como se tivéssemos nos encontrado”.

“Ouça isto!” disse Bob enfaticamente. As gravações rebobinaram enquanto desconectávamos os eletrodos, começando a rodar para frente. Nos sentamos e ouvimos. A correlação era surpreendente. Por quase duas horas ficamos ali sentados com as bocas abertas, completando os detalhes,

um do outro. Bob estava sorridente. “Agora isto realmente quer dizer algo, não?” exclamou ele radiante. Estava cada pedacinho tão excitado quanto nós.

Eu estava estupefato. Havia somente uma boa explicação: ESTA COISA ERA REAL! Minha mente procurava por outra explicação mais racional. “Talvez somente um de nós tivesse imaginado a viagem e o outro estava lendo seus pensamentos telepaticamente”, disse tentando cobrir todas as possibilidades. Isto era quase tão estranho quanto a primeira explicação, mas não tanto.

O fato inegável era: Tínhamos visto as mesmas coisas, ouvido as mesmas conversas telepáticas e experimentado a mesma clareza. “Esta coisa podia na verdade ser real”, disse eu em tom alto, mas para ninguém em particular. Dennis e eu sentamos de olhos arregalados, incrédulos e sem condições de explicar em quaisquer outros termos. Eu disse aquelas mesmas seis palavras: “Esta coisa podia na verdade ser real”, de novo e de novo para mim mesmo umas cinquenta vezes, durante os próximos poucos dias. Eu não podia acreditar, mas tinha que acreditar. Eu estava lá. Esta era minha própria experiência. Eu não estava lendo isso em um livro sobre outra pessoa qualquer. Estava surpreso e maravilhado. Você não pode compreender o impacto de uma coisa como essa até que ela tenha acontecido com você. Havia mais um dado que se encaixava. Minha realidade estava para se tornar mais ampla e estranha.

Repetimos aquele experimento com resultados similares. Não era um fenômeno que dependesse de nós dois. Nancy Lea e eu compartilhamos experiências conjuntas igualmente surpreendentes. Tentamos outras coisas também, lemos números de três ou quatro dígitos escritos em uma lousa próxima da sala de controle. Alguém escrevia um número aleatório e nós íamos lê-lo enquanto nossos corpos estavam deitados e dormentes. Então eles apagariam o número e escreveriam outro, e assim por diante. Fomos a lugares – as casas das pessoas – vimos o que estavam fazendo, então os chamávamos por telefone ou checávamos com eles no dia seguinte. Viajávamos ao futuro e ao passado. Tentamos curar doenças das pessoas

com nossas mentes e intenções porque era uma boa técnica para interagir de uma forma que deixasse evidências com a energia dos outros.

Projetamos, geramos e testamos ferramentas para focar a intenção para nosso uso no ambiente “não-físico”. Nós diagnosticamos males em pessoas que nunca tínhamos encontrado antes, mas que alguém mais conhecia bem. Choviam evidências. Agora havia centenas de dados disponíveis. As experiências comprovadoras posteriores tendiam a ser ainda mais claras e frequentemente mais dramáticas do que as iniciais. Começamos a discernir sutilezas dos estados alterados onde algumas coisas trabalhavam bem ou não. Refinamos nossos processos e melhoramos nossa eficiência vagarosamente durante os próximos três anos – era um processo laborioso de tentativa e erro.

Dennis e eu seguimos sendo os mesmos cientistas céticos e exigentes que haviam iniciado esta aventura, mas tínhamos parado de perguntar se aquilo era real. Agora sabíamos a resposta. Também concluímos, que uma pessoa tinha que experimentar estas coisas por ela mesma, para chegar a este ponto. Ninguém mais pode convencer você. Você simplesmente tem que experimentar isto por si mesmo. Todos os dados do mundo, independente de quão cuidadosamente foram obtidos, se tornam suspeitos se você não estiver lá para participar e conhecer a verdade da matéria em primeira mão. Velhas crenças precisam ser destruídas, antes que você possa começar a imaginar uma visão mais ampla. Até que a lógica inescapável, de uma experiência em primeira mão e sem ambiguidades, acerte você diretamente entre os olhos, a verdade não penetra de forma profunda. É desta forma que eu era, e assim é a maioria das as pessoas.

Suponho que a esta altura, Dennis e eu éramos “certificadamente” estranhos. Éramos estranhos por causa do que sabíamos ser verdade, através de nossa experiência cuidadosamente avaliada. Não podíamos negar o que tínhamos visto, ouvido e medido – mesmo que aquilo fosse incrivelmente estranho. Sabíamos quão cuidadosos, céticos e exigentes tínhamos sido. Sabíamos quão altos eram nossos padrões de evidências. Também sabíamos que talvez ninguém mais entenderia, a menos que experimentassem estas

verdades por si próprios. Uma vez que você encontre conhecimento verdadeiro, a ignorância não é mais uma opção – e se o conhecimento que você encontra é fora do usual, então, o estranho se torna um modo de vida.

Nossa atividade não era totalmente interna. Por exemplo, Dennis e eu fomos encorajados a ser voluntários para fazer alguns experimentos de visão remota, em um bem conhecido laboratório de sono e sonho. O objetivo era, debaixo de condições controladas, descrever imagens sendo mostradas em outra sala. Da forma como acabou, sermos capazes de descrever as imagens corretamente, acabou não sendo a coisa mais marcante que aconteceu.

Quando o relatório impresso do EEG voltou da Universidade de Duke (para onde foram enviados para análises mais detalhadas) foi evidenciado um nível de estranheza bem mais alto. Foi dito a nós, que os resultados do EEG do Dennis haviam produzido os níveis mais altos de ondas alfa jamais registrados na Duke. Os meus exibiam níveis estranhos de simultaneidade entre ondas alfa e teta, diferentes de qualquer coisa que já tinham visto antes. Ambos eram eventos singulares que jamais tinham sido vistos anteriormente pelos pesquisadores da Duke, por causa da estreiteza dos picos. Isto era particularmente significativo porque durante os anos 60 e 70 a Universidade Duke era mundialmente reconhecida como líder em pesquisa parapsicológica.

Nossas ondas cerebrais eram (ou parecia que eram) focadas de forma justa para uma frequência específica e quase única. Não estávamos particularmente surpresos pela estreiteza do foco, mas anotamos com o devido interesse, que dentre os milhares e milhares de análise de resultados de EEG, os nossos se destacassem como tão flagrantemente únicos (“Os seus dados os deixaram loucos na Duke”, foi o que nos disseram os pesquisadores). Sentimos por algum tempo que aquilo que estávamos aprendendo e desenvolvendo era efetivo de forma especial para produzir estados alterados específicos, mas agora tínhamos evidência corroborativa – um laboratório independente na Duke, tinha substanciado uma manifestação física desta característica única.

Uma vez que a porta mental do fato indiscutível foi forçada a abrir, a luz começou a fluir para dentro. Velhas questões retornaram com novos significados. Agora minha realidade, minha visão era maior do que eu poderia ter previamente imaginado. Contudo, continuava imaginando se haveriam outras experiências subjetivas que poderiam produzir resultados mensuráveis, objetivos e consistentes. Onde estavam as fronteiras – quanta realidade a mais estaria lá fora e que eu tinha perdido? Poderiam haver outros estados operacionais de consciência escondidos no escuro da minha ignorância?

Estava motivado e dirigido para entender como tudo estava relacionado, como tudo aquilo trabalhava em conjunto. Seguramente, havia algum tipo de ciência na sua raiz. Tínhamos grande quantidade de dados, mas nenhum modelo autoconsistente para explicar os “como” e “porque” de tudo isto – para definir as interações. Como é que a realidade funcionava? Quais eram os processos, os limites e as regras? Isto é da forma que é, ou somente parece ser assim? Como é que a Visão Ampla se parece – onde todos os dados são consistentes e fazem sentido? Como poderia qualquer físico com algum respeito próprio não se fazer estas perguntas?

Bob, Dennis e eu discutíamos isto profundamente na casa depois que o trabalho no laboratório estava feito. Informalmente saíamos com afirmações como “o modo como eram as coisas” e “o modo como pareciam ser”, mas elas tinham falta de compreensão mais profunda. Pesquisamos os modelos existentes – a maioria uma mistura de coisas carregadas de emoção, focadas em crenças, disparates não científicos com pouca ou nenhuma evidência firme que podia ser reproduzida. Aquilo não era o que estávamos procurando. Isto era uma busca científica, não um agrupamento de pessoas cheias de fé da nova era.

Finalmente, conseguimos encontrar nosso candidato a modelo – um lugar para começar. Ainda que imperfeito, era mais ou menos racional, consistente e coerente na maior parte do tempo – o que o fazia muito melhor do que todo o resto. Suas explicações e descrições não eram completas, nem necessariamente um local para terminar, mas podia prover

uma base teórica da qual começar. Este modelo veio a nós na forma do livro “Seth Speaks” (Seth Fala), escrito por Jane Roberts. Que o material tinha sido “canalizado” não era um problema para nós. Naquele ponto, já éramos todos pessoalmente familiares com o “não-físico” e a sua hoste de seres sencientes. De fato, isto era um extra. Você crê que adianta perguntar a um peixe, sobre trilhas de caminhada na montanha? Não, não se você estivesse esperando alguma resposta precisa ou útil.

Começamos a gastar muito do nosso tempo no laboratório para testar e interpretar os conceitos de Seth e buscando informações de nossas próprias fontes não físicas. Trabalhamos nestes temas por vários anos, vagarosamente ganhando terreno. Algumas vezes era confuso, algumas vezes esclarecedor, mas sempre interessante e evidências eram requisito básico.

Trabalhei duro nestes modelos particulares de temas da realidade, mais do que os outros. Eu era o teórico do grupo (o que você poderia esperar de um físico), Dennis era mais voltado as aplicações (o que você poderia esperar de um engenheiro). Bob era um homem prático focado primariamente em qualquer coisa que funcionasse e também em manter uma credibilidade objetiva. Bill Yost contribuía com suas iluminações em engenharia, habilidades de gerenciamento, encorajamento e ajuda. Nancy Lea fazia muito da ajuda no trabalho diário, e tornou-se uma parceira em tempo integral em nossas explorações da realidade não física (assim como tinha sido sua irmã, Penny Honeycutt, uns poucos anos antes). Era um bom time.

Éramos auxiliados instigados ao longo do caminho por nossas famílias (os quais em sua maioria participavam em nossas pesquisas de tempos em tempos) e muitos outros não mencionados aqui. A pesquisa fluía em qualquer direção que parecesse produtiva naquele momento. Bob não dirigia, tanto quanto facilitava. Tendo aperfeiçoado o sábio e conhecedor sorriso, que todos os bons professores sabem usar para fazer com que seus estudantes descubram as coisas por eles mesmos, ele dava um jeito de

flutuar sobre o esforço do dia a dia e deixar nossas pesquisas individuais nos levar onde quer que fosse.



## 11

### Se Hoje É Terça, Devo Estar

#### Na Realidade-Físico-Material

Enquanto isso, de volta ao laboratório, Dennis e eu estávamos dedicando quinze a vinte horas semanais. Depois de chegar em casa, geralmente pelas três da manhã, deitava na cama para praticar o que tinha aprendido ou continuar as experiências da noite. Depois de duas ou três horas de sono, levantava para ir trabalhar. Nas noites em que não ia ao laboratório, continuava os experimentos depois de todos dormirem, até pouco antes de levantar para trabalhar. Estava dedicando quarenta e cinco horas por semana a estudar estados alterados e a realidade maior, enquanto ainda dedicava cinquenta horas por semana ao meu emprego diurno e a criar uma família.

Meu filho Eric tinha cerca de cinco anos na época. Como a maioria das crianças da idade, fazia viagens fora do corpo frequentes e **espontâneas**. Tínhamos experiências fora do corpo juntos – eu saía e me juntava a ele – e adorávamos. Uma vez explorávamos os oceanos juntos quando uma baleia enorme se aproximou de nós. Quando nossos corpos deslizavam facilmente pela baleia, a cabeça do Eric por algum motivo, bateu contra cada uma das costelas dela, uma depois da outra. Isso o assustou um pouco, geralmente não interagíamos com o ambiente. Voltamos imediatamente.

Eric costumava se lembrar totalmente das nossas aventuras noturnas. Geralmente conversávamos sobre elas pela manhã – era uma grande diversão para os dois. Explorar a realidade maior acabou sendo uma atividade excelente entre pai e filho, embora talvez incomum. Não me entenda mal. Eu não estava torcendo a tenra perspectiva de Eric ou

arrastando-o para fora do corpo. Com cinco anos de idade, a maioria das crianças tem OOBes, natural e espontaneamente. Estava simplesmente me unindo a ele para que pudéssemos aproveitar juntos. Era confortável ter o Eric a meu lado – e ele iria com ou sem mim. Eu era capaz de estruturar a experiência para ser divertida e educacional (tal como explorar os oceanos).

Em vez de negar e descartar as experiências como sonhos tolos (reação típica de pais), eu dava forma e compartilhava. Ele achava legal e esperava por nossos passeios. Eventualmente em certo ponto, já não era mais natural e nossas incursões nas florestas da “realidade não-física-material” (**NPMR**) acabaram tão fácil e naturalmente quanto haviam começado. Ele, a propósito, tem agora um nível avançado em engenharia aeronáutica e até hoje, lembra claramente de bater sua cabeça naqueles ossos da baleia.

Sempre fui sonolento – nove ou dez horas por noite estava ótimo para mim. Mas gastando tanto tempo em estados alterados onde meu corpo estava profundamente relaxado, senão oficialmente dormindo, eu tinha só duas ou três horas de sono por noite - noite após noite – ano após ano.

No trabalho, era excepcionalmente produtivo, mas havia me tornado estranho. Passava quase tanto tempo na **NPMR** quanto na “realidade física-material” (**PMR**), e isto era visível. Logo ganhei a reputação de ser um professor meio ausente. **PMR e NPMR** pareciam se misturar em um contínuo e percebi que podia viver em ambas simultaneamente; não era mais questão de deixar uma para ir a outra. Agora era apenas questão de trocar e dividir meu foco – vivia e estava continuamente desperto, ciente e consciente (exceto quando dormindo) em ambos sistemas de realidade, de forma simultânea e permanentemente.

No começo, conseguia apenas sequencialmente (embora rápido) trocar entre elas. Então aprendi a me engajar mentalmente em uma coisa na **NPMR** enquanto continuava uma conversa e dirigia um carro (ou motocicleta) ao mesmo tempo. Na maioria das vezes não havia confusão entre os quadros de realidade, mas de vez em quando por alguns segundos, até me forçar a diferenciar e orientar, ocasionalmente não tinha certeza de

em qual delas estava. Ambas eram igualmente reais, apenas eram diferentes e tinham diferentes funções. Comecei a ficar maravilhado com a capacidade da mente em fazer processamento paralelo.

Por um período relativamente curto (seis meses), estava passando mais tempo na **NPMR** do que na **PMR**. Eu era do tipo cadete espacial e obviamente precisava de um guardião. Felizmente, sendo um físico e mantendo uma alta produtividade profissional, poderia apenas passar por excêntrico. Mesmo assim, percebi que precisava atingir um equilíbrio melhor. Com um pouco de experimentação, o equilíbrio ideal foi obtido. Continuei excêntrico, mas não precisava o tempo todo de um guardião me lembrando sobre o que estaria acontecendo em seguida na **PMR**.

Com as duas realidades tão misturadas, comecei a notar conexões entre elas. Em um dia de primavera, enquanto caminhava para o escritório depois do almoço, notei aquela espuma branco-dourada sobre as árvores num parque próximo. Uma checagem rápida me indicou que estava solidamente focado na **PMR**. “Uau!”, exclamei surpreso, “Isso é realmente bonito, mas o que é?”. Até então, estava tão acostumado a ser maravilhado pela realidade maior, que o que era estranho se tornou praticamente normal. Estudei a espuma branca; ela tinha textura de algodão-doce. Conectava todas as árvores em uma grande massa luminescente. Aquilo me lembrava de um bosque de ciprestes ao longo da costa do golfo cheia de musgo espanhol brilhante.

Achei muito interessante, mas não fazia ideia do que era. Ponderei se outros poderiam vê-la. Fiz um esforço para parecer de forma óbvia, que estava olhando para algo. Alguns transeuntes viraram suas cabeças para ver o que eu estava olhando e então voltaram para suas vidas sem qualquer reação. Sabia que eles não deviam ter visto o que vi, porque o que eu estava observando não tinha nada de rotineiro. Era massivo e lindo. Se outros pudessem vê-lo, haveria uma multidão se formando.

Voltei ao trabalho e olhei pela janela no terceiro andar para ver se a espuma de luz ainda estava lá. Estava. Fechei a porta do escritório e comecei a estudar o fenômeno. Descobri que poderia fazê-la desaparecer e

reaparecer ajustando o estado de consciência. Em alguns dias, acabei notando que todo ser vivo tinha essa luz difusa em volta e que haviam fios de algodão-doce não-físicos conectando tudo. E quanto a matéria inorgânica, pensei. Movi a atenção para prédios, linhas de energia e outros.

Para meu assombro, havia uma luz branca menor, uniforme e rente, ao redor de tudo! A luz ao redor das linhas de energia tinha movimento e era mais emaranhada, do que aquela ao redor dos postes. Incrédulo olhei repetidamente para ter certeza. Balancei a cabeça, fechei os olhos e os abri novamente. O que via permaneceu. Supus esta luz estranha, como sendo alguma representação de energia vital. Prédios, postes telefônicos e cabos com energia vital? Sabia que tinha que descartar essa ideia. A luz em volta dos cabos dançava. Imediatamente pensei no que veria ao redor de um aparelho elétrico. Dentro das coisas haveria uma aura também, ou teria a ver com a luz do sol? Olhei para o relógio na parede. Não apenas havia luz ao redor dele, mas ela estava altamente estruturada e em movimento estável. Olhei para a calculadora programável e vi um padrão complexo finamente estruturado. A coloquei para funcionar – o padrão mudava e cintilava enquanto ela funcionava. Agora estava novamente maravilhado. Para o que é que eu estava olhando?

Em poucos dias notei que as pessoas tinham auras a sua volta que mudavam e cintilavam enquanto conversavam comigo sobre coisas importantes em suas vidas. Uma sala de cinema não apenas continha pessoas comuns, mas também filas de formas coloridas em turbilhão. Eu podia desligá-las todas, ou qualquer delas, pela troca de estado de consciência. Anos depois, precisaria apenas mudar a minha intenção.

As conexões ligando coisas vivas, se tornaram visualmente óbvias. Podia literalmente ver que tudo estava conectado. Mesmo coisas inanimadas como relógios e computadores, tinham seu padrão complexo de energia não física em movimento. Isto não aconteceu com Dennis. Talvez ele não tivesse mergulhado na exploração da **NPMR** e sua teoria tanto quanto eu. Eu era extremo na dedicação e empenho. Geralmente crescemos de maneiras diferentes em épocas diferentes e, eventualmente, acabamos

com experiências similares. Estávamos nessa coisa juntos e eu discutia minhas experiências - vendo formas de energia – com o Dennis, à medida que elas aconteciam.

Um dia ele trouxe uma foto com cinco pessoas e a jogou sobre minha mesa. “Estes são todos Soviéticos,” disse, “um deles encabeça uma pesquisa sobre atividade psíquica. Qual deles é o psíquico?” Nunca olhei fotos dessa forma antes, mas com a intenção focada, suas auras brotaram exatamente como se fossem pessoas de carne e osso. “Essa foi fascinante!” pensei. Intenção consciente é tudo – espaço e tempo não são fundamentais. Uau!

“Qual deles é o psíquico?” Dennis perguntou novamente.

Olhei a foto de novo, seguro o bastante, de que um deles tinha um corpo de energia muito mais desenvolvido – particularmente ao redor e acima de sua cabeça – do que os outros. “Este aqui é diferente dos outros.” eu disse apontando para um dos homens da foto. “Eu ainda não sei o que essa diferença significa,” avisei, “mas este é definitivamente diferente dos outros”. Clarividência era ainda uma experiência nova e eu não sabia o significado de muito do que via. Neste ponto, estava mais formulando as conexões básicas e não tinha pensado sobre auras terem algum significado único.

Dennis olhou para mim e sorriu. “É esse.” disse com entusiasmo.

Eu estava surpreso, Dennis sabia a resposta – era um teste! Não me importei; na verdade gostei, uma nova informação aparecia e tinha aprendido algo valioso e impressionante, sobre tempo e espaço serem um subconjunto de uma realidade maior. “Tenho tanto a aprender,” pensei de repente sobrecarregado pela incomensurável profundidade e complexidade da realidade. Dennis voltou ao seu escritório. Respirei fundo e me perguntei sobre o que viria a seguir, para onde tudo estava indo, o que mais estava lá fora esperando ser descoberto? Me senti pequeno, humilhado pela enormidade da minha ignorância. Estava claro, que mal tinha começado a arranhar a superfície de algo tão imenso e fundamental, que mal podia ainda imaginar.

Ao mesmo tempo, estava animado pelas possibilidades e determinado a descobrir qualquer coisa que pudesse, sobre a natureza da realidade. Sou um físico e ciência e descoberta são minhas paixões – Nasci querendo saber porque e como. Depois de vinte e dois anos de estudo contínuo, percebi que estudara apenas um pequeno subconjunto do mundo natural. Era jovem, meu aprendizado parecia estar acelerando, e a realidade era mais legal, mais complexa e mais interessante do que eu podia sequer ter imaginado. Para alguém como eu, não tem coisa melhor – estava energizado para descobrir qualquer verdade que se rendesse à minha experimentação.



## 12

### O Fim de Uma Era

De volta aos laboratórios entre a metade e o fim dos anos 70, organizar seminários dominava tudo. Estávamos sobrecarregados com a demanda. Pessoas de todos os lados clamavam por experimentar os áudios gravados do Bob Monroe — e tudo partindo apenas da comunicação “boca a boca”. Bob viu uma oportunidade econômica no horizonte. Ele era um homem de negócios, e este negócio (ajudar nas instalações e manutenção do laboratório) tinha sido um constante dreno financeiro. Ele eventualmente teve êxito, mas a pesquisa básica foi a primeira baixa por alguns anos.

Eventualmente, ele conseguiu voltar a fazer pesquisa básica a um nível bem mais alto do que tinha sido feito antes, assim como ofertar para milhares de pessoas, uma experiência enriquecedora e capaz de mudar a vida delas. Mas tudo aquilo levou tempo e a era do Bob, Dennis e Tom trabalhando até altas horas da madrugada, tentando fazer ciência extraída da estranheza que tinham descoberto, já era. O seu tempo já tinha por direito acabado, o destino tinha sido extraordinariamente gentil e nós terminamos numa nota longa, alta e doce. Cada um de nós estava pronto para alargar o horizonte dos seus esforços, de sua própria forma. Era tempo de voarmos alto, descer a ladeira ou nos arrebeitar por nós mesmos.

Ao final, ficou provado que Bob estava certo como de costume. Ele capitaneou seu navio desde o lançamento inicial incerto, através das correntezas cheias de truques, da rejeição de mente fechada pela maior parte da sociedade, enquanto ao mesmo tempo habilidosamente evitando áreas rasas de respostas fáceis, seguras e geralmente aceitáveis. Com Bob

no timão os altos padrões de provas exigidos afastaram piratas e charlatões que quiseram cooptar seu sucesso e usar seu trabalho duro para ganhar credibilidade. Através de dedicação e ciência honesta, integridade pessoal e conhecimento intuitivo que era estável e confiável, Bob otimizou seus dons para o bem maior.

Não quero deixar a impressão de que o Bob, Dennis e eu éramos os únicos exploradores nos Laboratórios de Pesquisa Whistlefield durante o início dos anos 70. Havia outros que também fizeram importantes contribuições para o esforço geral do Monroe. Alguns se tornaram regulares fazendo conexões estendidas de várias durações, enquanto outros foram meramente passantes trocando conhecimento, como abelhas polinizando flores selvagens. Nancy Lea se uniu ao esforço de pesquisa com Dennis e eu depois de sua graduação na faculdade e logo se tornou parte integrante do time, coletando evidências, testando conceitos, participando de explorações individuais e em conjunto — até mesmo soldando fios vez por outra. Ela começou a tomar mais e mais da carga de trabalho conforme Dennis e eu atingimos e passamos nossos limites de tempo disponível. Eventualmente Dennis e eu precisávamos ir para casa para nossas famílias.

Nancy Lea assumiu as operações dos seminários e depois de alguns anos de sucesso em gerenciar e construir o negócio, se tornou diretora do Instituto Monroe de Ciências Aplicadas. A descrição mais verdadeira é que o esforço geral em Whistlefield foi feito em conjunto. Era um lugar movimentado com um monte de coisas acontecendo e muitos participantes dedicados, talentosos e interessados.

O fim de qualquer era precisa necessariamente dividir o tempo de palco com o início de uma nova era. Com as demandas das atividades em Whistlefield reduzindo, eu tinha mais tempo para integrar e assimilar o contínuo turbilhão das extraordinárias experiências que tinha encontrado. A natureza da realidade, a Ampla Visão que trouxe coerência para a riqueza de dados coletados, começou a tomar forma em minha mente. Qualquer modelo ou teoria, tinha de consistentemente contabilizar e conter acuradamente, a totalidade da minha experiência — as raízes da qual corriam mais profundas do que tinha previamente imaginado.



## 13

### Era Uma Vez a Muito,

### Muito Tempo Atrás

Tenho dito frequentemente a muitas pessoas que curiosas sobre a possibilidade de aprender o que aprendi, que se um físico cabeça-dura como eu podia fazê-lo, qualquer um poderia. Diria que comecei de uma partida a frio sem qualquer talento especial e aprendi a partir do zero, do jeito duro. Se consegui, eles conseguiriam – provavelmente com menos problemas. Arrastar o Sr. Spock do convés da Enterprise para o “Além da Imaginação”, com a lógica intacta e não comprometida, foi um processo lento e tedioso. A maioria talvez aprendesse mais rápido que eu, mesmo se não tivessem o tempo ou a inclinação para a imersão minuciosa que eu tive.

A questão acima continua fundamentalmente verdadeira – qualquer um pode aprender o que aprendi – mas é um fato mandatório que a afirmação anterior contém uma pequena “incorreção”. Minha partida, não foi tão a frio quanto pensei no início. Após me tornar familiar com a experiência fora do corpo (**OOBE**) e com a **NPMR**, percebi que já tinha feito estas coisas antes. Velhas memórias enterradas, voltaram claras como cristal, agora que tinha o conhecimento e a perspectiva para compreendê-las.

Quando tinha entre cinco e oito anos de idade, alguns seres não-físicos amigáveis me ajudavam a ficar fora do corpo. Não era uma travessura aleatória. Tinham propósito. No começo brinquei com eles,

escorregando para fora pela parede do meu quarto no segundo andar e pairando pelo quintal. Eles me levariam para fora e eu iria brincar e planar. Me lembro bem da primeira vez que me percebi do lado de fora, flutuando a um metro ou dois acima do quintal, planando na direção desta densa cerca viva e percebendo que não sabia como virar ou parar. Agarrei minha cabeça e me enrolei como uma bola esperando uma dolorosa colisão. Para meu completo espanto, planei direto por ela e sai do outro lado, sem interagir com a mesma. Uau! Maneiro! Isso foi divertido!

► Um aparte curto segue para te ajudar a encontrar a perspectiva correta. A maioria das crianças, particularmente aquelas menores de sete anos, tem experiências fora do corpo espontâneas e totalmente conscientes. Seus pais lhes dizem, que são apenas sonhos sem sentido e elas se esquecem deles. Essas experiências, geralmente são inofensivas e divertidas para as crianças. Você pode lembrar de alguma experiência fora do corpo se sua memória for boa e a experiência for dramática.

A maioria dos adultos tem viagens fora do corpo espontâneas também, mas são tipicamente, **não** muito conscientes e, assim não se qualificam. Experiências fora do corpo, como fenômeno ou acontecimento, é muito mais comum do que estranho. **OOBE** (*Out-of-Body Experience* – Viagem Fora do Corpo) parece estranho, porque as limitações que colocamos em nossos conceitos de consciência e realidade, nos forçam a rejeitar muitas das funções mentais que estão naturalmente disponíveis para a nossa espécie e a entender mal, o propósito das atividades mentais enquanto estamos dormindo. É como se nascêssemos com pernas boas, mas nunca aprendêssemos a andar porque a habilidade de engatinhar precede a habilidade de andar e todo mundo, estivesse completamente adaptado a engatinhar por aí, em uma estrutura social que estigmatiza não-engatinhadores não conformistas como sendo malucos. ◀

Eventualmente, comecei a conversar com estes seres prestativos. “Como eu posso fazer isso (sair do corpo) quando quiser?”, queria saber. Eles ensinaram várias técnicas. Pratiquei diligentemente e obtive resultados. A cada vez eu perdia a consciência por alguns segundos, recuperando-a depois já no estado fora do corpo. “Eu quero estar consciente o tempo todo,” reclamava eu, pensando que preferiria ser mais autossuficiente.

“Você não gostaria,” eles disseram, “Te apagamos por um curto período durante a transição para tornar o processo mais confortável”.

“Eu quero fazer mesmo assim” protestei.

Finalmente concordaram. Comecei imediatamente a aplicar uma das técnicas. Enquanto o aqui e agora começava a desaparecer até o esquecimento, uma consciência muito mais rica e completa se enraizou e começou a florescer. Abruptamente meu corpo começou a vibrar. A amplitude das vibrações foi crescendo cada vez mais e mais – meu corpo se tornara plástico e era agitado como uma bandeira tremulando em vento forte. Uau! A violência das oscilações me assustou. Imediatamente retornei à minha realidade física normal, deitado e quieto em minha cama. “Ok,” disse eu, “vamos tentar isso de novo”. A mesma sequência repetida diversas vezes – Eu aparecia de volta na realidade física depois das oscilações ficarem grandes, rápidas e violentas. “Ok,” disse eu, “façam vocês”. Quase instantaneamente acordei no estado de fora do corpo.

Eles venceram. Nunca mais os incomodei sobre fazer do meu jeito. Agora entendo. Aquelas oscilações violentas não eram necessárias. Eles simplesmente não queriam que eu me tornasse independente demais. Percebi que quando estava fora do corpo, era um adulto, e não um pequeno garoto. Aquilo era maneiro. Quando eu voltava, era uma criança de novo. Saía com meus mentores não-físicos quase todas as noites. Eles adoravam me ensinar e eu adorava aprender – nos divertimos bastante.

Em uma noite, minhas aventuras no espaço interior tomaram um rumo inesperado que, posteriormente, não deixou nada como antes. Desconhecido para mim, a fase um tinha acabado e a fase dois estava para começar. Sem aviso prévio, eu fui colocado para começar uma bateria de exames que iriam determinar a qualidade do meu ser. O quão evoluído como uma entidade eu era? O quanto eu tinha aprendido e crescido com a ajuda dos meus mentores? Quais eram os limites do meu entendimento? As perguntas, ou mais precisamente as situações, eram apresentadas para mim com múltiplas escolhas que se tornaram progressivamente mais difíceis. A primeira pergunta era mais verbal. “Você preferiria ter este tesouro (eu vi uma imagem) ou aprender algo novo?” A resposta era óbvia: conhecimento era muito mais valioso que bens. Era tão flagrantemente óbvio de fato que eu decidi fazer uma piada. “Apenas me entregue a pilhagem, ” disse sarcasticamente na minha melhor voz de gangster, “Eu sempre consigo aprender algo novo por mim mesmo. ” Na hora, eu não percebi que aquela

era a primeira pergunta de um longo e especialmente sério teste. Meu mundo explodiu.

BZZZZZZZZZZZZ!! Errado! Eu fui instantaneamente transportado para um lugar totalmente diferente.

“Ele errou a primeira pergunta!”

“Ele não está pronto!” eu ouvi alguém exclamar com surpresa e desapontamento.

“Mande-o de volta!” Algum outro gritou, “ele falhou no teste.”

“Teste?” Disse, me sentindo um pouco como Alice no castelo da Rainha. “Não sabia que era um teste, estava brincando, sabia a resposta, pensei que alguém estava brincando comigo – dando escolhas bobas – então estava sendo bobo em resposta”. Um painel de júri que estava lá para administrar e avaliar meu exame voltou no tempo, inspecionou minha mente pelas minhas motivações verdadeiras – evidentemente não esperavam um sabichão.

Meus advogados se aproximaram do tribunal para atestar sobre o meu preparo. Eu estava aliviado por alguém estar do meu lado. Não sabia quem eram, mas estava feliz de estarem lá. O tom de repente ficou pesado como se algo terrivelmente importante estivesse acontecendo. Dois juízes disseram “Falha é falha – mande-o para casa”, enquanto os outros três disseram “Continue o teste, vejamos o que ele pode fazer.” Um juiz de nível maior foi consultado e foi decidido que me seria dada uma segunda chance. Era óbvio que havia alguma política rígida envolvida que eu não entendia.

A tensão estava espessa como piche; esses juízes pareciam não gostar uns dos outros e havia uma forte hostilidade competitiva entre os dois grupos. Eu sabia que era algum negócio realmente sério, mas não sabia o que estava fazendo no meio disso tudo. Estava claro que o que estivesse acontecendo era importante para mim e importante para outros por razões que eu não entendia. Estava grato pela chance de mostrar o que realmente sabia. Meus advogados que estiveram evidentemente trabalhando comigo por um bom tempo para me preparar para este primeiro teste, estavam quase apopléticos. Seu alívio na minha segunda chance era imenso, mas continuaram preocupados. Era como se seus mais importantes planos, carreiras e reputações estivessem pendurados na balança – e lá estava eu, de certa maneira um imprevisível humano cabeça-dura incorporado.

Instantaneamente eu estava de volta ao espaço de testes. A primeira questão foi repetida – foi uma repetição precisa daquilo que eu experimentei anteriormente. Supus que este era um conjunto fixo de questões padronizadas e que tinham que reiniciar a série do começo mesmo que a primeira pergunta e suas respostas tivessem sido reveladas. Questão atrás de questão, situação atrás de situação era colocada a minha frente. Evidentemente fui bem porque quando você erra, está acabado. Haviam problemas que testavam o ego e desejo com tentações sexuais – algumas das quais eram bizarras. Haviam escolhas entre ajudar os outros e perseguir seu caminho pessoal. Brincaram com minhas emoções e com meu ego, tentaram incitar medo e sondaram o quão bem eu realmente entendia o amor.

Eventualmente, eu não tinha ideia sobre como abordar um problema – Fui com meu melhor palpite e o teste terminou abruptamente. Estava de volta ao meu corpo, transformado em uma criança de novo embora meu espaço mental mantivesse sua natureza adulta enquanto estivesse no estado alterado. “Caramba,” pensei, “o que foi aquilo?”. Como uma criança, eu geralmente mantinha uma memória clara do que acontecia, por um curto tempo ao menos. Mas não me relacionava com ela. Desde então, foram pelo menos cinco vezes em que fui levado da frente de um painel de júri, por causa da minha peculiar e imprevisível natureza humana. Até agora, tenho vencido. Devo ter, como se diz, uma ficha criminal de um quilometro de extensão.

Cerca de vinte e três anos mais tarde, o evento que estimulou minha memória aconteceu. Estava na casa do Bob na tarde de um fim de semana, quando ele começou a comentar sobre um exercício de treinamento em que eu estive envolvido na noite anterior. Sessões de treinamento regulares projetadas para desenvolver a minha eficiência na **NPMR** começaram a sério novamente, assim em que eu retomei ciência dentro da realidade maior. Bob tinha estado na plateia observando meu desempenho. Ele ficava me contando sobre o que eu tinha feito. Eu estava surpreso, não porque ele podia saber, mas porque geralmente ele não estava envolvido nas minhas **OBE** s.

Ele sabia sobre cada movimento que eu fiz e começou a brincar comigo sobre uma comemoração que fiz ao fim de uma série particularmente difícil – do mesmo jeito que os jogadores de futebol americano às vezes dançam na linha do gol. Estávamos rindo sobre isso,

quando ele me contou sobre um teste especialmente difícil pelo qual ele mesmo passou. Ele começou a descrevê-lo. Após ele descrever o terceiro teste nessa longa série, eu o parei. Ele sabia que havia algo. Agora era a minha oportunidade de deixá-lo perplexo.

Minhas experiências de vinte e três anos antes me inundaram de volta em uma torrente que jorrava enquanto ele descrevia os três primeiros testes. Eu o fiz esperar enquanto juntava meus pensamentos. Disse a ele sobre o que era o quarto teste. Seu queixo caiu. Nunca tinha visto o Bob sem fala antes. Descrevi o quinto teste. Ele estava estupefato. Percorremos o restante do teste, alternando quem dava a descrição do problema presente. Estranho o bastante, “tomamos bomba” no mesmo ponto do teste, mas com respostas diferentes. Evidentemente nenhuma estava correta, ou era a última pergunta. Sem dúvida aquele era um teste padrão. Desde aquela época, encontrei com vários outros que experimentaram alguma sequência de eventos enquanto estavam na **NPMR**, que eram idênticos na forma, função e conteúdo, a eventos que eu mesmo experimentei.

De volta ao começo dos anos 50. Imediatamente após meu primeiro teste, fui colocado em aulas regulares de treinamento. A cada noite por quase um ano, era colocado em situações, me eram dados trabalhos a fazer, e depois testado por meus treinadores. Nunca me foi dito para o que estaria treinando. Trabalhei duro. Depois que minha primeira avaliação principal quase se torna uma catástrofe, passei a levar isto a sério. Era mais trabalho do que diversão. Estava aprendendo a controlar a minha mente, a manipular energia não física, a fazer as escolhas certas pelo motivo certo, a pensar e agir rápido. Estava aprendendo a seguir instruções e a quebrar velhos hábitos conceituais da **PMR**. Estava me tornando efetivo e eficiente na **NPMR** – Estava aprendendo foco e controle. Eventualmente, após muita prática, comecei a me sentir competente e forte, como um atleta pronto para entrar na arena.

E em uma noite, já não havia mais treinamentos. Não retomaria o esforço até quase vinte anos mais tarde, mas eu não sabia disso naquele momento.



## Este Moleque Já É Muito Estranho

Eu não sabia ainda, mas meu tempo de aprendizado no não-físico estava para chegar ao fim por um longo período. Minha mente iria tipicamente mudar para o modo adulto e eu me distanciaria das fronteiras entre o acordado e o dormindo. Tinha passado uma semana ou mais, desde que meus instrutores vieram para me levar a uma aula e por alguma razão, eu não tinha me decidido a ir sozinho. Era tempo de voltar para aquilo. Comecei a deslizar para fora do corpo sem assistência dos instrutores. Agora já era fácil. Imaginei onde estariam meus professores — porque não teriam vindo?

“Oh bem, isto vai ser divertido”, pensei com grande antecipação. Fiquei quieto por um momento, “Onde deveria ir? O que deveria fazer?” Meu treinamento tinha sido altamente estruturado, não estava acostumado a tanta liberdade. “Talvez eles quisessem ver o que eu faria por minha conta”, pensei. Pensei que provavelmente estariam me espiando.

Bem subitamente, alguém me parou nos calcanhares me empurrando fortemente de volta ao corpo.

“Ei”, disse eu, “o que você está fazendo — não pode fazer isso comigo”!

“Sim eu posso”, voltou uma resposta firme e autoritária.

“De fato”, ele continuou, “fui instruído a selar esta passagem. A você não será mais permitido sair do corpo”.

“Se isso é um teste, não estou entendendo”, pensei comigo mesmo enquanto me esforçava para encontrar a resposta adequada. Não era um teste. Havia dois deles, mas somente um falou — eram trabalhadores enviados para fechar e selar a porta das minhas experiências na **NPMR** (realidade não-física-material). “Têm certeza que pegaram a pessoa certa?”, desafiei, “Deve ser algum engano”. Esperei enquanto ele checava esta possibilidade.

“Sem enganar”, disse ele olhando para ordem de trabalho, “você é o próprio”.

“Mas por que?” implorei.

“Você é uma jovem criança, não é?” ele disse.

“Sim, mas somente meu corpo”, repliquei. “Isto nunca foi um problema antes”.

“Você já completou o que estava fazendo”, disse ele de forma decida, “e agora eles não querem que você cresça demasiadamente estranho. Você sabe o que eu quero dizer — precisa crescer como uma criança normal e desenvolver uma personalidade saudável.

Demasiada experiência deste outro mundo faria de você um estranho que não se encaixaria confortavelmente no mundo em que vai crescer”.

“Posso lidar com isto”, protestei, “não tive nenhum problema até agora”.

“Você não tem escolha”, ele disse enfaticamente. “Acredite em mim. Pode ser fácil agora porque você está em uma realidade de cada vez, mas à medida que fica mais velho, se tornaria um problema para você lidar com múltiplas realidades de forma simultânea”.

Acreditei nele e intuitivamente sabia que estava certo. E também não tinha escolha. Ele era bem mais poderoso e experiente do que eu. Sabia que não poderia colocar pensamentos na cabeça dele. Nem tentei. “Será que algum dia vou ser autorizado a voltar novamente? Algum dia você vai destravar esta porta?” Perguntei esperançosamente.

“Não sei”, disse ele secamente como se não tivesse nada com isso.

“Você pode descobrir pra mim?” Implorei, “por favor procure e veja”. Não creio que tinham permissão para descobrir este tipo de coisa, mas devo ter soado muito desesperado e triste. Nenhum dos trabalhadores disse nada, mas ambos pareceram olhar longe na distância. Foi um olhar longo e intenso. Subitamente ambos emitiram um forte suspiro — como se tivessem sido surpreendidos e chocados simultaneamente. Ficaram momentaneamente atordoados e permaneceram quietos por alguns segundos.

“O que foi?”. “O que estão vendo?”. Me esforcei para ver a figura que estava na mente deles, mas não consegui. “Será que vou atravessar esta porta novamente? Por favor me digam”. Ambos os trabalhadores agora tinham a expressão de alguém, que tinha sem querer invadido alguma coisa que não se supunha que soubessem. Ambos tinham se tornado altamente focados no que estavam fazendo e agora estavam bem pouco comunicativos e com pressa. Olharam um para o outro preocupados. Podia sentir que estavam bem mais que apenas um pouco preocupados. Podia captar o sentimento deles e conseguia pegar também alguns poucos pensamentos superficiais, mas os eventos surpreendentes que tinham visto estavam segura e propositalmente indisponíveis.

Como poderia a informação que tinham inadvertidamente encontrado sobre meu futuro, deixá-los em tanta confusão. Eu estava estupefato. Minha preocupação e perplexidade geral estava crescendo rapidamente. Eles tinham a sensação de risco pessoal eminente. Depois de uma rápida discussão informaram uma autoridade maior sobre a situação — outros que estavam conectados de alguma forma, foram trazidos. A segurança estava reforçada. Decisões foram tomadas rapidamente — e aparentemente um plano B foi posto em ação, assim que todos menos os dois trabalhadores desapareceram.

O problema não era o fato dos dois trabalhadores terem quebrado alguma regra por olhar adiante para mim — isto foi um tema relativamente pequeno, que poderia ser e foi rapidamente esquecido. O problema era que agora, sabiam alguma coisa que não eram supostos saber. Eu estava

perplexo, e não conseguia ter a mínima ideia, sobre o que estava causando toda esta preocupação. “Aquilo que vocês viram... qual é o problema... o que está acontecendo?” perguntei de uma forma quieta e séria tentando soar como se fosse um membro do time, que tinha por alguma razão inevitável, apenas acontecido de perder a conversa prévia. Eles tomaram uns poucos segundos para terminar o que estavam fazendo e então vagarosamente se viraram para mim, pararam e me fitaram, com um espanto zombeteiro por alguns momentos. Se olharam por um breve momento e então uma vez mais para mim. Sem dizer nada, bateram fortemente a porta. Fui isolado.

Da forma como ficou, não acabei totalmente isolado. Não haveria mais experiências fora do corpo por um bom tempo, esteja certo, mas ainda tinha amigos. Na minha mente, eu podia de forma fácil me comunicar telepaticamente com meus guias. Eu ainda não os chamava daquela forma, mas esta era seguramente sua função.



## Com Uma Pequenina Ajuda de Meus

### Amigos: Como Está Sua Vida Amorosa?

Eu sempre soube que haviam entidades não físicas disponíveis para me ajudar. Elas olhavam por mim e eu sabia disso. Eram amigos não-físicos que eram mais velhos e sábios e que sabiam o que estava por vir. Acho que muitas pessoas têm esta sensação de ter quem os ajude. Quer você interprete isto como uma manifestação religiosa (Deus, ou anjos da guarda por exemplo), ou simplesmente deixá-los existir inominados dentro da sua imaginação, parece ser primariamente função do seu sistema de crenças culturais e temperamento.

Quando precisava, intuitivamente solicitava meus guias e dependia deles. Quando eu não precisava, os esquecia. Quer estivesse consciente deles ou não, eles estavam sempre comigo, eram as vezes minha intuição, minha sorte, meus conselheiros, meus camaradas - e fizeram um esforço especial em me manter vivo. Risco e ousadia sempre foram dois dos meus parceiros favoritos e companhia mais estável - Eu não era um caso fácil.

Duas vezes em particular, esses guias me deram informação precisa sobre meu futuro. Em ambas foi em resposta a questões sobre relacionamento, que continham forte conteúdo emocional e intelectual. Uma vez, aos catorze anos, enquanto esperava o ônibus escolar me levar para casa, perguntei frustrado sobre a possibilidade de ter uma vida amorosa bem-sucedida algum dia. Ao invés de se divertirem com minha condição púbere patética, eles passaram a traçar o mapa de relacionamentos do resto da minha vida. Cada relacionamento significativo com imagens e

descrições detalhadas, em sequência e rápida sucessão. Revisei várias vezes em minha mente para não esquecer facilmente.

Até hoje, lembro claramente da maior parte da conversa. Foram feitas previsões precisas que falavam de vinte anos adiante no futuro! Como podiam fazer aquilo? Não sabia ao certo - devia ser uma pessoa excepcionalmente previsível. Previram em especial que "aquela única", a conexão duradoura final, seria com uma mulher que na época tinha apenas dois anos!

"Dois," proferi, "vocês devem estar brincando! Vou me casar com algum bebê de dois anos! Vamos lá pessoal, não posso esperar tanto! Tem que ser uma piada! Certo?" Não era piada, aos quatorze não era isso que eu queria ouvir. "Isso está tão longe, como vocês podem prever?", perguntei. Eles não responderam. "Eu conheço esse bebê?" perguntei.

"Não," eles disseram "ela não é deste estado."

"Grande," pensei, "um monge para sempre!"

"Haverá outras antes dela," disseram me consolando."

"Certo, claro, mas qual é o ponto, se não são 'a única'," respondi com um óbvio desapontamento.

"Não, elas não serão 'a única', mas serão importantes e necessárias," os guias responderam com grande paciência.

Dei um suspiro de resignação. Eles nunca brincaram e estavam, até onde eu sabia, sempre certos. Discutir com os guias era até mais fútil do que discutir com sua mãe.

Dei uma pausa e voltei ao meu interior. Comecei a me lembrar de uma experiência. Há alguns anos, quando tinha doze, havia sorratamente dado uma olhada no pôster da garota do mês de uma revista masculina em uma banca de jornais, enquanto o proprietário estava ocupado tocando as vendas. Ao ficar extremamente impressionado com o que vi, pensei se teria uma mulher como aquela para ter e abraçar.

Para a minha surpresa, uma resposta começou a ser transmitida a minha mente.

"Sim," foi dito, "você terá uma que se parece muito com esta... ela vai atender todos os seus desejos," meus guias acrescentaram com uma pitada de diversão. "Irá realmente te amar - os dois estarão fortemente conectados" e me deram uma ideia da qualidade do relacionamento.

Uau! Pensei. Fiquei animado - o cara vivo mais sortudo - porque meus guias sempre sabiam do que estavam falando. Eles eram sempre seguros e confiantes e nunca adivinhavam ou especulavam. "Quando?" Perguntei animado, "quando me encontro com ela?"

"Quando você tiver trinta e cinco anos ", disseram categoricamente.

Fiquei totalmente devastado. "Aaahhh, cara, isso já é muito velho - digo, muito, muito velho! Você tem alguma ideia de quão longe é trinta e cinco quando você tem apenas doze? É para sempre!" reclamei.

"É assim que tem de ser", disseram sem qualquer traço de emoção. Tive a sensação de que eles não estavam sequer espantados com minha reação.

Enquanto a memória fluía para dentro da minha consciência, a conexão era imediatamente óbvia. Aquele bebê de dois anos e a minha princesa do pôster eram a mesma pessoa. 'Interessante, mas totalmente inútil,' pensei. O futuro romântico imediato, que era o que tinha mais interesse em ver, seguia tão sem graça como sempre.

Outro caso ocorreu quando, aos vinte e um anos, estava prestes a me casar após me formar na faculdade. Estava tendo dúvidas, quando uma experiência similar aconteceu. O futuro foi delineado. Novamente "a única" foi descrita e predita. O problema era, que acontecia de não ser a pessoa com a qual estava para me casar! Sim, era para eu me casar. Sim, eu teria um filho. Não, não duraria para sempre. "Mas por que fazer isso agora se ela não é 'a única'?" Argumentei, e continuei com "Não é justo com ela e com a criança."

A resposta veio clara e direta: "É o que você deve fazer; é parte de um plano maior. Case com ela. Este é seu próximo passo, e será a melhor coisa para todos, inclusive para ela. Tudo vai dar certo." Deu certo. Deu certo.

Tudo que disseram aconteceu como disseram que seria, exceto por uns poucos itens, no distante fim da linha do tempo em questão que ou mudaram sua probabilidade de acontecer ao longo dos anos (que é o que eu penso) ou ainda estão na fila.

Caso esteja curioso, aos trinta e cinco anos (estou escrevendo estas palavras no ano 2000, aos cinquenta e cinco anos) comecei um relacionamento com "a única" que é doze anos mais jovem que eu (tinha quatro quando eu tinha catorze). Temos três filhos (exatamente como previsto) que adoram seu meio-irmão mais velho Eric. A vida é boa.

Como você pode ver, não é exatamente verdade, que tive uma partida a frio na MT aos vinte e quatro anos. A vida tem sido boa comigo e eu havia esquecido quase tudo do que acabei de contar. Para um jovem excessivamente cético, cabeça-dura, do tipo fanático por ciência que fez um esforço concentrado (e relativamente bem-sucedido) em remover todos os seus sistemas de crenças e que era naturalmente cauteloso, sobre qualquer coisa que não pudesse ser diretamente medida, certamente parecia na época, como se fosse uma partida gelada.



## Lá Vamos Nós De Novo

No começo dos anos 70, aquela porta para a **NPMR** que tinha sido fechada na minha cara vinte anos antes, foi novamente escancarada. Eu estava de volta à **NPMR** com a missão de entender aquilo tudo - desta vez sob a perspectiva de um cientista. Pelo final dos anos 70, Bob e o laboratório estavam fazendo suas coisas e eu estava fazendo as minhas, de forma independente. Tinha aprendido que os assim chamados fenômenos ou poderes (eventos paranormais) eram somente o desenvolvimento de um caminho bem tomado, não o objetivo ou o destino. Tornar-se muito enamorado do fenômeno paranormal, pode distrair você de temas mais importantes e atrasar ou impedi-lo de alcançar desenvolvimento adicional.

Também aprendi, que a visão mais ampla estava centrada na qualidade da sua consciência, na evolução do seu ser e que minha experiência, poderia ser cientificamente explicada. Eventualmente, ficou claro que a taxa de aprendizado se acelera. Quanto mais você sabe, mais rápido aprende. Indo adiante para os anos 80, eu estava na rampa de lançamento, me preparando, aprendendo e treinando. Então as coisas realmente decolaram. O ritmo nunca foi reduzido e meu interesse e dedicação nunca diminuíram. Ainda hoje mais dados continuam chegando em grande quantidade.

De um outro ponto de vista, nada de excepcionalmente estranho realmente aconteceu. Muitas crianças em torno da idade de cinco a sete anos costumam ter experiências pouco usuais em seus sonhos. Acabei sendo capaz de lembrar das minhas e entendê-las dentro de um contexto maior. Da mesma forma, muitas pessoas têm guias ou conselheiros não-físicos. Em nossa cultura isso algumas vezes ocorre dentro de paradigmas

religiosos. Tive a oportunidade incomum de trabalhar em um campo fascinante com um bom professor e aproveitei toda a vantagem disto, trabalhando duro, sendo dedicado e consciencioso em meu esforço. Isto foi apenas boa sorte (ou bom planejamento) -- estar no lugar certo na hora certa, com as credenciais certas, o interesse e a atitude corretos.

O que aprendi foi mais por virtude de trabalho duro e interesse focado do que por qualquer coisa fantástica, surpreendente ou estranha. Não houve mágica nenhuma, batida com a cabeça, nenhum alienígena do espaço exterior, nenhuma experiência próxima da morte e não encontrei nenhum profundo segredo místico, escondido em uma urna dourada enterrada debaixo das ruínas de um antigo monastério no Tibete. Houve boa ciência e esforço dedicado, aplicado a uma oportunidade -- isso foi tudo. Essencialmente, trabalhei meu caminho para onde estou hoje e não tenho arrependimentos. Na realidade, me sinto extremamente sortudo por ter encontrado o caminho no qual estou. A palavra “estranho” é relativa. Qualquer coisa não mundana precisa, necessariamente, **parecer** estranha para aqueles que não a experimentaram.

Hoje trabalho como físico em uma companhia de engenharia de serviços que se especializa na pesquisa e desenvolvimento da defesa de mísseis, e se você me viu ou trabalhou comigo, não pensaria de forma alguma que sou estranho. Ainda, em outro ambiente fora do trabalho, ajudei a guiar o desenvolvimento de um pequeno grupo de estudantes e outras pessoas interessadas em melhorar a qualidade de sua consciência. Aprendi a trabalhar harmoniosamente com o ambiente no qual me encontro. Porque a maioria do meu trabalho real foi focada no não-físico, tem sido fácil manter um perfil discreto na **PMR** .

Fui fortemente encorajado a compartilhar os resultados e conclusões das minhas explorações da realidade em que vivemos. É sobre isto que a “My Big TOE” trata. Espero que por saber como eu cheguei a ter esta experiência de alguma forma pouco usual e que fez este livro possível, você consiga ver aqueles conceitos pouco usuais com os quais terá que lidar em uma perspectiva mais ampla. Tendo encarado o mesmo dilema de análise

(este cara é louco ou o que?) que você encara agora, eu entendo completamente a sua posição.

Não existe forma simples ou satisfatória de julgar as informações nas quais essa trilogia é baseada, sem me conhecer pessoalmente. Ainda assim, espero que o que foi contado anteriormente, pelo menos ajude um pouco. Aqueles com sua própria experiência vão encontrar familiaridade no que tenho a dizer. Boa sorte, eu espero que você consiga ter tanto êxito quanto eu tive, ou pelo menos aprender algo de útil. Lembre-se, a evidência assim como a chave para compreensão, está dentro da sua própria experiência -- e em nenhum outro lugar.

## Seção 2

...

---

# Misticismo Desmistificado: As Fundações da Realidade

---

...



## Introdução a Seção 2

O que chamamos de místico é relativo à extensão do nosso conhecimento e entendimento. Se algum processo, fenômeno ou conceito **parece** estar além da nossa habilidade potencial de explicá-lo dentro do contexto da PMR (Realidade Física-Material), nós o descrevemos como místico. Muito do que foi considerado místico mil anos atrás é considerado ciência hoje e muito do que é considerado místico hoje será perfeitamente entendido por uma ciência futura.

Enquanto nosso conhecimento **objetivo** acumulado alcança seus limites e começa a se dissolver no ‘aparentemente impossível de conhecer’, o que está além do nosso alcance teórico **presumido** é definido como sendo místico. Tais presunções nasceram de nossas crenças sobre a realidade objetiva, assim, o que aparenta ser místico ou impossível de conhecer pela visão da cultura Ocidental simplesmente reflete as crenças culturais Ocidentais e o entendimento limitado da ciência contemporânea. Consequentemente, isto é uma dupla dose de ignorância (crenças culturais e conhecimento científico limitado) que define o que aparenta estar além da nossa consideração séria. Pense sobre isso da próxima vez que revirar seus olhos e bufar por associar universalmente o conceito de místico com ignorância (dos outros e não a sua, claro), tolice e disparate não-científico.

Para um indivíduo, o processo é mais pessoal. O que pode ser percebido por um indivíduo como sendo místico é relativo ao entendimento, conhecimento e ignorância dele mesmo. São nossas crenças pessoais que determinam o que consideramos como místico. Quer um indivíduo saiba pouco ou muito sobre a PMR ou NPMR (Realidade Não Física-Material), o

que fica além do alcance do seu entendimento pessoal pode ser: 1) interpretado por aquele indivíduo como algo místico; 2) interpretado por sua crença para se tornar algo que seja ajustável as suas necessidades; 3) considerado como ignorância temporária de algo teoricamente conhecível, ou; 4) considerado como ignorância permanente de algo teoricamente impossível de conhecer.

As conclusões de um indivíduo em relação ao que está além de seu alcance objetivo são necessariamente baseadas em crença a não ser que, é claro, a conclusão seja que não possa haver conclusões. Apesar disto, a maioria de nós abraça uma multidão de conclusões, tanto as de origem cultural como as baseadas-em-crença pessoal, com um grau de certeza tal, que apenas uma ignorância profunda ao nível ósseo poderia sustentar.

Crença é uma conclusão baseada em uma premissa mística. Cientistas podem **acreditar** que o que é desconhecido deve estar contido dentro do conjunto de dados da PMR e seguir a causalidade objetiva comum, mas essa **crença** ou artigo de fé, apenas expressa uma forma mais aceita de misticismo. Misticismo que apoie nossas crenças culturais é aceito como fato óbvio. Por definição, tal **crença** necessariamente aparenta ser a suposição mais razoável que uma pessoa racional (dentro daquela cultura) pode fazer. É assim que o misticismo comum expressado como crença cultural e pessoal é transmutado em uma fundação filosófica inquestionável. Vemos que a causalidade do materialismo Ocidental deve necessariamente florescer de uma fundação de suposição mística. Voilà! Fé torna-se ciência, ou, pelo menos, uma parte integral da atitude científica.

Os resultados desta transformação ilógica continuam numa reação em cadeia. Logo, ciência se torna verdade - ou pelo menos, o único juiz da verdade - e recebe a tarefa de definir a realidade. Assim, pela perspectiva Ocidental, o mundo das ideias e conceitos se bifurca, com a ciência e a verdade de um lado e filosofia e conjectura do outro. Embora a ciência seja importante porque ela produz uma lista maravilhosa de produtos físicos úteis, a filosofia é marginalizada porque ela produz nada além de argumentos inúteis. No ato final dessa comédia de erros, vemos que a ciência incapaz de sobrepujar a barreira dos seus antigos, e não mais úteis paradigmas baseados em fé, torna-se prisioneira das limitações das próprias crenças centrais. Enquanto a ciência luta com sua miopia autoinduzida, a filosofia tenta em vão imitar a ilusão científica de objetividade a fim de

parecer relevante. Isto não te lembra uma “farsa francesa” absurdamente complicada?

Ahhh, mas espere..., a peça não acabou - tem um final surpreendente! No entanto, você terá de fazer esta jornada comigo e “*My Big TOE*” - daqui até o fim da seção 6 - se quiser descobrir como esse drama se desenrola.

▶ Não tenha dúvidas, eu o estou deixando na espera. Por quê? Porque se eu contar o final agora, antes de discutir minuciosamente algumas das crenças e paradigmas atuais, você não iria "entender". Eu sei que você é experiente e brilhante, mas a questão não é esta. Enxergar a Visão Ampla requer mais do que capacidade intelectual. Também requer transcender sistemas de crença arraigados. Isso é algo que muitas pessoas não querem ou não são capazes de fazer - pelo menos não de maneira rápida ou fácil, se é que o farão. É por isso que uma trilogia é necessária em vez de um documento técnico.

Artigos acadêmicos fornecem um meio para se comunicar algo de valor, apenas se trabalhamos dentro de um sistema de crenças cultural e científico aceito. Conseqüentemente, conhecimento significativo novo é normalmente gerado ao darmos meticolosos e incontáveis pequenos passos a cada expansão dos detalhes na direção de algum objetivo específico. Cavar detalhes exige um processo mental totalmente diferente daquele usado para descobrir os paradigmas da Visão Ampla. Hoje, quase todos os cientistas continuam focados em esquadrihar detalhes de uma realidade exclusivamente circunscrita pela crença da ciência tradicional. O fato é: Você nunca será capaz de ter a Visão Ampla enquanto estiver focado nos *pixels* individuais politicamente corretos.

Como “*My Big TOE*” deve ir além dos sistemas de crenças tradicionais para introduzir um entendimento completamente novo da realidade, muito desta trilogia deve ser necessariamente gasto em ampliar a sua perspectiva. Tenha paciência e resista ao impulso de ir para o que pareçam ser conclusões óbvias, antes de ter consumido a trilogia inteira. Transcender velhos paradigmas e sistemas de crença é naturalmente um processo tão difícil de facilitar, quanto de se submeter.



Virá "*My Big TOE*" resgatar e reenergizar este sofrido drama da ciência embrutecida e filosofia marginalizada desfazendo o nó Górdio da crença limitadora, que as condena a pouco mais do que recolher os ossos do passado (simplesmente dando o próximo passo lógico, ou cavando ainda mais fundo nos detalhes das descobertas de ontem)? Poderá "*My Big TOE*" elevar com sucesso, a ciência, ao próximo patamar de entendimento enquanto simultaneamente retorna a filosofia ao seu lugar de direito, liderando a passeata do progresso humano com entendimento significativo e útil? Fique ligado!

O que espero cumprir nesta Seção é desenvolver os conceitos básicos necessários para apoiar uma teoria racional da existência - uma conceituação que forneça a fundação para uma Teoria de Tudo de Visão Ampla (" *Big TOE*" ) sensata. No processo, espero levar seus limites místicos (onde o conhecimento encontra a ignorância) de volta ao ponto onde o desconhecido residual não tenha importância potencial e não tenha interesse prático.

Uma "*TOE*" que não alcance além da PMR é apenas uma pequena "*TOE*" (Teoria de Tudo) confinada a PMR e limitada a uma causalidade local. Você consegue imaginar os elementos e limitação de uma Pequena "*TOE*" pela perspectiva de uma bactéria vivendo em seus intestinos?

Poderia uma aparentemente completa e abrangente (pelo ponto de vista da bactéria) pequena "*TOE*" se preocupar com a fusão nuclear acontecendo dentro do nosso sol ou a densidade e composição da nossa atmosfera? Não, claro que não; essas coisas não tem importância **direta** para a bactéria em nossos intestinos. Embora todas as coisas que vivem sobre a terra dependam da energia do sol e da composição e densidade da atmosfera da terra, a bactéria em seus intestinos não pode vivenciá-los diretamente - sua Pequena "*TOE*" precisa apenas descrever tudo que seja potencialmente passível de conhecer pela bactéria.

Para uma determinada consciência, a definição **prática** da palavra "tudo" significa tudo conhecível, importante ou significativo que possa interagir diretamente com essa consciência. Assim, o que constitui uma abrangente e completa Grande *TOE* é relativo à sua perspectiva, conhecimento e limitações. Essa Pequena *TOE* pareceria completa pela visão da bactéria, mesmo se ela negligenciasse incluir o dinheiro em sua conta bancária, as lâmpadas em seu refrigerador, ou o carro na sua garagem.

No entanto, estes itens podem **indiretamente** ter um efeito profundo no ambiente intestinal em questão.

Dinheiro, refrigeradores, lâmpadas e automóveis estão afastados demais (muito além do escopo prático, funcional ou teórico da Pequena TOE de uma bactéria) para serem compreendidos pela bactéria, ou para serem de qualquer importância **direta** para ela. Para a bactéria no intestino, a fonte da comida digerida descendo do estômago pareceria ser mística. As circunstâncias e processos econômicos, sociais e físicos que indiretamente resultam em uma comida particular sendo depositada no estômago, seriam além de místicos. Os mecanismos causais que dirigem e ordenam estes eventos e processos aparentemente místicos, são necessariamente invisíveis até mesmo para a mais brilhante das bactérias intestinais. As forças e relações que governam o crescimento do trigo e também a fabricação e o comércio do pão, ficam além da habilidade teórica da bactéria em imaginar, e estão, portanto, eternamente além da maior realidade que ela possivelmente possa compreender. Não fique surpreso demais se encontrar o *Homo Sapiens* em uma situação similar.

Está é uma pílula difícil de engolir, para muitos – especialmente os cientistas. O conceito de que possa existir um limite prático natural para a extensão do nosso conhecimento - um limite distante que nossa percepção pode não penetrar - é baseado na noção de que somos uma parte muito pequena de uma realidade muito maior. Este pensamento humilde corre contra a significância e auto importância que nós humanos colocamos sobre nós mesmos. Se nossa experiência é limitada a uma pequena parte de uma realidade maior, é razoável assumir que além do limite do nosso conhecimento possível, possa também existir uma série de fenômenos, interações, relacionamentos e acontecimentos ordenados, dos quais nossa realidade e existência dependam profundamente, mas sobre os quais nada podemos perceber **diretamente**. Permitir a possibilidade teórica externa de que nossa amada PMR possa ser uma realidade local (um subconjunto de algo maior) é o primeiro passo na direção de compreender uma visão ainda maior.

Esta possibilidade quebra o paradigma convencional da PMR ser tudo o que existe e a substitui com um paradigma mais ampliado que forma um superconjunto lógico - o conceito limitado de visão estreita está completamente contido dentro de um conceito mais geral de visão mais ampla. Se o paradigma maior e mais geral provê um entendimento melhor e

mais conciso dos dados disponíveis e também produz novos conhecimentos, abordagens e processos de valor, então a conceituação mais geral é também uma representação mais precisa, produtiva e verdadeira do todo. Um paradigma da realidade melhorado é aquele que amplia e aprofunda o espaço de soluções, disponível para os dados e problemas existentes, de uma maneira que seja prática e útil.

É tão fácil entender as limitações de uma bactéria quanto é difícil entender as limitações da nossa própria perspectiva. Isso é bem natural. Não conseguimos estar cientes, do que está além da nossa consciência. No entanto, podemos estar abertos para aprender novas coisas e, no processo, expandir o escopo da nossa consciência - portanto da nossa realidade - para seus limites mais exteriores.

No nível mais alto, onde qualquer Visão Ampla deve ser nítida e primeiramente desenhada, "*My Big TOE*" tentará conter todas as coisas conhecidas e conhecíveis. O que fica além da "*My Big TOE*" irá permanecer praticamente não conhecível (para sempre místico) por causa dos limites inerentes da nossa visão. Não obstante, tanto o místico como o além-místico será explorado enquanto vamos nos divertir com extrapolações lógicas que alcancem bem além da nossa capacidade de compreensão.

► "Conter o tudo conhecível? Derivar física da metafísica? Explicar o paranormal cientificamente? De jeito nenhum! Mesmo no mais geral nível teórico isso é completamente impossível - qual é a pegadinha? Este cara é louco ou o quê?"

Eu sei que a ideia de englobar ou delimitar "tudo conhecido e conhecível" soa improvável neste ponto - bem como o restante - mas isto não é tão inverossímil quanto você poderia pensar. "*My Big TOE*" não é apresentado a tal nível alto de generalidade, nem 'tão longe da chão' para conter pouco valor científico ou prático direto para o mundo real. Sem pegadinha, sem megalomania, sem paranoias hipotéticas, sem crenças patéticas - apenas ciência direta que melhor descreve os dados obtidos, provê uma riqueza de resultados práticos e um novo entendimento, que pode ser aplicado pessoal e profissionalmente por cientistas e não cientistas da mesma forma. Ao fim desta trilogia você será capaz de avaliar a precisão destas afirmações aparentemente impossíveis e sem substância. Até lá, o ceticismo de mente aberta é a

única abordagem que detém uma possibilidade de sucesso para qualquer um de nós. ◀

Começamos a explorar os limites externos da nossa realidade e ver o quanto recuaremos a fronteira. Geralmente somos de algum modo mais espertos do que uma bactéria, e estamos limitados, teoricamente, apenas pela capacidade de nossas mentes. Infelizmente, nós somos limitados por mais coisas - crenças, pseudoconhecimento, noções preconcebidas, atitudes, medos, desejos, necessidades e preconceitos culturais. Por esse motivo, devemos falar sobre alguns destes fatores antes de prosseguir.

A mais ampla das visões deve cobrir tudo - tudo objetivo, tudo subjetivo, tudo normal e tudo paranormal. Mente e matéria, consciência e concreto, todos os dados e fatos verdadeiros da existência (os pessoais e também os científicos) devem ser levados em conta, ser compatíveis com e estar contidos dentro, desta simples e Grande TOE - **se** esta for uma Grande TOE compreensiva e correta. Se for apenas uma pequena TOE, ou uma Grande TOE incorreta, não irá apoiar ou explicar **todos** os dados. É o seu trabalho avaliar até onde essa Grande TOE explica a **sua** experiência e conhecimento. No entanto, antes de chegar a conclusões, é importante entender a diferença entre conhecimento e crença. No capítulo a seguir vamos explorar minuciosamente esse assunto. Para preparar o palco para esta desafiadora aventura epistemológica, deveremos primeiro dar uma olhada em nosso começo coletivo. É sempre uma boa ideia começar pelo início.

Vamos começar esta jornada estranha. Ah sim, ela precisa ser estranha ou não poderia ser uma Grande TOE correta. Confie em mim, a menos que tenha investido muitos anos de experiência nesta área, o que você está prestes a ler vai desafiar enormemente a elasticidade de sua mente. Para piorar as coisas, minha insistência em afirmar que essa Grande TOE é primariamente derivada de e baseada em dados científicos cuidadosamente avaliados, ao invés de apenas conjectura teórica, vai requerer que o seu senso sobre minha credibilidade, se estique ainda mais que a sua mente. Infelizmente, um leitor com uma mente e um senso de credibilidade esticados simultaneamente, me coloca sobre gelo fino desde o começo, mas as coisas são como têm de ser. Tais são, a natureza deste tópico, os fatos da minha experiência e os resultados da minha pesquisa. Algo menos estranho ou mais amplamente crível seria mais fácil de

transmitir, de encontrar uma audiência maior e ser mais aceitável para quase todo mundo, mas não seria mais correto.

As pessoas geralmente **acreditam** que sabem **quase** tudo que é conhecível, e que as poucas coisas finais a serem descobertas irão constituir, apenas pequenos passos, se comparados a distância já vencida. Por exemplo, cientistas perto do fim do século dezenove, frequentemente lamentavam o fato **óbvio**, de que tudo de importante (na ciência e tecnologia) já havia sido descoberto. Pouco mais de um século mais tarde, essa afirmação é ridícula. Por definição, é claro que você não pode estar ciente sobre aquilo que não sabe. Ainda sim, quase sempre deixamos nosso ego nos enganar, ao acreditar que somos muito menos ignorantes do que realmente somos. Frequentemente se diz, que não há nada tão ultrajante ou estranho quanto a verdade. A verdade dessa afirmação, claramente demonstrada pela física moderna, requer uma abordagem de mente aberta.

Felizmente "*My Big TOE* " irá estimular você a considerar algumas coisas importantes de uma maneira inteiramente nova e benéfica. Tire dela aquilo que puder. A visão e perspectiva podem ser muito grandes e no início, a credibilidade (para aqueles que não me conhecem) pode ser muito tênue, mas se você **sentir** o seu caminho por ela com sua **intuição** e também **pensar** o seu caminho por ela com seu intelecto (coletando e aplicando os dados de sua experiência durante o percurso), ela pode também fazer algum sentido para você.

Apreciar e entender a Visão Ampla são sempre os primeiros passos para focar e direcionar o investimento efetivo dos recursos que você tem sob seu comando. O ponto e propósito deste trabalho é oferecer uma visão expandida da realidade e do seu relacionamento com aquela realidade que seja **útil** e prestativa para você, de uma maneira prática e direta. Na "*My Big TOE* " você irá encontrar um modelo de realidade que fornece uma perspectiva única que pode ser proveitosamente aplicada para sua vida pessoal e profissional.

Uma última cautela. A Seção 2 apresenta a fundação conceitual para muito do restante da trilogia, sem explicar como esses conceitos se unem mais tarde para completar um modelo significativo. Pode ser difícil obter uma ideia concreta sobre parte deste material, porque ele é predominantemente abstrato e pode estar relativamente distante, da sua experiência comum do dia-a-dia. Entendimento e validação irão advir

vagarosamente enquanto você digere as próximas quatro seções e faz sua própria exploração da Grande Verdade para sustentar as conclusões obtidas.

Apesar de haver muitos túneis abstratos para explorar na Seção 2, existe inicialmente uma preciosa pequena luz a ser vista no fim de cada um deles. Todavia, uma abordagem lógica, requer que muitos dos blocos de construção conceituais sejam definidos e montados antes que a construção da Grande TOE seja iniciada. Postergue os julgamentos finais até que estes conceitos estejam mais desenvolvidos e aplicados nas seções subsequentes. Se você conseguir aguentar firme, o método para evitar a loucura deve se tornar totalmente aparente na hora em que você terminar o livro 3.

Se "My Big TOE" seduzir aqueles de mente aberta e exploradores intrépidos a vivenciar e investigar os limites distantes de suas realidades por conta própria, eu terei o maior prazer com isso. Para ser plenamente eficaz, minha descoberta deve ajudar a levar à sua descoberta. Devo não apenas ajudá-lo a entender objetivamente a natureza de sua realidade, mas também ajudá-lo a descobri-la em seus próprios termos pessoais. Ao fim, se estes livros não tiverem como efeito, nada além de levá-lo a reavaliar suas crenças, conceitos, conhecimento e atitudes, independentemente do que seja o resultado dessa avaliação, meu esforço já terá valido a pena. Fique à vontade. Boa sorte em sua jornada - que você encontre valores de significância duradoura.



## No Início – Causalidade e Misticismo

Inícios são sempre difíceis. Onde quer que alguém comece, sempre vem a questão, “Mas o que havia antes disto?” Esta questão vem do nosso senso de causalidade objetiva – onde tudo precisa sempre ser precedido por uma causa. Será que tudo realmente precisa sempre ter causa? Se a resposta for “não”, alguém vai imediatamente saltar e invocar um início místico. Se **ela** for “sim”, então o início é uma impossibilidade lógica. Não pode haver, por definição, nenhum início se tudo precisa ter uma causa. Pela lógica da causalidade, inícios são ilógicos. A lógica da causalidade requer (porque **existimos** ) a existência **inicial** da **qual somos** derivados, a brotar espontaneamente do nada. Claramente, a noção da causalidade objetiva deve violar sua própria lógica a fim de dar a partida.

A outra alternativa – de que não existe nenhum início, de que a existência é **de alguma forma** infinita e perpétua – é ela mesma uma afirmação mística que não vem de lugar nenhum e não leva a lugar algum. Tal misticismo sem fronteiras não oferece **aos que lhe suportem** nenhuma possibilidade de respostas **ou pistas** . **Um** início com uma premissa de que nossa ignorância do começo é total e perpétua não é uma forma particularmente esperta, de começar uma análise sobre **esse** início. Talvez seja uma forma fácil, mas de nenhum jeito será útil. Esta alternativa lógica

permite uma solução trivial, que não deixa nenhuma fundação sobre a qual construir uma realidade.

Assim, a conclusão lógica de invocar uma causalidade objetiva é um início místico. Da mesma forma, o resultado lógico de negar uma causalidade objetiva (que nosso início ocorreu sem causa prévia) é também um início místico. Embora a lógica da nossa causalidade objetiva pareça indicar que nosso início **precisa** ser místico, isto não é necessariamente assim. Depende da realidade onde este início está tendo lugar, e da realidade a partir da qual o estamos vendo. A Causalidade é específica do sistema – a lógica da causalidade (a lógica da PMR – por exemplo) se mantém dentro de um dado sistema causal. A lógica da causalidade somente requer que um dado início de sistema pareça ser místico de um ponto de vista que está dentro daquele sistema. A lógica da causalidade não pode dizer nada sobre o início de seu próprio sistema porque aqueles inícios estão fora daquele sistema – além do alcance de sua lógica causal. Inícios pertencem ao próximo e mais alto nível de causalidade e estão além da competência e escopo da própria lógica causal de um subsistema. Assim, o misticismo pode ser removido de nosso início se conseguirmos obter a perspectiva do super-conjunto ou super-sistema ao qual pertencemos.

Não estou dizendo que nossa causalidade objetiva deva ser atirada fora. A lógica de nossa causalidade tem sido, e permanece sendo, a fundação filosófica da nossa ciência. Ela nos tem motivado a perguntar: “Como é que isto funciona?” ou “O que causou aquilo?” Ela nos levou a tecnologia e a compreensão que agora nos leva a dar o próximo passo, além do puramente material. Não estou abandonando a lógica da causalidade objetiva. Sou um cientista – vivo e trabalho por ela. Estou apenas colocando na perspectiva apropriada. Estou apontando suas limitações lógicas, as fronteiras de sua aplicação significativa, e o fato de que ela requer que seu início viole sua própria lógica.

Assim **nosso** início, do ponto de vista da **nossa** causalidade objetiva, “não deve ser possível de definir”, ou de forma equivalente, seria considerado místico. Se você não consegue ver equivalência entre “não possível de definir” e “místico”, isto está bem. Dado que o sujeito é a criação da nossa realidade (nossos inícios), os termos “necessariamente indefinido” e “desconhecido” rapidamente tendem a se transformar em “místico” para muitos – assim uso a palavra “místico” para descrever de forma genérica o “desconhecido”. Quando você atingir o fim desta trilogia,

o véu do misticismo vai logicamente ser removido de nossos inícios e ficarão claras as raízes da nossa existência e como e porque elas passaram a existir.

Uma vez que a lógica causal que nos dá a ciência também limita nosso entendimento da realidade maior (e de seu início), estamos livres para começar a explorar a verdade mais ampla. Sem esta realização, nossa perspectiva e capacidade de entender estão dentro da armadilha de uma prisão conceitual (uma crença-armadilha) construída por nós mesmos.

A crença errônea em uma causalidade universal (como oposta à causalidade local) é usada repetidamente para fazer os que se arriscariam a tomar e analisar as questões sobre nossos inícios, parecer ignorantes e incorretos. A questão repetidamente feita “O que existia antes disto?” inevitavelmente precisa ser finalizada com uma confissão de ignorância completa, existindo na fundação de um discurso de outra forma racional. A posição está tomada de que argumentos lógicos construídos sobre fundação de admitida ignorância são muito suspeitos e podem ser imediatamente dispensados como sendo tolos ou conjecturas sem substância.

Nossa causalidade de espaço-tempo física é “local” e simplesmente não se aplica ao “o que existia antes disso” – de outra forma nós estaríamos “travados” sem início, ou tendo espontaneamente “surgido” do nada. Qualquer destas alternativas leva a crenças místicas que não são científicas ou logicamente produtivas – nenhuma tem bom senso ou prova uma fundação racional sobre a qual possamos construir uma Teoria de Tudo com Ampla Visão (Big Picture TOE). Uma mudança de paradigma maior, como a descrita dentro desta seção, proporciona outra alternativa (necessariamente mística do ponto de vista da PMR – Realidade Física-Material) que **não** é baseada-em-crença e que faz bom sentido, além de **ser** científica e logicamente produtiva.

Nosso início nos parece ser místico por causa das limitações que nossa lógica e nossas perspectivas baseadas-em-crença impõe sobre nossas mentes. Se você cresce a ciência, assim como sua visão e compreensão, ao próximo e mais alto nível de causalidade – ao super-sistema que contém a PMR como um subsistema – o misticismo sempre presente vai recuar para as bordas externas de seu novo conhecimento recém-adquirido.

Se sua imagem (visão do mundo ou entendimento da realidade) é significativamente maior do que a imagem do seu vizinho, ele pode ver você como um místico. Seguramente, você sempre vai parecer ser um

místico de um ponto de vista que seja altamente limitado em sua compreensão, independente de quão racional, completa ou científica sua seja compreensão. Um místico parece ser animado por interações incompreensíveis que ficam sempre além do entendimento racional. Talvez seu cachorro pense que você seja um poderoso místico irracional. Se o seu vizinho também crê que você seja especialmente bondoso, amoroso, sábio, produtivo, que tenha sucesso e seja uma pessoa capaz, ele deveria tentar entender aquilo que você parece entender. Se, por outro lado, você parece arrogante, condescendente, manipulativo, ou começar a fazer proselitismo (ser ativista em converter pessoas) e pedir doações, ele faria bem de manter a porta trancada para evitar você.

A qualidade do seu “ser” expressa a correção de sua compreensão (entendimento). Pense sobre isto por um momento. O que a qualidade do **seu** ser fala sobre a correção (completude) de **sua** compreensão?



## Cuidado Com A

### Armadilha da Crença

A maioria de nós está encharcado com crenças de todos os tipos. Nós estamos apoiados no senso comum e na sabedoria dominante de nossa cultura, tradições, comunidades, profissões, famílias e amigos. Porque a crença é muito pessoal para cada um de nós, vou abordar esta discussão de crenças e conhecimento a partir de muitas direções diferentes. Com um pouco de sorte, pelo menos uma destas abordagens vai se conectar com sua experiência, intelecto e eu interno que são únicos.

Quando encontramos algo complexo e não familiar, a repetição é usualmente apropriada até que nos sintamos confortáveis com ele. Da mesma forma, a reiteração é frequentemente necessária para que possamos penetrar através daquelas formas de “pensar e ser” mais profundamente arraigadas e mantidas. Muitos de nós temos formas de pensar e ser profundamente arraigadas e mantidas, quer percebamos ou não isto. Aquilo que nos está profundamente arraigado se torna quase impossível de ser percebido (por nós) -- se torna parte do cerne interno do nosso ser. É fato que sistemas de crenças sutis, circunscrevem nossa realidade pessoal. Também é fato que muitas de nossas crenças permanecem além da área de acesso fácil ao nosso intelecto. Fora de nossa percepção elas literalmente definem e assim também limitam aquilo que nos permitimos perceber e interpretar da realidade.

Estou certo de que você pode processar informação da Visão Ampla intelectualmente sem dificuldade, contudo, por causa de suas

crenças centrais estarem profundamente arraigadas, é muito mais difícil para você integrar com sucesso aquela informação dentro de níveis de entendimento mais profundos. Porque a você parece, que certo material seja **intelectualmente** fácil de entender, ou conceitualmente óbvio e repetitivo, não quer necessariamente dizer que a **significância** daquele material atingiu na verdade níveis mais profundos de conhecimento.

O que passa por entendimento intelectual é frequentemente raso e incompleto porque não temos meios de avaliar de forma precisa a extensão da nossa ignorância. O resultado lógico de uma percepção da nossa ignorância, relativa a um tema muito importante, é uma ansiedade incontrolável -- ansiedade de não saber aquilo que você precisa desesperadamente saber. Geralmente nos sentimos compelidos a manter uma avaliação **aparentemente** sólida do problema, apesar de quão pouco saibamos sobre ele. À fim de assegurar que nossa avaliação pareça sólida o bastante, para reduzir de forma significativa nossa ansiedade baseada no medo e trazida à tona por nossa ignorância, fazemos suposições sobre o grau, a qualidade e a profundidade do nosso conhecimento que invariavelmente nos levam a interpretar “superficial e incompleto” como “suficiente e conclusivo”. O julgamento intelectual resultante, independente de quão mal concebido, sempre vai produzir uma conclusão que parece (ao seu criador) ser “obviamente” correta. “Presto”, rápido como mágica tudo está mudado! A ansiedade desconfortável desaparece ao mesmo tempo em que o pseudoconhecimento é fabricado pelo ego para negar a ignorância ali devida.

Você vê como o medo de não saber alivia então a ele mesmo pela criação de uma estória crível e que satisfaz a si mesma, provendo uma alternativa ao reconhecimento e aceitação da ignorância? Que a história possa ser falsa, fica invisível ao seu autor porque é baseada em pressupostos e crenças desenhados para atender as necessidades prementes, de segurança e reforço do próprio autor. Você alguma vez já imaginou como **outras** pessoas, podem chegar as mais estranhas conclusões, sobre todos os tipos de coisas? Desde fanáticos religiosos até seu, algumas vezes exasperante gerente ou parceiro de relacionamento, a coisa funciona sempre da mesma forma. Seja cuidadoso para que **seu** intelecto não te aplique um truque e o faça acreditar, em conclusões confortáveis e sedutoras, que sejam desenhadas sob medida para reduzir sua ansiedade, tranquilizar seu ego e manter sua visão atual de mundo auto satisfatória.

Quando quer que se sinta razoavelmente certo de que você está obviamente correto, mesmo que você não tenha nenhum dado real para confirmá-lo, você deveria pelo menos considerar a possibilidade de poder estar travado em uma crença-armadilha de sua própria criação. Somente o ceticismo de mente aberta permitirá que você considere esta possibilidade.

A Grande Verdade precisa ser compreendida profundamente para ser efetivamente aplicada. Sabedoria reside mais no coração e na alma do que no intelecto. A sua inteligência só pode te levar até certo ponto em sua exploração da Grande Verdade, ela pode dirigir a sua busca, mas não conseguirá causar seu aprendizado sobre qualquer coisa de significância mais profunda. Por outro lado, seu intelecto pode levar você a desperdiçar todas as oportunidades de conhecer a Grande Verdade.

Para focar nossa discussão das armadilhas-de-crença, deixe-me dar a você um entendimento preciso e claro do que quero dizer quando uso as palavras “crença” e “conhecimento”. Crenças podem ser culturais, religiosas, científicas ou pessoais. Crença é gerada e necessitada pela ignorância. Se você “sabe” com certeza, a crença não é necessária. Neste caso, você tem conhecimento real. Conhecimento é resultado de conhecer aquilo que é verdadeiro. Se o seu conhecimento aparente é falso, você somente **acredita** que sabe. Nesta situação, a crença esta mascarada como conhecimento. Crença posando como conhecimento é pseudoconhecimento, não é conhecimento real.

► Porque muitos de nós estão agora imaginando como podem distinguir um pseudoconhecimento de conhecimento, creio que um curto aparte será bem-vindo. Ao longo de toda esta trilogia, você encontrará discussões sobre como discriminar entre o sábio e o insensato, entre o real e o aparente, entre falsidade e verdade, entre conhecimento e pseudoconhecimento (crença). Abordaremos este tema de várias direções ao longo das Seções 2 a 6.

Isto é como se fosse uma “coisa-pudim” e uma “coisa-ciência”. “O teste do pudim é ser comido” implica em que a verdade e o conhecimento podem ser avaliados pelos resultados objetivos de sua aplicação. Ciência é primariamente uma ferramenta e um processo que habilita você a evitar armadilhas-de-crença enquanto avalia resultados objetivos.

Tipicamente, isto termina no fato de que você precisa de experiência pessoal (o conhecimento **deve** ser aplicado) e de resultados

mensuráveis (precisa provar o pudim) para se tornar um “conhecedor” da realidade. Se não for cuidadoso, pode ser iludido sobre os resultados, tanto quanto sobre experiência. É por isto que deve ser um bom cientista em suas explorações. Ser um bom cientista requer somente que você tenha abordagem e atitude corretas -- nenhum grau acadêmico ou treinamento formal é necessário. Precisa esperar até que tenha coletado dados suficientes de qualidade comprobatória antes que possa converter possibilidades potenciais em realidades ou conhecimento. Estas possibilidades potenciais, com suas probabilidades associadas de ser verdade, devem ser sempre revistas e recalculadas à medida que novos dados vão entrando. O conhecimento aparente permanece potencial e tentativo – a verdade é absoluta.

Sua lista de possibilidades potenciais ainda vai por um longo tempo, se não para sempre, ser uma lista muito, muito mais longa do que a lista de suas verdades absolutas. Se for cuidadoso e permanecer com a mente aberta e cética, será pouco provável que faça inadvertidamente um investimento maior em falsos conhecimentos. Por outro lado, você pode seguir uma hipótese ou possibilidade potencial até um beco sem saída -- ou chegar à conclusão de que sua hipótese está errada. É assim que a boa ciência funciona. Não há como garantir de forma antecipada, que sua hipótese será provada como correta. Além disto, provar que uma hipótese é incorreta também produz informação útil.

Mantenha-se sempre cético e com a mente aberta, de forma que não acabe se aprofundando, em demasiados becos sem saída. São aqueles que abandonam o ceticismo de mente aberta do cientista, na busca de respostas fáceis e rápidas, que acabam presos em armadilhas-de-crença. Baseando suas decisões e interpretações dos eventos em crenças e pseudoconhecimento, eles perdem seu caminho -- inevitavelmente investindo seu tempo e energia, se movendo em direções não produtivas ou não ótimas. A verdade não é delicada, ela conseguirá aguentar um vigoroso processo de testes.

Contudo, você precisa ser cuidadoso de que seus testes sejam válidos. Isto não é tão fácil como pode parecer de início. As dificuldades inerentes que os cientistas têm em validar conceitos e resultados reflete um problema padrão da ciência. Por definição, é sempre difícil projetar testes para avaliar algo que você ainda não

compreende. Explorar a **NPMR** é em muitas formas, o mesmo que explorar a **PMR** . Pesquisa na NPMR requer, mas frequentemente que não, um processo longo, vagaroso e por vezes frustrante e tedioso, para encontrar novo conhecimento. Lá, como em qualquer pesquisa séria onde quer que seja, a perseverança obstinada, a análise cuidadosa e o esforço contínuo, permitem resultados melhores e mais seguros do que qualquer outro método.

Se você repetir suas questões sobre como separar conhecimento de pseudoconhecimento enquanto ao mesmo tempo fingir que está falando sobre conhecimento da PMR ao invés de conhecimento da NPMR, muitas destas mesmas respostas óbvias vão se aplicar. Ciência é ciência, tanto na PMR como na NPMR. Metodologia científica tem as mesmas dificuldades e atributos em ambos os “locais”. A diferença primária é que na NPMR (como vista da PMR), ciência é uma atividade pessoal e **subjetiva** com resultados **objetivos** . Isto contrasta com a PMR (como vista da PMR) onde a ciência é uma atividade objetiva diretamente compartilhável e que da mesma forma produz resultados objetivos.

Esta discussão continuará em muito mais detalhe, e de várias perspectivas diferentes, em outros lugares dentro da trilogia “ *My Big TOE* ”. Neste aparte, eu apenas queria destacar que não existe fórmula mágica ou atalho para encontrar e acessar a verdade. **Acreditar** no que eu digo, ou o que qualquer outro diga sobre a NPMR ou a natureza da realidade é equivalente a saltar para conclusões sem fazer o seu próprio trabalho de ciência e investigação.

Crença não é um atalho que vai levar você a nenhum destino significativo de verdade. Acreditar no que outros dizem é um negócio arriscado. Você deve descobrir a verdade e o conhecimento por você mesmo ou não será sua verdade e seu conhecimento. Sua verdade e conhecimento vivem de forma vibrante e profunda dentro de seu ser enquanto a verdade e o conhecimento de qualquer outra pessoa, não poderá penetrar mais fundo que apenas o nível do seu intelecto.

Ouvir a outros pode ajudar fortemente a melhorar a eficiência da sua jornada, ou enviá-lo por algum caminho tortuoso sem destino. Em qualquer caso, você precisa fazer a viagem e experimentar, acessar e validar a realidade que você encontre.

Eu não quero dar a entender que você precisa fazer tudo por você mesmo. Incluir outros na sua jornada rumo à uma compreensão maior é geralmente uma boa ideia. Interagir com outros, se sabiamente escolhidos, pode ajudar a desenvolver uma perspectiva mais ampla além de prover o encorajamento mais que necessário e também orientação e direção. Mas os outros não poderão aprender e crescer por você -- deve fazer isto por você mesmo. Sabedoria, maturidade e a capacidade para amar são todos atributos pessoais que habitam dentro do núcleo do seu ser.

Alguns podem estar imaginando como fazer para coletar, avaliar, validar e aplicar dados no ambiente do “espaço-pensamento” ou como você pode experimentar a realidade da NPMR. Estas são boas questões. Eu estou falando sobre dados de experimentação subjetiva que você coleta enquanto cuidadosamente explora o reino da consciência interativa dentro do “espaço-interior”. Eu também estou falando de resultados comprobatórios, objetivos e claros. Na fronteira, onde as atividades da NPMR influenciam e modificam as atividades da PMR e vice-versa, dados comprobatórios podem ser coletados facilmente.

Nesta fronteira, estar consciente na NPMR é de alguma forma como participar em alguma atividade mental estreitamente focada (alguma forma totalmente absorvente de sonhar acordado) que tem uma forte conexão causal (com evidências) com a PMR e uma existência dinâmica que é independente de você e de seus processos mentais conscientes e inconscientes. Sua mente deve estar calma, clara e estável sem a tagarelice rebelde ou ruído, do contrário você não conseguirá diferenciar entre o que sua mente cria e aquilo que existe independentemente de sua mente. É por isto que encontrar (e aprender a existir e operar dentro) do calmo e imperturbado centro da sua consciência é sempre o primeiro passo.

Para uma consciência operativa clara e de baixo ruído, coletar dados na NPMR será como se mover através de um sonhar acordado de rara claridade. Uma consciência exploradora, deveria inicialmente ocupar-se em fazer experimentos e procurar evidência de atividades na NPMR, que estejam na realidade criando efeitos na PMR (e vice-versa). Um dia, quando suficiente quantidade de evidências sólidas tenha sido colhida através da experiência pessoal, ficará claro que a NPMR é ambas as coisas, independentemente de você e conectada de forma

causal a PMR. Realizar isto será sua primeira, maior e mais surpreendente descoberta.

Eu ainda lembro meus primeiros sentimentos de surpresa incrédula quando Dennis e eu pela primeira vez compartilhamos experiências idênticas simultâneas durante a exploração da NPMR (veja no capítulo 10). Depois de verificar a precisão (acurácia) dos experimentos de visão remota e experimentar em primeira mão, a eficácia de afetar a saúde de um corpo físico com uma mente focada, minha realidade foi forçada a se ampliar. Na medida em que o paranormal se torna normal, a pessoa não tem opção lógica ou racional a não ser procurar uma visão mais ampla, que contenha o todo de sua cuidadosamente avaliada experiência comprobatória.

Você sempre pode assumir que as **outras** pessoas estão mentindo ou confusas, mas quando sua própria experiência, de forma consistente e conforme demanda, leva você à lógica e cientificamente inescapável conclusão, a verdade desta experiência, vai demandar uma mais larga e profunda compreensão da realidade dentro da qual você existe. Simplesmente rotular o paranormal como algo que só é experimentado pelo delirante, o diabólico, o estranho e o louco não vai fornecer mais uma saída fácil para lidar com a existência de uma realidade, que voa na cara de suas mais profundas crenças e pressupostos.

Quando a experiência é sua, e o processo usado para obter e avaliar a experiência foi cuidadoso e científico, você deve lidar com os fatos **objetivos** daquilo que você descobriu -- negá-los é se apegar a ignorância e limitação apenas pelo hábito, a insegurança e o medo. Negar tais experiências é desistir de conhecimento difícil pelo conforto de um dogma estúpido.

Permitir que a ignorância e o medo definam as possibilidades elimina a oportunidade para o crescimento e desperdiça o potencial. Que isto é verdade, é óbvio quando aplicado aos outros cuja ignorância e desvantagem entendemos, e quase impossível de ver em nós mesmos.

Depois que a coleta de dados comprobatórios (efeitos psi NPMR-PMR) se torna rotina, a pessoa geralmente se move adiante para determinar a cultura, leis e física da NPMR, pela experimentação e observação cuidadosas de causa e efeito. Imagine que você é um cientista alienígena de outra dimensão teletransportado para a Terra para

aprender como são, a Terra e suas formas de vida: explorar a NPMR é como isto, mas sem a limitação de um corpo físico cheio de necessidades. ◀

▶ ▶ Vamos tomar um pequeno descanso para definir a palavra “psi”. Psi é um termo familiar entre os parapsicólogos e outros que estão engajados em estudar e explorar a capacidades da mente. Eventos psi geralmente se referem a artefatos da consciência, especificamente a eventos paranormais associados com habilidades mentais ou estados alterados de consciência. Psi é frequentemente usado como sinônimo para parapsicológico -- assim o termo “fenômenos PSI” se refere a fenômenos físicos mensuráveis que são produzidos por alguma característica ou habilidade da mente que está presentemente além da explicação científica tradicional. Por exemplo, comunicação telepática, premonição e visão remota são uns alguns dos mais comumente experimentados eventos psi. Os termos “energia psi” e “forças psi” são frequentemente usados para implicar algum mecanismo causal teoricamente desconhecido que é assumido estar por trás dos fenômenos. ◀◀

▶ Porque eu insisto com você a cada momento para coletar seus próprios dados experimentais, suponho que eu deveria contar também, como você poderia fazer para conseguir completar esta tarefa. Com este objetivo, no Capítulo 23 deste livro, vamos discutir técnicas que você pode usar para reduzir o ruído mental, ganhar maestria e controle de sua energia mental, e começar a explorar a NPMR e o espaço-interior da consciência.

Contudo antes que cheguemos a isto, é imperativo que primeiro descubra como suas crenças limitam sua realidade e aprender a apreciar a diferença entre seu conhecimento e pseudoconhecimento. De outra forma, na sua tentativa de explorar a NPMR, você poderá terminar explorando nada mais que o seu próprio EGO.

Explorar seu ego pode ser um primeiro passo produtivo, se ele levar a uma melhor compreensão e assim a dissolução, do medo e do sistema de crenças que limitam seu potencial natural, mas definitivamente não é o mesmo que explorar a NPMR – uma realidade que existe, de forma independente do seu sistema de crenças e da sua mente pessoal.

Existe uma ordem natural e necessária para qualquer crescimento feito pelo desenvolvimento. Pular passos, quase sempre leva a frustração e bloqueios e não a avanços rápidos. Você precisa primeiro lidar com êxito com seu medo e sistemas de crença limitantes, antes que possa produtivamente explorar a NPMR. Conquistar todo o medo não é indispensável – longe disto – mas atingir um limiar mínimo de competência em gerenciar sua consciência, é um pré-requisito.

A competência básica requerida é usualmente desenvolvida através da meditação, da coragem e de uma dedicação energética à descoberta da verdade. Os princípios e mecânica que embasam a meditação são discutidos no Capítulo 23 deste livro. Ainda que existam muitas maneiras de meditar com êxito, o medo só pode ser sobrepujado, pela coragem e determinação.

Eu não tenho nenhuma ciência estranha especial, que possa ajudá-lo a tomar atalhos e encontrar a verdade, em saltos gigantes de intuição. Descoberta e ciência são totalmente sobre ir fazendo progresso estável, a um pequeno passo tentativo depois do outro e durante todo o tempo “saborear o pudim”, verificando a evidência e produzindo resultados mensuráveis **objetivos** . Não existe, até onde eu saiba, nenhum “buraco de minhoca” que permita a alguém atravessar um túnel até a iluminação, ou sinais postados claramente mostrando o melhor caminho, para que cada indivíduo os siga. A escolha do caminho e o esforço aplicado, precisam ser resultados de sua própria vontade.

Pense profundamente sobre como o material deste capítulo se aplica a você – ainda que possa se tornar intelectualmente repetitiva, esta discussão de crença, medo e conhecimento representa um passo crucial, que precisa ser assimilado à um nível mais profundo que apenas o simples intelecto. É tão difícil “sobre enfatizar” o tema da crença, do medo e do conhecimento, como é fácil acelerar através disto, de forma apenas intelectual sem cavar muito fundo. Os próprios conceitos parecem enganadoramente simples e assim, a repetição rapidamente se torna tediosa. Contudo, suas implicações para todos e para cada indivíduo, são extremamente difíceis de absorver completamente.

Que medos estão por aí profundamente escondidos e me empurram nesta direção, ou me puxam para aquele caminho, como um pequeno bote em um oceano feroz? Que crenças limitam minha realidade? O que eu posso fazer sobre elas? Estas são questões pessoais

difíceis e complexas, que muitos egos estão ansiosos demais para passar direto sem responder.

Tipicamente, aqueles que mais precisam responder estas questões, são também os que têm a maior probabilidade de passar direto, sem dar muita atenção a elas. Conforme estes tipos deslizam rapidamente sobre a superfície, eles podem achar este capítulo tedioso e irritante, como uma bronca de seus pais. Por outro lado, aqueles que têm pouca dificuldade nesta área vão avidamente revisar as questões mais uma vez e porque entendem a importância, não ficam desconfortáveis com o processo nem temem os resultados. Eles também podem perceber a repetição pretendida, mas vão usá-la para melhorar seu domínio em vez de sofrer com ela. ◀

Todos compreendem o termo “crença cultural” e “crença religiosa”, mas alguns podem estar imaginando o que se quer dizer por crença científica e crença pessoal. Crença científica é a crença que a realidade mais ampla e que **toda a verdade** deve ser definida e limitada somente pela medição da extremamente técnica, objetiva, repetitiva sob demanda e consistente, ciência da PMR. Esta é a visão estreita do método científico, pintado como se fosse um dogma exclusivo da PMR. Ainda que esta crença se mantenha válida e seja extremamente produtiva para um certo subconjunto da realidade, ela não se mantém em uma visão mais ampla, que contenha a consciência – de forma similar a falha da mecânica clássica em uma realidade mais ampla que contenha altas velocidades (que requerem mecânica relativística) ou nos tamanhos muito pequenos (onde a mecânica quântica é necessária).

Crença pessoal compreende todas aquelas coisas que você acredita acerca de você mesmo e de outras pessoas, lugares ou coisas – sua realidade aparente extrapolada para além do seu conhecimento seguro. Crenças pessoais, se não forem corretas, são frequentemente distorcidas pela esperança, medo, culpa, necessidade, desejo, desinformação e mal entendido. Crença pessoal também contém muitas visões personalizadas ou adaptadas de suas crenças culturais. Muitas são derivadas das crenças de seus pais, colegas e companheiros.

Crenças culturais representam aquelas crenças que você assume como verdadeiras porque todo mundo a sua volta também assume como tal. Racismo por exemplo, é a expressão de uma crença cultural. A crença em uma causalidade física universal e objetiva é uma crença cultural tanto

quanto uma crença científica. Acreditar que telepatia, cura pela crença ou fé, psicocinesia ou premonição são totalmente impossíveis, também é culturalmente derivado.

Crença religiosa por outro lado, é uma crença no credo, dogma e artigos de fé de alguma organização religiosa. Crença científica é como crença religiosa. É uma crença no credo (as regras da causalidade da PMR regulando tudo), dogma (somente a PMR existe), e artigos de fé (o subjetivo não contem fatos, somente opinião) da ciência Ocidental “objetiva”.

Esta discussão sobre as armadilhas-de-crença é relevante a todas as crenças – religiosas, científicas, pessoais, culturais, econômicas, políticas e qualquer outra categoria que você possa conjurar. Estas categorias de crenças não têm fronteiras claras e em muitas instâncias, se sobrepõem bastante. Algumas pessoas associam crença primariamente a algo religioso e não estão cientes, do penetrante e significativo papel que a crença representa fora do contexto religioso típico. Nem eu nem a “*My Big TOE*” somos particularmente enfocados na crença religiosa. São as características e propriedades da crença por ela mesma, mais do que qualquer tipo de crença, que estão sendo escrutinados neste capítulo.

Separar conhecimento de crença é a função da ciência – de ambas, tanto a objetiva como a subjetiva. Saber a diferença entre conhecimento e crença relevantes a qualquer pedaço particular de informação **subjetiva** é chamado de sabedoria. Saber a diferença entre conhecimento e crença relevantes a qualquer pedaço particular de informação **objetiva** é conhecer os fatos.

Muitos se sentem compelidos a acreditar ou desacreditar de toda informação com a qual entrem em contato e rapidamente, emitir um julgamento para tudo de acordo com isso. Tal processo deixa pouca margem e tempo para conhecimento real e não mostra nenhum interesse particular na verdade. Para estes indivíduos, pseudoconhecimento é bom o suficiente, especialmente se ele também ajuda a reduzir a ansiedade e é amplamente aceito. Esta abordagem da informação é desafortunada e produz uma tendência a saltar para conclusões baseadas em pressupostos errôneos, do tipo que apenas faz com que se sintam bem.

O resultado do entendimento, apreciação e aceitação dos limites do seu conhecimento, é que você não acredita nem desacredita em muito daquela informação que **inicialmente** se coloca **além** do seu conhecimento.

Julgamentos deveriam ser suspensos até que dados **suficientes** sejam coletados. Este método de abordar a informação é chamado de mente aberta. A qualidade (rigor) das condições e processos que definem “suficiente” é dependente sobre quão científica sua exploração é. Boa ciência produz conhecimento real onde a má ciência produz apenas pseudoconhecimento.

Conhecimento, ignorância, verdade, falsidade, boa ciência, má ciência, sabedoria, tolice, fato, ficção, ter mente aberta e ter mente fechada, quase sempre existem simultaneamente em diferentes proporções na medida em que pertencem ao desenvolvimento (como em criar esta trilogia), ou avaliar (o que você pensa desta trilogia) qualquer peça ou conjunto de informação. Raramente o conhecimento e a ciência são perfeitamente puros. É mais um tema de grau e de proporção. Talvez todos os pensamentos públicos, ideias e estudos publicados precisem ser claramente marcados pela Administração Federal de Conhecimento e Crença: “Este conceito contém 80% de conhecimento e 20% de crença”. Um pensamento divertido, com nuances assustadores. Obviamente, a única avaliação válida é a sua e você deve fazê-lo, tão corretamente quanto possível – a qualidade da sua mente e de seu ser estão na balança.

Você **não** deveria depender dos especialistas, profissionais, ou quaisquer outros, para distinguir entre conhecimento e crença para você – mesmo que acredite neles mais do que em você mesmo e esteja **disposto a acreditar** no que dizem. Reciprocamente, você só pode discriminar entre crença e conhecimento para si mesmo, não para outros. Pense sobre isto: como você distingue na prática os que falam a verdade, daqueles em que você apenas acredita que estarem dizendo a verdade? Uma pista: comparar as crenças deles com as suas, não é a resposta.

Deveria tomar a responsabilidade por separar crença de conhecimento por si próprio (e só por você) porque é você quem vai colher as recompensas ou sofrer as consequências de estar certo ou errado. Instinto de manada – indo junto com outros, que estão eles mesmos apenas indo junto com outros – são contra produtivos. Não há segurança na quantidade em relação à descoberta da Grande Verdade. Falhar com a maioria não vai prover consolação, porque todos os sucessos ou falhas são pessoais. Ninguém pode arrastá-lo junto com o próprio sucesso, ou pensar e experimentar por você. Por outro lado, você pode permitir a outros atrasarem seu progresso por não pensar por si próprio.

É verdade que confiar e assumir a verdade são frequentemente necessários no nível mundano diário e pode ser um atalho útil em um mundo de ideias onde temos tempo e experiência limitados. Ainda assim você deve ser cuidadoso para não absorver inadvertidamente limitações na habilidade da sua mente, para expandir e modificar o que inicialmente acreditou ser a verdade. Esteja sempre atento para e aberto, para dados novos. Não bloqueie ou criativamente reinterprete uma informação, que conflite com suas crenças ou com algo que você deseja ou necessita que seja a verdade. Boa ciência começa com honestidade, e honestidade é mais facilmente aplicada em um ambiente livre de ego e livre de medo.

Crença é criada quando a pessoa a quem falta conhecimento cientificamente avaliado, põe fé em uma premissa de que as coisas na realidade são, como ela supõe que sejam. Dogma é um conjunto fixado de crenças que devem ser aceitos como fé, à fim de que se possa juntar ao grupo de crentes, que compartilham aquele dogma em particular. Dogma pode ser cultural, religioso, científico ou pessoal. Ele é uma parte integral de qualquer categoria de crença. Conhecimento que **parece** ser científica ou objetivamente avaliado (para um dado indivíduo) pode na verdade ser incorreto. Isto ocorre porque não somos oniscientes (nossos conhecimentos e dados são limitados), e porque cada um de nós cria sua realidade pessoal (objetiva e subjetiva), pela **interpretação** da nossa experiência.

Crença e conhecimento podem tanto ser falsos (incorretos) como verdadeiros (corretos). Ambos (em qualquer estado de correção) podem fortemente motivar ação. Se você é apresentado a nova informação, novas ideias ou novos conceitos que pensa **poderem** vir a ter algum mérito, é muito melhor manter a mente aberta e cética enquanto coleta seus próprios dados sobre o tema (mesmo que leve toda uma vida), do que pular para conclusões baseadas em alguma crença previamente mantida ou adicionando uma crença nova. Mantenha-se com todas as possibilidades, velhas e novas, até que tenha produzido o conhecimento que **corretamente** avalie os temas, por meio de experiência direta. O importante é: Você precisa ir lá fora e coletar dados. Preguiça ou medo da incompetência neste tema, produzem resultados de alto risco e reduzem dramaticamente, a possibilidade de progresso ou ganho significativo.

A prova da correção de qualquer pedaço de conhecimento repousa somente nos resultados produzidos por sua aplicação. Isto é verdade sobre qualquer conhecimento (objetivo ou subjetivo) oferecido de qualquer fonte

sobre qualquer coisa – incluindo qualquer gema cerebral astuta que você possa encontrar nesta trilogia da “*Big TOE*”. Se o conhecimento não pode ser aplicado, ou sua aplicação não produz nenhum resultado prático, aquele conhecimento é, por definição, sem utilidade e irrelevante.

Antes de sacar sua espada da verdade e sair por aí cortando pseudoconhecimento, deixe-me lembrá-lo de alguma coisa. Se você não pode aplicar produtivamente um pedaço particular de conhecimento ou um novo conceito, então aquele conhecimento ou conceito **pode** ser pseudoconhecimento **ou** talvez você possa ser ignorante e estar baseando, sua avaliação daquele conhecimento ou conceito, em crença ou pseudoconhecimento. Para obter um conselho sobre como lidar com este dilema lógico, releia o aparte no início deste capítulo.

Resultados podem ser objetivos, subjetivos, complexos, óbvios, abstratos ou concretos, mas eles precisam ser resultados reais – devem eventualmente produzir efeitos **objetivos** mensuráveis interagindo com algo que seja real. **Conhecimento é apenas tão significativo quanto seus efeitos**. A prova do pudim está em comê-lo – você vai ouvir mais sobre como aplicar este conceito de testar a verdade orientada para resultados nas Seções 3 e 5. Por hora, é suficiente entender que “saborear o pudim” se refere a testar o valor da sua experiência, verdade ou conhecimento, avaliando os resultados objetivos mensuráveis por ele produzidos. Se o que você considera ser verdade não pode honestamente produzir resultados objetivos mensuráveis, então o remova isto do silo da verdade e coloque-o de volta no silo das possibilidades interessantes. Continue coletando dados pertinentes sempre mantendo um alto padrão científico quando avaliar os resultados.

Se os resultados não são claros e óbvios para você mesmo e outros, deve estar atirando com cartuchos vazios ou brincando com uma pistola de brinquedo. Você deve sempre manter em mente que os resultados precisam ser mensuráveis e significativos. Neste contexto, “significativo” inclui avanço do seu crescimento pessoal, crescimento da qualidade de sua consciência em evolução e aumento da correção e profundidade da sua compreensão.

A maioria de nós está extensivamente dominada por crenças, a maioria das quais repousa fora da nossa percepção intelectual. Como poderíamos fazer para reexaminar nossas crenças? A prova de correção de qualquer crença repousa em primeiro remover a ignorância, que tornou

necessária a crença em primeiro lugar e a substituir com conhecimento ou ceticismo de mente aberta. Seja quando for, que conhecimento suficiente tenha sido acumulado para suportar conclusões científicas lógicas, aplique aquele conhecimento e observe o resultado. Se a ignorância que define a crença e sobre a qual, a necessidade da a crença é baseada, não pode ser reposta por conhecimento que possa ser testado (ou, usando a metáfora do pudim, saboreado), então a crença simplesmente permanece uma crença e sua falsidade ou correção permanece sem ser provada. Nenhum comentário inteligente pode ser feito em qualquer direção e você deveria permanecer cético, assim como manter a mente aberta, até que dados suficientes sejam coletados e permitam teste e validação do conhecimento.

**Além** da fronteira do seu conhecimento e na borda externa da sua compreensão **PMR 3D** (3 dimensões) repousa seu desconhecido pessoal. Parte do conhecimento potencial que permanece desconhecido para você, pode parecer estar além do alcance teórico do seu conhecimento (ser místico), e outra parte pode parecer ser somente falta de informação. Em qualquer caso, você pode deixar o desconhecido abandonado, ignorá-lo e aceitá-lo como eterno desconhecido, ou você pode sondá-lo e explorá-lo com a intenção de eventualmente poder converter, pelo menos parte dele em conhecimento. A maioria das pessoas faz um pouco das duas coisas, tipicamente escolhendo uma pequena parte do desconhecido confortável para ser explorada usando objetividade e crença como ferramentas e ignorando o resto. Eles pegam as frutas facilmente acessíveis e convencem a si próprios, de que qualquer coisa que não seja facilmente acessível, não vale o esforço ou o risco social de atingir.

Usar a experiência subjetiva acoplada de forma justa com os resultados objetivos não é frequentemente explorado porque é mais difícil e porque é uma experiência mais pessoal do que grupal. Aqueles que não podem dar um passo sem a reafirmação dos outros, fogem assustados. Estes indivíduos, erroneamente creem que aquilo que permanece naturalmente místico para eles, está para sempre fora do alcance. A crença companheira é que, o que permanece naturalmente místico para eles, está para sempre fora do alcance de **qualquer um**. Esta crença calmante é fabricada, para absolver a si mesmo da responsabilidade de juntar a coragem e assumir o compromisso, de fazer o trabalho duro necessário para transformar o desconhecido em conhecimento. Por conta de sua natureza de absolvição,

esta crença é mantida de forma mais passional e torna-se um forte bloqueador de mentes.

Outro erro comum é lidar intelectual e emocionalmente com aquele misticismo (aquilo que permanece além do seu conhecimento) naturalmente existente de forma a assumir um conjunto dogmático de crenças. Dogmas e crenças são as camisas de força da mente, vendas da percepção, limitações aos pensamentos que você é capaz de ter e à compreensão que você pode obter. O dogma cria uma perspectiva pequena, usualmente incompleta e distorcida que não pode ser expandida além do confinamento da crença.

Vamos olhar para a descrença por um momento. Descrença tipicamente representa, uma reação negativa a uma crença competitiva. Quer você **acredite** que algo seja verdadeiro, ou **acredite** que não seja verdadeiro, você está usando a crença para acalmar seu desconforto com a ignorância. Acreditando ou não, a crença é compartilhada. São apenas as conclusões precipitadas que são diferentes. Muitos dos não crentes vocalizadores e céticos de mente fechada, estão tão enrolados em suas crenças como aqueles dos quais querem fazer ridículo, ou com que estão em desacordo. A diferença é que eles são mais aptos a negar que suas crenças sejam crenças.

Quanto mais você está **comprometido** com sua crença, mais aquela crença parece ser conhecimento e representar verdade absoluta. Pseudoconhecimento pode ser passionalmente mantido, se encontra uma necessidade poderosa ou se origina de um medo muito forte. O relacionamento que liga a necessidade, o desconforto da ignorância e do medo e o falso socorro do ego, é estabelecido na Seção 3.

A afirmação, “eu sei que aquilo que você acredita é falso”, com frequência representa um pressuposto criado por crenças e pseudoconhecimento e não uma afirmação da verdade. Como você pode dizer qual é qual? Aqui está como a maioria das pessoas decide. Se **mais alguém** está dizendo aquelas palavras (“eu sei que o que você está dizendo é falso”) para nós, **eles** obviamente estão sofrendo de pseudoconhecimento ilusório. Por outro lado, se somos **nós** que estamos dizendo aquelas palavras para outros, são novamente **eles** que estão confundindo pseudoconhecimento com conhecimento. Isto é uma regra simples de lembrar: se os outros concordam com você, eles possuem conhecimento real, mas se discordam de você estão afligidos por ilusão e pseudoconhecimento.

Se você quer permanecer na corrente principal e jogar seguro no centro do caminho bem “batido”, aplicar a regra acima é a técnica padrão para discriminar conhecimento real do pseudoconhecimento. Que regra poderia ser mais simples ou satisfatória ao ser aplicada? As demais pessoas são todas idiotas!

O fato é, que desacordo em conceitos da Visão Ampla são mais frequentemente resultado de um conflito de crenças, independente de quem esteja falando, fingindo que está ouvindo, concordando ou discordando. Se você pretende evitar saltar para conclusões na ausência de conhecimento, deve manter o estado do ceticismo de mente aberta – não há outras alternativas lógicas ou razoáveis. Tudo o mais é uma armadilha.

A esta altura, você deve estar imaginando se existe tal coisa como uma boa crença. Minha melhor forma de responder a isto, é com outra pergunta. Existe tal coisa como boa ignorância? Se existe, então onde e quando quer que ocorra de a ignorância ser a melhor alternativa, é lá que você poderá encontrar uma boa crença. No curto prazo e na visão estreita você pode encontrar algumas vantagens na ignorância em alguns poucos casos especiais. Ignorância talvez não seja tão má, se o problema seja de pequena importância e significância, ou se você não pode fazer nada a respeito. Se você está tentando enganar, usar ou manipular outros para sua vantagem, a ignorância **deles** é sempre muito útil.

No longo prazo e na Visão Ampla, se você não está tentando manipular os outros e seu ego é pequeno, a ignorância tem pouco ou nenhum valor. Se os temas são significantes, as apostas altas, ou o resultado importante para você, então a ignorância e a crença vão deixar você vulnerável e parecendo um avestruz com a cabeça enterrada na areia. Em temas substantivos, de significância no longo prazo, não existe boa crença.

O principal uso e função da crença ou pseudoconhecimento é negar a existência da ignorância, adoçar o medo e manipular os outros. Conhecimento, por outro lado, dá a você a oportunidade de aperfeiçoar seu potencial em qualquer situação. Uma cabeça na areia, pode fazer você se sentir melhor no curto prazo, mas impede que você acabe por ir a qualquer outro lugar que possa ser mais útil e produtivo na prática, e ainda deixa sua “você-sabe-qual-parte” completamente exposta e desprotegida.

Se o que você por ventura crê é por causalidade a Grande Verdade, você vai ser salvo pela boa sorte de ter nascido na **cultura correta** . Uma cultura correta iria necessariamente, por definição, ser composta quase

inteiramente de indivíduos impecavelmente sábios de qualidade estelar. Por um acaso, esta descrição se parece com a cultura na qual você está imerso?

Porque a qualidade de seu ser expressa a correção de sua compreensão, é fácil determinar se você e os membros de sua cultura ou subcultura (incluindo aqueles que compartilham sua religião, profissão, associação, gangue ou vizinhança) são iluminados. Apenas prove o pudim – olhe as pessoas a sua volta. Olhe para a pessoa **média** na **sua** cultura e olhe para você mesmo. Se você vê primariamente bondade, sabedoria, inteireza e amor por todo lado, então seu sistema de crenças não precisa de ajustes adicionais e você está dispensado, de crescer a qualidade de sua consciência a fim de **parecer** crescido.

Se esta não é, por alguma infeliz circunstância, a sua situação ou se você está mais interessado em “ser crescido de verdade” em vez de “apenas parecer ser crescido”, então suspenda temporariamente qualquer crença limitante (isto quer dizer **todas** as crenças) pelo menos pelo tempo suficiente para ponderar uns poucos pensamentos grandes. Se tiver êxito, vai ter aumentado grandemente a probabilidade de descobrir como melhorar a qualidade do seu ser.

Não se preocupe, estes conceitos pouco usuais não podem esticar sua mente, além do seu limite elástico. Sua mente tem uma capacidade quase ilimitada de absorver, tanto quanto de se fechar, para nova informação e novas relações entre partes da informação.

Alguns indivíduos creem que seus sistemas de crenças são perfeitos – que seu único problema é a imperfeição de sua implantação. Sem chance! Você é quem você é. Você absolutamente reflete suas crenças **atuais** completa e acuradamente. A qualidade do seu ser, necessariamente reflete a qualidade, a correção das suas crenças e de sua compreensão. Talvez você não saiba quais sejam suas crenças atuais (as reais, não as intelectuais sobre as quais você fala). Isto é muito comum. Crenças culturais, religiosas, científicas e pessoais podem ser extremamente sutis e frequentemente são invisíveis, aos indivíduos e aos membros dos grupos que as compartilham.

Verdades religiosas, pessoais e culturais estão tipicamente tão incutidas e tão óbvias (para os envolvidos) que parecem definir a própria realidade e, portanto, nunca são questionadas. Dentro disto se encaixa uma das principais limitações da crença – quando você acredita que tem as respostas certas, não há mais qualquer necessidade de continuar a procurar a verdade ou de fazer perguntas.

► Pessoas que continuamente questionam verdades óbvias, são irritantes para aqueles de nós que já sabem as respostas. Se pudéssemos encontrar uma técnica efetiva para reeducar as pessoas que não compreendem a verdade **real** como nós, o planeta seria um lugar muito melhor e mais seguro, para tudo e todos. A eliminação gentil e suave daqueles flagrantemente ineducáveis seria claramente justificada e nos levaria muito adiante, na direção de fazer do nosso mundo um lugar melhor para nossas crianças e futuras gerações. Poderíamos assegurar a continuidade de um futuro brilhante para todos, através da neutralização final e definitiva dos elementos negativos e menos desejados, que são a causa raiz de todos os problemas. Deus está contando conosco para manifestar seu desejo. Nós seremos os heróis das gerações futuras! Você está conosco, camarada?

Se você acabou de encontrar este livro largado sobre um mictório em um banheiro público ou abandonado em um assento vazio do trem ou metrô e aconteceu de abri-lo justo nesta página, alerta que o parágrafo anterior foi planejado para ser sarcástico. Eu tentei usar um pouco de humor histórico-político-religioso, para marcar um ponto mortalmente sério, sobre a canção cantada pela sereia ao ego ao medo das pessoas (a isca), e as mandíbulas de ferro (pressão dos companheiros) descompromissadas da armadilha de crença – e do debilitante efeito que isto pode ter, no senso comum das **outras pessoas**.

Se o **ego** (preciso estar certo, minhas necessidades, opiniões e crenças definem a verdade), o **medo** (do desconhecido, de estar errado, da desaprovação, da imperfeição, da falha, de Deus ou do inimigo profano), e a pressão dos companheiros (esta é a forma que todos os demais pensam, então deve estar certo ou é pelo menos seguro) tem influência, ou poder de veto sobre que pensamentos você pode honesta e seriamente manter, então você foi pego em uma ou mais armadilhas de crença – mesmo que você não queira dar fim naqueles degenerados que estão “ferrando” com o resto de nós.

Por outro lado, se alguém realmente pensa que é uma boa ideia eliminar os degenerados entre nós que estão além da salvação, então tal indivíduo não apenas foi pego em uma armadilha de crença, mas é também, potencialmente perigoso. Interdição pela força e pela violência como solução, quase sempre produz o efeito oposto ao planejado. Usualmente esta opção torna o problema original muito pior, enquanto

reduz fortemente a credibilidade do ponto de vista do indivíduo violento, que está propondo esta solução. ◀

Infelizmente, a sabedoria e o significado pretendido das sagas antigas, necessariamente parecem obscuros do ponto de vista daqueles que não compartilham sua cultura nem sua experiência. Adicionalmente, tal sabedoria e significado são facilmente perdidos ou distorcidos, pelos sistemas de crença que os outros rapidamente estabelecem em torno destes indivíduos, à fim de expressar suas ideias ao mais baixo e mais amplo nível de entendimento. Além disso, o auto servido conceito de “sagrado ou santificado”, frequentemente dilui ainda mais a significância de tais conhecimentos, na medida em que um movimento ou ideologia se forma para codificar e estender, aquilo que é essencialmente uma qualidade de “compreensão” e de “ser” individual, para transformá-la em uma forma de “certificação-em-grupo” mais facilmente vendável.

Nenhum grupo, independente de quão pequeno ou grande, pode possivelmente criar e outorgar compreensão, integridade e crescimento pessoal (a base da sabedoria) baseados-na-experiência, a qualquer indivíduo. É o indivíduo que precisa atingir isto. Contudo, há algumas coisas que os grupos e organizações **podem** criar e outorgar – poder, influência, riqueza e prestígio vem imediatamente a mente. Estes atributos, delegados primariamente a liderança do grupo, são criados via recrutamento e manutenção grandes quantidades de membros ou adeptos. Os membros do grupo encontram nele suporte mutuo, aprovação, status, poder político e segurança.

O poder da quantidade é tão atraente que os grupos aparecem e se organizam sobre cada tipo de interesse ou ideia que possa dar suporte a uma filiação viável. Grandes grupos, movimentos e organizações – frequentemente terminam sendo sobre ego, poder, dinheiro, prestígio e influência, independente de qual tenham sido as intenções originais de sua criação. Culpa, medo, intimidação, tradição, segurança, aceitação, identidade, valores compartilhados, socialização e acultramento se tornam as ferramentas eleitas para crescer, manter e reforçar a organização e seu poder.

Em contraste, é a ciência **pessoal**, a filosofia e a qualidade do **indivíduo** que deve alimentar o fogo, no cerne criativo da existência humana. Somente o indivíduo pode trazer conteúdo, direção, qualidade e

valor, ao poder dos números. Ainda que a “*My Big TOE* ” seja sobre ciência, filosofia, a organização geral e a mecânica da realidade, ela também é sobre você – o indivíduo. Você é um elemento vitalmente importante na Visão Ampla (Big Picture) porque sua consciência individual tem um papel chave no cerne da realidade.



## Causalidade em Cada Dimensão Pode Potencialmente Transformar Um

### Místico Em Um Cientista

Cientistas frequentemente acreditam que tudo deve ter uma causa objetiva. Isto, conforme acabamos por descobrir, não é uma expectativa justa e razoável. Ela estica o conceito da causalidade da nossa PMR (Realidade Física-Material) além da fronteira da região lógica e intelectual a qual ela se aplica. Uma afirmação mais limitada seria: Tudo que é considerado objetivo dentro da PMR deve ter uma causa que seja derivável do conhecimento ganho dentro da PMR. Podemos claramente concordar com esta afirmação mais precisa, compreendendo completamente as limitações implicadas pelo “derivável de conhecimento ganho dentro da PMR” o qual é baseado nas medições e compreensões exclusivamente limitadas a experiência na PMR. Deste ponto de vista, é apenas sobre aquelas coisas que podemos acessar de nossa limitada perspectiva da PMR, que devem existir causas logicamente acessíveis. O que esteja além da PMR pode parecer místico para nós e pode, enquanto estando dentro do sistema de causalidade de sua própria dimensão, violar de forma lógica nossa causalidade objetiva na 3D (terceira dimensão) resultando em efeitos PMR **mensuráveis**, que frequentemente rotulamos de paranormais. Paranormal essencialmente significa “sem causa” a partir da limitada perspectiva da ciência PMR tradicional -- nenhuma causa física aparente se iguala a inexistência de causa dentro da ciência física que define simplesmente o paranormal como imaginário e, portanto, de nenhum interesse para a ciência. Alguns cientistas, marginalmente respeitáveis

vindo das fronteiras da ciência estão obstinadamente (e sem muito êxito) procurando causas físicas de fenômenos paranormais -- e mesmo estes pesquisadores com mente mais aberta tipicamente acreditam, que considerar outras causas que não as físicas seria ridículo e não-científico. Uma vez que as limitações da ciência na PMR estão ultrapassadas, aquilo a que uma vez foi definido como paranormal, se torna uma parte normal de uma compreensão científica mais ampla, que responde a um nível mais alto (mais geral) de causalidade.

► Será que o conceito de “além da PMR” parece estranho, não-científico e “fede a bobagens” que não podem ser provadas? Se te soa assim, você está provavelmente com a maioria. O pressuposto de que nada existe além da PMR é uma crença normal, autorrealizável, autopetruante e ilógica. Eu pretendo examinar esta crença detalhadamente durante as próximas 4 seções da “*My Big TOE*” e apresentar uma alternativa racional que explique de forma mais completa, precisa e consistente, os dados mensuráveis existentes. O desdobramento de algo tão complexo e pouco usual como esta “*TOE*” (Teoria de Tudo) precisa necessariamente ser vagaroso e metódico -- por esta razão pode ainda passar algum tempo antes que você comece a perceber a Visão Ampla entrando em foco. Se você puder manter uma atitude de ceticismo de mente aberta até o fim da Seção 6, vai estar em uma excelente posição para aplicar seus próprios dados pessoais e conhecimentos específicos, para verificar o valor deste modelo e desenvolver conclusões acuradas. Desafortunadamente, a destruição de paradigmas e o processo de reconstrução, necessariamente introduzem conceitos que podem parecer dúbios e que no início, são bem difíceis de ser penetrados -- não há como fazer isto parecer de outra forma. ◀

Eventos normais e interações dentro da NPMR (Realidade Não-Física-Material) devem acontecer dentro das restrições de uma causalidade uniforme. Existem ações e reações bem definidas e processos similares, que devem consistentemente produzir resultados similares para todos os experimentadores. A maior diferença entre a causalidade que é local para a (e define a ciência dentro da) NPMR e a causalidade que é local para a (e

define a ciência dentro da) PMR é que dentro da NPMR a amplitude das causas possíveis é muito menos restrita. A PMR e sua causalidade, são apenas um subconjunto da NPMR e sua causalidade. As regras que governam a física da NPMR e as interações entre os seres da NPMR são de uma ordem mais alta (mais geral e menos restritiva). Assim, a NPMR pode interagir com a PMR em formas que violam a causalidade da PMR (tal interação pode produzir atividade paranormal do ponto de vista da PMR), ainda assim mantendo a causalidade da NPMR. Subindo mais um degrau, o “além-NPMR” também possui sua causalidade própria e única, e as interações que tomem lugar lá, devem atender a um conjunto-de-regras menos restritivas e de ordem mais alta. De forma similar, o “além-NPMR” pode interagir com a NPMR em formas que violam a causalidade da NPMR, mas mantém a causalidade do “além-NPMR”. E assim isto segue se repetindo conforme cada dimensão maior de existência que suporte (e seja um super-conjunto de) aquele nível mais baixo seguinte.

► Eventualmente chegaremos a entender que, quer uma realidade pareça ser física ou não-física, isto se dá apenas relativamente ao observador. A propriedade de ser física ou não-física é simplesmente o resultado da perspectiva do observador e não tem significância só por si. Por enquanto, os conceitos de PMR e NPMR fornecem uma conceituação útil da realidade ampla, pela perspectiva de um residente da PMR, que nunca experimentou qualquer outra realidade fora daquela “física”, na qual está agora lendo este livro. ◀

De nosso ponto de vista, a PMR parece ser a parada final na base da colina para este trem de realidade intercausal (a menos claro, que alguém resolva incluir a ficcional Terra-Plana, como próxima parada em um nível abaixo do nosso). O livro Terra-Plana ou Planolândia (*Flatland*) escrito por E. A. Abbott, fornece uma maravilhosa compreensão das dificuldades científicas, filosóficas e sociais, envolvidas em perceber dimensões mais altas. Qualquer um pode facilmente entender as limitações existentes nas dimensões que estão **abaixo** das suas perspectivas normais, ao mesmo

tempo que, olhar corrente acima não revela nada exceto confusão mística. Ainda que Planolândia trate somente de dimensões geométricas ou espaciais, as dificuldades encontradas em perceber e compreender, a dimensionalidade que é diferente da que nos é construtiva e perceptivamente nativa, são muito similares.

► A segunda edição revisada do livro “ *Flatland* ” foi publicada em 1884 por E. A. Abbott e está atualmente disponível pela editora Princeton University Press. Este livro, descreve de uma forma leve e divertida, as dificuldades fundamentais técnicas, epistemológicas, sociais e políticas, de explicar sua percepção de uma realidade além da dimensionalidade de suas percepções físicas. Se você não leu este livro ainda, sugiro fortemente que o faça. Será de muita ajuda a sua compreensão, de como a lógica aparente de sua realidade e a qualidade analítica de seu processo de pensamento são limitados pela dimensionalidade dentro da qual você acredita viver -- e, ele é uma piada. “ *Flatland* ” em sua totalidade está disponível “on line” na internet no seguinte endereço: <http://www.geom.uiuc.edu/~banchoff/Flatland/>. (Este livro está traduzido para o português com o título de Planolândia e esta versão também pode ser encontrada na internet – basta buscar via Google). ◀

Talvez além-NPMR seja a camada mais externa, ou talvez seja além-além-NPMR. Eu vou descrever e discutir ambas em muito detalhe mais adiante, assim como explicar o que a dimensionalidade é na verdade, e também como ela é gerada. Mantenha-se com estes pensamentos. Vamos retomar a discussão e continuar descascando a “cebola da realidade”, depois que tenhamos desenvolvido mais detalhadamente, a base conceitual necessária para dar suporte a construção da “*My Big TOE* ”.

Ainda que eu não tenha explicado as origens e a natureza da dimensionalidade, já não é cedo demais para discutir algumas de suas propriedades, relativas a hierarquia causal ou os subsistemas de realidade. Vemos que o início, pertence e é governado, pelas regras de causalidade da

dimensão seguinte. Cada dimensão de existência, dá à luz e nutre as dimensões recém-nascidas que gera. Uma dimensão filha, pode (mas não é necessariamente requerida) se tornar também uma mãe. Uma mãe pode gerar muitas filhas. Cada filha existe dentro de sua própria dimensão. Dimensionalidade é como sua árvore genealógica, ela tem a propriedade de largura assim como de profundidade. Contudo, nesta discussão estamos analisando somente a profundidade -- a hierarquia da criação. Da perspectiva da filha (o início) precisa parecer místico. Para a mãe, o processo e circunstância da criação e nascimento de uma filha, são muito bem compreendidos e absolutamente nada místicos.

Do ponto de vista do próprio sistema objetivo causal da filha, sua realidade logicamente requer um início místico. Em outras palavras, qualquer sistema de causalidade objetiva é isolado de outros sistemas de causalidade, pela lógica **local** através da qual ele define a si mesmo. Subsistemas de realidade, cada um com sua própria causalidade, podem ser equiparados aos componentes de software e sub-rotinas (partes de programas de computador) de uma simulação ampla e complexa -- todas são executadas de forma interdependente dentro de um mesmo computador, desde que elas tenham conjuntos de regras auto consistentes para definir suas interações internas e externas. Pode haver relacionamentos e interação entre os sistemas causais, mas compreensão e entendimento, normalmente flui somente em uma direção - do superconjunto para o subconjunto. O subconjunto não tem o que seria necessário para entender o superconjunto. Para entender o superconjunto, um ser precisaria primeiro se tornar um membro dele.

Se você leu “*Flatland*” (Terra-Plana ou Planolândia), ficará claro que os residentes comuns de uma dada realidade, podem apenas observar e entender interações, com sua própria realidade e as interações dos residentes das realidades sujeitas a restrições maiores que a sua própria. Residentes de realidades com restrições maiores, não podem compreender realidades de menor restrição, porque elas se situam além dos limites de sua percepção normal.

Cada dimensão da realidade tem suas próprias regras que definem sua ciência objetiva. Adicionalmente, cada dimensão de realidade experimenta a próxima e mais alta (menos limitada) dimensão, como subjetiva e mística. Consequentemente, seu misticismo pode ser a ciência de outro: Isto depende apenas de quão ampla é a visão em que você vive e trabalha, e do grau em que as restrições limitam sua percepção. A perspectiva da próxima dimensão mais alta, fornece uma visão mais ampla com um entendimento mais completo. Este conhecimento mais abrangente, completo e menos restritivo, só é acessível aos seres das dimensões mais baixas (aqueles com uma percepção mais restrita) através da experiência de suas mentes locais, subjetivas e individuais.

Consequentemente, um místico pode ser um cientista de uma dimensão mais alta, ou um bobo delirante e sem esperança, pego em uma teia distorcida de crenças. Como saber qual caso se aplica? Uma ótima pergunta! Vamos passar pelo processo de diferenciação em bom detalhe na Seção 3 (especialmente no Capítulo 48, Livro 2). Primeiro leia *Planolândia* para ajudá-lo a apreciar o problema do entendimento de dimensões mais altas. Segundo, cuidadosa e cientificamente junte suas experiências à medida que você progride, passo a passo, em seu caminho na direção de aumentar a qualidade e capacidade da sua mente, consciência e ser. Então simplesmente prove o pudim, para separar os sábios dos bobos. Se você não consegue separar uma consciência de alta qualidade que é sábia e amorosa, de uma que não é (se você tem papilas gustativas pouco educadas e não consegue interpretar sua experiência), repita o passo dois quantas vezes seja necessário. Até certo ponto é necessário um para conhecer um e você pode precisar desenvolver (evoluir) sua consciência, antes que fique bom neste tipo de discriminação.

A noção de realidades locais dentro de dimensões separadas e de uma hierarquia de existências dimensionais é provavelmente um conceito difícil de compreender. Tenha paciência -- a semente foi plantada e mais adiante vamos aprender de onde vem estas dimensões, o que elas significam, como

são criadas, e o que o amor, a sabedoria e a física possam possivelmente ter a ver com qualquer delas.



## Viés Cultural

A causalidade objetiva é base filosófica fundamental da ciência na PMR (Realidade Física-Material). Tem sido extremamente útil para entender e manipular o reino material. Infelizmente, nós seres da PMR com limitada compreensão, nos tornamos tão comprometidos com nossa crença em uma causalidade objetiva física, que forçamos tudo para dentro da camisa de força da causalidade da PMR. Por que eu te amo? Por que eu gosto de música? Por que as imagens fractais parecem com cenários naturais? Por que sou obcecado por sapos? **Tem de haver** uma razão muito boa que caiba dentro do modelo de causalidade PMR. Mesmo se não houver causa dentro da PMR (meus sentimentos e comportamento simplesmente irrompem espontânea ou misticamente ou por alguma interação ou associação com uma realidade maior que constitui um

superconjunto da PMR), os motivos serão sempre supostos e racionalizados, de modo a fazer nosso modelo causal da PMR parecer inviolado (sem dúvida, alguma função ou disfunção neurológica ou psicológica explica tudo, menos os fractais). Invocar o desconhecido, para servir como uma explicação lógica para algum evento difícil de entender, não é lógico e nem mesmo particularmente racional, na maioria das circunstâncias.

► Rotineiramente, ajustamos nossa interpretação dos eventos e nossas teorias científicas, para satisfazer os requisitos dogmáticos de nossas crenças. Teorias que violem nossas crenças culturais e científicas são absurdas por definição e não são levadas a sério pela maioria dos cientistas. Nossas crenças estabelecem as fronteiras que definem os limites de nossa ciência - elas sempre fizeram isso e qualquer história da ciência razoavelmente precisa irá comprovar esse fato. A maioria dos cientistas, da pré-história até os dias atuais, sente que embora a crença tenha cegado seus antepassados, ela não inibe seriamente sua própria visão clara na atualidade. Enquanto o tempo passa, a cegueira-de-crença continua invisível como sempre. Se você pensa que nós do mundo moderno - que chegamos tão longe em nosso entendimento e conhecimento - não somos mais séria e dramaticamente limitados por nossas crenças, está enganado.

A maioria das descobertas conceituais na ciência e na filosofia, ficam sempre fora do espaço de soluções definido pelo que é geralmente aceito. Se deseja dar um salto à frente, esteja preparado para transcender suas noções atuais de realidade e possibilidade, cortando velhas crenças e paradigmas pela raiz.

Achar que você pode efetivamente viver e trabalhar no meio do caminho, entre saltos ousados e limitações dogmáticas, não é nada mais do que uma ilusão reconfortante . **Para sair da caixa, você deve primeiro passar por cima de sua borda** - uma ação demasiado assustadora e intimidadora para a maioria dos habitantes de caixas, que sempre acharão razões muito boas de por que seria realmente melhor permanecer em segurança na caixa. É um engano deixar que o medo de sair da frigideira para cair no fogo, evite que você sequer chegue a sair da frigideira. Ceticismo de mente aberta, ciência cuidadosa e vontade de trabalhar e aprender, podem lhe permitir sair da caixa (ou da frigideira) sem se machucar, queimar ou iludir. ◀

**Acreditamos** que sempre existem causas objetivas para cada efeito e cada evento, quer saibamos ou não quais são. Determinar quais são e descobrir suas regras é o que chamamos ciência. Dado um efeito, se não percebemos uma causa objetiva, simplesmente acreditamos que nossa ciência está incompleta. A crença na supremacia da causalidade **local** não nos permitirá considerar, que pode não haver uma causa local objetiva - que o efeito, pode ter pelo menos um componente, que fica além da objetividade da PMR. Tal efeito seria chamado de paranormal e pareceria místico, quando visto da perspectiva da PMR. Isso possivelmente é rejeitado de imediato porque conflita com nossas **crenças** culturais e científicas sobre a realidade.

O comprometimento Ocidental com a universalidade da nossa causalidade objetiva **local** é uma atitude dogmática (crença não negociável), que está culturalmente arraigada em nível profundo. Como vimos (no Cap. 18), esta crença **requer** que nosso sistema de realidade tenha um início místico. Ao mesmo tempo, a crença cultural e científica Ocidental na causalidade objetiva universal, condena cada esforço em investigar o início místico como sendo irracional, ilógico e supersticioso - uma “sinuca de bico” objetiva. A ciência simultaneamente, demanda de forma lógica e também racionalmente nega, os inícios místicos.

O problema está em nossa crença que a causalidade objetiva seja universal (se aplica a toda a realidade), ao invés de ser apenas local na PMR. Quando se tem a visão mais ampla (“bigger picture”) e se percebe que a PMR é um subconjunto de uma realidade maior, a dificuldade lógica e operacional de nosso início parecer místico, desaparece imediatamente. Agora nosso início é apenas o resultado de uma causalidade mais geral,

trabalhando dentro das regras de sua própria ciência - ainda melhor, é passível de nossa análise e aberto ao nosso entendimento, se pudermos obter a perspectiva de uma causalidade mais geral. Ah-há! Uma solução e um plano para aplicá-la, começam a emergir das possibilidades lógicas.

Em outras culturas menos tecnicamente focadas, o que parece pela perspectiva da PMR como místico, não é associado nem definido, como algo irracional, ilógico ou não científico. No entanto, para a maioria dos ouvidos Ocidentais a frase "Assuma a existência de uma unicidade absoluta irrestrita aparentemente infinita" soa menos digno de aceitar do que a frase "assuma a existência de uma galinha esférica".

Mostramos ser lógico, que se há tal coisa como um conhecimento mais elevado, mais correto e completo, que reflita a ciência do "lugar" de nosso início ou além dele, então precisa necessariamente parecer mística para nós. Também mostramos que tal conhecimento, está disponível para nós apenas através da expansão da nossa perspectiva para dentro da próxima dimensão mais alta de existência, onde nossas origens são comuns, mundanas e bem entendidas. Entretanto, uma cultura Ocidental baseada-no-que-é-material rotula isto firmemente como sendo pensamento e experiência místicos (pelo ponto de vista da PMR), como tagarelice infundada e inútil que está abaixo de considerações sérias, porque não pode ser entendida dentro do alcance de nosso limitado método científico (aplicado apenas para a PMR).

É um objetivo desta "*Big TOE*" pegar o que aparenta ser místico e além do conhecimento, como visto pelo ponto de vista somente-PMR, e, através do uso de uma lógica impecavelmente aplicada para duas hipóteses razoáveis, e torná-lo em ciência real em plena luz do dia sob seu olhar devidamente cético e vigilante.

Não se acredita existir uma ciência mais geral, porque ela não pode derivar de uma porção da ciência que limita a si mesma, exclusivamente aos fenômenos locais, físicos e objetivos. Você vê a inconsistência lógica dessa crença cultural? Fica claro que o argumento circular e auto referencial, que é primariamente responsável por fechar as mentes do século vinte para a possibilidade de uma visão mais ampla, é apenas o resultado de ser pego em uma armadilha de crença?

Tal afirmação baseada em crença circular e não lógica, como verdade óbvia dentro das culturas Ocidentais, cega e restringe severamente as opções de crescimento daqueles que são pegos nessa armadilha

particular. A única possibilidade lógica que resta é que, embora deva ter existido um início místico, agora por alguma razão desconhecida a substância e intenção (força) por trás daquele evento místico desapareceram, não deixando mais nada existindo além da realidade local mensurável e objetiva. Você acha essa uma explicação plausível **objetiva**, ou se parece mais com um pensamento limitado, tentando desesperadamente justificar seus limites? Uma possibilidade lógica talvez, mas que leva a uma conclusão irracional.

A intenção e o poder implantados por trás da nossa origem aparentemente mística, deve representar uma fonte mais capaz, poderosa e fundamental em sua existência, para que possa dar à luz a nossa realidade local. Nossa realidade antecessora, deve necessariamente ser operacional a um nível mais alto (mais geral) de existência ou dimensão. Deve necessariamente representar um superconjunto ao qual nossa realidade física local pertença. Assumir que essa fonte criativa tenha de algum modo desaparecido é como se os cubos de gelo no balde da minha máquina de gelo, acreditassem que o compressor responsável pelo seu congelamento, deva ter parado de trabalhar anos atrás. Aqueles cubos de gelo delirantes não entendem a visão mais ampla.

Parece provável, que essa força criativa de nível mais alto, por razões desconhecidas apenas secou e sumiu, deixando-nos seguir existindo sozinhos como órfãos abandonados? Essa premissa assume que poderíamos existir independentemente da nossa fonte iniciadora. Da forma que isto acaba sendo, nossa fonte é iniciadora e sustentadora - não podemos existir independentemente dela, mais do que nossos órgãos internos podem existir independentemente dos nossos corpos. Essa suposição (a fonte do nosso início místico não mais existir) parece ser resultado de análise científica - ou parece mais como uma daquelas crenças místicas, que são consideradas críveis porque suportam os dogmas individuais, culturais e científicos aceitos? A pseudosabedoria popular diz que se nós (nossos eus individuais, nossa cultura e nossa ciência), com nossos entendimento e conhecimento impressionantes não entendemos algo, não podemos claramente compreendê-lo e muito menos medi-lo, então ele não deve e não pode existir. Isso parece a você ser uma conclusão científica, ou a expressão de uma crença de visão estreita?

Chegar a conclusão lógica e racional, de que uma realidade maior dentro de uma visão mais ampla, pode **possivelmente** existir além dos

confins da nossa realidade física atual, define o que tenho chamado de ceticismo de mente aberta. Simplesmente permitir a possibilidade (independentemente do quão remota você **acredita** que seja) e ter o bom senso e o comprometimento em explorar esta possibilidade honesta e cientificamente, é tudo o que é necessário para desenvolver a sua “*Big TOE*” - uma “*Big TOE*” **pessoal** que tenha a habilidade de acelerar a evolução da sua consciência.

Tenho mencionado os termos crescimento pessoal, evolução de consciência e aprimorar a qualidade da consciência várias vezes sem definir o que eles significam. Esses termos atualmente vagos serão precisamente definidos depois que tenhamos desenvolvido mais completamente as bases conceituais necessárias para sustentar seu significado.

Deveríamos esperar que nossa origem mística coletiva (pela visão da PMR), que é necessariamente iniciada e mantida por um nível mais alto de organização e existência dimensional, seja óbvia, fácil de entender assim como ocorre conosco? Será que nossas máquinas, computadores, animais de estimação, vírus de laboratório, bactérias intestinais e órgãos internos tem dificuldade de entender, a experiência e as motivações humanas dentro do contexto da existência deles? Eles não podem nem começar a compreender nada, além de um senso raso e unidimensional de nós. O conhecimento, entendimento e intenções, que animam nossas ações e alimentam nossos poderes aparentemente incríveis, são incompreensíveis para eles.

Se o entendimento da realidade maior que contém nosso início é tão difícil e além das ferramentas da nossa ciência objetiva, é de se admirar que muitas pessoas, tendo um vislumbre da Grande Verdade (derivada de sua própria experiência ou, mais comumente, entregue a elas por outras), têm antropomorfizado todos os tipos de crenças e deuses, para preencher o vazio criado pela ignorância e pelo medo?

► Ignorância e medo profundos produzem uma lista longa e variada de deuses. Deuses do sol, das Árvores, da Lua, do Fogo, dos Rios, da Guerra, da Fertilidade, deuses Tribais, deuses do Oceano, deuses Animais e mesmo deuses da Bebida, Sexo e Festas (Baco) - para mencionar apenas alguns dos prováveis milhares de deuses, que as pessoas têm conjurado para suas próprias necessidades e a sua própria imagem, ou a imagem de seus medos. O que mais explicaria a miríade de deuses falsos em que as outras pessoas acreditam?

Você percebe que as pessoas de cada religião do mundo iriam concordar com esta sequência acima? Uau! Pergunta: Esta concordância unânime entre um grupo tão controverso constitui algum milagre? ◀

Deixadas com um total desconhecimento, de algo tão fundamental e importante quanto as circunstâncias da sua origem, a natureza e propósito de sua realidade, podemos perdoar as outras pessoas por antropomorficamente projetarem o que sabem em uma resposta plausível (para elas na época). Isso é uma resposta tipicamente humana, se não racional. Infelizmente, ela também prepara o palco para muita ofensa, agonia, culpa, intolerância, medo, confusão e violência.

Inegavelmente, um pequeno conhecimento pode ser algo perigoso. Isso é particularmente verdade sobre o conhecimento obtido de outros, quando os destinatários não têm a qualidade pessoal para terem derivado esse conhecimento por si próprios, garantindo assim que desentendimentos irão ocorrer e que será impossível para os destinatários, fazerem distinções entre conhecimento e pseudoconhecimento. Em se tratando da Grande Verdade, você não pode ensinar e muito menos forçar alguém a entendê-la.

Como um professor, é melhor você esperar até que seus alunos estejam prontos, do que empurrar a Grande Verdade de uma forma que ela pareça uma ideia mística e equivocada em suas mentes. Como um aluno, é melhor esperar até que você esteja pronto (ter crescido o suficiente) para entender a Grande Verdade em um nível profundo, do que saltar precipitadamente dentro de uma armadilha de crença, achando que você tomou um atalho para o conhecimento e a sabedoria. Você não pode acessar entendimento e sabedoria que estejam além do que a qualidade da sua consciência pode naturalmente suportar. Cada unidade de consciência individual deve desenvolver seu caminho pessoal único, alimentado pelo livre arbítrio guiado por sua intenção.

Dada uma questão **importante** em qualquer assunto "caro ao coração", parece que a raça humana (isso é verdade também para indivíduos, grupos e culturas), prefere enormemente qualquer resposta plausível (no momento) mesmo se parecer errada, a não ter resposta nenhuma. Quando saber parece ser importante, a única coisa pior do que uma resposta errada é não ter resposta nenhuma. É muito mais fácil e recompensador no curto prazo, acalmar a ansiedade com pseudoconhecimento, do que encarar a ignorância com um ceticismo de mente aberta. Infelizmente crescer no longo prazo, o que é importante, é

severamente reprimido por uma preferência quase universal pela solução de sentir-se bem no curto prazo.

Se enfrentarmos sem resposta uma questão importante sobre quase qualquer coisa, nós humanos tendemos a inventar uma resposta que satisfaça nossas necessidades emocionais e intelectuais e então acreditamos nela, com força de convicção que é igual ao poder da necessidade original. É assim que somos - temerosos do que não conhecemos ou entendemos - pouco à vontade ao não saber, desconfortáveis com a incerteza. É por isto que o ceticismo de mente aberta, como abordagem de aprendizado e crescimento, raramente é utilizado. Embora o ceticismo de mente aberta seja óbvia e logicamente a abordagem mais correta, benéfica e produtiva, para avaliar novas ideias e experiências, ele não provê a palavra final imediata e a falsa segurança de uma conclusão por crença - e ela requer trabalho adicional. Saltar para conclusões, em especial se já são amplamente difundidas e, portanto, um curto e seguro salto social é muito mais fácil e imediatamente satisfatório, do que fazer o trabalho longo e difícil da pesquisa científica honesta.

São estas crenças bem elaboradas e mantidas próximas, fantasias e ilusões de conveniência, que guiam o comportamento (disfuncional e funcional) no dia-a-dia para a maioria. Não há quase nada mais importante para nós, que nossas fantasias ou crenças. Crenças parecem tornar a vida mais fácil, menos trabalhosa e mais feliz, pelo menos no curto prazo. Sem elas temos que encarar nossa ignorância, nossa incerteza ou imperfeição e o nosso medo - qualquer coisa é melhor do que isso. O fato infeliz é que no longo prazo, pela perspectiva da visão mais ampla, crenças e fantasias quase sempre têm um efeito que é oposto ao pretendido. O processo de negação e medo, geralmente faz com que aquilo que é temido, se manifeste em sua realidade.

A riqueza, importância e significado da nossa existência **subjetiva**, conflitam diretamente com a noção de que, se você não é capaz de medir ou experimentar algo **fisicamente**, aquilo não existe ou é irrelevante. Igualmente, a abundância de dados científicos respeitáveis colhidos, documentando eventos paranormais, também paira sobre o rosto da nossa realidade limitada. Com os fatos científicos aceitos sobre a dualidade onda-partícula, o paradoxal entrelaçamento de pares de partículas que se comunicam instantaneamente, e a existência material baseada em estatística, a física moderna está empurrando a noção da nossa querida

realidade objetiva, para dentro do espaço-mental subjetivo do experimentador.

Se você está pensando que "subjetivo" e "racional" são conceitos mutuamente exclusivos e se perguntando a quais dados respeitáveis da física moderna eu poderia estar me referindo, isso pode indicar que você precisa avaliar suas crenças (identificar as armadilhas), abrir-se, olhar em volta e sair (da caixa) com mais frequência. Informação verossímil falando sobre esses assuntos está aí fora aos montes e não é difícil de encontrar.

► Exemplos de dados respeitáveis estão disponíveis em Mind Reach - Scientists Look at Psychic Ability de Russell Targ e Harold Puthoff, Editora Delacorte, 1977 e The Conscious Universe: The Scientific Truth of Psychic Phenomena, de Dean I. Radin pela Harper Collins, 1997.

Até onde vai a física moderna, uma excelente descrição **não matemática** das teorias da relatividade e mecânica quântica, escritas especialmente para não cientistas é “A Evolução da Física de Albert Einstein” de Leopoldo Infeld, publicado por Simon and Schuster em 1961.

Estes são apenas alguns, de uma grande seleção de livros que você poderia usar como ponto de partida, na ampliação do seu conhecimento sobre os limites entre física e metafísica. Desses livros você irá aprender, que a realidade material em que você pensa viver é, na verdade, muito mais estranha do que sequer imaginou. Também irá obter uma apreciação do quão pouco a ciência sabe realmente, sobre as características fundamentais e as propriedades da realidade. A única coisa que a maioria dos físicos modernos concordam nestes dias é que aquilo que geralmente temos por nossa realidade causal local 3D ordenada pelo tempo é meramente uma ilusão da percepção. Quase sessenta anos após a física quântica destruir a amplamente aceita fundação material da realidade física, o que está atrás dessa persistente ilusão perceptiva, continua tão misterioso quanto sempre foi para uma ciência tradicional, presa por crenças limitadoras à visão estreita. ◀

O paradigma da realidade está instável sob nossos pés culturais. Leste e Oeste, Norte e Sul, estão cada vez mais trocando informação e, de forma inseparável, misturando seus valores culturais e filosóficos enquanto

a informação e a tecnologia da comunicação continuam e integrar o espaço-mental do nosso planeta. Esta é uma época especialmente propícia para ponderar estes assuntos e descobrir, o que seja real, produtivo e não delirante.

Será importante manter a solidez e o equilíbrio enquanto o chão cultural, balança e chacoalha embaixo de você. É também importante filtrar a verdade da cacofonia inevitável de conceitos conflitantes, aos quais todos estão prestes a ser expostos na chegada da implosão cultural (um subproduto da revolução informação-computador-redes). Para alcançar a evolução pessoal e o crescimento mais eficientes, você deve encontrar a síntese ideal dos conceitos disponíveis e então adicionar ou personalizar esta informação, para que se adeque a você. Ter uma correta e abrangente “Big TOE”, nunca foi mais oportuno ou importante para seu crescimento futuro, do que é neste momento no alvorecer da Era da Informação.

Que alguns indivíduos se recusem a fazer qualquer esforço para explorar a verdade subjetiva, diz algo sobre esses indivíduos e o poder limitador dos seus sistemas de crenças. Aqueles que aceitam seriamente o desafio de explorar a realidade e crescer sua consciência, raramente voltam para casa de mãos vazias. Eles inevitavelmente encontram uma realidade maior além da PMR objetiva, e isso quase sempre vale muito mais para eles, do que o esforço considerável necessário para a acessar.

Novamente, a prova da utilidade e qualidade de qualquer pudim que você prepare está em provar, avaliar, experimentar e compartilhar os resultados daquele pudim. Você pode começar de qualquer lugar. Seja cético, mantenha a mente aberta e exija resultados objetivos mensuráveis, tente uma receita diferente. Avalie os resultados, ajuste a receita e vá fazer mais alguns pudins, levemente melhores. Repita o ciclo continuamente. Logo, você estará ganhando prêmios na festa típica pela qualidade da sua consciência.

É importante estar ciente de como o seus preconceitos culturais e crenças podem limitar severamente o escopo (largura, profundidade e qualidade) dos pensamentos que você é capaz de ter, como também, o tamanho da visão que é capaz de compreender. A luta para alcançar além de uma perspectiva limitada pela crença é usualmente muito difícil e apenas exploradores sérios e determinados, obstinadamente perseguindo a verdade por qualquer caminho que ela os leve serão os que provavelmente terão

sucesso. Infelizmente, a “venda nos olhos” da crença limitadora que todos usamos, parece tão natural e se encaixa tão bem (bloqueia tudo exceto aquelas ideias e opiniões que são ‘obviamente corretas’, profundamente enraizadas e amplamente difundidas) que sequer estamos cientes dela. Se ela nos é apontada, como pessoas temerosas precisando manter as ilusões pelas quais definimos à nós mesmos e nosso lugar no mundo, temos uma tendência inata para negar que qualquer “venda” exista.

Uma **crença** de que a PMR seja "tudo o que existe" é extremamente limitadora e faz com que algumas questões muito importantes e interessantes sejam impossíveis de responder sem invocar outros sistemas de crenças limitadoras. O argumento entre ciência e crença - versão mais geral daquele entre ciência e religião - é um laço sem fim, autoalimentado, de debate inútil, saltando em um vai e vem de um sistema de crença limitador para outro. Os excessos lógicos de cada um criam a necessidade racional para o próximo. Estes argumentos violam a Lei da Racionalidade, ao formar uma máquina de movimento perpétuo, para desperdício dentro de um buraco negro lógico! A Terceira Lei de Campbell do Não Movimento (também conhecida como a lei inação-reação) descreve com precisão esses argumentos: Para cada racionalização irracional há uma racionalização irracional igual, mas oposta.

Certamente, a maioria das religiões não acredita que a PMR é tudo o que existe, e religião, assim como ciência, é uma parte significativa de nossa herança cultural. No entanto, a organização e codificação do misticismo e dogma em várias doutrinas religiosas é de pouco valor. Que nós como uma cultura permitimos um misticismo limitado e de foco estreito (vários dogmas religiosos) coexistir e se misturar com nossos dogmas científicos serve apenas para confundir, distorcer, e restringir, nossa capacidade de lidar com a verdadeira questão da qualidade de consciência.

Ciência e religião, cada uma a sua maneira, pregam um evangelho de esperança e prometem salvação na Terra Prometida do bem e da abundância. No entanto, como regra geral, nenhuma fornece o impulso significativo para a qualidade interior na vida de um indivíduo. A qualidade da sua consciência deve crescer como uma entidade evolutiva independente à sombra de ambos. Qualidade de Consciência é uma realização pessoal que só pode ser desenvolvida por um indivíduo - não é esforço de grupo. Não tem absolutamente nada a ver com credo, dogma ou crença. A qualidade individual não pode ser aumentada nem um milímetro, por qualquer tipo de

crença, informação acumulada sobre qualquer tema, por praticar boas ações que não sejam propriamente motivadas, por falar com os outros disto ou por ler livros.

Uma vez mais, busco sua satisfação – como os cavalos devem continuar na frente das carroças, progressões lógicas devem tomar seu tempo para ser desenvolvidas, dando um passo por vez. O conceito de qualidade da consciência e seu relacionamento com a qualidade espiritual irão se firmar mais tarde quando a primeira estiver mais precisamente descrita e tenha sua definição técnica dada. Enquanto isto, me deixe dizer uma coisa: Crescimento espiritual, crescimento pessoal, melhorar a qualidade da sua consciência, evoluir seu ser, aumentar sua capacidade para o amor e diminuir a entropia de sua consciência são todos essencialmente sinônimos e equivalentes. Muitos leitores têm uma boa ideia (ou pensam que têm) sobre o que esses termos significam, mas existem alguns que não têm certeza e alguns deles estão agora começando a ficar um pouco preocupados. É assim que deveria ser - mentes adequadamente céticas, precisam de clareza lógica. Estabelecer conexões lógicas científicas que inter-relacionem física, espiritualidade, consciência e amor, não é tão tolo ou impossível quanto parece - na verdade, isto é algo que uma “*Big TOE*” abrangente deve necessariamente cumprir. Agente firme comigo - estas ideias são mais lógicas e racionais do que você poderia imaginar.

Não me entenda mal. Eu não estou denegrindo a qualidade espiritual potencial que pode ser encontrada dentro da religião por **indivíduos** buscadores da verdade. Quando eu uso a palavra "religião" aqui, eu estou falando apenas do dogma institucionalizado ou religião organizada, a qual representa como a grande maioria das pessoas está conectada à religião. **Existem indivíduos e organizações que florescem fora desta generalidade** e é muito provável que você considere a si e sua associação, estar entre eles.

Não é um simples fato, que as outras pessoas geralmente sejam as que não entendem, e que a frase "grande maioria das pessoas" geralmente não inclui você? Você não acha logicamente intrigante, que a grande maioria das pessoas sente com muita força que não podem ser agrupadas, com a grande maioria das pessoas? Nós humanos geralmente estamos tão cientes da nossa individualidade, quanto estamos cegos sobre nossa conformidade - esta é a nossa natureza. A verdade inquestionável da sentença em negrito acima, deve dar às outras pessoas uma saída lógica

grande o bastante para se espremer por ela, a fim de voltarem para sua zona de conforto pessoal.

Existem aqueles poucos que, depois de removida a organização, socialização, status, tradição, hábito, dogma, credo, ritual e crença de sua religião, ainda têm alguma coisa sobrando que seja muito significativa. Para estas pessoas, religião é uma experiência espiritual pessoal que lhes permite evoluir a qualidade de sua consciência tão efetivamente, quanto qualquer outro caminho espiritual. Que elas escolherem se integrar com esta experiência espiritual honesta, dentro de alguma configuração religiosa tradicional, representa apenas o caminho individual que elas escolheram - não existe nenhum benefício intrínseco ou penalidade, em se fazer desta forma. Todos os caminhos têm benefícios e desafios.

Ao contrário da crença popular, **eu não condeno** crença e dogma como inútil e prejudicial meramente porque são ilógicos e desnecessários. Muito do que nós fazemos todos os dias - particularmente nossas atividades habituais - é ilógico e desnecessário. Ineficiência não é um crime e se fosse, estaríamos todos na cadeia. Condenação tipicamente flui de arrogância e provavelmente não faz parte de um processo prestativo, nem é uma boa técnica para fomentar entendimento ou melhorar a comunicação. Esta trilogia é sobre ser prestativo, melhorar o entendimento e reduzir o ego e a arrogância.

Tenha cuidado para não tirar conclusões precipitadas. Te convido a trazer seu dogma para minha vizinhança, contanto que você limpe tudo e o mantenha sob controle. Não o deixe morder, incomodar ou intimidar ninguém. Certifique-se que não cave nos jardins, mate nossas flores, arbustos e crianças ou deixe pilhas de cocô nos quintais. Por fim, não permita que aterrorize ou tirenize as criaturas e seres vulneráveis que vivem e brincam pacificamente no ambiente. Se você for um dono responsável de um dogma amigável, você e seu dogma serão bem-vindos a minha vizinhança a qualquer hora.

É possível, embora excessivamente incomum, que um indivíduo venha a perder ego e ganhar qualidade de consciência na busca de um dogma favorito. Para a maioria de nós, o dogma ergue barreiras ao longo do nosso caminho de crescimento pessoal, nos distrai do que é realmente importante, confunde nosso senso do que é certo e errado, arbitrariamente limita nossa realidade ao amarrar-nos em armadilhas de crença e tende a nos tornar mais egocêntricos, arrogantes e hipócritas. Nós prontamente

abraçamos o dogma, porque ele abrandava nossa ignorância temerosa com um bálsamo reconfortante feito de pseudoconhecimento fácil de obter e porque sua desvantagem sempre acaba caindo do lado de fora de nossa percepção. No entanto, existem alguns poucos que externamente aparentam estar na busca de dogma, por causa dos seus hábitos, rituais e associações e ainda, interiormente cresceram além de suas limitações. Para estes indivíduos, o dogma (junto com qualquer ritual associado) se torna apenas um padrão familiar de fazer, que é similar em função, a um mantra de meditação.

► Oferecer ambas, ciência ou religião, a alguém em extrema necessidade (como todo mundo está hoje) de substância interna é como dar a uma pessoa faminta uma ‘galinha de borracha’. Parece bom e ela se sente imediatamente melhor. Agora cheio de esperança e confiança, ela mastiga e mastiga e mastiga mas continua a emagrecer e emagrecer da mesma forma. Se sua preocupação com e a sua crença no valor nutricional da ‘galinha de borracha’ te impede de procurar comida de verdade, a situação piora.

Que alguma comida de verdade possa estar escondida em segurança dentro da galinha de borracha só torna a situação mais patética (a pessoa consegue sentir o cheiro dela, mas não sabe como chegar até ela). Quanto mais faminta a pessoa fica, mas ela se torna fixada na galinha de borracha e menos capaz é de eventualmente desvendar o quebra-cabeça. Ela afinal morre de fome, eternamente grata pela Grande Benevolência que lhe forneceu o precioso dom da esperança na forma de uma maravilhosa galinha de borracha. ◀

Somos pelo que parece, como cidadãos da Planolândia (“*Flatland*” - habitantes imaginários de uma realidade bidimensional) que não podem entender a conexão entre geometria sólida e seus estômagos. Eles teriam de ir para dentro (através) de si mesmos para começar o que seria, para eles, uma jornada mística e metafísica em direção ao entendimento da terceira dimensão. Nós temos de fazer uma jornada parecida para entender a realidade mais ampla (“*bigger picture*”). Eles teriam de transcender suas crenças, as quais nasceram de sua experiência objetiva dentro de sua realidade local e seu sistema causal limitado. Temos de fazer o mesmo. Eles encontrariam a realidade da terceira dimensão através de experiência subjetiva combinada com cuidadoso raciocínio científico - não pela

dedicação a um dogma (velho ou novo, religioso, cultural, científico ou pessoal). Temos de fazer o mesmo.

Algumas coisas não podem ser compreendidas a partir de (ou traduzidas para) uma perspectiva com a qual nós, seres aparentemente presos nesta Realidade Física-Material (PMR), temos de trabalhar. Se esta jornada para entender a realidade nos parece mística ou metafísica, isso é artefato de nossas limitações de percepção e pequena perspectiva do espaço-tempo, não é uma condenação da veracidade de nossa visão. Geometria sólida e a terceira dimensão são reais, apesar de existirem além da compreensão dos habitantes da Planolândia limitados por crença e presos em sua causalidade objetiva local.

Nossa ignorância não impõe limites sobre a realidade maior - apenas ao nosso entendimento sobre ela.



## A Atitude Correta

**B**enefício pessoal significativo pode ser obtido simplesmente desenvolvendo uma atitude de explorador. Você deve ser corajoso e ter mente aberta de forma suficiente para contemplar o desconhecido e então dar um passo para dentro (experimentá-lo) para descobrir por você mesmo. Não há outra maneira. Sua experiência, seu tempo, seu esforço e sua mente compõem o único portal para uma compreensão que não seja baseada em crença. Uma compreensão baseada em crença é apenas marginalmente melhor do que nenhuma compreensão (de nenhum tipo) se, e somente se, aquilo em que você acredite termine surpreendentemente por ser verdade. Você acredita que o sistema de crenças correto pode levá-lo a “linha de chegada” sem ter que participar da corrida?

Desafortunadamente, ele não pode – mesmo que sua crença acabe acidentalmente, demonstrando ser verdadeira.

Algumas pessoas acreditam que não tem tempo, energia ou habilidade, para ganhar qualidade de consciência por elas mesmas. Pensam que se encontrarem a religião, organização, livro, professor, guru ou conselheiro correto, vão minimizar o esforço necessário para desenvolver sua experiência pessoal da Grande Verdade (Big Truth), porque o professor vai explicar o que é verdadeiro e eles poderão simplesmente acreditar. Você acha que esta estratégia vai funcionar? Não, ela não vai! Você não pode “acreditar” seu caminho para uma qualidade de consciência, da mesma forma que você não conseguiria usar a simples “crença” para se tornar um mestre tocador de violino, um lutador de sumô ou o presidente do seu país. Ainda existe outro problema. Você ainda terá obviamente, que escolher em quem acreditar de forma “muito sábia”. Como você conseguirá fazer isto sem ter de antemão, uma grande sabedoria própria? Ainda que, informação possa ser passada de pessoa a pessoa, sabedoria advém apenas através de sua experiência prática pessoal e não é transferível de outros.

Você já precisaria **ser sábio** para poder escolher o sistema de crenças que pode fazê-lo **parecer ser sábio**, de forma que você não tenha que ganhar sabedoria através de esforço e experiência, e realmente **se tornar** sábio. Não existem atalhos. Você precisa desenvolver a qualidade do seu ser através da sua experiência pessoal. Atingir sabedoria, escolher caminhos de crescimento espiritual, melhorar a qualidade da sua consciência, discernir pseudoconhecimento de conhecimento real e discriminar bons de maus professores são todos temas que serão discutidos em mais profundidade nos capítulos 47 e 48 do Livro 2.

Suas crenças (culturais, religiosas, pessoais ou científicas) são na maior parte irrelevantes para a qualidade da sua consciência, exceto pelo fato de que possam retardar seu desenvolvimento, limitando aquilo sobre o que sua mente pode pensar. Evolução, não é matéria para passar em exame. Trata-se de um tema sobre como você é, a qualidade do seu ser, não daquilo em que você acredita. Crenças não frequentemente, se é que alguma vez ocorre, são traduzidas em qualidade de ser, elas tratam apenas sobre usar o pseudoconhecimento para “tapar o buraco” do conhecimento real

indisponível (ou difícil de obter). Você pode falar **sobre tornar-se uma pessoa sábia, de qualidade, de sabedoria, com a atitude correta**, saber **sobre isto** e acreditar em qualquer coisa que queira **sobre isto**, é de graça, mas você não **vai ser tornar isto** sem **pagar** o preço (experiência diligente e extensiva, gerada a partir de esforço dedicado e rigoroso). Isto é válido para um jogador de futebol profissional, um cirurgião cerebral, um físico nuclear, um mestre carpinteiro, um lutador de sumô ou um violinista de concertos – tanto quanto para um ser espiritualmente evoluído. “*No pain, no gain*” (ou seja, sem esforço/dor não existe ganho).

Não existe almoço grátis. Ou você paga o preço, ou renuncia aos benefícios. Porque o benefício é o crescimento e a evolução da sua consciência, apenas renunciar não parece ser uma escolha sábia. Por quê? Quem se preocupa? Qual é o custo de uma oportunidade de vida perdida? Vamos discutir isto mais tarde. Deixe-me dizer por agora, que os custos são severos e uma vez incorridos não podem ser contornados – mas seus efeitos podem ser reversíveis. Os custos, não devem ser interpretados como castigo ou punição, são meramente o resultado lógico de não evoluir.

Para aqueles que estejam imaginando o que evolução, crenças-armadilha e consciência, tenham possivelmente ver com deduzir uma física mais abrangente, por favor, sejam pacientes, e as conexões vão eventualmente tornar-se claras. Primeiro preciso desenvolver uma paisagem conceitual mais ampla e em mais detalhe, antes que a física da PMR (realidade física-material) possa ser parida de forma lógica e a partir de um nível mais amplo de causalidade.

Eu não quero deixar ninguém com a impressão, de que o crescimento espiritual (melhorar a qualidade e desta forma reduzir a entropia de sua consciência) é uma atividade similar ao trabalho em uma mina de carvão. Além de ser útil, o crescimento espiritual é também vibrante, interessante, recompensador, engraçado e divertido. Uma vez iniciado, é uma aventura tão excitante que você irá, de boa vontade, alocar mais do seu tempo e energia nesta direção. Ele também é prático: aumentar a qualidade da sua consciência imediatamente aumenta a sua qualidade de vida.



## Para quem é que você vai ligar?

É verdade, em matéria de evolução não existe "almoço grátis". Ainda assim, contemplar e avaliar as ideias dos outros pode ser de **imensa** ajuda a seu progresso e ao seu esforço, para crescer a qualidade da sua consciência. Você não tem que descobrir tudo por você mesmo. O conselho de outros pode ser similar a ter um mapa para guiar suas explorações. Um mapa incorreto pode levar você a perder-se em uma caça ao "Saci Pererê". Você precisa avaliar a precisão do seu mapa **enquanto vai seguindo** - porque, **antes** de ir em frente, você só pode adivinhar ou assumir seu caminho, através de uma vaga avaliação de qualquer mapa. Um mapa útil, precisa necessariamente ser geral de alguma forma, assim como cada jornada precisa ser individual e pessoal.

Antes de ir a conceitos completamente novos no próximo capítulo, vamos primeiro juntar aquilo que já aprendemos sobre as origens e consequências das crenças e os requisitos de um crescimento pessoal, de forma que, aqueles que estiverem assim inclinados, possam iniciar o desenvolvimento de sua base de experiência necessária, que vai levá-los a poder construir sua **Grande Teoria de Tudo** (“*Big TOE*”) pessoal ou, pelo menos, avaliar esta aqui.

No capítulo anterior concluímos que você precisa fazer a própria exploração e crescimento de sua sabedoria. Você não pode progredir

deixando que os outros façam o trabalho. Apenas acreditar no que alguém mais (incluindo eu) fala (tornar-se um crente) é preguiçoso, arriscado, e da no mesmo que aceitar a crença ou conhecimento de **outra pessoa** no lugar do **seu próprio** conhecimento. Apenas copiar o comportamento ou crenças de outros, recitar ou memorizar seu conhecimento, não consegue produzir crescimento **significativo** pessoal ou espiritual para **você** . Apesar de que algum direcionamento por um companheiro de exploração possa ajudar a melhor entender seus desafios e escolhas, descobrir a Grande Verdade e aumentar a qualidade da sua consciência é fundamentalmente um esforço individual e independente. Falar sobre isto todos os dias e noites com o maior dos gurus, não vai produzir um erg de progresso real. Seu progresso duradouro necessita ser resultado de esforço pessoal.

Crescimento pessoal é mais eficiente e efetivo como produto de boa ciência. Isto é ciência subjetiva ou ciência pessoal e não pode ser confundida nem com religião organizada ou pessoal, nem com a ciência objetiva. Ciência real pessoal requer **resultados** reais, verificáveis, mensuráveis e **objetivos** . Aqui, a palavra "resultados" ao seu mais básico nível, se refere a progresso significativa e continuamente verificável em direção a uma melhoria da qualidade do seu ser consciente, a evolução da mente, o crescimento e maturidade do espírito. Por quê? Porque esta é a natureza da realidade na qual vivemos. Você vai ver que a natureza física, assim como a espiritual, da nossa realidade é diretamente derivada do processo natural de evolução da consciência. Ao fim das próximas duas sessões, a ciência vai ter deduzido as origens, natureza, objetivo e mecânica de ambos, da espiritualidade (crescimento da qualidade da consciência através da evolução) e de seu mundo físico.

Você eventualmente descobrirá que sua realidade é fundamentalmente não-física (de uma perspectiva da PMR - Realidade Física-Material) e é animada e dirigida pela lucratividade, na direção dos estados de mais baixa entropia (maior organização). Se os seus esforços não produzem crescimento significativo mensurável, sua ciência pessoal é apenas ilusória. O conhecimento ganho através da ciência pessoal, contínua e dramaticamente se modifica, à medida que **crece e se transforma** . Por outro lado, sistemas de crenças religiosas, culturais, pessoais ou científicas requerem somente uma **crença** sincera na verdade assumida dos seus credos, doutrinas e dogmas associados.

Um sistema de crenças requer fé na correção daquelas crenças. Porque a correção é simplesmente assumida, resultados de verdade não são requeridos (a correção não pode ser objetivamente demonstrada - o que está na natureza da crença). Sistemas de crença maduros e estáveis, incluindo aqueles gerados pelas crenças religiosas, culturais e científicas, uma vez estabelecidos tendem a não sofrer mudanças. Existe um desincentivo lógico a modificar significativamente o que já é, **por definição**, assumido como sendo completo e perfeito. Em contraste, o conhecimento ganho em um processo pessoal maduro de experimentação científica é sempre um fluxo contínuo. Mente aberta, ceticismo e uma contínua exploração científica buscando novos dados são a garantia disto. A busca da verdade está, por sua natureza, em constante estado de descoberta, refinamento, análise e reanálise porque novos dados continuam a chegar, enquanto o indivíduo estiver atento e interessado no crescimento.

Buscadores honestos da verdade nunca se tornarão “sabe-tudos” - sempre há espaço para melhorar a você mesmo bem como o seu conhecimento. Quando você achar que já sabe tudo, quando acreditar que tem todas as respostas, você terá de fato, perdido tudo - nada permanecerá exceto uma casca vazia.

Você não necessita nenhuma crença, descrença ou fé particular para motivá-lo a começar sua jornada. Precisa apenas compreender a ‘**possibilidade**’ de uma realidade maior de algum tipo. Depois disto, o desejo de descobrir a verdade deveria ser motivação suficiente. Adicionalmente, se esta realidade maior "talvez apenas possível" for também **potencialmente** muito importante e significativa para sua vida e o seu ser, nada deveria impedi-lo de gastar a energia que for necessária para explorar a verdade do assunto por você mesmo.

Você pode e deve aprender dos outros ao maior nível possível, mas precisa crescer por você mesmo. Aprender daqueles que já foram antes pode acelerar seu progresso. Contudo, escolher aqueles de quem você pensa que pode aprender é um processo interativo, que precisa constantemente ser reavaliado à luz da sua experiência e de seus resultados. Aqueles que podem ser mais úteis, a qualquer momento da sua vida, vão mudar conforme você e sua situação se modifica.

Não fique travado em padrões, hábitos ou rituais. Não procure por grupos ou organizações que te digam o que fazer. Não caia dentro de armadilhas-de-crença. Tenha confiança em você mesmo. Você **pode**, não

somente fazê-lo por conta própria, como também **deve** fazê-lo eventualmente, de forma rápida ou lenta, com facilidade ou grande esforço. Estamos constantemente evoluindo nossa consciência. Evolução **força** escolha e mudança. Ficar na mesma escolhendo a opção de não agir, não é possível. Mudança não pode ser evitada. Mudança pode acontecer tanto como crescimento positivo ou deterioração negativa. As escolhas individuais que você faz, por fim determinam a direção (positiva ou negativa) do seu crescimento.

Um bom professor prove encorajamento, torna a experiência de aprendizado mais intensa e mais concentrada, e dá ao estudante uma **oportunidade** de aprender mais rapidamente. Desafortunadamente, quanto mais você precise de um bom professor, menor a probabilidade de que consiga distinguir um bom de um ruim.

Um bom professor foca seus esforços para acelerar seu progresso, enquanto um ruim vai mal direcionar ou desviar seus esforços e inibir seu progresso. Esteja sempre cético e com a mente aberta, livre de crenças e acima de tudo, prove o pudim - continue a exigir e avaliar resultados mensuráveis. Se seis meses passam sem nenhum **resultado óbvio mensurável**, isto indica que você precisa começar a trabalhar seriamente, ou mudar seu método.

Resultados, resultados, resultados. Resultados atuais, claros, não sutis, e mensuráveis - é assim que você deve avaliar a eficácia de seu processo. Conhecimento intelectual e resultados intelectuais não são os resultados sobre os quais estou falando. Estes não são substitutos para os resultados reais de um ser em mutação e crescimento. **Saber sobre isto** pode ser muito interessante e ajudar, mas não deveria jamais ser confundido, com **ser isto**.

Uma mudança na qualidade do seu ser, crescimento na qualidade da sua consciência, evolução do seu espírito: estes são os resultados dos quais eu estou falando - resultados do ser, não resultados do intelecto. É sobre quem você é não sobre o que você sabe. É sobre **porque** você faz o que faz, não o que você diz ou faz. Quando você começa a entender, a fazer e a ser de forma diferente, você vai produzir resultados mensuráveis. Os testes que você deve passar não são escritos. Grande conhecimento fatural não vai ajudar você a passar um teste de qualidade do seu ser. Você é quem e o que você é - **e isso aparece** - não importando quão bom você acreditar que seja em controlar seu comportamento com seu intelecto.

Verdade é absoluta, mas como descobri-la, e expressá-la dentro de seu ser, precisa ser pessoal. Desenvolva seu mapa tentativo da estrada, aplicando um ceticismo de mente aberta para experimentar e conjecturar a (teoria) de outros. Então **modifique** aquele mapa conforme os dados que você coleta. Isto tem bom senso e oferece a **possibilidade** de alavancar o conhecimento acumulado e a sabedoria dos outros, enquanto você define seu caminho único. Adotar um conjunto de crenças, é uma forma de atacar a questão comparativamente não produtiva e arriscada, para a evolução do seu ser e a qualidade da sua consciência.

Como está progredindo no crescimento da qualidade da sua consciência? Como está propositadamente perseguindo a evolução do seu espírito? Se dogmas, rituais e grupos de busca intelectual ou emocional estão fora, como você vai sair daqui e chegar lá por si mesmo?

Para os cientistas que estão imaginando, o que a consciência e todo este papo sobre espiritualidade têm a ver com física, deixe-me assegurar a vocês que não perdi meu foco e que esta discussão, está diretamente no caminho de uma teoria da física mais geral e legitimada. Contudo, estamos agora e vamos estar por algum tempo, desenvolvendo os conceitos básicos necessários para construir essa Grande Teoria de Tudo (“*Big TOE*”). Porque isto é uma “*Big TOE*” e não uma pequena “*TOE*”, uma perspectiva ampla, com o suporte de vários e completamente novos paradigmas, precisa ser desenvolvida. Este processo pode parecer de tempos em tempos, dar voltas por territórios bem distantes, ridículos ou irrelevantes, mas se você conseguir manter certo ceticismo de mente aberta até o fim da Seção 6, vai eventualmente compreender estas conexões não usuais e sua significância para a ciência.

Porque isto é ciência e não teologia, deixe-me desviar um pouco do tema no caminho lateral seguinte, no processo de sair daqui (onde quer que você esteja) para chegar lá (uma qualidade de consciência aumentada). A jornada para uma qualidade de consciência mais alta, é mais simples e direta do que você possa imaginar. Não posso prometer resultados rápidos, mas posso prometer técnicas fáceis de fazer e exercícios que são simples e efetivos. Para alguns vai ser tão fácil como aprender a nadar, para outros o progresso pode vir lentamente; contudo, todos aqueles que forem exploradores dedicados e corajosos, podem ter sucesso superlativo, se o seu desejo de conseguir for suficiente.

► Porque melhorar a qualidade da sua consciência (crescimento espiritual) não é e não vai ser uma conquista intelectual, faz pouca diferença qual será sua forma de aproximação intelectual para a iniciação destes melhoramentos. **Como** você começa ou o que você **faz** para melhorar a qualidade da sua consciência é insignificante comparado ao ato de começar. Adicionalmente, uma melhoria na qualidade do seu ser não flui **automaticamente** de nenhuma atividade ou prática externa. Tudo que você precisa é força da vontade e a irremovível sede (energia) de crescer o seu ser e o caminho, o processo, para fazer isto vai se revelar para você. Você está cercado de oportunidades para crescer, seu caminho ótimo começa de onde você estiver. Estou falando sobre mudar o seu ser, intenção, motivação e atitude; modificar a qualidade das suas interações com os outros - mudança no comportamento e ações (o que você faz) é secundário (são resultados e não causas) e se seguirão por eles mesmos. Mudança primária quando significativa é clara, óbvia e visível, tanto para você como para os demais.

A evolução da consciência é um conceito extremamente difícil para a mente Ocidental compreender por que somos exclusivamente focados no fato material e produtivo de que as ações corretas é que nos levam ao produto ou resultado desejado. Ocidentais querem saber quais ações devem tomar para conseguir os resultados que querem. Por que lidamos quase exclusivamente com ações externas definidas para produzir resultados externos, não percebemos com facilidade que os resultados internos seguem uma lógica diferente. Aquilo que você está fazendo agora, como você vive sua vida no dia a dia, é provavelmente bom o suficiente como está - o que você precisa mudar ou melhorar é o **porquê de** você estar fazendo o que faz. Quando o "porquê" - a motivação e a intenção do que você faz - é correto, o "o que" toma conta dele mesmo. Melhorar o "porquê" pode começar em qualquer lugar e momento, por que só requer modificação das variáveis internas, não das variáveis externas. Nada pode mudar você além de você mesmo.

Você pode rezar e ter esperança de que alguém mais te agracie com a iluminação (acredite em mim, isto não vai acontecer), ou você pode decidir dar os próprios passos para se desenvolver e crescer. Não espere encontrar um atalho nas armadilhas "pega-moscas" dos reinos religioso, científico, dos dogmas pessoais, ou dentro do meio caminho de um

carnaval Nova Era. Você precisa manter sua mente livre para mudar e crescer. A questão correta é: Como a qualidade fundamental do seu ser mudou? A resposta a esta questão define à medida do seu progresso. Sucesso autoproclamado (alardeado) não significa nada: progresso precisa ser demonstrado por resultados claros e óbvios.

A resposta para como a qualidade fundamental do seu ser mudou, ou é totalmente óbvia para todos (incluindo você mesmo) ou não houve muito progresso acumulado. Resultado genuíno não é sutil. Você e muitas outras pessoas, dado tempo suficiente com um indivíduo, terão a capacidade de ver a diferença entre um ser sábio e amoroso e um que está apenas tentando parecer desta forma. Isto não é ciência espacial: não é difícil determinar se você está fazendo progresso. Uma mudança significativa na sua capacidade de amar é tão sutil quanto a cura de uma perna duramente quebrada - ninguém, incluindo você, poderá deixar de perceber a diferença.

Você está como um antílope pego em meio à luz dos faróis de um carro que se aproxima - congelado, incapaz de dar o primeiro passo? Por causa de nossa crença cultural de que precisamos **fazer** algo na PMR (realidade física-material) para disparar a mudança (mesmo que esta mudança seja dentro da nossa consciência), muitas pessoas ficam efetivamente paralisadas e não conseguem dar o primeiro passo. "O que eu deveria **fazer** ? Por onde começo?" perguntam, buscando uma receita ou conjunto-de-regras claras dando os passos de "como fazer". Melhorar a qualidade da sua consciência, energizar seu crescimento espiritual e ganhar uma perspectiva de Visão Ampla, não serão alcançados mudando o que você **faz** , mas sim mudando aquilo que você **é** . Releia a sentença anterior pelo menos duas vezes e pense sobre sua necessidade de um processo físico para desenvolver a consciência. Você é um produto de sua cultura - quanto a isto não há discussão, não há o que fazer.

Crescimento espiritual, melhorar a qualidade da sua consciência, é sobre mudar a sua atitude, expandir sua percepção e superar seus medos, reduzir seu ego e melhorar sua capacidade de amar. Para ter êxito, você precisa mudar sua intenção (objetivo), e modificar sua motivação. O problema (e a solução) é de ser, não de fazer. Você pode **fazer** tudo certinho "conforme o catecismo", meditar regularmente, ser consciencioso, tentar duramente, seguir as "instruções de movimentos

prescritos” e ainda assim conseguir pouco progresso. Seguir as instruções faz muito pouco, se sua mente não está aberta e em busca da mudança **interna** fundamental.

A possibilidade de mudança interna fundamental pode ser muito assustadora. Quando a mudança começa a ocorrer, muitas pessoas saem correndo porque estão aterrorizadas pelo desconhecido. Elas estão com medo de onde as mudanças podem levá-las (o que geralmente é direto de frente, cara a cara com seus medos) e de não ter a habilidade de controlar o processo intelectualmente. Eles acham que chacoalhar as fundações do ser ao nível mais profundo é uma atividade muito desestabilizadora. E o que acontecerá se toda a estrutura do Eu cair por terra em ruínas? O Ego começa a temer sua própria dissolução e “morte”.

Medo e crença fazem com que muitas pessoas bem-intencionadas rejeitem a mudança interna fundamental, particularmente se suas crenças não são compatíveis com as mudanças necessárias. Em vez de abraçar a mudança e enfrentar os medos, muitos daqueles que se postulam como buscadores espirituais se focalizam nos rituais externos associados a algum tipo de disciplina mental ou espiritual: Eles vão à igreja, ou vão aprender a meditar. Muitos praticantes de meditação e uns poucos frequentadores de igrejas esperam conseguir produzir mudanças **externas** mensuráveis e ter um controle interno 'legal' das experiências metafísicas.

No ocidente, meditação não faz parte da cultura e é uma atividade mais individual que social. Muitos frequentadores de igrejas, continuam suas práticas mais por conveniência social, hábito, dever ou expectativa cultural - enquanto muitos praticantes da meditação, eventualmente decidem que esta prática não está **fazendo** nada por eles, ou pelo menos não o suficiente, para valer o esforço e o tempo requeridos por um compromisso de longo prazo. Alguns poucos de ambos os grupos vão fingir que seu esforço os tornou superiores. Os mais honestos e objetivos dos praticantes de meditação que falham, desistem em frustração ou devido à simples falta de interesse, e logo esquecem o assunto. " *Eu tentei os exercícios espirituais e eles não funcionaram para mim ...*".

Praticar alguma forma de meditação para gerar mudança externa, ganhar habilidades paranormais, aplacar a culpa por não fazer nada, ou

porque você simplesmente pensa que é o que devia fazer, é similar a um carpinteiro tentar construir um gabinete, usando um martelo e uma chave de fenda, mas segurando as ferramentas pelo lado errado. Todas as peças estão lá, mas a execução é falha. Faça as mudanças internas necessárias e mudanças externas mensuráveis vão ocorrer por elas próprias. Você tem que pegar a chave de fenda e o martelo pelo cabo de madeira, ou vai chegar à conclusão errada de que eles são inúteis e que somente os outros podem fazer uso efetivo deles. Ou, de forma mais arrogante, que ninguém conseguira fazer uso destas ferramentas estúpidas, que os gabinetes são uma impossibilidade lógica, e que todos os carpinteiros são fraudes ilusórias ou são imbecis.

Você precisa se dar conta que não pode modificar o **ser**, apenas tomando iniciativa em ações físicas dentro da realidade física. Ocidentais têm particularmente muita dificuldade em entender este fato e frequentemente se sentem perdidos, sem uma forma de forçar ou estimular os resultados pelo lado de fora. A oportunidade, de saltar para um sucesso e liberdade pessoal aplicando um conhecimento mais completo, está perdida em um falso compromisso com a “visão estreita” (little picture) culturalmente condicionada. "As armadilhas-de-crença" são um problema maior do que a maioria de nós pensa que são.

Sei, que depois de tudo isto, você ainda quer saber o que pode **fazer**, como pode melhor modificar o seu ser, e quais são as técnicas mais efetivas. Deixe-me adivinhar, você sente que poderia usar uma dica - uma pequena ajuda, um pequeno direcionamento de por onde começar. Tudo bem, tudo bem, eu desisto! Para ajudar a iniciar seu processo, aqui estão algumas coisas que você pode **fazer** e que **podem** levar a oportunidades de crescimento do seu ser, contudo, é de **sua** inteira responsabilidade reconhecer, agarrar e desenvolver, as oportunidades que apareçam em seu caminho. Ma verdade você já tem muitas oportunidades, mas vamos fazer de conta que fazendo o que eu vou te dizer, oportunidades mais obvias e fáceis vão aparecer diante de você. Isto deve nos permitir iniciar o processo com uma esperançosa atitude positiva.

O que mais possivelmente vai acontecer é que por trabalhar conscienciosamente nos seguintes exercícios, sua perspectiva vai mudar, habilitando você a ver oportunidades que agora são tão invisíveis para você, como a água o é, para um peixe que vive dois quilômetros abaixo

da superfície no meio de um oceano com quatro quilômetros de profundidade. Sem luz e com apenas uma pequena percepção, o peixe não sabe nada sobre água. Água é apenas o que sempre foi -- algo tomado por certo. O peixe não pondera sobre a natureza da água, ele nada nela. Nós nadamos em um oceano de consciência. Não percebemos o oceano, mas somente as interações locais que temos com ele.

O primeiro e mais necessário ingrediente é um desejo sincero de crescer a qualidade da sua consciência - evoluir o seu ser - mudar a si mesmo de forma permanente, a um nível profundamente pessoal. O segundo ingrediente importante é ter a coragem de mudar - a coragem de confrontar seus medos - encarar a “morte e a destruição pessoal”, porque esta é a história que seu ego vai te contar (e tentar fazê-lo acreditar), quando ele vier choramingando e com o "rabo entre as pernas" até você, na esperança de dissuadi-lo de crescer a qualidade da sua consciência.

Porque "o seu pequeno e doce ego" haveria de querer fazer algo mal como isto? Porque o trabalho principal do ego é manter você se sentindo bem, gerenciando seus vários sistemas de crença, que foram desenhados para manter seus medos fora do alcance da sua percepção intelectual. Desenvolver a qualidade da sua consciência requer que você encare seus medos, que os ultrapasse, e que dissolva seu ego. E você deve esperar uma forte luta contra, pelo seu ego . ◀

▶ ▶ Ego não necessariamente implica em arrogância autocentrada. Ego vem em infinitas formas de expressão - arrogância é apenas uma delas. Ser tímido, inseguro ou viver constantemente preocupado, também são manifestações do ego. Insegurança e ansiedade sobre esta insegurança são comuns. Como cada personalidade que expressa, essa insegurança e ansiedade, refletem a qualidade e o estilo individuais. As estratégias que são utilizadas para lidar com o medo, apesar de comuns em um nível mais alto, são aplicadas de forma única por cada indivíduo. Grandes egos refletem grandes medos; não necessariamente refletem grande arrogância ou orgulho, ainda que possa também refletir a ambos. Autocentrados, autofocados e auto-absorvidos, são três dos tipos possíveis de ego - cada um destes três tipos pode ser dirigido, tanto internamente

(produzindo timidez) como externamente (produzindo arrogância) para criar traços de personalidade que parecem ser opostos.

Coragem e determinação irão crescer o suficiente para ultrapassar o medo, se a intenção de sucesso for suficientemente forte, estável e clara.

Vou definir mais cuidadosamente o ego e explicar suas funções (como ele funciona e atinge seus objetivos) em um aparte no Capítulo 8, no Livro 2. Vá para lá agora, se você estiver seriamente confuso.



► O caminho mais óbvio para a exploração da consciência é através da exploração de sua consciência pessoal - uma investigação científica da sua experiência subjetiva. Estudar a consciência de fora (objetivamente) é como estudar biologia vendo as fotografias dos animais no zoológico. Consciência é fundamentalmente individual e pessoal. Nosso senso objetivo de consciência é derivado do reflexo da nossa consciência pessoal, na superfície unicamente curvada de um espelho que chamamos "o outro".

Nossa experiência objetiva de outras consciências é resultado de uma interação de nossa consciência pessoal (representando um conjunto de escolhas possíveis ou formas de ser) com o outro, o que nos sugere novas configurações, interações e possibilidades para o **nosso** ser. Nós projetamos nossa percepção de consciência no "outro", definimos a natureza do "outro" em termos de nós mesmos, e assim vemos apenas uma reflexão de nós mesmos no espelho da interação com o "outro".

Para preservar uma simetria de interação, nos também servimos como um espelho de formato único no qual os outros podem ver a eles mesmos refletidos em novas e desafiadoras maneiras. Dentro desta Casa de Diversões dos espelhos interativos, sua consciência é um ator singular. Oportunidades para mudar aparecem, escolhas são feitas, a realidade é atualizada, e o avanço ou retrocesso em termos de crescimento pessoal é atingido. A percepção da sua consciência define sua realidade pessoal. Há tantas diferentes tonalidades e níveis de realidade pessoal quanto há diferentes níveis de percepção pessoal. "Os outros" proveem oportunidades de melhoria da qualidade da sua consciência, por refletir precisamente a verdade sobre você.

Se a melhora da qualidade de sua consciência junto com a efetividade pessoal, crescimento e poder são seus objetivos, abordar o tema da consciência pelo lado de dentro, através de uma exploração científica do espaço interno, é a única forma de aproximação lógica que produz resultados. Uma aproximação pelo lado de fora vai limitar você, a coletar os fatos sobre a sombra que sua consciência projeta na parede da PMR (realidade física-material).

Projetamos nossa consciência pessoal no campo de ação de um jogo multijogadores de realidade interativa cujo objetivo é nosso crescimento e aprendizado individual. A experiência da consciência, bem como a evolução dela através da escolha é algo inteiramente pessoal. Contudo, a percepção de uma consciência maior (fonte) e a compreensão de suas propriedades é acessível, através da sondagem científica e avaliação objetiva, do valor e características operacionais da experiência subjetiva da consciência pessoal.

Um método de atingir uma avaliação do espaço interno subjetivo é através da meditação. Aprender a meditar é como aprender a tocar um instrumento musical: pode tomar um sério e constante esforço antes que você possa realmente fazer música, ao invés de produzir apenas ruídos guinchantes. Toma muita dedicação sobre um longo período de tempo, antes que você possa dominar o básico de um instrumento e tocá-lo bem. Infelizmente, muitas pessoas que pegam um instrumento e fazem uma tentativa, desistem muito antes de ter aprendido a tocar bem. Isso também ocorre com a meditação.

Conforme mencionado previamente, copiar os movimentos, ou no caso desta analogia, **fingir** tocar um instrumento, independentemente de quão perfeita ou impressionante seja a mostra visual (externa), não vai produzir nenhum resultado significativo.

Há muitos caminhos efetivos para o crescimento pessoal - meditação é apenas um deles. Dentro da vasta gama de práticas que circunscrevem aquilo que de forma pouco precisa definimos como meditação, há muitos tipos, métodos e formas diferentes de encarar. Porque é o método mais fácil, efetivo e universalmente aplicável, uma simples meditação para percepção mental é o caminho de escolha natural por muitos professores e estudantes, que não tenham dogmas a propagar. Dentro do subconjunto da meditação, há muitas técnicas diferentes. A técnica que você escolha não é tão importante como a aplicação do

esforço contínuo - assim que escolha aquela que melhor se adequa a você. Dentro deste gênero de meditação, você não tem na verdade que aprender a meditar, você precisa somente aprender a parar de bloquear o estado meditativo de ocorrer naturalmente.

Pensando que estamos perseguindo o duvidoso tema daquilo que você pode **fazer** a fim de desfazer aquilo que você inadvertidamente fez, vou ajudá-lo a sair desta enrascada, porque sei que suas crenças culturais forçam você a começar com algum processo físico. Ele vai poder ajudar “seu fazer e desfazer”, se você entender a meditação - o seu objetivo e como ela funciona. Com este entendimento, você pode projetar seu próprio crescimento espiritual conforme suas necessidades, **fazendo** alguma coisa - processo físico e mental que pode levá-lo na direção de uma qualidade de ser mais alta. O processo de fazer não pode levá-lo lá, por ele mesmo, mas pode servir com uma rampa de partida.

O estado meditativo que eu o encorajo a atingir, representa uma condição de atenção interna dentro da qual, você se torna ciente de sua consciência pessoal. Com o tempo, você chega a uma percepção de que é uma unidade de consciência entre muitas outras deste mesmo tipo. Eventualmente, vai recuperar sua identidade fundamental como uma entidade (não-física) espiritual - assim como entender sua relação e unidade, com todas as consciências. Crescimento pessoal é um resultado natural da meditação.

Tornar-se ciente de sua consciência é análogo, a que o peixe do exemplo anterior passe a perceber a água. O peixe somente está ciente de sua interação com a água. Ele experimenta a água através de fazer, através de ação, de suas interações causais objetivas com ela. Apesar disto, a água tem existência e significância próprias, além também de interações com outros peixes. Para se tornar ciente da água, é preciso diferenciar entre a água e um **subconjunto** de propriedades dela. O peixe está consciente apenas deste último.

O peixe experimenta a água somente em termos das suas limitadas interações (experiência). Ele experimenta variações na corrente, temperatura, salinidade, viscosidade e limitações dinâmicas, mas na verdade será que ele experimenta a água em algum sentido mais amplo ou fundamental? Estaria o peixe certo? Será que a água não é mais do que apenas as **variações** sentidas em suas propriedades? Será que a água quando uniforme (sem variações em suas propriedades) deixa de

existir como água, ou ela simplesmente se torna um fundo invisível ao peixe por causa dele não conseguir perceber mais? Para apreciar as limitações do peixe, e as suas, imagine um tanque de privação sensorial perfeito onde o seu ambiente local desaparece, por causa da inexistência de impulsos aos seus sentidos. Tudo bem eu concordo, esta não é a melhor das analogias, mas você consegue captar a ideia. Quando você está totalmente imerso em alguma coisa, como um sistema de crença cultural, por exemplo, esta coisa frequentemente se torna invisível porque você não consegue diferenciar mais do “pano de fundo” da sua realidade local – não existe “contraste” para ajudar a atrair a atenção dos seus sentidos. Com a consciência ocorre exatamente o mesmo.

Como o peixe, definimos nossa consciência em termos daquilo que fazemos – das ações físicas que ela nos permite tomar. O principal atributo da consciência pode ser visto como a percepção, ainda assim nós e nossos irmãos peixes estamos cientes, apenas daquilo em que podemos fisicamente atuar, de como interagimos com o **subconjunto** das suas propriedades. E mais, só podemos interagir com aquele subconjunto de propriedades que estão “contrastadas” o suficiente, contra o “fundo” invisível de consciência “primal”, para que o percebamos. Criamos uma “frente ou filtro” de contrastes, relacionamentos e variações, sobre o tecido da consciência que definimos como uma representação de nós mesmos. “Você vê este lindo acúmulo de pequenas rugas no tecido da consciência absoluta? Aquilo sou eu”. Mas você é muito mais que a rugas: você também é consciência, uma parte do todo. Meditação permite que você experimente o “pano de fundo” invisível da consciência. Permite a você notar a própria água, não somente as variações e contrastes nas suas propriedades locais, relativas a uma constante invariável.

O objetivo de meditar é habilitar você a se tornar ciente de sua consciência e assim apresentar você ao seu eu maior. Tornar-se ciente de sua consciência a um nível fundamental, vai eventualmente levá-lo a ver seu eu verdadeiro, o eu completo, o eu inteiro, o sagrado e o sujo – com os medos e tudo. Sem o ego para esconder as partes assustadoras e carentes de atenção, que inventam o contraste ilusório do “Eu vs. Outro”, isto nem sempre é uma visão bonita.

Como é que a meditação leva você a experimentar sua consciência? Reduzindo o contraste, ruído e outras atividades que criam aquela

“frente” agitada – reduzindo e eventualmente desligando a cacofonia das interações mentais, julgamentos e processos operacionais. Para tornar-se ciente de sua consciência (em oposição estar atento aos pensamentos que a habitam) você precisa eliminar as preocupações obsessivas, que a maioria de nós tem com as autodefinições baseadas no ego – os contrastes que você usa para definir você mesmo, contra aquele “fundo” relativamente estático e invisível da sua consciência individual. Meditação é assim um ato de “ **não fazer** ”. Ela é um exercício de remover o suficiente do ruído de contraste de sua mente para obter um vislumbre do seu eu verdadeiro.

Consciência individual é um subconjunto, uma parte, da consciência absoluta. Você não é somente a desordem, as rugas, o ego, os pensamentos – mesmo que seja assim que você involuntariamente se defina. Você é muito mais do que isto. A meditação permite a você descobrir este fato de uma forma única e pessoal. Este é o seu propósito – autodescoberta – um vislumbre da realidade fundamental da qual você é parte integral.

Esta descoberta é possível para os humanos porque, ao menos teoricamente, nossa capacidade de memória e potencial de processamento é de alguma forma maior (e contém menos entropia) do que aquela do peixe mediano. O peixe nunca vai experimentar ou contemplar diretamente a água estática “sem variações” (o equivalente do peixe a privação sensorial), mas você pode experimentar a natureza fundamental da sua consciência se realmente assim o quiser. Se o seu desejo de conhecer a você mesmo e a verdade, no nível mais profundo da sua existência não for forte o suficiente para te prover o foco, a energia e a persistência necessárias para ter êxito, você ainda não está pronto para começar sua jornada. Não há pressa nem penalidade por não estar pronto. É muito melhor esperar que esteja pronto, do que se forçar a um estado de frustração autolimitante.

Consegue ver porque a meditação é quase universalmente prescrita como o primeiro passo – o portal de entrada ao entendimento e a exploração da consciência, bem como a realização do crescimento espiritual? Faz sentido, que um programa para o desenvolvimento da sua consciência, deva naturalmente iniciar por encontrar e tornar-se familiar com sua consciência. Há outros métodos, mas eles se aplicam menos universalmente, são mais difíceis de aprender e muito mais

difíceis de ensinar. A meditação, servirá maravilhosamente quando você estiver pronto. Você pode ter que trabalhar primeiro, em preparar-se para desenvolver um desejo honesto, de crescer espiritualmente e a coragem de buscar a Grande Verdade até a sua conclusão. Você pode primeiro necessitar sobrepujar alguns de seus medos e crenças culturais aos quais se tornou preso.

Como é que a meditação, limpa a confusão e reduz o nível de ruído de uma mente, presa em um círculo auto-referenciado sem fim e de lógica circular confusa? A técnica é simples e direta – as armadilhas de rituais, dogmas, crenças e processo físico são majoritariamente irrelevantes. Você simplesmente para a incessante tagarelice operacional, auto-referenciada e produtora de contraste da mente, preenchendo-a com algo que cause menos distração e seja menos autofocado e obsessivamente dirigido. Enquanto a mente está ocupada (ou distraída) com esta ocupação não operativa, você poderá experimentar o centro estável (pacífico) do seu ser. Eventualmente, depois de muita prática, você poderá deixar de lado essa “ocupação” mental e explorar a realidade mais ampla da sua consciência, desde um lugar calmo, imóvel e imperturbável, que vai lentamente se desenvolver e crescer no centro do seu ser.

Algumas tradições chamam esta forma de “ocupação” mental de “mantra”. Tradicionalmente isto é um som de algum tipo, mas nesta “BIG Toe” somos limitados apenas pela ciência, não pela tradição. Nós rapidamente nos movemos para atirar as crenças, dogmas e rituais pela janela e focar em resultados experimentais, somente nos ingredientes ativos do mantra. A ciência permite que o conceito de mantra, seja generalizado para acomodar os vários tipos de informação sensorial, que são processadas através dos nossos cinco sentidos. Tipicamente, as pessoas tendem a assimilar e processar a maioria dos dados experimentais de entrada, através dos seus ouvidos (auditivo), olhos (visual) ou pelo senso de toque (cinestésico). Muitas pessoas, absorvem informação mais eficientemente através de um destes caminhos de entrada de dados, do que aquilo que fazem através dos outros. Através da última década, a literatura popular está cheia de avaliações de tipos de personalidade e de características, por preferência no tipo de entrada de dados. Não faz sentido forçar todos através do caminho auditivo tradicional – alguns simplesmente não conseguem desta maneira.

Se você agora, ainda não está tendo sucesso meditando e não tem ideia, de por onde ou como encontrar uma técnica adequada para fazê-lo, eu vou disponibilizar uma para você, livre de custos – somente desta vez – um mantra de ocupação mental calmante, feito sob medida para sua mente pessoal, que é baseado em cada um dos tipos dominantes de percepção. Simplesmente use um deles ou uma combinação deles, que pareça funcionar melhor para você. Para aqueles que estejam mais apoiados no olfato e sabor que o ser humano médio, eu estou certo de que você pode seguir os três exemplos dados, para customizar um mantra cheiroso ou saboroso, que possa atender a sua preferência individual.

Depois de explicar cada mantra, contrário ao meu melhor julgamento, vou dizer o que você pode **fazer** com eles. Ah não, não como você está pensando – eu não seria tão rude como isto. Entendo que sua mentalidade Ocidental precisa começar tudo com um processo físico, quer faça sentido ou não.

Aos que querem começar seriamente sua jornada espiritual, mas estão capturados pelos letreiros luminosos da causalidade de ação-reação física, agora vão ter algo para **fazer**. Isto pode ou não ajudar a melhorar a qualidade da sua consciência – depende de você – mas vai dar aos “fazedores” comprometidos, um lugar para começar. Em geral isto é o necessário – um lugar para começar – uma abordagem possível de **fazer** para o problema de como modificar a qualidade do seu ser. Este pode ser o passo que você precisa, para se libertar do brilho hipnotizante das crenças culturais que reduzem, mais do que expandem, sua visão. Tente: pode se surpreender com alguns resultados dramáticos.

Para os tipos mais ligados ao canal “auditivo”, precisamos de um som que não signifique nada, que tenha duas sílabas e termine em um som vibratório ou calmante. Aqui vão alguns exemplos de comprovada qualidade – faça sua escolha ou crie o seu próprio: “sehr-ring”, “da-room”, “ra-zing”, “ca-ouhn”, “sah-roon”, and “sher-loom”. Para um simples repetitivo multi-silábico e corrente (canto), tente: “ah-lum-bar-dee-dum -- ah-lum-baa-dee-dum”. Quando o “bar” e “baa” se intercambiarem regularmente sem esforço, você vai estar a caminho. São sons, não palavras - é importante que eles não tenham significado inteligível. O ponto deste exercício é aquietar seu intelecto operativo até o ponto em que possa experimentar a consciência diretamente pela

redução das variações, comparações e contrastes, que seu ego-intelecto impõe sobre sua consciência.

Sinta-se livre para misturar e encaixar – inverta a ordem das sílabas e as misture para conseguir não menos que 36 mantras únicos. Para a maioria das pessoas, não vai fazer nenhuma diferença qual som for usado, mas se um deles te parece mais natural que outros, use-o. Os tipos obsessivos compulsivos devem tomar cuidado, para não acabar enrolados em torno do esforço de encontrar o melhor – qualquer um deles serve.

Relaxe solte-se; não seja tão intenso e sério. **Não crie expectativas** . Sente em um lugar confortável onde não seja perturbado, feche olhos e encha sua mente com o som do mantra de sua escolha – não precisa nem fazer o som de verdade (só precisa repeti-lo na mente). Focalize sua atenção no som. Deixe-o encher a mente – não pense em mais nada. Use qualquer artifício que necessite para ficar focalizado no som – apenas **ouça-o** se repetindo. A repetição pode ser simples e direta ou ocorrer de formas interessantes – talvez com variações complexas.

Eventualmente, deixe o som – mantra -- ir reduzindo a velocidade para uma repetição branda e rítmica e então desacelere e borre-o um pouco mais, chegando a um som de fundo contínuo. Se pensamentos tentarem intrometer-se, gentilmente ponha-os de lado e reenchua sua mente com o som. Se pensamentos, se intrometerem em forma de corrente na sua percepção, de ao mantra uma forma mais ativa. Conforme os pensamentos desaparecem, novamente esvaziando sua mente, simplifique e suavize o som do mantra. Continue o processo de meditação de forma ininterrupta por pelo menos vinte minutos, duas vezes ao dia por três meses, antes de avaliar qualquer resultado. Se o som se perde, mas nenhum pensamento estranho aparece deixe-o ir e flutue (vá com a correnteza) para dentro do espaço vazio da sua consciência – você vai adorar isto.

Tipos mais visuais precisam de uma visualização impessoal que comece com complexidade (mas não detalhe) e termine com simplicidade. Você precisa começar com uma bola de futebol preta e branca – então deixe as cores mudarem para vermelho e azul, deixe a bola começar a rodar vagarosamente, deixe as cores mudarem. Sua imagem deve ser clara como uma pintura com aquarela, não tão precisa como uma fotografia de alta resolução. Mude para uma série de perfis

geométricos simples tais como esferas, cubos, círculos, triângulos, cilindros, retângulos e linhas. Deixe que rodem vagarosamente. Ainda devagar mude seus tamanhos e cores. Escolha um perfil e deixe-o mudar muito devagar. Observe suas imagens atentamente – não pense em mais nada.

Gradualmente evolua suas imagens para maior simplicidade e reduza seu movimento. Não force as imagens; deixe-as fazer o que queiram fazer desde que isto não perturbe sua tranquilidade. Olhe para suas imagens sem crítica desapaixonadamente, como se estivesse assistindo um filme sem história. Se pensamentos tentarem se intrometer, ponha-os de lado e reenchua sua mente com mais imagens ativas. Continue o processo de meditação de forma ininterrupta por pelo menos vinte minutos, duas vezes por dia por três meses antes de avaliar qualquer resultado. Se as imagens escaparem, mas nenhum pensamento estranho tentar aparecer deixe-os ir e flutue para a unicidade estável de sua consciência.

Se você aprecia lugares na natureza, você pode começar com uma cena – talvez uma praia genérica. Ouvir as ondas, sentir a areia, cheirar a brisa marítima, ouvir as gaivotas. Esteja lá com todos os seus sentidos. Vagarosamente vá simplificando sua imagem e foque em poucos itens de cada vez. Eventualmente você pode estreitar o seu foco para um único grão de areia. Aproxime-se e inspecione o pequeno cristal de cada ângulo. Escolha o ângulo de visão que preferir e veja como a luz reflete na superfície do cristal. Afaste-se até que você mal possa ver as características da sua superfície. Mantenha esta visão como se somente você e o grão de areia coexistissem tranquilamente no vazio.

Escolha imagens que se ajustem pessoalmente a você. Seja cuidadoso para não tentar com demasiada força ou insistência e não colocar muito esforço em ter uma resolução alta, qualidade da imagem, ou qualquer outra coisa. Imagens podem ser sentidas tanto quanto vistas. Demasiado esforço para fazer sua meditação ser como acha que ela deveria ser é sempre contraproducente. Nenhuma expectativa. Nenhum esforço. Sem demandas. O ponto é não forçar sua vontade no processo, mas deixar que o processo de desenrole naturalmente enquanto ele captura sua atenção.

*Lembre-se que aquilo que você está tentando fazer, sem tentar, é não fazer . Leia esta sentença de novo – você não adorou? Se ela faz sentido*

para você, etnãõ já está a caminho. Se soa como um balbucio idiota, você deve voltar para o início deste bloco paralelo e começar de novo – mas não fique preso a isto como um círculo sem fim – duas vezes serão o suficiente.

Para aqueles do tipo cinestésico (mais ligados aos movimentos do corpo), precisamos de texturas que sejam impessoais, interessantes e prazerosas. Por exemplo, sinta um veludo rico ou uma capa de pele como se mentalmente esfregasse suas mãos lentamente sobre ela. Mergulhe seus dedos, sinta deslizar sobre seus braços e rosto. Explore os botões ou zíper, as juntas, mangas e colarinho. Torne-se muito pequeno (ou crie um casaco gigante) e role em volta dele, se arraste para dentro de um bolso. Vagarosamente deixe sua sensação do casaco tornar-se simples e rítmica. Você pode fazer a mesma coisa com uma caminhada descalça em lama mole, ou caminhando na chuva, ou nadando em uma piscina cheia de geleia de uva. Comece com complexidade e progrida para estímulos sensoriais rítmicos cada vez mais simples. Continue o processo de meditação de forma ininterrupta por pelo menos vinte minutos, duas vezes ao dia por três meses consecutivos antes de avaliar resultados. Se as sensações escapam, mas pensamentos estranhos não aparecem, deixe as sensações irem se afastando sem direção na profundidade sem fim da sua consciência.

Mantras usando o sentido do cheiro e do sabor funcionariam de forma similar ao mantra cinestésico acima. Não tenha medo de misturar e combinar os sentidos; combine-os em formas que funcionem para você. Não tenha qualquer conexão intelectual ou emocional com seu mantra. Mantenha apenas a complexidade que seja suficiente para manter os pensamentos externos de fora – nada deveria estar em sua mente exceto o som, visão, sensação, sabor ou cheiro do mantra. Conforme os pensamentos intrusos se tornem cada vez menos um problema, simplifique seu mantra. Quando você não precisar mais dele para manter um estado de existência com um vazio de pensamentos, deixe-o ir. ◀

▶ ▶ Falando de experimentar um estado meditativo de existência sem pensamentos – vamos fazer mais um pequeno ajuste do ego – um daqueles realmente ruidosos – e nos divertir.

Olá senhores, porque pensam que a maioria dos gurus espirituais são homens? Pensem sobre isto. Vocês desistem? Por que os homens já nascem com a cabeça vazia e permanecem desta forma pelo resto de suas vidas! Porque outra razão?

Minha nossa... Que pancada!

Ok, calma companheiros, foi somente uma brincadeira – apenas um trocadilho de duplo sentido. Mas convenhamos... Qual o problema? Lembrem-se das regras: muita luz e paz – e nenhuma violência até que eu saia.

Bom, pelo menos as senhoras me acharam divertido – elas entenderam o que tentei dizer. ◀◀

▶ O ponto aqui é aprender a controlar seus pensamentos e sua mente operativa de tal forma que possa experimentar sua consciência. Este é um primeiro passo necessário. Mais tarde você vai aprender como direcionar esta consciência, uma vez que a tenha se libertado de sua perpetua caça a própria calda, barulhenta e focalizada no atendimento do ego. Não tente direcioná-la demasiado cedo – isto só vai atrasar seu progresso – entre em contato com ela e siga a fonte de sua intuição. Não persiga ou cace na busca de um resultado específico ou geral. Todos os resultados vão vir até você. Se for atrás deles, isto só causará atraso ao seu progresso.

Continue a experimentar e “saborear o pudim” periodicamente. Natural, fácil, paciente e gentil são as marcas claras de um processo que está tendo sucesso. Direcionado ao resultado, *dirigido pelo ego, pelo sucesso, frustrado, forçado e cheio de medo, com noções pré-concebidas e expectativas* são as marcas de um processo de meditação executado de forma falha e mal dirigida.

Experimente para encontrar aquilo que funcione melhor e pareça mais natural para você. Depois que encontrar, mantenha-o por algum tempo. Se pensamentos se intrometem, assim que perceba que sua mente não está mais exclusivamente no mantra, coloque-os suavemente de lado. Se os pensamentos continuam a vir, aumente um pouco a complexidade do mantra. Conforme os pensamentos desapareçam e não retornem, volte a reduzir a complexidade. Nunca tente com muito esforço. Se em algum ponto você se sente frustrado é porque está

fazendo demasiado esforço. Isto é muito importante: não tenha absolutamente nenhuma expectativa e nenhum objetivo específico.

Isto também é importante: Não comece a **julgar** quão bem ou mal sua meditação está funcionando até que tenha implantado um processo meditativo produtivo duas vezes por dia por pelo menos três a seis meses – **então** “saboreie o pudim”.

Não analise ou compare, apenas experimente – isto não é um exercício intelectual e seu intelecto analítico justificativo só vai ficar no seu caminho. Nunca force o mantra – vá com ele, flua com ele e deixe que aconteça o que tiver que acontecer – esta é uma atividade suave, sem nenhuma noção pré-concebida de como os resultados deveriam ser ou parecer. Haverá muito tempo para avaliar e provar o pudim, depois que você ganhe alguma competência básica. Deve chegar um tempo para ser crítico, mas não é agora – você ainda não sabe o suficiente para ser crítico.

Deixe que cada meditação seja uma experiência inteiramente nova e única. Não force cada experiência de meditação a ser igual àquela anterior, que foi julgada como sendo boa. Continue “provando o pudim” (avaliando) a cada três meses de intervalo. Procure pela existência de resultados mensuráveis na forma de mudanças objetivas em seu ser. Depois de seis meses, pergunte as pessoas que próximas a você se notaram alguma mudança na sua forma de encarar a vida. Esteja atento ao seu estado mental e como ele muda, conforme a meditação faz progressos. Customize a meditação para atender a você mesmo. Sua meditação deveria tornar-se mais fácil, mais efetiva e mais eficiente conforme o tempo passa. Seja paciente, não apresse o processo – tentar acelerar ou pressionar só atrasará.

Fique muito atento às escolhas que você faz ao longo de todo o dia. Examine suas motivações e intenções relativas àquelas escolhas. Por um ato do seu desejo, modifique suas intenções para que sejam de mais doação, cuidado, amor e menos autossatisfação. Mude o foco de você, daquilo que quer, precisa ou deseja, para aquilo que pode dar e fazer pelos outros. Da mesma maneira, mude onde, quando e como investe a energia que segue sua intenção em seus relacionamentos e interações com outras pessoas.

Examine as suas motivações e intenções como descrito a pouco, antes e depois das suas meditações, mas nunca durante as mesmas. Você

precisa ser consistente – ao que é que da maior importância. Uma vez que se acostume ao exercício, trinta minutos duas vezes por dia será o suficiente para atender a ambos, meditação e exame de suas escolhas – tome mais tempo se você desejar, mas muito mais não é necessário.

Se você constantemente termina em um estado de frustração, em vez de um estado de consciência expandida, deixe para lá, afaste-se e de um tempo até que possa encontrar uma perspectiva diferente, atitude diferente ou intenção diferente. Tente um mantra diferente. Talvez esteja tentando com muito esforço. Talvez esteja limitado por sua crença ou medo, ou falta do motivo e coragem necessários. Talvez seja bom ler, compreender e seguir as instruções com mais cuidado. Talvez não esteja usando a técnica de meditação que melhor se encaixa com você. Talvez ainda não esteja pronto neste momento. Não se preocupe: tudo funcionará dentro do tempo apropriado para você. Não há culpa, razão para se sentir mal e nem falha de sua parte. Continue a aplicar o processo de meditação gentil e consistentemente e um dia, quando relaxar o sucesso vai tomá-lo de surpresa.

Todo mundo cresce a sua própria maneira e no seu próprio tempo. Ninguém culpa as crianças por não serem adultos, ainda que muitas crianças desejassem ser adultos. Não há técnica prática que permita a você pular degraus. Você é quem é – aceite isso graciosamente. Trabalhe em preparar-se, continuando a praticar os exercícios sugeridos, de forma gentil e sem expectativas. Não existe processo mais rápido ou melhor que este para ficar pronto.

Assim, vemos que se tornar preparado e pronto para crescer, assim como ativamente fazer progresso em um caminho de crescimento ou aperfeiçoar o caminho de crescimento já em andamento, seguem todos à mesma receita. Não importam quais sejam suas condições iniciais ou ponto de partida, o mesmo conjunto de exercícios de meditação será ótimo e apropriado para todas elas. É por isto, que virtualmente todo mundo que deseja seguir o Caminho do Conhecimento em direção ao crescimento espiritual, da melhoria da qualidade da própria consciência, acaba sendo instruído a começar com meditações diárias. Cada pessoa vai naturalmente extrair da meditação aquilo que precisa para seu próximo passo. Esta personalização do processo de crescimento toma lugar naturalmente, porque cada indivíduo está essencialmente engajado em uma operação “de puxar a si mesmo pelos cadarços dos sapatos” (

*bootstrapping* ), operação esta que é feita com a própria consciência. A experiência da meditação é tão individual e pessoal como a sua própria consciência.

Isto é um trabalho de uma vida, ele leva tempo para lançar raízes, florescer e frutificar. Resultados vão chegar à proporção da energia que seja produtivamente aplicada. Por exemplo, com esforço moderado, resultados significantes deveriam tornar-se óbvios dentro de seis meses a um ano. Continue a aplicar o processo da meditação com decisão suave; não há pressa, teste ou diploma. Você tem todo o tempo que precisar para acertar. Alguns conseguirão de imediato, outros podem demorar mais. Aceite graciosamente aquilo que custe – mesmo porque você não tem escolha. Um professor só pode facilitar e encorajar a evolução da sua consciência por te ajudar a encontrar oportunidades, que você mesmo possa explorar sozinho – crescimento espiritual como qualquer outro é um processo interno e não pode ser forçado de fora.

Com esperança, estes exercícios de meditação terão atendido sua necessidade de um processo físico que ajude positivamente o desenvolvimento da sua consciência. Contudo, ao fazer isto, eu posso ter criado um novo problema para você – como lidar com a frustração que frequentemente se cria pela inadequação “de **fazer**” algo para produzir progresso espiritual dramático e rápido. O tempo de atenção típico do Ocidental é notoriamente curto. Para tornar tudo pior, resultados dramáticos (destacados) são frequentemente necessários para vencer os sistemas de crenças em contrário. O fato é que o progresso na meditação, como o progresso em tocar um instrumento musical, normalmente vem de forma lenta e somente se torna destacado, depois que um tempo e esforço significativos foram investidos. O progresso, vem pelo acúmulo de muitos pequenos êxitos quase imperceptíveis. Tome uma postura de visão a longo prazo e tenha paciência.

Os ocidentais, capturados no brilho dos luminosos de suas crenças culturais, desesperadamente precisam de algo para **fazer**, antes que se tornem mortos na estrada “espiritual” – atropelados pela conformidade sem mente e a obediência cega da normalidade cultural. Pam! Cabum! Oh céus, que confusão! ‘Todos os cavalos e homens do rei’ vão ter momentos difíceis, para conseguir colocar aquele ali de volta na estrada para o progresso espiritual.

Na verdade, é injusto de minha parte escolher os Ocidentais como sendo particularmente limitados por sua necessidade **de fazer** algo a fim **de ser** algo. Muitos orientais estão no mesmo barco daqueles com fixação em fazer. O “barco do fazer” deles **pode** parecer maior – talvez não tão confinador – mas é tão limitante quanto. **O fazer** dentro de uma tradição cultural espiritual é tão problemático e não produtivo, como **o fazer** dentro de uma tradição cultural material.

De qualquer jeito, se ainda estiver inclinado desta forma, agora você tem algo produtivo **para fazer**, tanto quanto uma perspectiva expandida sobre as limitações e natureza pessoal deste **fazer** . ◀

Agora você sabe o que **fazer** e como **fazê-lo** , e se estiver disposto para o longo trajeto, com um compromisso sério para encontrar a Grande Verdade, pode ter sucesso além dos seus sonhos mais loucos.



## Dois Conceitos

Os capítulos anteriores devem ter destruído a ilusão de alguma solução rápida e fácil, deixando você com os pés firmemente plantados tanto na natureza pessoal como na compartilhada da realidade. Com sua atitude, perspectiva e foco agora propriamente ajustados, vamos voltar ao trabalho de desenvolver uma Teoria de Tudo com Ampla Visão (“*Big Picture TOE*”). O melhor processo que se pode empregar quando estamos explorando território teórico novo é: (1º) minimizar o número de pressupostos requeridos, e (2º) simplificar todos os demais pressupostos ao nível mais básico possível. Albert Einstein colocou isto de forma sucinta quando disse: “ *O grande objetivo de toda ciência é cobrir o maior número de fatos empíricos, com deduções lógicas a partir do menor número de hipóteses ou axiomas* ”.

Creio que o Dr. Einstein ficaria orgulhoso de nós – vamos desenvolver uma Big TOE abrangente que explica os fatos empíricos – a

mente, tanto quanto a matéria; a filosofia tanto quanto a física; o normal, tanto quanto o paranormal; a consciência, tanto quanto o concreto – por dedução lógica, a partir de somente dois pressupostos. E somente um destes dois pressupostos é extraordinário.

Os teóricos podem construir uma estrutura especulativa complexa, mas a fundação deveria ser tão simples e direta quanto possível. O primeiro pressuposto, referido como sendo o “Processo Fundamental de Evolução”, é prontamente compreensível e está bem dentro de nossa experiência. O segundo, frequentemente chamado de “Absoluto” ou de “Fonte Única” pelos filósofos e teólogos, pode requerer que nossa visão de mundo e crenças culturais espacialmente limitadas, tenham de ser esticadas além do limite dos padrões normais. Como veremos, esta “Fonte Única” é simplesmente consciência – consciência primordial – a energia fundamental que é o meio (a mídia) da nossa realidade.

Se o conceito de uma consciência primordial se moldando na forma de uma finita (mas praticamente infinita), monolítica e indiferenciada energia potencial faz com que você se sinta desconfortável, então é como deveria ser. Você deve permanecer cético de qualquer premissa e duplamente cético de qualquer premissa mística – mesmo que a lógica demande que pelo menos uma premissa mística (que está além do conhecimento objetivo pelo ponto de vista da PMR) precisa estar na base de qualquer Big TOE com possibilidade de ter êxito.

Coisas além do conhecimento objetivo pelo ponto de vista da PMR, são por definição coisas nas quais não conseguimos ter um ponto firme de pegada intelectual. Se este conceito estivesse dentro de sua experiência objetiva e se você pudesse estar intelectual e racionalmente confortável com ele, ele não iria mais ser classificado como tendo uma fundação mística ou metafísica. Isto é necessário para podermos construir uma Big TOE, capaz de dar conta de nosso início de forma lógica, tanto para a mente como para a matéria e o paranormal tanto quanto o normal.

O Processo Fundamental de evolução, junto com a consciência primordial como fonte fundamental de energia possível de ser estruturada, são os dois pressupostos básicos dos quais a “*My Big TOE*” é construída. Tudo o que se segue, será logicamente desenvolvido e explicado, a partir destes dois pressupostos fundamentais.

**Não** estou te pedindo que **acredite** na verdade destes pressupostos, nem que tenha **fé** na sua correção. Não estou tentando iniciar uma religião

aqui. Estas são apenas, as pedras fundamentais lógicas desta Big TOE. São os pressupostos, afirmações, as premissas lógicas, sobre as quais a estrutura da “*My Big TOE*” é construída. “*My Big TOE*” é um modelo. Sua utilidade, e o valor destas premissas, **são baseados exclusivamente em sua habilidade de explicar os dados – ponto !** Por favor, releia as duas sentenças anteriores vezes suficientes, para garantir sua memorização. Quando estiver terminando a Seção 6, você terá uma ideia muito melhor sobre a utilidade deste modelo da realidade, e sobre a potencial validade destes pressupostos.

Os dados, ou “fatos empíricos” nas palavras de Einstein, são qualquer uma e todas aquelas experiências ou verdades cuidadosamente avaliadas, que você e outros têm acumulado sobre a vida e a natureza da realidade. Estes dados vêm em dois tipos – **dados pessoais** que são únicos a sua experiência subjetiva e **dados compartilhados** que representam a experiência física objetiva da PMR (o reino da ciência da PMR). Se os seus dados pessoais foram avaliados objetivamente e não estão distorcidos pelo ego, apego, crenças ou medo, eles podem ser usados quer seja para corroborar ou invalidar este modelo. Para este tipo de dados você é o juiz solitário, o único possível. Por causa da natureza da experiência subjetiva, só mesmo você pode ser o juiz.

Dados compartilhados são também importantes. A realidade física e a ciência da PMR, devem ser parte integrante de qualquer Big TOE. Nós afinal, estamos neste momento interagindo, com o que parece ser uma bem convincente realidade física. Ninguém pode razoavelmente negar a importância ou a necessidade da experiência física, mesmo que a consciência esteja no seu cerne. A realidade física e a ciência devem ser uma parte necessária, racional e derivável, da Visão Ampla (*Big Picture*). Além do mais, são as interações que têm lugar na PMR (como definidas por nossa experiência física) que nos habilitam a testar e medir os resultados objetivos e de uma qualidade de consciência aumentada (ou entropia reduzida).

► É aqui, onde a borracha dos seus pneus metafísicos faz contato a estrada pela primeira vez. Aquilo que ofereço a você neste capítulo, **não é o que eu acredito** que seja verdade. Isto não é sobre o que eu acredito sobre a realidade. Isto é sobre um **modelo da realidade** baseado em minha experiência e pesquisa. Se a diferença entre os dois não for clara

como o cristal, então não me comuniquei tão claramente quanto preciso me comunicar.

Alguns podem **acreditar** que **nunca** haverá uma significativa diferença entre os dois – que crença e conhecimento subjetivo são o mesmo. Não é assim. Resultados, resultados objetivamente mensuráveis podem diferenciar entre os dois. **Se não houver dados mensuráveis objetivos, não haverá nenhuma conclusão sólida ou científica**. “*My Big TOE*” representa uma tentativa séria de descrever e modelar uma realidade mais ampla na qual você existe como uma consciência digital. Se o que você lê até aqui parece estar muito longe da “ciência dura”, seja paciente. A fusão entre a física e a metafísica, que é um requisito lógico para qualquer “**Big TOE**” correta, requer que uma base (um pano de fundo) substancial seja desenvolvida.

Da perspectiva da visão estreita (‘*little picture*’) de nossa causalidade local objetiva, tudo que alguém necessita para fazer um argumento científico forte é escrever as equações apropriadas. Matemática é meramente lógica simbólica. A lógica local limitada da pequena visão é claramente expressa pela matemática da pequena visão. Dentro do sistema causal da PMR, se os pressupostos estiverem corretos e a matemática for correta, então os resultados estarão corretos – é assim que a física da pequena visão funciona. A Visão Ampla, respondendo a uma causalidade mais abrangente, não pode ser adequadamente descrita em termos da lógica da pequena visão. Sei que isto é um paradigma difícil de ultrapassar para muitos (particularmente os cientistas), mas é apenas lógico que a Visão Ampla com sua causalidade mais geral, não pode ser completamente descrita desde uma perspectiva da pequena visão. Em outras palavras, a realidade mais ampla (NPMR – consciência) não pode ser completamente especificada pela lógica limitada local e pelo conhecimento que pertence a um pequeno subconjunto (PMR) daquela realidade mais ampla. Se eu pudesse descrever a “*My Big TOE*” em termos de matemática (lógica) da pequena visão (PMR), ela não poderia possivelmente ser mais do que uma pequena “*TOE*”. Esta é uma das paredes invisíveis em que Einstein bateu com sua Teoria de Campo Unificado que não atingiu êxito – ele tentou descrever a Visão Ampla (‘*Big Picture*’) exclusivamente em termos da lógica da pequena visão. Pelo menos ele

sabia que havia uma Visão Ampla mesmo que não soubesse que ela constituía um super-conjunto da pequena visão.

A perspectiva da pequena visão, tradicional e cega pela crença, vai manter velhos paradigmas e preservar o dogma científico e cultural simplesmente negando a existência de uma realidade mais ampla. Para ser consistente ela precisa negar também (ou criar desculpas por) quaisquer experimentos e dados cientificamente validados que conflitem com suas crenças. Trata-se do velho e bem experimentado truque da cabeça enfiada na areia com o traseiro para cima e bem exposto. Eu posso assegurar para você, com experiência em primeira mão, que qualquer tentativa de engajar estes traseiros elevados em alguma conversa inteligente é frequentemente pouco produtiva – devido a baixo QI, mau hálito e nenhuma visão. Afortunadamente, as mentes podem por vezes ser forçadas a se abrir e perspectivas podem por vezes mudar com a adição de experiência, conhecimento e compreensão.

Se as ideias acima parecem vagas ou esfumadas, segure-se – a compreensão vai melhorar e se tornar clara à medida que você continua. Este modelo, como qualquer outro, é construído mais baseado em conhecimento e experiência, com um pouco de conjectura ou teoria para colocar junto os vários dados em um todo coerente e integrado. Eu abordo este modelo com a mente aberta e cética, assim como você também deveria fazê-lo. Se eu simplesmente acreditasse nele, isto iria limitar minha habilidade de desenvolver o modelo em novas direções, à medida que novos dados fossem se acumulando. Se te faz se sentir melhor, tão pouco eu **acredito** em nada disto.

Ou eu sei que algo é um fato (tenho conhecimento), ou considero como sendo uma possibilidade muito forte, ou melhor, uma hipótese até aqui (baseada nos dados científicos disponíveis a mim até o momento de escrever isto). Em outras palavras, esta trilogia representa os resultados e conclusões **tentativos** de trinta anos de séria, pessoal e cuidadosa, exploração científica minha do físico e do não-físico. Fui insistentemente encorajado a compartilhar com você os resultados e conclusões da minha experiência. Isto é feito através destes livros. O que fará com isto, simplesmente abandonar ou tomar para uso, fica inteiramente a seu critério.

Modelos deveriam permanecer sempre tentativos, para evitar que sejam fechados neles mesmos das oportunidades de evolução adicional.

Pela força do argumento e para dar o crédito apropriado àqueles que **acreditam** que crença e conhecimento não podem jamais ser completamente separados, vamos tomar a visão oposta. Mesmo que esta trilogia represente minha crença e que seja um esforço para convencer você daquilo em que acredito, seu potencial segue não diminuído, desde que você a analise com ceticismo de mente aberta e resista à compulsão para acreditar ou desacreditar dela. Não existe alternativa razoável, racional ou lógica, a usar o ceticismo de mente aberta.

“ *My Big TOE* ”, entre outras coisas representa um mapa pessoal da realidade que explorei e das explicações que criei para extrair um senso coerente das minhas experiências individuais. Por causa da natureza pessoal da experiência, as suas experiências, serão de alguma forma diferentes das minhas. Contudo, se sua experiência é interpretada e obtida cientificamente e não criada a partir de sua crença e medo, então a verdade subjacente a ambas vai brotar será percebida como a mesma. A verdade subjacente é absoluta (a mesma para todos) e não é uma função de nossa experiência ou nossa existência (ou a de ninguém mais). É por isto que meu mapa, ainda que reflita minha individualidade, pode servir como um **guia** valioso para você. Ainda que o destino (A Grande Verdade – *Big Truth* ) seja o mesmo para todos, você deve fazer sua própria jornada e descobri-la a sua própria maneira.

Uma palavra sobre a verdade. Muitas pessoas pensam na verdade em termos do local e do universal. A verdade local pode ser relativa. Ela pode estar no olho de quem vê. Ela é por vezes dependente da perspectiva e crenças do indivíduo. Não é esta a verdade sobre a qual eu estou me referindo. Verdade absoluta ou universal é a mesma para todo mundo – ela é independente do tempo e é imutável. Os caminhos para a grande verdade (‘ *Big Truth* ’ ) e os indivíduos que andam esses caminhos, podem ser tão diferentes que a descrição da mesma grande verdade pode parecer muito diferente – particularmente para aqueles que tenham menos compreensão. Interpretações individuais são como deveriam, uma reflexão daquela Grande Verdade (Big Truth) dentro da mente e experiência de cada indivíduo.

Um grupo de indivíduos similares (por profundidade de compreensão), mas diferentes (pelo caminho, cultura e personalidade) realmente sábios e conhecedores iriam ver as diferenças nas descrições

uns dos outros, para a mesma verdade absoluta como insignificante e trivial. Desafortunadamente, na ausência deles, seguidores menos conhecedores podem na prática acabar matando uns aos outros por causa das **aparentes** diferenças, conforme disputam pelo poder relativo pela “correção superior” de suas próprias organizações “em competição”.

As diferenças reais entre as descrições da mesma verdade absoluta são – depois que as diferenças de linguagem, cultura e modos religiosos são removidas – muito menores do que você poderia imaginar. Isto ocorre porque todos os caminhos espirituais convergem para as mesmas verdades absolutas, pelo caminho de reduzir o ego e o medo, os quais são geradores primários de confusão e divisionismo.

Modelos podem ser uma representação prática de um processo ou verdade subjacente. O modelo de concha/camadas ( *shell* ) dos elétrons no átomo, não é baseado em uma teoria de que os átomos como os moluscos, deveriam ter conchas. As conchas ou camadas são simplesmente assumidas, o modelo é útil porque ele explica parte dos dados, melhor que qualquer outro ponto de vista. **Crer** em conchas é uma bobagem intelectualmente limitante. Do que as conchas seriam feitas ou de onde elas viriam, não são questões razoáveis – conchas atômicas são apenas ferramentas conceituais – elas são uma estrutura metafórica que descreve (modela) uma realidade subjacente.

“*My Big TOE*” é também conceitual. Sabemos que da nossa perspectiva 3D limitada de objetividade causal local, uma “*Big TOE*” que alcança além da PMR deve, de forma absoluta, ter “uma perna” mística onde se apoiar. Esta perna mística deve estar além do alcance da nossa lógica objetiva baseada na PMR. Como você lembra, o mesmo requisito lógico, foi colocado para o entendimento dos inícios da realidade local (ver no Cap. 18). Causalidade e racionalidade requerem que entremos no reino metafísico ou místico (do ponto de vista da PMR) sempre que formos além da PMR. A existência de algo absoluto e aparentemente infinito parece tanto vaga quanto mística da nossa perspectiva PMR, contudo, isto não é uma fraqueza deste modelo. Justo ao contrário, é um requisito.

Uma “*Big TOE*” que não contenha um pressuposto místico (como visto da PMR) deve necessariamente estar incorreta ou incompleta e logicamente nunca poderá chegar a ser mais que uma pequena “*TOE*”

com foco somente sobre a PMR. Uma pequena “ *TOE* “ restrita a causalidade objetiva da PMR, nunca poderá mesmo teoricamente, crescer para ser uma “ *Big TOE* ” porque ela está, por definição, fechada ao espaço de solução requerido para abranger os dados. Como mostrado, pequenas “ *TOE* ’s” podem não ter nada lógico a dizer sobre nossos inícios ou nosso relacionamento com as circunstâncias daqueles inícios.

Vamos ver que estamos inextricavelmente ligados com, e somos uma extensão dos, nossos inícios. Uma causalidade objetiva de alto nível (da qual a objetividade causal e a física da PMR são apenas um subconjunto restrito) demanda que estejamos solidamente conectados àquilo que veio antes de nós. Como uma criança muito nova, é conectada, dependente e é extrapolada de seus pais, nós estamos conectados, dependentes e somos extrapolados de nossos inícios. A inclusão de um pressuposto que esteja além da causalidade lógica da PMR é um ingrediente essencial e necessário de uma *Big TOE* de sucesso.

Com crenças de todos os tipos disseminando dados que conflitam com seus dogmas, cegueira autolimitante, auto-infligida e baseada em crença, se torna uma doença social comum. Tão comum, de fato, que ela “define o normal” e, portanto, a visão racional dentro de qualquer cultura dada. O ponto é: uma pessoa não deveria esperar necessariamente que a visão normal ou tradicionalmente racional consiga espalhar luz sobre novos paradigmas. Quando chegamos ao ponto de avaliar novos paradigmas científicos é preciso olhar para frente buscando respostas e dar somente uma rápida olhada para trás, longa o suficiente para assegurar que o novo, contém apropriadamente o antigo como um caso especial.

O único problema é se este algo aparentemente infinito e absoluto que escolhi como minha única premissa mística (apenas do ponto de vista da PMR), produz ou não os resultados desejados e se ele é ou não o lugar mais simples, básico e fundamental, para começar o nosso início. Vamos desenvolver suas características e propriedades de forma mais precisa conforme prosseguimos.

A questão mais importante é: podem estes dois pressupostos (a existência de consciência e do processo de evolução) entregar a encomenda? Será que podem entregar uma fundação sólida e ampla o suficiente para suportar um modelo abrangente da realidade? Poderá

uma “ *Big TOE* ”, abrangente, honesta e direta, que reflita a elegante simplicidade de nossa realidade, ser construída sobre elas? Será que o modelo baseado nestas premissas pode ser tanto geral, como preciso? Faz sentido e se encaixa para todos os dados? É útil, prático e preditivo? Produz resultados objetivos e mensuráveis? Estes são os critérios apropriados para julgar a correção e utilidade destes dois pressupostos. Conforme estes dois conceitos sejam mais detalhadamente desenvolvidos através das próximas três seções, você vai entendê-los e também as suas implicações, de forma mais clara e precisa. Depois que você complete a Seção 6, estará em uma condição muito melhor para julgar a eficácia e o valor do modelo de realidade da “ *My Big TOE* ”.

Este modelo é voltado ao resultado, como todos são. Uma questão importante é quão bem ele permite que se encaixe, a presente base de conhecimento que inclua a física (toda a ciência). Uma questão igualmente importante é quão bem ele se encaixa com **seus** dados pessoais e os dados pessoais dos outros? A consciência tem ambos os componentes, público e pessoal e conseqüentemente, ambas as questões precisam ser respondidas de forma completa. Contudo (e ainda que não seja visto desta maneira agora), você provavelmente chegará à conclusão, que é este lado pessoal que contém o maior valor e significado para você como indivíduo – mesmo que seja um cientista. Faça a partir dele (interprete-o) e tire dele (use-o) tudo que puder. O modelo de realidade da *Minha “Big TOE”*, vai ajudá-lo a compreender sua vida, seu propósito, tudo sobre a realidade que você experimenta e como ela funciona, além de como pode interagir mais lucrativamente (de forma mais eficiente) com ela.

Cada leitor traz para a mesa seus dados pessoais – sua experiência cuidadosamente avaliada. A maioria das pessoas vai abordar este modelo, a partir de uma destas quatro condições iniciais: (1) Não tem nenhum dado para aceitar ou contradizer o modelo; (2) Seus dados (evidências) dão suporte ao modelo; (3) Seus dados contradizem o modelo, e; (4) Seus dados tanto dão suporte como contradizem o modelo.

Deixe-me analisar cada uma destas condições iniciais separadamente:

(1) Se você não tem dados públicos nem pessoais, confiáveis ou científicos com os quais possa avaliar o modelo, deveria ainda assim

achar a exploração como uma dura e provocante jornada em pensamento, através de uma paisagem hipotética de conjectura pouco usual, mas ainda assim coerente. Sem dados confiáveis próprios, tudo necessariamente vai **parecer** ser apenas conjectura, contudo, esta “ *Big TOE* ” oferece um conjunto de mapas **potencialmente** úteis, que podem guiá-lo na direção de evolução adicional do seu ser e de um melhor entendimento do mundo ao seu redor. Talvez uma apreciação lógica ou intelectual do modelo vá ajudá-lo a efetivamente avaliar e compreender, dados futuros que você sem dúvida vai encontrar agora que sua mente está atenta e aberta às possibilidades.

(2) Se este modelo acomoda seus dados, ele vai prover uma estrutura racional para sua experiência, um contexto dentro do qual o conjunto da sua experiência fará um bom sentido. Você pode tanto incrementar sua Big TOE já existente, como desenvolver uma nova Big TOE. Qualquer que seja sua escolha pode potencialmente redirecionar e melhorar o foco do seu caminho de crescimento e evolução.

(3) Se seus dados estão clara e diretamente em conflito com este modelo, você deveria continuar, à fim de entender mais claramente o seu próprio modelo conceitual, de forma a estar mais bem preparado para se proteger da confusão de alguns tolos iludidos, com os quais você precisa compartilhar o planeta.

(4) Se você encontrar que, parte dos seus dados dá suporte ao modelo e ainda parte deles o contradiz, sua propensão é ficar mais confuso. Neste caso, você precisa dar forte atenção para entender as limitações de suas crenças, reavaliar os dados em conflito, fazer planos para obter dados adicionais e acima de tudo, se agarrar a suas armas até que tenha desenvolvido evidências e experiência que mostrem o contrário. Os dados e a experiência de ninguém mais podem substituir os seus de forma eficiente (lucrativa).

Os conselhos a todos os leitores, independentemente de quais sejam suas condições iniciais, são: (1) Mantenha sempre a mente largamente aberta e permaneça cético – dois traços comuns a todos os grandes cientistas e exploradores; (2) Não salte para conclusões que são familiares, convenientes ou fáceis, por causa da crença ou da fé e em vez disto, dependa somente de seus próprios dados experimentais; (3) Enquanto estiver contemplando **sua** “ *Big Toe* ”, desenvolva algumas ideias sobre que dados adicionais vai precisar coletar e como poderá

proceder para consegui-los; (4) Comece um programa de coleta dos dados que precisa, para desenvolver o conhecimento e compreensão que quer ter.

Você sempre pode mudar de ideia não importando de qual das condições iniciais acima partiu. Quer a trilogia “ *My Big TOE* ” **pareça** a você como sendo crença, conhecimento, conjectura, fato ou ainda, que você perceba proporções relativas de cada um, é inteiramente função da **sua** perspectiva – sua crença, seu conhecimento e sua experiência. Se você é “normal”, crê fortemente (consciente ou subconscientemente) que sua perspectiva e julgamento, são quase infalíveis. Tenha cuidado para não limitar a si próprio. Manter uma atitude de ceticismo com mente aberta, maximizará a probabilidade de que não acabe por cortar a si mesmo do conjunto-solução que contém a verdade, de forma proposital ou acidental. ◀

Agora que você foi apropriadamente introduzido e calibrado, vamos voltar ao trabalho. Vamos começar com o conceito mais difícil primeiro, aquele que parece místico (pelo ponto de vista da **PMR**) . Este conceito assume a existência de algo absoluto e aparentemente (mas não necessariamente) infinito: Uma Unicidade que é uniforme, simples e sem diferenciação. Esta **aparentemente** infinita fonte de nossa realidade mais ampla, não tem nenhuma fronteira **discernível** , bordas ou limites (como um oceano perfeitamente calmo pareceria a você, se estivesse flutuando no meio dele). Este algo indiferenciado pareceria ser e tem sido frequentemente chamado de “Tudo O Que É “, “O Uno/Único”, “O Vazio”, “O Grande Cara Primordial”, e outras descrições filosóficas similares. Ela representa o núcleo fundamental da existência. Ela é um conceito familiar a várias visões religiosas e espirituais. Uma não-coisa absoluta, interpenetrante e existindo ainda além do nosso espaço e tempo. Ela é simultaneamente tudo (em potencial) e nada (não-coisa, não diferenciada sem fronteiras).

Desafortunadamente, assim é que nós criaturas 3D devemos expressar este conceito. Ele não é um conceito especialmente satisfatório, sob a luz da nossa necessidade de parecer objetivos. Isto soa místico assim como espaço-tempo curvo soa místico para os não iniciados na matemática básica da Teoria Geral da Relatividade. Partindo da perspectiva de uma experiência mais ampla (além da PMR), isto é tão real quanto rochas lunares. “Místico” neste contexto significa estar além da nossa habilidade

pessoal e coletiva de construir uma explicação dentro do contexto da PMR. Assim, para explicar algo (tal como a realidade) que é um **super-conjunto** da PMR, uma pessoa não deve ter medo de explorar o metafísico, nem de oferecer séria consideração científica ao que é aparentemente místico. Esta é a única porta de entrada que permite uma vista de olhos, por cima da venda da causalidade-científico-cultural.

Se explorar os pântanos e montanhas conceituais da metafísica e do pensamento místico ainda é, a este ponto, desconfortavelmente não familiar ou visto como improdutivo ou estúpido, continue lendo um pouco mais. Mais tarde na Seção 3 (Capítulos 47 e 48 do Livro 2) e na Seção 5 (Capítulo 74, Livro 3) vamos discutir alguns temas de ciência e filosofia, que podem ampliar sua perspectiva ao ponto em que você se sinta intelectualmente mais confortável, com o conceito de ser parte de uma visão mais ampla (*'bigger picture'*). Infelizmente, muitos vão chacoalhar negativamente suas cabeças e revirar os olhos de forma reflexa, ao ouvir as palavras misticismo e metafísica: eles deveriam reconsiderar as limitações de seus pressupostos e crenças básicos.

Cada um de nós precisa continuamente fazer um esforço para manter uma mente aberta, suspender nossas crenças limitantes e erguer nossa coragem intelectual, ao ponto de que possamos honestamente explorar território novo e incerto: Vigilância e esforço constante é o preço inegociável de manter a liberdade intelectual. Uma mente que não é livre, é apenas uma máquina de crença auto referencial, que continuamente gira e esparrama energia do pensamento de forma inútil e não lucrativa. Crenças e medos são as únicas amarras que podem limitar uma mente, enquanto o amor incondicional e o ceticismo de mente aberta podem torná-la livre. Um corpo pode ser escravizado por outros, enquanto uma mente só pode ser escravizada por ela mesma.

Abra para você mesmo as possibilidades e permaneça cético. Mesmo que esta jornada leve você de volta ao ponto no qual começou, seu tempo terá sido bem gasto. Pensamento de Visão Ampla (*Big Picture*) terá acontecido, conceitos definidos, possibilidades levantadas, novas perspectivas vistas, velhas conclusões reavaliadas e ideias tolas descartadas.

Como os habitantes da Planolândia, você precisa dar passos através de sua mente, com avaliação científica cuidadosa da sua experiência subjetiva, para entender aquilo que fica além da PMR. Este conceito metafísico, simultaneamente antigo e moderno, da unicidade absoluta e sem

fronteiras é uma ideia muito útil, mesmo que seja ainda um conceito desconcertantemente confuso. É naturalmente impossível conseguir uma firme compreensão intelectual desta ideia, porque nossa perspectiva da PMR é necessariamente limitada. É um conceito grande, um que parece dançar provocativamente na frente de dois ou três de nossos mais sagrados dogmas culturais, inclusive a causalidade e a objetividade. Não há motivo de forçar nada. Mesmo que você seja uma pessoa brilhante (na verdade tenho certeza que é – é só aos outros que estou me referindo) ainda seria um conceito confuso. Não se desespere, é da nossa natureza como seres 3D no espaço-tempo, estar removidos do senso **objetivo** de uma unicidade absoluta e sem fronteiras.

Observe que eu não disse que esta unicidade absoluta existe em todo lugar. O espaço, neste conceito, nem mesmo existe ainda. Localização, mesmo que relativa, não foi ainda definida – todo lugar, neste contexto, não faz sentido. Também não disse que esta consciência primordial é onisciente, sabe tudo, autoconsciente ou mesmo vagamente inteligente – ela não é. Neste ponto, esta forma rudimentar de consciência, não é capaz de formar ou mesmo manter um simples pensamento coerente. Imagine uma forma de energia potencial digital imensa e não estruturada, mas possível de vir a ser estruturada (que tem o potencial para ser organizada de forma mais lucrativa).

Você em breve descobrirá que esta aparentemente infinita Unicidade Absoluta e Sem Limites (*AUO – Absolute Unbounded Oneness*) não é infinita. Nem é absoluta, nem sem limites ou sequer unicidade – mas apenas parece ser uma unicidade absoluta sem limites, a partir do ponto de vista limitado da PMR. Ainda que o nome Unicidade Absoluta e Sem Limites (AUO) seja um termo descritivo impróprio, eu o uso porque muitos leitores vão achar o conceito como sendo confortavelmente familiar. Parece ser uma estratégia melhor de comunicação, começar com um conceito familiar e expandir a base sobre a qual ele assenta, pelo menos parece melhor do que a alternativa (começar com um conceito não familiar e então tentar explicá-lo em termos mais comuns).

► A terceira possibilidade lógica, começar com um conceito não familiar e explicá-lo em termos de outros conceitos mesmo menos familiares, que estejam reservados para o mais sofisticados professores universitários de física e outros especialistas que estão tentando se

colocar a parte, enfatizando seu conhecimento superior e poderosamente impressionar os seres menos importantes, tais como você e eu.

Esta trilogia não é sofisticada – você provavelmente já notou isto até aqui – e a única grande palavra que eu conheço é “bifurcar” (se dividir em dois) e eu já a usei no Capítulo 17 deste livro. Então, está feito – isto é tão impressionante quanto vou me tornar. Perdão mamãe.

Como eu uso o humor para delinear uns poucos estilos de comunicação, seria negligente da minha parte, se também não mencionasse os advogados e políticos, que também adoram explicar ideias simples e familiares, com os mais complexos e convolutos termos possíveis, a fim de criar a ilusão de que têm um conhecimento especial que é criticamente importante.

O ponto é: Existem muitas estratégias de comunicação, cada uma desenhada para atender as necessidades e objetivos pessoais específicos e estas estratégias, determinam não somente o que você diz e como diz, mas também o que você ouve e compreende.

Seu objetivo e necessidades ditam sua estratégia de comunicação quer esteja transmitindo ou recebendo. Pense sobre isto. Será que a sua estratégia pessoal de comunicação abre você ou te fecha, em relação a receber e entender um conceito como a AUO?

Sempre são necessários pelo menos dois para comunicar – cada um através dos filtros seletivos de envio e recebimento, de sua própria fabricação. Na recepção (os ouvintes, os que assistem ou os leitores) parecem estar apenas em uma atitude passiva, mas não é assim. Eles sabendo ou não, ativamente colocam um spin em cada dado que recebem, à fim de fazer com que a interpretação do dado-experiência se encaixe satisfatoriamente em sua visão de mundo atual. Sem dúvida sobre isto, o doutor spin interno está lá para fazer com que você se sinta confiante e seguro nos seus conhecimentos e crenças, sobre como o mundo e as pessoas nele funcionam.

Este assunto será retomado mais uma vez de uma perspectiva completamente diferente, em uma discussão sobre o ego, no Capítulo 43 do Livro 2. Eu encorajo você, a fazer um esforço para se tornar consciente, da implementação particular da habilidade de ouvir interpretativa, que necessariamente colore e filtra o **seu** lado (sua parte) em qualquer tentativa de comunicação.

Eventualmente vou pintar uma Visão Ampla ('Big Picture') detalhada e de alta resolução para sua consideração, mas se as suas crenças a distorcerem ou filtrarem, sua percepção nunca vai chegar a ter uma oportunidade de avaliar sua significância geral ou avaliar seu valor pessoal.

Você terá que confiar em um ceticismo de mente aberta para lidar com o spin de transmissão, que suspeite poder estar colocando no sinal que recebe. ◀

A palavra “infinito”, usada como um descritivo **prático** desta unicidade absoluta, não se refere ao tamanho no espaço. Se refere a algo que nós humanos 3D não experimentamos diretamente – talvez a ideia de um potencial aparentemente infinito, se misturando ao conceito de uma mente totalmente em branco, vai conseguir levá-lo tão perto quanto será possível a você, chegar deste conceito. Nem o espaço ou o tempo foram inventados ainda (neste ponto). Vamos chegar a estas inteligentes e necessárias invenções mais tarde, mas primeiro este algo aparentemente sem limites precisa evoluir.

Este conceito de uma aparentemente infinita Unicidade Absoluta e Sem Limites (AUO) equivale apenas a metade dos ingredientes que precisamos para fazer crescer uma nova “*Big TOE*”. O ingrediente ainda faltante é o que chamo de “Processo Fundamental”. O Processo Fundamental é o processo básico de evolução. É o padrão repetitivo de tentativa e erro, de mudança espontânea e escolha, de eventos aleatórios e comportamentos encorajados que habilitam a evolução, a resultar em progresso. Progresso é definido como sendo a mudança dentro da entidade ou grupo de entidades, que seja de alguma forma imediatamente benéfica ou lucrativa para aquela entidade ou grupo. Mudança lucrativa deixa aquela entidade ou seu grupo, ou ambos, em uma posição comparativamente melhor, mais forte, mais funcional, capaz e exitosa, relativamente aos seus ambientes internos e externos.

Uma entidade é um sistema interativo bem definido e autocontido. Ela pode ser um átomo, molécula, pedra, tecnologia, computador, minhoca, macaco, humano, organização, cidade, nação, planeta ou um indivíduo perceptivo consciente não-físico. A interação de uma entidade com seu ambiente interno e externo é limitada por aquilo que aqueles ambientes vão dar suporte, encorajar ou desencorajar. Assim, limites que refletem as demandas dos ambientes internos e externos definem o critério para a

lucratividade e são a fonte da pressão evolucionária que empurra cada entidade em evolução para frente. Quando descrevo a evolução como um imperativo, como uma força que move uma entidade ao longo de seu caminho evolucionário, como uma pressão, ou um direcionador de mudança, lembre-se que estou falando sobre um processo natural auto iniciável que representa, como uma entidade ou sistema auto modificável interage com seus ambientes internos e externos. Nós ainda vamos voltar a estes conceitos em mais detalhe.

O Processo Fundamental, como é aplicado a uma entidade complexa movimenta aquela entidade para os estados de ser internos e externos, que são mais imediatamente lucrativos. Este movimento é o resultado de pressões internas e externas. Mudança (movimento evolucionário) que resulta de pressões externas pode ser vista como os resultados cumulativos de interações dinâmicas entre uma entidade individual e tudo o mais, que em adição constitui o ambiente externo (fora dela). Mudança evolucionaria que resulta de pressões internas pode ser vista como os resultados cumulativos de escolhas que uma entidade individual faz relativas a todas as configurações internas e estados potenciais de ser disponíveis.

Pessoas utilizando engenharia genética para gerar pessoas melhores, seriam um exemplo de movimento evolucionário produzido por pressões internas. Medo, ego, amor, objetivo, estresse, prazer, crescimento, contentamento, ambição, a melhoria de si mesmo, satisfação, confiança, auto estima e interação social são alguns poucos exemplos de restrições criando pressão evolucionaria. Ambientes físicos internos (dentro do seu corpo) podem também pressionar subsistemas (órgãos internos) e tecidos específicos a se modificarem a fim de ganhar eficiências individuais ou sistêmicas.

Consciência primariamente evolui por responder a pressões internas, sistemas biológicos primários simples evoluem por responder a pressões externas. Pressões evolucionárias internas e externas podem interagir e influenciar uma a outra.

Conforme os indivíduos se esforçam pela máxima lucratividade, grupos de entidades interdependentes podem evoluir interativamente em conjunto para formar um sistema ou ecossistema mais amplo. Sistemas inter-relacionados interagem uns com os outros para formar sistemas maiores (tais como os ecossistemas biológicos da terra e o sistema solar).

Nada permanece sozinho – todos estão inter-relacionados sob a perspectiva do nível de organização maior (superior). Isto se aplica a todos os sistemas em evolução e sistemas de sistemas – animal, vegetal, mineral, tecnológico ou organizacional – e aos subconjuntos dos sistemas (incluindo seu cérebro, estômago ou um computador interligado em rede), e assim por diante (partes de uma célula e transistores seguidos por suas camadas de suporte molecular e atômicas).

Tudo dentro de um sistema evolui conjuntamente, camada sobre camada, dentro de uma grande rede de interação. Todos os sistemas existem, sobrevivem e têm êxito, em virtude de uma ecologia local que define, como os seus vários grupos internos interdependentes se inter-relacionam. Consciência, a terra e tudo que existe nela, governos, a Internet e tudo evolui suas próprias ecologias de suporte. Para entender a dinâmicas destes sistemas, é preciso primeiro entender a ecologia de cada sistema **local** . Para entender sua significância, é preciso primeiro entender a ecologia **mais ampla** de cada sistema.

Na Seção 5, onde vamos discutir a evolução como um processo fractal, você vai encontrar os mesmos processos evolucionários básicos surgindo de novo e de novo, a cada nível de realidade – física e não-física. Vai ver que o Processo Fundamental, que dirige a menor partícula para popular os estados disponíveis a ela é o mesmo Processo Fundamental, que leva a geração pelo Nosso Sistema (*OS – Our System* ) das múltiplas realidades prováveis, que contém múltiplos universos dentro da realidade não-física-material (*NPMR – Nonphysical-Matter Reality* ).

► Outro curto aparte é necessário agora para definir dois termos importantes que vamos usar repetitivamente.

O termo Nosso Sistema ( *OS – “Our System”* ) é usado com frequência nesta seção como um descritivo de alto nível para o “lugar” maior onde vivemos (OS é discutido em detalhes nos Capítulos 79 a 81 do Livro 3). OS é definido como sendo a PMR (nosso universo físico – *Physical-Matter Reality* ) mais o subconjunto da  $NPMR_N$  , “a redondeza” que é interativa com a PMR. Aqui, a notação  $NPMR_N$  apenas representa um subconjunto específico da *NPMR*.

Se esta terminologia parecer confusa, não se preocupe, vai ficar mais clara depois. Neste meio tempo, tudo que você precisa saber é que o OS é a realidade que é nosso lar – o sistema de realidade no qual nós

interagimos primariamente. OS é composto de elementos interativos que são tanto físicos (tais como seres sencientes, informação, energia, matéria física, organizações, física da PMR, todas as formas físicas e criaturas diversas) e não-físicas (tais como seres sencientes, informação energia, matéria não-física, organizações, física da NPMR, todas as formas de pensamento e criaturas associadas).

O segundo conceito a ser discutido é o da entropia. É uma sensação minha que muitos dos leitores não estão particularmente atualizados quanto a significância da entropia – uma palavra usada ao longo de toda esta trilogia. Na verdade, eu deslizei no primeiro uso da palavra “entropia” lá pelo fim do Capítulo 21 – torci para que você não se importasse com umas poucas instâncias isoladas de linguajar físico. Contudo, de agora em diante, você vai ouvir mais sobre entropia, assim desta vez está em boa hora para que sejamos de mais ajuda. Este aparte vai teoricamente evitar a você o trabalho de buscar pela palavra “entropia” e dar uma boa ideia de sobre o que se trata, sem se tornar muito preciso ou técnico. ◀

▶ ▶ Eu digo “teoricamente” porque quase ninguém, vai gastar o tempo e esforço necessário para procurar por alguma coisa, nestes dias. Estamos sempre com pressa, a despeito de quanto tempo tenhamos. Temos uma forte necessidade de seguir adiante, com ou sem as informações necessárias. Entendimento confuso, parece ser sempre preferido, sobre a demora ou perda de continuidade – desvios são para muitos, **fundamentalmente** irritantes além do problema extra que causam.

Antes que eu volte a tarefa de definir entropia, vamos vaguear um pouco mais fundo nesta toca de coelho em particular e ver o que podemos aprender sobre como nos relacionamos pessoalmente com a informação, e como somos afetados por uma cultura Ocidental em mudança, que está no processo de se redefinir através de uma revolução na eletrônica e na tecnologia da informação. A metamorfose cultural que está acompanhando nossa transição da Era Industrial para a Era da Informação é tanto sobre quem e o que somos, como é sobre o que e como fazemos. Conforme nossas ferramentas e relacionamentos vão mudando, nós e nossa realidade mudam com eles.

Do rádio a TV e aos videogames e computadores, a evolução dos eletrônicos de consumo, tem modificado a forma como nós humanos pensamos e interagimos. Muitos de nós, como crianças assistindo *Vila Sésamo*, precisam estímulo e sinais constantes ou nossa atenção vagueia e a monotonia rapidamente toma conta. Para a geração eletrônica, pausas pensativas tornam-se interrupções supérfluas e reflexão séria se torna quase impossível. Sob o mandamento evolucionário do “use ou se atrofia”, profundidade e qualidade de pensamento estão rapidamente se tornando desnecessários e obsoletos.

Na busca dos objetivos de curto prazo em nossas vidas profissionais e do entretenimento e estímulos contínuos nas vidas pessoais, nosso tempo dedicado a atenção se torna cada vez mais curto e a superficialidade domina nossos processos mentais.

Eu compreendo – todos estamos no mesmo barco – que é uma coisa da cultura Ocidental. É assim que a tecnologia da comunicação e o entretenimento eletrônico afetaram nossas mentes e então nossa percepção de realidade. Nossa realidade limitada está lentamente se tornando maior e mais rasa. A ecologia de nossas mentes está mudando de um lago local para um pântano global.

Para dar a volta completa no círculo ao longo da corrente de causa e efeito, você deveria perceber que a qualidade e significância daquilo que a mídia comercial e as lojas de livros produzem para lermos, geralmente é tão superficial e pouco desafiador, que perder umas poucas palavras aqui e ali não chegam a fazer nenhuma diferença significativa. Adivinhe (“chute”) e siga em frente é uma estratégia para economizar tempo que sempre parece funcionar razoavelmente bem porque, seja o que for que venhamos a perder, por definição é desconhecido e não vale o esforço.

Nossa experiência nos diz que aquilo que perdemos, pode ser facilmente extraído do contexto daquilo que conseguimos entender. Encontrar a mais produtiva e eficiente taxa de entender-perder conteúdo, nos permite processar enormes quantidades de informações largamente inconsequentes, que continuamente nos bombardeia. Na Era da Informação, passar levemente pela superfície, em vez de ler (de verdade) é uma tática de sobrevivência. A forma calculada de pular e perder aleatoriamente partes de conteúdo, espinhoso e difícil,

eventualmente se torna uma técnica de amostragem bem justificada, que em pôr fim cresce para excluir muito mais que não os detalhes irrelevantes. ◀◀

▶▶ ▶ Em um senso prático, qualquer coisa que definamos como irrelevante rapidamente se torna nisto mesmo. Você “não perde” aquilo de que “não está consciente”, conseqüentemente tudo que está além da sua visão parece ser irrelevante a você. É por isto que os “não educados” pouco se preocupam com educação e sequer percebem o que estão perdendo. Os não-educados, não sabem ou não apreciam a significância mais profunda, de não ser educados. Um fato da vida: As implicações e conseqüências de suas limitações auto impostas, só podem ser vistas e apreciadas por outra pessoa que não as compartilha.

Se você deseja expandir os paradigmas que compõe a sua visão de mundo, a questão mais relevante se torna: Para quem você vai ligar? (Veja no Cap. 23). Basear a validação de uma visão de mundo mais ampla no consenso das pessoas que você respeita e com quem se associa é um negócio particularmente arriscado, porque você gosta das pessoas que são como você – pessoas que mais provavelmente compartilham suas limitações e crenças básicas.

Entre estas pessoas você se sente sólido, confiante e autoconfiante. Eles confirmam a solidez de seu entendimento e a correção da sua visão. Você faz o mesmo por eles. Eles definem sua comunidade ou conjunto social em todos os níveis da organização social.

Deixe-me fazer uma adivinhação arriscada. Conforme estou olhando aqui na minha bola de cristal, vejo que você e seus melhores amigos estão a par, de tudo que é **realmente importante** para saber. Além disso, parece que você e seus associados mais próximos, têm um entendimento excelente (provavelmente melhor que a maioria) da verdade que está abaixo da superfície, em muitos eventos e ações. Será que adivinhei direito? Você não está sozinho. Quase todo mundo em cada lado, de cada tema (incluindo os loucos e fanáticos de todos os tipos), sentem exatamente da mesma forma.

“Ei, estou indo bem da forma como sou – afinal qual é o grande problema por causa de uma ignoranciazinha menor? Ignorância séria? Muita ignorância? Muita verdade importante está além da minha visão? Besteira! Isso é impossível! Você deve estar falando sobre outra pessoa. Aquelas pessoas as quais eu tenho pouca estima são assim, mas não eu, eu sei o que **realmente** está se passando”.



► ► Procurar por palavras, conceitos ou eventos não familiares é avaliado de forma precisa, como um exercício pouco prático por pessoas ocupadas que estão voltadas para o lado de fora, no entretenimento e nas informações práticas. Nos focalizamos naquilo que valorizamos. Não ponha a culpa nos caras da mídia, eles produzem qualquer coisa pela qual alguém esteja disposto a pagar. Nós valorizamos aquilo que seja rápido, conveniente, que nos entretenha, fácil, prático e que nos faça sentir bem ou que pague bem. O que mais há além disto? Para muitos de nós, esta é uma pergunta difícil, cuja resposta honesta, ou é um conjunto vazio ou uma lista muito pequena.

Gerenciamento de tempo, um conceito nascido na Era Industrial, vai ao crítico na Era da Informação. Se não estamos dormindo, estamos muito, muito, muito ocupados e em uma perseguição quente do que quer que seja que vai acontecer a seguir. A maioria de nós valoriza o momento presente, apenas como uma ponte para o futuro. Porque vivemos na correria, temos uma tendência a confundir a vida, significado e objetivo com movimento. O fato é, que as escolhas que fazemos (e que em última instância nos definem) todas elas ocorrem no presente.

E fale sobre desvios! Este aparte, contendo um aparte, que contém ainda outro aparte, está forçando você a pensar em múltiplas camadas. Preciso abandonar isto e voltar para a trilha, antes que ambos fiquemos perdidos e decidamos ir assistir TV em vez de seguir com isto. ◀◀

► Entropia é um termo da física que você aprende quando estuda termodinâmica – o que provavelmente é a causa de você não tê-la na sua lista de palavras de uso diário. Mesmo assim, por causa de suas

dramáticas implicações, ela é bem conhecida em muitos círculos técnicos e filosóficos.

Os sistemas da PMR naturalmente dissipam sua energia. Se nenhuma nova energia é colocada no sistema, a que está disponível para realizar trabalho dentro daquele sistema, vai eventualmente se desgastando. Tudo, tal como uma bateria nova, tem uma (chamada) vida útil de prateleira. Energia armazenada (tal como a contida em uma bateria de lanterna de mão ou um tanque cheio de gasolina no seu carro), que é energia em uma forma que podemos usar para realizar trabalho, ou acaba sendo usada fazendo algum trabalho ou vai eventualmente se dissipando (com o passar do tempo). Em qualquer dos casos, todos os átomos e moléculas altamente estruturados e organizados, que compõem a gasolina do automóvel ou a bateria nova foram convertidos (após realizar trabalho ou se dissipar), em uma nova coleção de átomos e moléculas menos organizados e estruturados (incluindo fumos, vapores, luz, calor, desgaste das pastilhas de freio e dos pneus, assim como as partículas de metal no óleo). Esta última não consegue mais fazer tanto trabalho quanto podia a configuração original. Dizemos que a energia foi consumida, quando na verdade, ela foi apenas modificada em uma forma menos estruturada e menos útil, tal como o calor que foi difundido através de todo o sistema.

Qualquer sistema físico fechado, deve eventualmente acabar ficando sem gasolina ou baterias **utilizáveis** e deixar de ser capaz de realizar trabalho, porque a gasolina evapora e ambos se degeneram quimicamente com o tempo, mesmo que não sejam propositalmente consumidos para prover luz ou transporte. Dizemos que a entropia do sistema fechado aumentou. “Fechado” significa que nada é adicionado ou retirado do sistema – todas aquelas mesmas partículas assim como a energia total, permanecem dentro do sistema ao longo do tempo. Ainda que a energia total tenha de permanecer constante, de forma contínua, ela espontânea e vagarosamente muda de forma ao longo do tempo (naturalmente degenera conforme envelhece), assim como ocasionalmente muda de forma (ligue a lanterna ou inicie a queima da gasolina) bastante rápido. Eventualmente, de uma forma ou outra, o potencial total disponível para uso de uma bateria nova ou um tanque cheio recentemente, se torna com o tempo, uma coleção de vapor, radiação e calor, comparativamente sem utilidade.

A mudança na entropia é uma medida de quanta energia agora está (como comparado a situação anterior) indisponível para realizar trabalho. De forma equivalente, entropia é uma medida da desordem dentro de nosso sistema hipotético (menos organização e menos estrutura entre os átomos e moléculas em nosso sistema fechado). Mais entropia, significa mais desordem e menos energia disponível para realizar trabalho. Inversamente, menos entropia significa menos desordem (mais ordem e estrutura dentro do sistema) e que mais daquela energia do sistema está disponível para realizar trabalho.

A segunda lei da termodinâmica afirma que a entropia **média** do universo PMR ( **assumida** ser inicialmente um sistema fechado) deve crescer com a passagem do tempo. Isto significa que toda matéria e energia no universo, vai eventualmente se mover, na direção de um estado de uniformidade inerte – absolutamente nada será deixado de todo nosso universo, exceto por íons de hidrogênio e partículas elementares.

Mas não se desespere com isso, você ainda terá tempo para finalizar a leitura “ *My Big TOE* ” e desenvolver uma para você mesmo, antes de se decompor. Um universo massivamente robusto como o nosso, vai levar um longo tempo para se desintegrar. Olhe para o lado positivo: 1) O universo físico pode não ser um sistema fechado e 2) o sol vai se expandir e vaporizar todo nosso planeta, muito antes que o universo decaia até o ponto, de uma sopa homogênea de partículas básicas. ◀

Você vai obter informação mais detalhada sobre estes conceitos mais tarde. Para o objetivo desta seção, precisará somente compreender que **todas** as coisas e sistemas de coisas, estão em um processo ativo de mudança – animal, vegetal, mineral, tecnológico e organizacional – e que o Processo Fundamental é a base para esta mudança. Todas as coisas evoluem na direção de maior lucratividade. Lucratividade é definida pelo grau de sucesso imediato que uma entidade tem em lidar com as pressões evolucionárias, criadas pelas restrições dentro de seus ambientes interno e externo. Isto é verdade, quer a entidade seja um indivíduo ou um sistema complexo de indivíduos dissimilares inter-relacionados.

Coisas que não estão vivas e não crescem (tais como átomos de urânio, moléculas inorgânicas, a casa na qual você vive as pedras do seu jardim) geralmente evoluem para estados de mínima energia. Quando entidades não-crescentes fazem uma mudança de estado natural, espontânea

ou evolucionaria, o estado de energia mais baixo **disponível** é definido como o próximo-estado mais lucrativo a ser ocupado. A maioria da matéria física em nosso planeta, cai nesta categoria. Assim a matéria física, gradualmente segue um caminho para estados de energia cada vez mais baixos, aumentando sua entropia à medida que evolui. Para a matéria inanimada, mudança espontânea natural devido a interação com seus ambientes interno e externo (evolução), desintegração e entropia crescente, estão todas relacionadas e se movendo em conjunto na mesma direção geral.

Tipicamente, as coisas que crescem (coisas que estão em um estado de se tornar ou passar a ser) podem natural e espontaneamente – pelo menos por um período limitado de tempo – decrescer sua entropia. Em contraste, a entropia das coisas não-crescentes sempre aumenta naturalmente. Na PMR, as coisas que crescem, dependem em última forma das coisas não-crescentes, assim atendendo a cruel previsão da segunda lei da termodinâmica. Vamos descobrir, que no espaço-mente onde a AUO existe como uma consciência ainda opaca (não brilhante), não existem coisas físicas e **tudo** tem o potencial para crescer. No espaço-mente, buscar o estado de energia mais baixo nunca é o objetivo, justo o contrário. Para um sistema de consciência, o próximo estado mais lucrativo é o que habilita o sistema, a minimizar sua entropia. Em outras palavras, mudança evolucionária dentro do sistema de consciência é lucrativa para aquele sistema, apenas se faz com que a entropia do sistema se reduza.

Existe uma tendência natural para que uma entidade faça escolhas, explore ou sucumba, àquelas mudanças que movem a entidade na direção de seus objetivos evolucionários. Isto é, na direção de uma configuração mais lucrativa ou arranjo que leve a benefício mútuo – em direção a um estado de energia mais baixo para matéria física (entropia mais alta) ou estado de entropia mais baixa (energia utilizável mais alta) para uma consciência. O Processo Fundamental, explora todas as oportunidades e possibilidades para mudança, então de forma inextricável e estatística move cada entidade, cada coleção de entidades similares (tais como uma espécie ou um campo cheio de rochas), ou cada coleção de coleções de entidades diversas (comunidade ou ecossistema) na direção de seus objetivos imediatos evoluindo continuamente os vencedores. O Processo Fundamental de evolução é um processo recorrente, que constrói camada sobre camada de organização e estrutura interdependentes: um

processo que se repete e se dobra sobre si próprio em escalas e níveis de interação muito diferentes.

Uma vez mais deixe-me alertar você, para que não se deixe confundir pelo uso dos verbos, em uma sentença que tenha o Processo Fundamental como sujeito. A linguagem particular de construção é apenas mais conveniente e sucinta, para descrever a dinâmica da mudança evolucionária. O Processo Fundamental é um processo natural e simples – não é um gerente de crescimento senciente e ativo, que pode executar verbos de ação na direção do atingimento de algum objetivo preconcebido.

Cada entidade em evolução se move em todas as possibilidades abertas para ela que consiga ocupar. O investimento continua sendo feito nos vencedores, por irem tendo sucesso dentro das possibilidades que proveem valor ou lucratividade maiores – não ocorre por decisão intelectual deliberada – mas porque tudo que está disponível está sendo tentado e permitindo que qualquer alternativa que funcione (no sentido de que traga valor imediato para a entidade) siga adiante progredindo, enquanto qualquer coisa que não funcione (perdedores) fique patinando, debatendo-se. Isto é uma atividade de seleção natural ocorrendo pelo lado de dentro, executada pela entidade em evolução, não uma atividade intelectual ou resposta dirigida pelo lado de fora executada pelo Processo Fundamental. A única função externa atuando para forçar algo é o ambiente externo no qual a entidade existe.

De agora em diante, quando você ler que o Processo Fundamental faz isto ou aquilo, ou faz com que isto ou aquilo aconteça, ou perceber que usei qualquer verbo de ação para descrever um evento evolucionário, saberá o que eu quero dizer, certo?

Este mesmo Processo Fundamental, quando é aplicado aos sistemas biológicos baseados-na-terra, produz a evolução que você aprendeu na escola. O Processo Fundamental aplicado a consciência produz resultados diferentes, porque a consciência e seu ambiente são diferentes, mas é exatamente a mesma ideia, o mesmo processo elevado a uma compreensão mais geral.

A propósito, o Processo Fundamental também dirige a mudança em organizações e tecnologia. Todo o tipo de tecnologia tem evoluído – desde os complexos métodos de construção de ninhos dos insetos, pássaros e mamíferos até os sistemas de transporte, medicina, agricultura,

comunicação, redes e tecnologia da computação desenvolvidos pelos humanos, durante o século precedente.

A evolução da tecnologia segue um Processo Fundamental similar. Ela se expande para todos os estados disponíveis (necessidades, usos, aplicações) fazendo progredir as vencedoras e abandonando as perdedoras. A pressão evolucionária, definida pelo critério para lucratividade, flui das restrições de utilidade, factibilidade, marketing, condições econômicas e de negócios. Aqui, lucratividade pode ser literal, tanto quanto figurativa. Evolução tecnológica (a evolução de uma entidade técnica) é como a evolução de qualquer entidade. À medida que a tecnologia evolui, ela produz riqueza e complexidade aumentadas de estados potenciais futuros, que criam mais evolução e oportunidades para tecnologias novas ou melhoradas. Conforme a evolução progride, o passo da mudança se acelera.

Pressão evolucionária tecnológica vem dos ambientes econômicos externos das matérias primas, do marketing, de suprimentos, de precificação e de finanças. Mutações e novas entidades técnicas podem parecer que nascem ou passam a existir de forma rápida e descontínua, ainda assim tudo é construído sobre a base de conhecimento ou “piscina genética comum”, das entidades técnicas precedentes. O Processo Fundamental funciona basicamente da mesma forma para todos os tipos de entidades – as físicas, não-físicas, humanas, insetos, bactérias, moléculas, rios, montanhas, rochas, organizações, nações, consciências, automóveis ou computadores. As diferenças em padrões evolucionários entre animais, organizações, consciências e tecnologia, não são devidas a diferenças no processo evolucionário, mas antes devidas a variedade das entidades e variedade nos ambientes e restrições que definem o critério para sua lucratividade.

É o Processo Fundamental que encoraja a vida e outros tipos de sistemas que evoluem (incluindo tecnológicos, organizacionais, sociais e por aí adiante), a fluir para dentro de cada nicho ou configuração que possa lucrativamente sustentá-los. Para consciências, coisas vivas, organizações e tecnologia, a dinâmica e repetitiva implementação do Processo Fundamental de evolução, representa a inclinação estatística natural de uma entidade (organismo, espécie ou população complexamente interconectada de entidades) para crescer e se tornar, naquilo que seja mais lucrativo do ponto de vista do organismo envolvido. Entidades mais simples por vezes se agrupam, para em conjunto e cooperativamente formar entidades mais

complexas e sistemas, que são mais poderosos e assim mais lucrativos para todos os participantes.

Grupos de entidades podem desenvolver relações de benefício mútuo e dependências, porque compartilham um ambiente interativo e sinérgico. Eventualmente, depois de muita integração, a visão do todo se torna mais significativa que a visão de cada parte – eles se tornam uma coisa complexa – um sistema que evolui conforme suas partes evoluem. A seguir vêm os sistemas de sistemas e assim por diante, conforme a complexidade, especialização e mais altas ordens de organização (entropia decrescente), se tornam lucrativas. Consciências, crocodilos, governos, o planeta terra e a internet, todos evoluem da mesma maneira. Exatamente o que, constitui vida ou consciência e como tais sistemas são unicamente definidos, vai ser discutido mais adiante nesta mesma Seção.

De forma breve, o Processo Fundamental explora cada oportunidade disponível e cada possibilidade em todos os níveis e investe mais pesadamente, no que quer que seja que na verdade traga de volta os melhores resultados (lucros) gerais. Na biologia baseada-em-carbono, a avaliação do lucro tem sido tradicionalmente baseada nas restrições da sobrevivência e reprodução. A biologia da Terra representa um caso especial da aplicação de um processo evolucionário muito mais geral. Por exemplo, para entidades não-vivas e não-crescentes, o que é mais lucrativo é usualmente, o mais baixo estado de energia disponível – o estado mais fácil e barato de ser atingido. A **sequência** destes estados mais baixos de energia disponíveis “escolhidos”, tomados por uma entidade inanimada, define o caminho de mais baixa resistência que aquela entidade segue **naturalmente**, se não for impactada por energia externa, que a force a atuar de forma diferente. É por isto que os átomos decaem, que sua casa continuamente necessita manutenção e as rochas rolam morro abaixo.

Mesmo as formas mais básicas de atividade na PMR, seguem o padrão evolucionário de escolha e lucratividade. Assim um átomo radioativo decai e a vida-de-prateleira de uma bateria se deteriora, de acordo com o Processo Fundamental. Por outro lado, um átomo é “bombeado” para um nível energético, areia é transformada em pedra e montanhas se formam ao longo das falhas geológicas, por causa do entrada e absorção de energia externa. Mesmo nestas circunstâncias, a entidade **mais** a energia absorvida e retida, vão se arranjar a si próprias na configuração de mínima energia mais lucrativa.

O Processo Fundamental de Visão Ampla (Big Picture) da evolução (ou abreviando Processo Fundamental) é como segue. Uma entidade começa de qualquer ponto (nível) de existência ou de ser, se espalha potencialmente por (explora) todas as possibilidades disponíveis abertas para sua existência, eventualmente povoando somente os estados que sejam lucrativos de forma imediata, ao mesmo tempo que abandona os demais. Ele então faz progredir interativamente os estados que tiveram sucesso até suas conclusões lógicas, testando as novas oportunidades e suas limitações. Enquanto houver oportunidades lucrativas, o processo continua a interagir e a entidade continua a evoluir. Adicionalmente, estados intermediários podem gerar (se ramificar em, ou ser semente potencial para) novos estados. Estados que não tenham mais potencial para (não suportem mais) crescimento lucrativo, podem persistir ou ser recombinaados com outros aos quais são redundantes. Potencial é geralmente mantido, para o caso de alguma nova condição inicial aparecer.

Nós vamos agora aplicar o Processo Fundamental ao nosso pressuposto de uma Unicidade Absoluta e Sem Limites (AUO). O primeiro passo neste processo é expandir um potencial da entidade para a existência ou ser em todas as possibilidades significantes (estados disponíveis). Uma coisa aparentemente (mas não realmente) infinita, absoluta, não diferenciada pode de forma muito óbvia, encontrar novos estados potenciais de existência de ser, via a mudança de sua unicidade não diferenciada. Isto é, ela pode muito direta e facilmente, interagir com ela mesma. Adicionalmente, porque neste ponto de nossa história, a AUO é a única coisa que postulamos existir, é logicamente necessário que ela interaja somente com ela mesma.

Muitas das coisas biológicas estão cientes do seu ambiente (percepção ou consciência externa das coisas como quente/frio, ácido/básico e úmido/seco). Adicionalmente, elas estão atentas a elas mesmas (percepção interna ou autoconsciência de coisas tais como fome/saciedade, hidratado/desidratado, ameaçado/seguro, em paz/agitado, com danos/sem danos, dor/prazer, alegria/tristeza e medo/amor). Todas as formas de vida (biológicas, consciência ou de outra forma) mudam a si próprias. Algumas vezes a mudança é em reação a seu ambiente – elas se adaptam. Outras vezes a mudança é gerada internamente – elas sofrem mutação. Evolução, tipicamente se move na direção do mais complexo, capaz e das formas mais altamente organizadas, com menos entropia –

construindo sobre o já existente ou melhorando as formas mais simples anteriores. Produtos mais avançados da evolução, podem algumas vezes mudar seus ambientes com sucesso – como cachorros da planície construindo lares debaixo do solo, frescos e úmidos, em locais áridos e quentes.

► Beep, Beep, Beep, Beep, Beep... Oh, oh... Este é o alarme sonoro número três no meu novo ‘problemômetro’. Aguarde um minuto enquanto descubro qual é o problema .... Ok, já entendi... “ *No problem* ” , a solução é simples.

Relaxe, você não sofreu nenhum dano cerebral, retardamento ou se tornou mentalmente enfermo com o envelhecimento. Se você não foi agraciado com uma carreira que conflita com frequência, com organizações governamentais atoladas em guisado de acrônimos, uma memória fraca para acrônimos é normal. Se não está acostumado a usá-los, eles parecem para a maioria das pessoas, ter recebido uma camada de tinta não aderente, que faz com que constantemente escorreguem da memória. É um problema de organização cerebral e associação de símbolos que ocorre, quando o símbolo-nome representa uma corrente de palavras associadas em vez de apenas um nome comum único. A solução? Esqueça as palavras, deixe que o acrônimo seja apenas um nome.

Para aqueles não acostumados com acrônimos, aqui está como funciona. A primeira ou segunda vez que você o encontra, pense sobre o que as palavras significam, chegue a um sentido, uma compreensão do conceito sobre o qual se está falando – então deixe para lá as palavras individuais que compõem o acrônimo e use o mesmo, como um nome associado ao significado e conceito que ele representa. Desta forma “AUO” se torna um nome como “José” – um nome que você associa com uma finita, mas aparentemente infinita, consciência primordial em evolução. É tão simples como isto – AUO se torna um nome apropriado de uma entidade conceitual particular.

Se não tratar o acrônimo como nome, você vai se sentir obrigado a procurar as palavras constituintes toda vez que vier a vê-lo. Procurar pelos acrônimos vai gastar tempo e esforço, além de gerar pouco valor. As palavras individuais não são importantes, já o conceito, a definição, o significado sim – deixe estar.

Se esquecer o **conceito** associado com AUO, procure-o na lista de acrônimos no início de cada livro e siga para a página de referência onde ele foi definido pela primeira vez. Contudo, se você tem uma boa compreensão do significado e significância de AUO, então as palavras individuais não são importantes – deixe-as ir. Não lute com a forma como o uso da linguagem habitual está ordenada no seu cérebro. Reordenar será tão difícil e trará tão pouco valor que não vale o esforço gasto.

Acrônimos são práticos para condensar títulos **descritivos** longos em nomes curtos. Os uso bastante, ao longo de todo o texto, porque têm o atributo legal de carregar suas definições dentro dos próprios nomes. Trate-os como palavras e símbolos, da mesma forma como trata qualquer substantivo e sua memória não vai se parecer tanto com uma peneira. Problema resolvido. ◀

Agora temos nossos dois conceitos fundamentais já no lugar, e conforme requerido por nossa causalidade lógica da PMR, pelo menos um, a AUO, parece ser mística do ponto de vista da PMR. Estes dois pressupostos proveem as fundações necessárias e suficientes (chame isto de uma sapata, nos termos corriqueiros das construções) a partir dos quais construir uma nova “*Big TOE*”. E nenhum deles é uma ideia nova.

Darwin inaugurou a teoria da evolução pela seleção natural no final dos anos 1850. O conceito da AUO é, e tem sempre sido (pelo menos desde 600 A.C.), um conceito fundamental em várias tradições filosóficas, espirituais, metafísicas e religiosas. Para nossos propósitos, utilizamos somente a base do básico deste conceito, sem frescuras, sem dogma e sem condições ou atributos estranhos – apenas uma plana, simples e minimalista Unicidade Absoluta e Sem Limites – uma forma de energia potencial que parece ser não-física do limitado ponto de vista da PMR. AUO é uma aparentemente infinita consciência primordial cujo início depende de um pré-requisito causal que está tão distantemente removido da nossa realidade local que fica fora da nossa consideração racional – como a lâmpada de um refrigerador, o brilho do sol ou a dinâmica do mercado de ações estão fora da consideração racional de suas bactérias intestinais – ainda assim, as bactérias sejam **indireta** e poderosamente afetadas por estas coisas (na medida em que elas podem afetar sua alimentação).

O Processo Fundamental de evolução é o que habilita e exige o crescimento, aprendizado e mudança. Sem o Processo Fundamental, nada

poderia se tornar mais do que é agora, todas as mudanças seriam aleatórias, sem direção e sem propósito. Sabemos de nossa experiência pessoal e da diversidade dos sistemas biológicos, que este não é o caso, que existe um imperativo fundamental para todas as formas de vida crescerem e evoluírem é óbvio. Além do mais, também é óbvio que explorar possibilidades e investir naquilo que funciona é o motor que dirige o processo. A evolução das formas biológicas na terra, ainda que sejam uma aplicação especial de um Processo Fundamental mais geral, demonstram este fato adequadamente.

A partir da fundação com somente estes dois pressupostos, vamos construir peça a peça, uma “*Big TOE*” racional baseada primariamente nas evidências experimentais diretas, com alguma conjectura razoável adicionada para agregar tudo em um único conjunto. Ela tomará forma por quaisquer pontos de dados comuns (fatos aceitos e verdades) que possamos encontrar. Se tivermos êxito, não existirá nenhum fato conhecido ou verdade, que esteja em conflito com esta “*Big TOE*”. O grau de seu sucesso em corroborar este modelo da realidade com sua experiência, dependerá da correção da “*My Big TOE*” e da correção das verdades e fatos com os quais a testarmos.

A sub-fundação foi assentada. Na sequência precisamos desenvolver os resultados básicos e consequências lógicas, de nossos dois pressupostos básicos. No processo, vamos melhorar e refinar nosso entendimento de cada pressuposto. Se as coisas não estão ainda claras como cristal neste ponto, elas vão se tornar mais claras conforme prosseguimos. Pelo fim da Seção 4, você estará habilitado a pôr em conjunto estes dois conceitos, em uma fundação completa para nosso modelo da realidade da Seção 5. Desenvolver os conceitos básicos pode ser tedioso, mas aqui é onde a Visão Ampla (Big Picture) precisa necessariamente começar. Obtendo os básicos é usualmente a parte menos divertida, mas é também a mais crucial. Vamos começar.

A aventura começa! Senhoras e senhores... deem a partida em seus motores!



## A Evolução da AUO:

### Consciência

A percepção (consciência) de uma única célula, uma ameba, uma minhoca, uma abelha, um chimpanzé e um ser humano, é fundamentalmente baseada sobre o mesmo processo. Esta consciência difere principalmente pelo grau. Em algum lugar ao longo do caminho, desde um simples processo de ação e reação (ou estímulo e resposta) até um complexo multi-processo de ação e reação, a capacidade de lembrar (armazenar informação) evoluiu. É a habilidade de armazenar ou reter informação, que possibilita o aprendizado. Mesmo a mais simples das formas biológicas, tem a capacidade de aprender e reter ou estocar informações em suas estruturas físicas (no DNA, por exemplo). Esta informação aprendida pode ser transferida para futuras gerações através da reprodução. Aprender, através do processo evolucionário de explorar as possibilidades e reter os resultados das lições aprendidas (em seu DNA ou

na Livraria do Congresso), de forma que elas possam ser passadas adiante as gerações seguintes é um processo natural, que gera auto reforço.

Ácido Desoxirribonucleico (ADN ou DNA em inglês – um ácido nucleico que carrega a informação genética na célula e é capaz de auto replicação e síntese de ácido ribonucleico) e outras formas de bio-memória, não são tão difíceis de influenciar e modificar como alguns cientistas pensam. Pensa-se, de forma muito comum, que a evolução leva milhares de anos para modificar substancialmente a biologia – que muitos milênios necessitam passar antes que sistemas biológicos complexos (como pessoas ou ursos polares,) evoluam novas formas de ser – novos instintos, novo firmware. Bem ao contrário, sistemas biológicos não necessariamente passam por um processo aleatório prolongado e difícil de mutação e seleção para modificar sua bio-memória. Em um tempo relativamente curto, mudança significativa pode ser estabelecida ou desfeita que vai ser passada de geração a geração se estas últimas gerações reforçarem, porque também a vejam como lucrativa. Memória, capaz de guardar e recuperar dados de forma rápida o suficiente para suportar a cognição, é um habilitador primário tanto para o aprendizado da espécie como para uma consciência (percepção) turva.

Tempos mais curtos de entrada ou modificação de dados, assim como acesso rápido de leitura e escrita, são necessários ao aprendizado individual e para suportar uma consciência (percepção) mais brilhante. Deveria ser óbvio a você que uma consciência mais brilhante e funcional seja naturalmente associada com uma memória maior, com tempos mais curtos de entrada e acesso a dados e a melhor capacidade de processamento de informação. O que é que isto te faz lembrar? Um cérebro biológico conectado com aparatos sensoriais – ou talvez um computador? Pareceria como se consciência biológica cerebral ou sistema consciente digital, operando com uma alta largura de banda (boa capacidade de transmissão de dados) de entrada e saída (I/O – input-output) e com um processador de curto tempo de ciclo e de acesso a memória, poderia teoricamente ter uma capacidade excepcional para aprendizado individual e brilho (evoluindo seu próprio “firmware” e “software”). Este potencial teórico, para o brilho excepcional de um cérebro ou um computador digital poderia talvez se tornar brilho real, se os sistemas de entrada e saída de dados que o

conectam com seus ambientes externos e internos de fonte-de-dados, assim como seus sistemas de retorno (feedback) de propósito-objetivo-intenção-ação-resultado, gerassem um conjunto suficientemente rico com possibilidades unicamente lucrativas, para prover potencial evolucionário adequado, para suportar o desenvolvimento de uma função mental de alto nível. Em outras palavras, se a entidade interage (como um mínimo recebe dados e faz escolhas baseadas naqueles dados) dentro de ambientes suficientemente complexos e desenvolve conexões de alta largura de banda (boa capacidade de transmissão de dados) com estes ambientes, ela irá eventualmente evoluir um nível de consciência (percepção) mais alta e brilhante, para melhor utilizar aqueles dados. Se a faixa de seleção entre escolhas for também suficientemente rica complexa, o potencial para brilhar se expande bastante. Se atenha a estes dois conceitos: Eles se tornarão mais importantes logo adiante, porque cérebros e computadores estão relacionados à consciência digital.

Assim sistemas biológicos – coisas viventes – evoluem, aprendem, crescem e mudam, de forma proposital. Eles fazem progresso. Sua existência é dirigida pela busca de formas de ser e se relacionar mais lucrativas. Estratégias lucrativas, tais como armazenar comida para o inverno e tecnologias tais como construir ninhos são desenvolvidas, internalizadas e “lembradas” (retidas por uma modificação biológica) e postas em bom uso por gerações posteriores com maior sucesso. Ao longo do tempo, uma memória genética ou de grupo, pode se desenvolver – um tipo de sistema de crença cultural rígido (como se incorporado em conexões elétricas permanentes – hard-wired).

Hereditariedade não é o único mecanismo de transmissão. Vermes simples foram treinados para responder a estímulos externos. Vermes não treinados que são então alimentados com os treinados parecem ganhar o conhecimento dos seus irmãos consumidos. (Crianças, não tentem isto em casa. A menos que você seja um verme, comer seus pais ou professores não vai deixar você mais esperto e pode criar sérios problemas).

A maioria dos produtos mais avançados da evolução, evita mastigar seu grupo de intelectuais e sábios e encontram formas mais eficientes de trocar informações, energizando os dispositivos sensores de entrada e saída de cada envolvido – visão, som, cheiro, toque e sabor por exemplo. Esta informação comunicada é processada, avaliada, atuada sobre, armazenada e recuperada. Quando um cachorro grande encara você diretamente, ronca e

mostra seus dentes enquanto os pelos ficam eriçados na parte detrás de seu pescoço, você consegue receber a mensagem pretendida? Ocorre uma transmissão áudio visual da mensagem com sucesso?

Formas de vida simples sabem quando as coisas parecem melhor. Por exemplo, eles sabem o que, quando e como comer e se reproduzir seletivamente. A extensão na qual o aprendizado ocorre depende da extensão e eficiência com a qual cada experiência interage com a memória. O grau de complexidade de cada forma de vida permite variações na especialização dos órgãos de percepção. Tais especializações definem o folego e a profundidade da entrada (input) sensorial e a velocidade e eficiência do armazenamento, recuperação e uso da informação para descrever, avaliar e selecionar possíveis sequências de ação-reação. Todas as formas de vida reagem a ambos os ambientes, externo e interno. Toda forma de vida está no modo de solução de problemas, tentando melhorar sua situação e aumentar sua lucratividade imediata. Solução de problemas é uma resposta natural a pressão do ambiente. Plantas se viram na direção do sol, minhocas noturnas correm para dentro de seus buracos, na medida em que detectam micro sinais sísmicos de perigo e humanos, inventaram bebidas e bombas nucleares.

Percepção (sensibilidade) é uma característica da consciência. Até algum ponto, todas as formas de vida da Terra são perceptivas e estão conscientes. Todas armazenam e recuperam informações de forma mais ou menos contínua e, portanto, têm a capacidade de aprender, de melhorar a elas mesmas e se tornar mais do que são atualmente – evoluir. Algum nível de percepção (consciência) é mais ou menos eficiente ou mais brilhante ou apagado do que outro. É um contínuo. Águas-vivas, guaxinins e pessoas estão todos conscientes (perceptivos) de algumas coisas, mas não de outras. É mais uma questão de grau e foco do que alguma diferença fundamental na natureza da consciência (percepção). Limitações, na riqueza e complexidade das possíveis interações e repostas que uma entidade pode ter com seus ambientes externos e internos, são o que vai definir a capacidade de cada entidade para a consciência. O processo de desenvolver uma consciência é o mesmo para todas as entidades, ainda que as limitações e os ambientes sejam únicos.

A esta altura, deveria estar claro que desenvolver e evoluir uma consciência (percepção) é um padrão, normal e natural que acontece entre as entidades biológicas. De forma similar a uma entidade biológica

unicelular, AUO (Unicidade Absoluta e Sem Limites) desenvolve consciência (percepção) dela própria em relação a si mesma, via mutação ou modificação de sua uniformidade ou estrutura interna. Estou usando o termo consciência aqui relativo à AUO, no mesmo sentido que usei antes. Vamos chamá-la de consciência (percepção) fraca ou pouco intensa. Esta consciência pouco intensa é fundamentalmente a mesma, que qualquer outra consciência, somente muito limitada no seu escopo e complexidade. Em sua posição mais fraca (menos intensa), esta consciência é apenas um potencial para consciência.

Considere as primeiras criaturas unicelulares flutuando em nossos oceanos eras atrás. Esta consciência (percepção) celular pouco intensa descobriu (no sentido evolucionário) que se certas células se especializassem em funções específicas (comer, digerir, reproduzir, locomoção, coordenação, controle), então criaturas mais complexas e de mais sucesso poderiam evoluir (sobrevivência e reprodução melhorada). Que descoberta!

Esta e muitas outras descobertas evolucionárias chave fornecem forte testemunho para a utilidade e eficácia da consciência (percepção) pouco intensa quando motivada (impulsionada) pelo Processo Fundamental. Uma coisa leva a outra, e antes que o tempo acabe (que nosso sol se expanda para incinerar a terra), a evolução progride a biologia da Terra de simples grupos de células com consciência (percepção) pouco intensa para uma diversidade de peixes e répteis relativamente inteligentes (biologia complexa que é mais consciente de, e interativa com seu ambiente). Eventualmente, esta linha de raciocínio nos levará a uma espécie peculiar de macacos pelados, capazes de aplicar engenharia genética a eles mesmos. A consciência cresce e evolui, de forma similar aquela em que os corpos físicos cresceram e evoluíram. Isto é um conceito importante a ser compreendido.

Como é que esta coisa indescritível AUO (Unicidade Absoluta Sem Fronteiras) adquire o primeiro estágio de fraca consciência (percepção)? Da mesma forma que as coisas unicelulares conseguiram e também as coisas simples multicelulares, e assim por diante na escada da evolução acima: interagindo com o que quer que seja que constitui seus ambientes internos e externos. AUO é real e, portanto, não realmente infinita e assim pode ter um ambiente externo tanto quanto tem um interno. Contudo, porque este

ambiente externo e sua descrição, estão além da nossa compreensão, não vamos usá-lo para desenvolver nossa TOE.

Um ambiente externo, pode ou não ter contribuído para a fraca consciência inicial da AUO, mas não temos nenhuma necessidade lógica para incluí-lo. É adequado para nossos propósitos, assumir que a AUO interage apenas com ela própria (mutação) para ganhar esta consciência fraca. Desenvolver a consciência, é o resultado natural de uma entidade automodificante, aplicando Processo Fundamental a ambientes desafiadores (internos ou externos), que contém grandes quantidades de múltiplas possibilidades.

Níveis de consciência ou percepção no sentido celular (fraca) evoluem naturalmente, da existência de uma rica e variada amplitude de estados potenciais disponíveis. Estes estados são gerados pela escolha direta, eventos aleatórios ou também por pura sorte – estar no lugar certo na hora certa com aquilo que for necessário. A entidade explora todos os estados potenciais que possa popular (disponíveis). As configurações mais exitosas ou lucrativas vão continuar a evoluir enquanto aquelas de menor lucratividade ou permanecem no seu nicho ou acabam por morrer. Com o tempo, o equipamento (corpo – hardware) e os instintos (firmware) e a programação (mente – software – capacidade de processamento) são melhoradas lentamente.

Aplicar o Processo Fundamental é natural e intuitivamente óbvio mesmo para consciências extremamente fracas. É tentar tudo o que está acessível e é economicamente possível e seguir adiante com o que funcione. É possível dizer que a AUO esteja viva? Certamente não pelo nosso padrão e perspectiva 3D terrestre (biológico), mas então, nossos padrões são relevantes apenas na PMR. Eu vou mostrar que a AUO atende os requisitos para desenvolver consciência e eventualmente inteligência.

Tudo que é requerido para que a AUO evolua algum tipo de consciência (percepção) limitada é que ela exista interativamente dentro de um ambiente desafiador (externo ou autogerado), que contenha uma grande quantidade de possibilidades múltiplas, e que esteja disponível a ela uma rica e variada amplitude de escolhas potenciais ou estados de ser, com variada lucratividade que possa ser explorada. Lembrem-se, estamos conceituando e postulando alguma coisa que por definição se situa além da nossa compreensão 3D. Em nosso esforço para entender a AUO e a NPMR, somos como os habitantes da Planolândia (Flatlanders) lutando para

visualizar um tetraedro girando vagarosamente dentro de um cubo oco que vai tombando e espiralando pela superfície interna de um funil elíptico. Vá explicar isto para seus colegas bidimensionais enquanto tomam uma cerveja plana.

Porque a existência da AUO é o único pressuposto místico ou metafísico (pela perspectiva da PMR) que habilita essa Big TOE a discutir nossos inícios de forma lógica, necessitamos entender esta coisa-AUO. De algumas formas, podemos pensar na AUO como grosseiramente análoga as primeiras células biológicas das quais muitas das coisas vivas do nosso planeta evoluíram. A AUO era fracamente consciente de si, da mesma forma que aquelas primeiras células eram fracamente conscientes de (podiam interagir com) elas mesmas e seu ambiente. De onde foi que veio a AUO? Nosso sentido lógico e que não se cansa de buscar uma causalidade universal nos força a esta questão. Não existe uma boa resposta. E a melhor má resposta seria: AUO veio à existência da mesma forma que aquelas primeiras células biológicas também vieram. Boa sorte eventualmente tropeçou nos ingredientes corretos na hora certa com um ambiente de suporte e talvez uma centelha de algum tipo de energia mental jogada nisto por boa medida – eu realmente não sei. A origem da AUO permanece além do alcance lógico de nossa compreensão. Nossa causalidade PMR não pode oferecer nenhum dado de entrada racional sobre seu próprio início, muito menos sobre o início da AUO. A única falha lógica está em colocar esta questão.

De onde vieram os ingredientes, o ambiente e a centelha? Largue do meu pé – vá perguntar a sua mãe! Não é uma pergunta apropriada. Demandar respostas a questões como estas é análogo a demandar que um cidadão da Linholândia (um ser unidimensional) descreva uma esfera a seus dois amigos cabeças de ponto. Não pode fazê-lo. Não tem a capacidade para compreender esferas por causa das limitações fundamentais de sua existência e sua realidade. E simplesmente não relevante para sua realidade ou para sua existência. Da mesma forma, as bactérias intestinais não podem entender o mercado de ações ou as propriedades e o valor do brilho do sol – estas são considerações além do racional para as bactérias intestinais. Nós humanos estamos na mesma posição em relação as origens da AUO. Existem algumas coisas, que podem nos afetar indiretamente, que nós não temos habilidade prática ou teórica para perceber ou entender. A negação deste fato (ou pelo menos dessa possibilidade) pode mudar nossa percepção

da realidade e suportar nossas necessidades, mas não pode mudar a natureza da realidade.

Você deveria continuamente trabalhar para desenvolver dados científicos sobre o que pode entender enquanto evita fazer suposições e criar crenças, sobre o que não pode entender. Apreciar suas limitações é o primeiro passo tanto na direção do conhecimento, como da sabedoria.

De algumas perspectivas limitadas (como o caso da perspectiva de nosso universo espaço-tempo PMR), as respostas para algumas questões não podem ser compreendidas ou concebidas. Você terá de viver com este fato. Metafísica, mente e uma cuidadosa exploração do subjetivo, oferecem uma perspectiva menos limitada que consegue ir um passo ou dois além de nossa ciência objetiva atual, mas vá muito mais longe que isto e a verdade se dissolve em especulação enquanto a especulação se degenera em fantasia. Para estar seguro, a conjectura pode rapidamente vaguear para dentro da terra da fantasia, se ela não permanecer conectada a uma fundação racional e objetiva, com dados-de-verdade mensuráveis. Quão bem o modelo atende em desempenho é o que empresta credibilidade aos pressupostos feitos no início. Economize seus julgamentos até mais tarde.

Você vai descobrir pelo fim da Seção 5 que tudo que fazemos nesta realidade parece seguir o (alguém poderia dizer está na imagem do) padrão de ser da AUO. Vai ficar claro que nossa existência, nosso ser e evolução são uma expressão e resultado, da existência, do ser e da evolução da AUO. Nossa consciência individual reflete o padrão da AUO, como uma peça de um holograma ou cada elemento individual de um grande projeto (design) fractal, contém o padrão que define o todo. Se a evolução de nossa consciência e nossa realidade física é um reflexo da evolução da AUO, pareceria razoável (tanto quanto alguém possa endereçar este tema), que a evolução da AUO deveria exibir processos similares aos nossos próprios. A razoabilidade real desta afirmação depende de quão de perto seguimos o padrão original da AUO. A AUO é consciência primária, nós somos consciência derivativa. Não é incomum que uma criança possa parecer-se com seus pais.



## **Evolução da AUO: O Que é Aquela**

### **Coisa Consciência Mascarada e**

### **O Que Ela Pode Fazer?**

**A**té este ponto em nossa exposição, a AUO é aparentemente a única coisa que existe (sem espaço, sem tempo) e sua fraca consciência interage primariamente consigo mesma, em relação a si mesma. Para ser mais preciso, a AUO é aparentemente a única coisa que existe que é interativa com, ou relevante para nossa realidade ou para nós. O que pode ou não existir além da AUO está também além da relevância para nós. Assim, por enquanto, podemos ignorar qualquer ambiente externo hipotético de apoio, ou conceituá-lo como um vazio não interativo - quer ele seja ou não.

O que mais sabemos que pode existir fora dos limites do espaço e tempo? Se pensar sobre isso um pouco, logo se torna fracamente ciente que o pensamento, mente, consciência e espírito, são as únicas coisas conhecidas por nós, que não estão limitadas por nosso tempo e espaço. A AUO é consciência primordial. Poderia nossa consciência individual bem

como o universo físico estar relacionado com a (ou ser derivado da) AUO? Com certeza!

► Um rápido vislumbre a frente pode fornecer uma base mais sólida para você estruturar devidamente os conceitos que agora surgem a sua frente. Algumas vezes é mais fácil fazer sentido sobre o que estamos fazendo, se pudermos ver até onde isto nos leva. Enquanto esta “ *Big TOE* ” entra lentamente em foco ao longo das três seções seguintes, você eventualmente perceberá que a consciência é o meio pelo qual a realidade é formada - o material não-material fundamental da existência. Também se tornará aparente, que uma forma mais estruturada desta consciência fundamental de energia primordial, pode razoavelmente evoluir para uma consciência de “entropia ultrabaixa”, que pode gerar a mente digital operativa necessária, para animar e definir o conteúdo de nossa realidade maior.

A consciência provê a energia organizacional básica da qual toda existência individual é derivada. Fornece a forma auto modificável, a função e a energia potencial, que o Processo Fundamental de evolução aperfeiçoa. Eventualmente, alguma coisa análoga a especialização celular, evolui dentro da AUO para criar dimensões internas, que sustentam as várias realidades habitadas pelas unidades individuais de consciência. O Processo Fundamental, impulsiona mudança em todos os níveis, incluindo as oportunidades de crescimento que eventualmente definem o conteúdo de consciências individualizadas, tal como você mesmo. Ao fim da Seção 5 você entenderá como nossa realidade física, incluindo você, é criada, o processo pelo qual opera e a qual propósito serve. Também entenderá melhor as dinâmicas “não físicas” subjacentes à nossa existência física e a natureza da realidade pessoal e pública. Não quero seguir muito adiante em minha história, para não tentar você a saltar para conclusões mal direcionadas ou erradas, apesar de poderem parecer óbvias neste ponto do desenrolar de nossa teoria. ◀

Vamos tomar cuidado para não cair numa armadilha antropomórfica. Não sugiro que a AUO é (ou sequer se tornou) consciente ou senciente da mesma maneira que um ser humano é consciente ou senciente. Estou sugerindo que a AUO é (ou representa) a consciência primordial - uma forma de energia que, como as primeiras formas biológicas baseadas em carbono na Terra, tem o potencial de evoluir

consciência. AUO representa a substância primordial da própria consciência, não o atributo de estar consciente.

Consciência é o resultado da evolução ofertando rentabilidade, para um sistema complexo de conteúdo digital relacional auto organizável. Outra maneira de conceituar a AUO é como uma energia potencial aparentemente infinita. A energia potencial de consciência digital é o potencial de se auto organizar, que é derivado do potencial de um sistema digital em reduzir sua entropia média através da evolução. Um sistema capaz de reduzir sua entropia através da auto-organização irá eventualmente hospedar algum nível de consciência. Ao longo dos próximos capítulos, veremos como um modelo digital de consciência altamente perceptivo (consciente) pode ser derivado (desenvolvido) a partir de um simples sistema de consciência monolítica, que é impulsionado a reduzir sempre sua entropia média (atingir valores maiores de energia utilizável), pelos requisitos da lucratividade evolucionária.

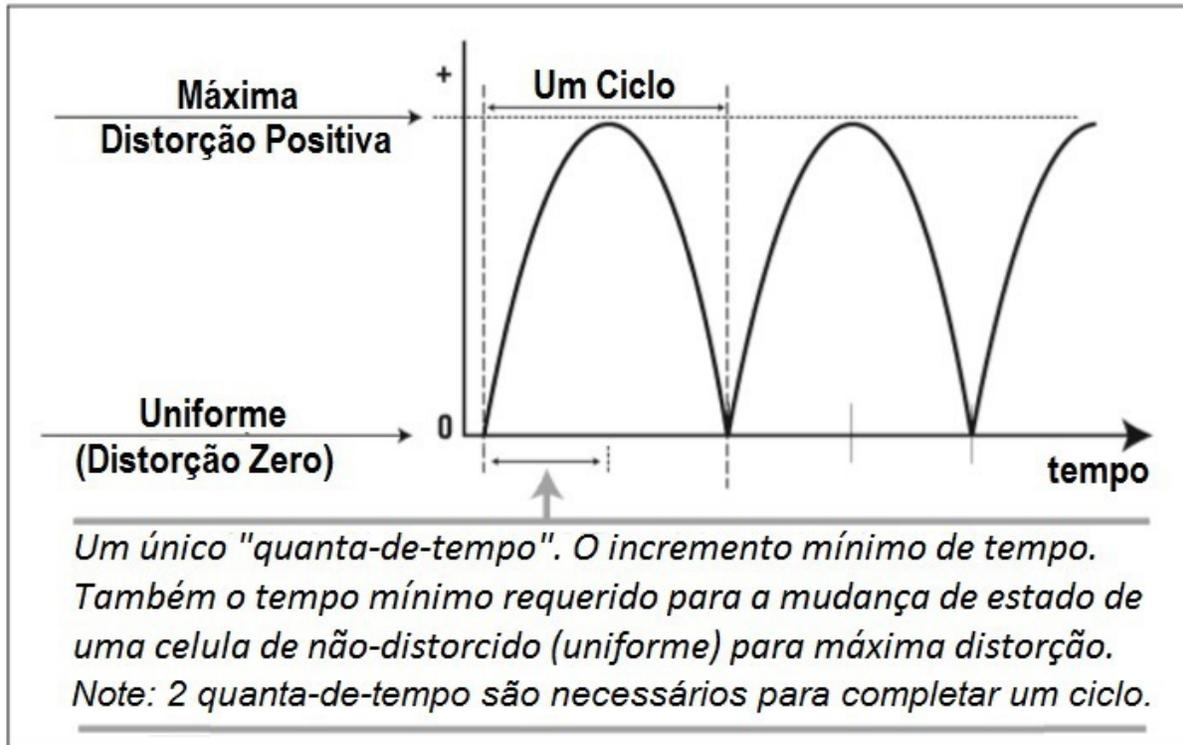
O que a AUO pode fazer com ela mesma para criar o ambiente estimulante que impulsiona a evolução e como descobriu como fazer isso? Descobriu da mesma maneira que as antigas células biológicas o fizeram. Pode levar um tempo extremamente longo (consciência fraca pode ser muito lenta), mas sob a pressão firme da incansável evolução que cutuca constantemente todos os sistemas na direção de rentabilidade maior, eventualmente progresso é alcançado e novas possibilidades são exploradas.

O que a AUO poderia fazer que fosse interessante, desafiador e estimulante? Poderia inicialmente criar uma dualidade em si mesma. “Isto” versus “não Isto”. Pode alterar sua uniformidade para criar um distúrbio ou distorção local. Então aí existiria distorcido, relativo ao não-distorcido. Uma dualidade foi criada. É como se aquele oceano calmo e parado, em que você estava flutuando alguns capítulos atrás, para obter uma noção intuitiva de uma unicidade absoluta e sem fronteiras, agora tivesse evoluído a ponto de fazer uma pequenina ondulação. Com muita prática e alguma boa sorte, ondulações eventualmente se tornam ondas e redemoinhos. Distorção ou qualquer outra não-uniformidade, existe apenas em relação a uniformidade. Quantos tipos diferentes de distúrbios, a AUO pode criar relativos à sua uniformidade? Quem sabe? Para o nosso propósito, precisamos apenas de um.

Uma única modificação localizada em relação ao estado uniforme, é tudo de que necessitamos para derivar a nós mesmos, nossa física e todo o

restante da nossa realidade (física e não física). Desta forma (uniforme) relativo àquela forma (localmente não uniforme) é o suficiente. Dado que a AUO, de algum modo descobre um distúrbio ou não uniformidade em relação a si mesma, ela pode retornar para o uniforme e então, intencionalmente restabelecer o estado localmente perturbado e então retornar ao uniforme novamente e assim por diante. Agora temos a possibilidade de um evento regularmente recorrente, que irá eventualmente evoluir para um evento precisamente recorrente. As figuras 2-1, 2-2 e 2-3 mostram três exemplos de uma mudança contínua, que ocorre regularmente entre estados “não uniformes” e “uniformes”. Um evento precisamente recorrente, pode eventualmente ser usado para inventar o tempo (como se fosse o primeiro tique-taque, tique-taque, tique-taque). Mas antes de poder sensatamente esperar algo tão avançado quanto vibração uniforme ou oscilação, a AUO ainda tem muito mais evolução a realizar.

Considerando a evolução biológica na Terra, poderíamos dizer que uma criatura unicelular descobriu que configurações multicelulares eram mais efetivas e, depois, descobriu que a especialização de células fornecia um organismo multicelular mais eficiente. Aqui estou usando a palavra "descobriu" em um sentido evolucionário. Tais descobertas não são necessariamente eventos bem definidos. Elas são mais tipicamente acontecimentos difusos que ocorrem ao longo de grandes períodos de tempo e depois de um número enorme de experimentos internos, mais ou menos aleatórios, são avaliados por sua rentabilidade (sobrevivência melhorada para organismos biológicos ou entropia reduzida para organismos conscientes).



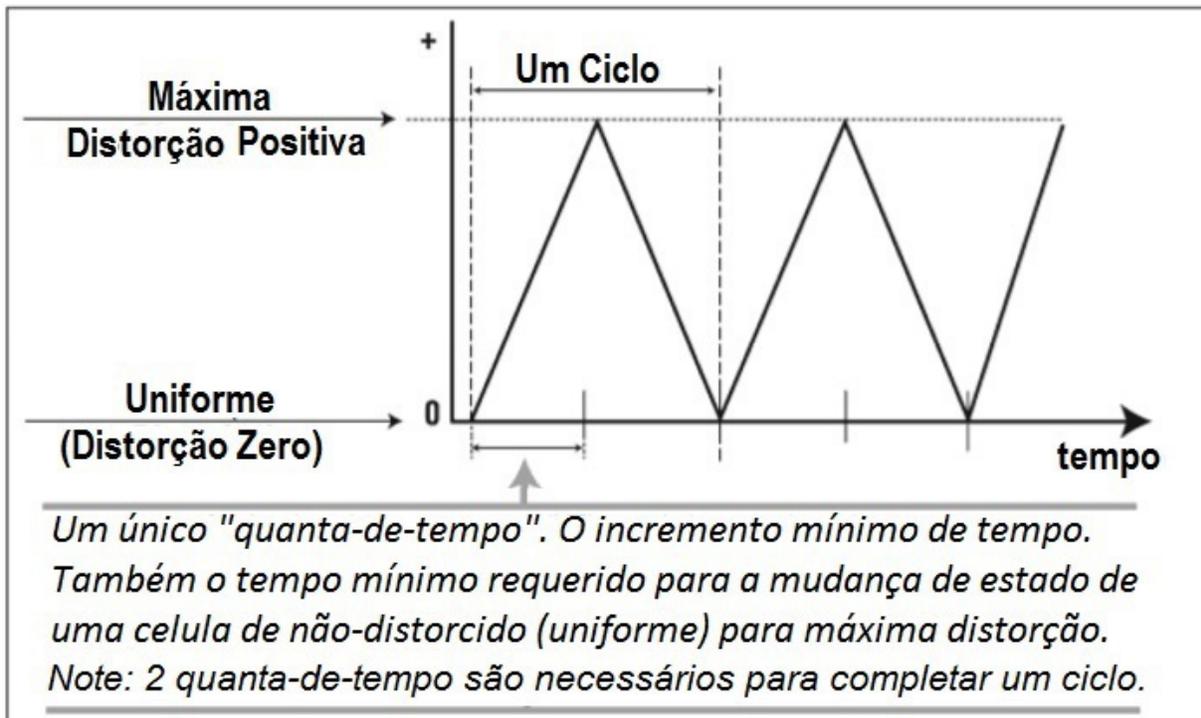
**Figura 1.1: Oscilação unipolar na forma de  $|\text{seno}(\omega t)|$**

A evolução contínua da AUO requer mais e mais complexidade no modo em que ela pode expressar diferenciação de uma parte de si mesma relativa a outra. Quais são suas oportunidades (suas possibilidades) de conseguir a dualização? Existem várias maneiras nas quais a AUO poderia mudar seu estado e então retornar ao estado anterior. Aqui estão algumas das maneiras mais simples. A AUO poderia, por exemplo, descobrir a dualização de um modo bipolar, tanto quanto de um modo unipolar. O modo unipolar (uniforme, distúrbio positivo, uniforme, distúrbio positivo, uniforme e assim por diante) poderia ser na forma de  $|\text{seno}(\omega)t|$  (módulo de seno, mostrado na Figura 2-1) ou, talvez,  $[\text{seno}(\omega)+1]/2$ , ou  $\text{seno}^2(\omega t)$ . Ou poderia também ser na forma de um dente de serra linear (Figura 2-2) ou qualquer número de outras formas úteis.

A AUO poderia também oscilar entre estados de distúrbio positivos e negativos (uniforme, distúrbio positivo, uniforme, distúrbio negativo, uniforme, distúrbio positivo, uniforme, distúrbio negativo, uniforme e assim por diante).

Este tipo de oscilação é chamado "bipolar" e poderia, por exemplo, ser na forma de  $\text{seno}(\omega t)$  (como mostrado na Figura 2-3). Aqui as palavras "positivo" e "negativo" representam distúrbios opostos tais como bom/mau,

quente/frio, mais/menos, agudo/rombudo, brilhante/apagado, ácido/base, faminto/satisfeito, pensamento/não-pensamento, ou o que quer que sirva melhor à natureza da AUO e suas sensibilidades recém-descobertas. Note que evitei usar opostos espaciais (tais como aqui/lá, baixo/cima, dentro/fora) porque o espaço não é uma construção nativa da AUO e não foi ainda descoberto por ela.



**Figura 1.2: Oscilação unipolar linear (dente de serra)**

Se funções matemáticas (trigonométricas) tais como  $\text{seno}(\omega t)$  ou  $|\text{seno}(\omega t)|$  não são uma parte da sua realidade diária, não se preocupe. Elas não são particularmente importantes para entender a natureza binária de “perturbado” versus “não perturbado”. As uso aqui apenas para demonstrar uma vasta gama possibilidades simples como também complexas, que a AUO poderia aplicar para definir este versus aquele e porque o lado lógico da Mãe Natureza, parece ser parcial com senoides. Que a AUO, semelhante as células biológicas primordiais em nosso planeta, de alguma forma evolua para se tornar fracamente consciente e que possa criar mudanças em seus estados é a mensagem aqui. Os detalhes de como ela muda de estado, não são importantes para a Visão Ampla conceitual que está sendo pintada.

A AUO está agora, em um nível que é análogo aos organismos de uma ou de poucas células flutuando na sopa primordial, que representa o início biológico do nosso planeta. Na verdade, em honra desta analogia, vamos chamar esse distúrbio relativo singular na AUO, uma 'célula de realidade'.

Como o Processo Fundamental dita, consciência mesmo que fraca, sempre cria ainda mais possibilidades para si mesma explorar. Da mesma forma a complexidade, ainda que simples, sempre gera maiores possibilidades para a entidade em evolução investigar. Assim, como a evolução o faria, a AUO eventualmente descobre que ela pode simultaneamente criar dois distúrbios relativos à sua aparentemente infinita uniformidade, então três, então quatro, então centenas, então bilhões, então... Afinal, uma unicidade aproximadamente infinita, praticamente sem fronteiras deveria facilmente gerenciar e sustentar quantidades muito além da nossa compreensão. Nós mesmos somos compostos por bilhões de bilhões de células. Continuando nossa analogia com sistemas biológicos, a AUO está agora em um estágio de um gigantesco imenso organismo multicelular, mas ainda assim muito simples. Uma célula aqui, outra célula ali, em todo lugar uma célula, célula... (célula de realidade quero dizer) mas nenhuma estrutura, nenhuma ordem, nenhuma especialização de função - ainda.



***Figura 1.3: Oscilação bipolar na forma de seno( $\omega t$ )***

O crescimento em quantidade e tipos de células de realidade deveria ser suficientemente desafiador, por um longo período de tempo, porque cada incremento de crescimento cria novas possibilidades para novas configurações do sistema maior. Da mesma maneira, cada novo estado do sistema representa novas possibilidades e oportunidades para crescer. Consciência (percepção), complexidade e controle útil crescem, com o número de estados potenciais ou possibilidades que a AUO pode explorar de forma lucrativa (alcançar através da evolução). O que acontece a seguir? A AUO está prestes a se organizar.



## **A Evolução da AUO: Padrões, Símbolos, Informação e Memória; Motivação e Restrições Evolucionárias**

Se você fosse a AUO (Unicidade Absoluta Sem Limites), o que poderia eventualmente fazer com um trilhão de bilhões de “gazilhões” de células de realidade? Para começar, poderia iniciar organizando suas deformações locais (células) em padrões. Então padrões de padrões e grupos de padrões de padrões – o que quer que sua mente possa manter. Será que uma boa memória seria de alguma ajuda aqui? Não é elegante, como o imperativo para implantar o Processo Fundamental cria pressões evolucionárias, que entregam o que seja mais lucrativo ao organismo em evolução (mega memória está a caminho)? Onde muitas escolhas possam ser lucrativas, a resultante é muita diversidade.

Para ter um vislumbre do potencial da AUO em organizar suas células em níveis de múltiplos padrões, veja o que William Shakespeare conseguiu fazer arranjando e rearranjando, apenas vinte e seis letras do alfabeto Inglês. Considere o conteúdo da Biblioteca do Congresso, e este livro que você está lendo, juntos eles representam uma tremenda saída do simples rearranjo de vinte e seis letras de uma linguagem em grupos de padrões de padrões. Se cada palavra jamais escrita ou falada, em qualquer

língua, fosse armazenada utilizando células de realidade binárias como memória (usando distorcido vs. não distorcido, da mesma forma que nossos computadores usam zeros e uns para representar letras e números), AUO teria usado apenas uma porcentagem infinitesimal, de todas as células de realidade disponíveis. Tal é a natureza desta unicidade aparentemente infinita sem limites.

Eu não digo que AUO parece prosseguir adiante sem fim e para sempre, porque aplicar nossas palavras e conceitos extraídos das restrições do espaço-tempo, para exprimir ideias muito além do seu alcance, cria confusão e paradoxos. AUO não pode ser concebida em termos de espaço e tempo. Ainda assim, nós criaturas 3D de conhecimento limitado, precisamos usar as ferramentas e modos de concepção e comunicação que temos – e esticá-los para alcançar o desconhecido, que permanece além do nosso horizonte. É importante não deixar que nossas palavras e suas limitações implícitas da PMR, nos aprisionem em acreditar que a realidade é, por definição, totalmente contida dentro das três dimensões espaciais e restrita àquilo que podemos fisicamente perceber.

A esta altura, a AUO é (ou partes dela são) consideravelmente menos opacas. Continuando com nossa analogia biológica, já é tempo de diversificar e especializar. Dentro das formas e funções biológicas, diversificação e especialização são primariamente dirigidas por duas pressões básicas: sobrevivência e propagação. Aplicar o Processo Fundamental da evolução, aos sistemas biológicos cria estas pressões tanto quanto cria várias estratégias individuais, que são projetadas para responder a estas pressões. A sobrevivência (existência continuada) de um indivíduo particular membro de uma espécie é não somente significativa para aquele indivíduo, mas também contribui para a lucratividade e continuação da espécie, experimento evolucionário e ecossistema. Cada indivíduo, além de ser uma entidade autônoma, é parte integral de um sistema mais amplo. Nada permanece apenas por si só, desconectado de todo o resto. Para fazer uma citação distorcida de John Donne: “Nenhum homem ou bactéria é uma ilha”.

► Durante os séculos dezoito, dezenove e a primeira metade do século vinte, humanos em uma típica demonstração de arrogância autocentrada e de curtíssima visão, acreditaram que estavam sozinhos e acima de todo o resto – particularmente no Ocidente em rápida

industrialização. Muitos, cuja dinâmica econômica ainda está na linha de frente da revolução industrial, continuam a sentir e atuar da mesma forma. Isto é fácil de compreender. Industrialização é um processo, que no curto prazo torna os recursos naturais em riqueza, poder e um padrão de vida mais alto.

Desafortunadamente, o ganho no curto prazo geralmente leva a utilização não ecológica dos recursos. Industrialização rápida é um pacote muito difícil de ser abandonado, em troca da responsabilidade ecológica – especialmente se você é um dos últimos saqueadores a chegar à cena da rebelião. Para atualizar e urbanizar uma velha máxima, “os saqueadores que chegam primeiro conseguem a melhor TV”. Além disso, o saqueador inicial ainda é aquele com menor chance de ser pego e ter de encarar as consequências.

É um fato óbvio que o caminho mais fácil para conseguir algum dinheiro fácil e que suporte de imediato, um padrão de vida mais alto é agredir a Mãe Natureza enquanto ela está caminhando no parque. Por sorte, ela é de um tipo extremamente forte e caridoso e graciosamente tolera nosso abuso, até certo ponto. Contudo, passar deste ponto é trocar um suprimento interminável de “ovos de ouro” por uma simples canja de galinha. Mesmo que você esteja extraordinariamente faminto, esta é uma troca estúpida.

À medida que a visão mais ampla de um ecossistema global tem ficado à vista, alguns têm percebido que temos responsabilidade, tanto quanto direitos de saque por virtude de força superior. Um ecossistema viável e estável precisa atingir e manter um equilíbrio. Que nós humanos tenhamos a capacidade de perturbar seriamente este equilíbrio é a fonte de nossa responsabilidade.

Nosso ambiente natural não constitui o único ecossistema global. Eventualmente, no meio da população humana, vamos descobrir e aprender as regras e dinâmicas da tecnologia, da política, interação social e economias globais. Em sistemas globais, jogadores individuais sempre têm pequenas partes, ainda assim de vital importância, mesmo de uma perspectiva de sistema. Em geral, quanto mais amplo o sistema, menor é a parte que qualquer participante (jogador) representa. Cada entidade individual (incluindo você) atua em seu papel único e interativo, afetando absolutamente o todo quer esteja consciente ou não, da existência do todo. Alguns indivíduos e grupos afetam o sistema

mais amplo, mais que outros, assim precisam assumir uma maior responsabilidade em proporção ao seu maior impacto e influência.

Um ecossistema complexo pode manter equilíbrio somente se uma grande habilidade para usar, explorar e destruir, está temperada com igual e grande responsabilidade para conservar, recuperar e proteger. Habilidade precisa ser balanceada com responsabilidade, força com cuidado e medo com amor. Com grandes responsabilidades vêm grandes desafios e oportunidades. Quanto maior a sua perspectiva e compreensão, mais efetivo e produtivo você pode ser dentro do seu sistema.

Sua habilidade de decidir por ações inteligentes, depende da profundidade da sua visão e da qualidade da sua compreensão. Quanto menor sua perspectiva e compreensão, maior a chance de que possa inadvertidamente atirar no próprio pé. Consciência de baixa qualidade, não enxerga a Visão Mais Ampla e toma decisões de baixa qualidade (visão estreita) buscando apenas o ganho no curto prazo. Para um ser de baixa qualidade, apenas “sentir-se bem” parece mais importante que “fazer bem”, que ainda parece mais importante que “ser o bem”.

Não existe regra que obrigue a evolução, a aperfeiçoar a lucratividade, apenas através de tentativas aleatórias. **Temos permissão para usar nossos cérebros** . Sem brincadeira, nós temos de verdade. Sei que parece existir pouca evidência para suportar esta afirmação, mas uma perspectiva mais ampla e uma compreensão do sistema mais amplo, assim como nossa interação ótima com ele e a responsabilidade para com o seu bem, está bem dentro de nossa capacidade intelectual.

Teoricamente, nós humanos somos inteligentes e educados. Contudo, deixe-me lembrá-lo que esta inteligência e educação são atributos dos indivíduos, não dos grupos – você não pode passar adiante ou abdicar da sua responsabilidade **pessoal** (confiando que outra pessoa vá resolver um problema compartilhado) sem que se torne (você também) parte do problema.

Ecossistemas mais amplos vêm em camadas. Para capturar o ponto desta discussão, você precisa generalizar os pensamentos acima para uma perspectiva muito maior. Nós somos participantes em um ecossistema de consciência em evolução. O sistema de consciência do qual participamos é a mãe de todos os outros. Ele é o maior, mais complexo ecossistema, com o qual podemos interagir. Ele suporta todos

os outros ecossistemas. Nosso universo físico é um pequeno habitat virtual dentro deste sistema muito mais amplo de consciência. Os mesmos temas ecológicos, conceitos, conclusões e lições aprendidas que discutimos antes neste aparte, se aplicam diretamente a você e a sua relação com o ecossistema de consciência. Ciência é ciência, e os princípios são os mesmos. Leia este curto aparte com cada observação sobre nós e nosso ecossistema físico sendo aplicada e reinterpretada para descrever nossa interação com o ecossistema de consciência mais amplo – você vai ganhar uma nova perspectiva. ◀

Qualquer espécie, ou experimento evolucionário, continua a preencher ou atualizar seu potencial futuro, até que não existam mais estados com potencial significativo para investigar e o Processo Fundamental se reduza até parar. O experimento está finalizado, pelo menos temporariamente. Isto não necessariamente implica em extinção, apenas que nenhum progresso futuro, crescimento, evolução ou experimentação vai ocorrer, até que novas condições externas ou internas criem novas possibilidades significantes. Em sistemas biológicos, o imperativo ou impulso para pôr em prática o Processo Fundamental é naturalmente energizado e guiado, pela lucratividade da sobrevivência e propagação. Para que a evolução se mantenha viável dentro de um sistema, o mesmo precisa manter um conjunto **continuado** de escolhas e possibilidades significantes, úteis ou lucrativas. Especificamente, para sistemas biológicos, a evolução permanece um processo viável somente se os organismos biológicos continuam a sobreviver e propagar-se. Contudo, sobrevivência e propagação, não são os únicos testes de significância ou lucratividade evolucionária dos organismos biológicos.

Ambos os extremos da evolução biológica não são explicáveis apenas pela postulação da sobrevivência e propagação (como geralmente pensamos) como **principais** motivadores de escolhas. Os primeiros grupos pequenos de pequenas células, não tinham inimigos (até mesmo o ambiente foi ficando mais amigável ao longo do tempo) e não estavam interessadas em comer umas às outras – não ainda. A vida era simples e boa.

Na direção da outra ponta do espectro evolucionário, muitos humanos da mesma forma, não estão mais focados na sobrevivência em uma base diária. A Tecnologia intervém em nosso benefício. Por exemplo, quase um quinto de nós no mundo ocidental têm a visão comprometida por

razões genéticas, em algum grau que é corrigível pela tecnologia (por exemplo, usando lentes ou óculos). Há dez mil anos atrás, tal defeito nos teria permitido muito menos chance de sobrevivência. Será que nossos colegas usuários de óculos ainda estão tombando como moscas, por causa do seu equipamento visual inferior? O fato de ter que usar óculos ou lentes torna mais difícil para eles sobreviver, encontrar um companheiro e propagar seu material genético? Um pouco talvez, mas nada tão drástico como já foi.

Alguns futuristas nos representam como evoluindo em pessoas que tem grandes cabeças cerebrais com pequenos e fracos braços e pernas – nossa fraqueza física tanto criada como resolvida pela tecnologia. Se a sobrevivência e propagação fossem as únicas medidas de significância evolucionárias, porque iríamos precisar de cérebros tão grandes? Não conseguimos dominar nossa competição com os cérebros que já temos? Agora, temos apenas um inimigo – nós mesmos.

Talvez precisemos de cérebros maiores para evitar a autodestruição. Esta proposição, não nos faz parecer lá muito espertos. São nossos cérebros que nos fazem tão destrutivos. Um cérebro ainda maior, como solução para os excessos de um cérebro já grande, é algo que dificilmente se pode chamar de solução. Eu li em algum lugar que só usamos uma fração da capacidade de nosso cérebro, assim como ele é. Dificilmente um maior, pode ser justificado como necessário para aumentar lucratividade evolucionária. Não é a falta de capacidade intelectual, que está na raiz das dificuldades e comportamentos disfuncionais auto-infligidos da humanidade. O problema fundamental é a falta de qualidade na consciência. Qualidade é o ponto, não quantidade ou capacidade. Obviamente temos mais capacidade de processamento dentro de nossa consciência, do que temos qualidade, maturidade ou sabedoria, para dirigir esta capacidade para bom uso. Como espécie estamos desequilibrados – e isto não é bom.

A Mãe Natureza, que é talentosa em fazer evoluir sistemas complexos interdependentes, sempre produz sistemas que se auto equilibram. Sistemas naturais são autorreguláveis, porque os processos evolucionários de maximizar a lucratividade (resultados) do sistema global, precisam ser processos auto-aperfeiçoantes e auto equilibráveis à fim de atingir e manter estabilidade. Se um sistema complexo natural é tirado fora do equilíbrio, além de um ponto de possível recuperação, ele se autodestrói ou regressa a um ponto onde o fator de desbalanceamento, seja trazido de

volta ao controle. Crescimento na direção de uma condição fora de equilíbrio dentro de um sistema complexo natural, vai eventualmente ser eliminado de uma forma ou de outra (crescimento futuro move o sistema na direção do equilíbrio, o sistema regressa a uma condição prévia de estado estável ou se autodestrói).

Dentro de sistemas biológicos, o exemplo mais óbvio de um sistema desbalanceado levando a autodestruição é um câncer de crescimento rápido. Em contraste, dentro de um sistema de consciência, os mais óbvios exemplos de um sistema desbalanceado levando a autodestruição são ignorância, medo, desejo, necessidade e ego – uma óbvia falta de qualidade.

O que está criando pressão evolucionária, se não estamos mais preocupados com os temas tradicionais de sobrevivência e propagação da espécie? Nos tornamos cômicos e capazes o suficiente, para fazer da **automelhoria** nosso objetivo principal. Mais importante ainda, isto significa evolução espiritual, ou dito de forma equivalente, uma melhora da qualidade de nossa consciência. Automelhoria, pode significar também o desenvolvimento e aplicação de ciência e tecnologia que possa eventualmente resultar em braços e pernas franzinos ou meramente desenvolver uma civilização mais civilizada. Também poderia significar algo tão simples e direto como engenharia genética humana.

Automelhoria é o resultado de uma pressão interna criada pelo Processo Fundamental. Evolução expressa através de um alto nível de consciência, se torna um impulso para crescer (reduzir entropia), aquilo que impele para o aumento da lucratividade é uma insatisfação inerente com a estagnação e o decaimento (aumento da entropia). Estagnação é no melhor caso um estado sem estabilidade (estável - da eletrônica), para qualquer forma de vida. Tipicamente, se o crescimento é suspenso e não recomeça logo, o decaimento toma seu lugar.

O ambiente interno produz a pressão evolucionária da automelhoria pelo bem da maior lucratividade do indivíduo e do sistema, enquanto o ambiente externo especifica as restrições do sistema. Claramente, automelhoria representa a maior pressão evolucionária a impelir mudança, tanto na humanidade atual quanto nos primeiros aglomerados de células do mar primordial. Tome nota que dentro de ambientes, ela pode jogar uma parte significativa no processo evolucionário e que a propagação e

sobrevivência, não são as únicas variáveis importantes no cálculo dos lucros que suportam a dinâmica evolucionária da PMR.

Lucratividade é uma questão de circunstância de dinâmica evolucionária que é totalmente dependente da natureza dos ambientes externo e interno. Para que uma força evolucionária direcionadora, leve ou não qualquer sistema automodificante em evolução, a um estado mais ou menos lucrativo, dependerá das escolhas coletivas feitas (caminhos escolhidos) por aquele sistema específico.

► Existe uma visão mais ampla na qual nossa equação de lucratividade global já mostrou ter alguns termos além da sobrevivência, propagação e auto melhoria, relacionadas a PMR, que você vai entender muito melhor, depois que tenha completado as Seções 3, 4 e 5 da My Big TOE. Por hora, mantenha seu ceticismo em boas condições de saúde, sua mente aberta (livre de crenças) e constate que é muito cedo para precipitar-se em conclusões – haverá tempo suficiente para fazer isto depois. ◀

Nosso nível de percepção (consciência) nos entregou ao ponto onde temos ao alcance das mãos o potencial para dramaticamente afetar a direção e a velocidade da nossa evolução. Contudo, usar este potencial para aumentar a lucratividade da nossa espécie dentro do sistema mais amplo vai requerer um crescimento dramático na nossa habilidade de integrar tecnologia com sabedoria ao ponto da aplicação individual. Sem nenhuma dúvida, melhorar a qualidade de nossa consciência individual e coletiva é o aspecto mais importante e crítico de automehoria (evolução) que a raça humana encara à medida que nos movemos século vinte e um adentro.

Equilíbrio é sempre importante. Se nosso conhecimento técnico chega muito adiante à frente de nossa habilidade para aplicar seus resultados sabiamente, nós vamos perder nosso equilíbrio e “dar com a cara no chão” – talvez de forma irrecuperável. O nosso tempo é particularmente crítico. As escolhas que fizemos durante o próximo meio século vão afetar dramaticamente o nosso próximo meio milênio.

Melhorar a qualidade da nossa consciência é, e sempre será, fundamental para nossa evolução, mas hoje também é crítico para nossa sobrevivência e para que o experimento Homo Sapiens possa continuar com êxito. Se conseguirmos realizar primeiro uma significativa melhoria na qualidade da nossa consciência, se pudermos liderar com nossa qualidade, o

resto das nossas opções poderá ser guiado por nossa sabedoria e vamos dar grandes e audaciosos saltos adiante. Se, por outro lado, a qualidade da nossa consciência ficar para trás e não realizarmos um crescimento espiritual significativo antes, vamos acabar com a carroça na frente dos cavalos, por assim dizer, e vamos ter um percurso perigoso.

A evolução da consciência não é um processo fascinante? Sugiro que invistamos um sério esforço em melhorar a qualidade da nossa consciência. Também sugiro que apertemos os cintos de segurança.

Temos discutido nossa evolução biológica, porque parece melhor começar com algo básico, que pelo menos pensamos entender. Ao fazer isto, definimos o conceito de pressão evolucionária e critérios específicos de lucratividade evolucionária. Tendo feito isto, é óbvio que sobrevivência e propagação da espécie, são “não-temas” para uma AUO (Unicidade Absoluta e Sem Limites). Em vez disto é a automelhoria, a redução da entropia do sistema, que provê a pressão evolucionária e o critério de lucratividade, que guia seu desenvolvimento.

A fim de compreender as pressões naturais que impelem e dirigem a evolução da AUO, precisamos primeiro entender como a consciência melhora a ela mesma, conseguindo atingir níveis mais altos de organização interna (redução da entropia). Vamos revisar o processo evolucionário. Depois do primeiro passo de exploração em **todos** os estados possíveis, o segundo passo é acessar quais estados são lucrativos ou significantes e continuar a explorar aqueles estados valiosos enquanto se abandona os perdedores.

Não imagine que a evolução, ou uma entidade em evolução, faz escolhas racionais e cognitivas, usando critérios específicos que definem lucratividade e significância (tais como mais baixa entropia, sobrevivência e propagação). Ainda que eu possa usar esta linguagem construtiva por conveniência, fique atento que a evolução deve começar como um processo natural, não cognitivo ou intelectual. Somente depois que certo nível perceptivo, competência e uso da ferramenta evoluíram, pode a evolução ser influenciada pela intenção do indivíduo.

Estados possíveis ou potenciais são continuamente explorados. Aqueles que acontecem de levar a lucratividade reduzida, autodestruição ou becos sem saída são os perdedores. Os perdedores ou ficam como são ou se degeneram se não são mais possibilidades únicas ou existências viáveis para explorar que sejam também bons investimentos. Cada sistema

complexo em evolução vai eventualmente continuar crescendo (reduzindo entropia) ou acabar sem combustível evolucionário (entropia cresce ou permanece a mesma). Isto é verdade para todos os sistemas grandes e complexos (sistemas de consciência, o ecossistema da terra, o sistema solar, sistemas tecnológicos e organizacionais, sistemas de computadores, a internet e sistemas biológicos incluindo os seres humanos físicos).

Contudo, tenha em mente que o potencial evolucionário é dinâmico. Oportunidades de investimento vêm e vão conforme a evolução continuamente modifica o sistema sobre o qual opera. Mude algo e tudo é afetado, inclusive ambientes internos e externos das entidades individuais que compõem o sistema. Mudança é constante... e frequentemente caótica. Enquanto houver grande quantidade de entidades auto modificáveis interagindo de forma complexa, existirão sistemas evolutivos dessas entidades.

Sobrevivência e propagação representam as pressões externas ou restrições de um ambiente biológico. Assim, se um sistema complexo em particular é biologicamente baseado e têm temas que o restringem, tais como a sobrevivência e a propagação, escolhas relativas a estas restrições podem colocar certos caminhos de exploração, fora do negócio. Por outro lado, onde existem poucas restrições externas e nenhuma competição está definida, sistemas individuais e sistemas de sistemas, simplesmente continuam (evoluindo) enquanto tiverem algum lugar para ir. Assim, com menos restrições, evolução entrega mais diversidade, porque sempre há algum lugar para ir. Por exemplo, haviam poucas restrições postas sobre as estratégias de sobrevivência defensivas ou ofensivas ou no modo de locomoção para formas de vida biológicas. Consequentemente, observamos muitos, muitos tipos de estratégias de sobrevivência e modos de locomoção diferentes entre as criaturas nascidas da Mãe Terra, assim com muitas variações dentro de cada tipo. AUO naturalmente tem menos restrições, e portanto, tem garantida grande liberdade de forma e função em resolver a equação da lucratividade na evolução.

Estratégias evolucionárias vencedoras, não são baseadas sobre algum critério específico predeterminado ou cálculos de lucratividade, elas apenas acontecem e persistem. Estratégias perdedoras apenas aparecem e então vão desaparecendo ou param de progredir. Ninguém executa uma avaliação. Sei que isto é difícil de conceber, mas contadores e advogados não são necessários para implantar o Processo Fundamental – ele apenas

acontece. Sem dúvida, alguma organização lobista está tentando descobrir como criar alguma legislação para forçar serviços legais e contábeis ao processo evolucionário, e então cobrar altas taxas, mas até agora, todas as formas de vida continuam a evoluir, mudar e crescer sem ajuda profissional.

► De fato, a Mãe Natureza abomina tanto a burocracia que ainda que ela seja estuprada, não vai chamar as autoridades. Contudo, há pouco conforto no fato para qualquer um de nós, caso o abuso que sofra for longe demais, ela eventualmente dará um troco – conte com ele. E quando ela der, todos ao alcance dela serão igualmente punidos independente de culpabilidade.

Por outro lado, enquanto sejamos respeitosos, ela está disposta a nos deixar fazer as coisas com ela do nosso jeito, sempre que o desejo e a indulgência despertem nossos apetites insaciáveis. Ela é uma senhora extraordinariamente robusta – se sente à vontade com cobras venenosas, abelhas assassinas, morcegos vampiros, vulcões em erupção, tornados e terremotos – mas lobistas de visão estreita e políticos focados em seus próprios umbigos a assustam até a morte porque juntos, como um tumor maligno, seu potencial destrutivo pode sobrepor-se a capacidade de regeneração dela. Ganância mata. ◀

Lucratividade ótima, como restringida e impelida pelos ambientes externos e internos, define o sucesso evolucionário. Ser lucrativo, crescer e evoluir, constitui o critério para avaliar o sucesso das entidades sencientes. O Processo Fundamental interage indivíduos e sistemas na direção do sucesso através da melhoria sobre os resultados prévios sempre que crescimento e investimento potenciais existirem. Porque nenhum gerenciamento ou esforço intelectual são requeridos para controlar ou manipular o processo evolucionário, ele permanece eficiente. Sistema dentro de sistema – o todo precisa se auto balancear, auto sustentar e autocorrigir, ou ele se torna autodestrutivo.

Porque a sobrevivência e propagação não são restrições, a nossa sem tempo, imortal, sem espaço e aparentemente infinita AVO, pareceria livre para perseguir cada possibilidade a ela aberta. Se acontecer de você ser aparentemente infinito, espacialmente sem restrições, não medido pelo tempo, imortal, multidimensional e consciente, você tem tremenda potencialidade. Com tão poucas restrições, praticamente não há fim ao que

poderia fazer para se manter ocupado e evitar se tornar um beco sem saída. (Deveria agora parecer óbvio a você, porque **NPMR** s menos restritas deveriam evoluir conjuntos mais variados de formas de vida do que as mais restritivas **PMR** s, mas teremos mais sobre isto depois).

Uma potencial restrição de capacidade em um sistema de consciência finito, poderia ser a energia ou foco que deveria ser necessário para manter controle de todos os experimentos “gedanken” (mentais) em progresso. Para manter e organizar lucrativamente, toda a informação necessária para dar suporte uma realidade interativa virtual complexa, seria requerido uma boa memória – ou talvez um computador realmente grande. A existência de fatores limitantes (por causa da realidade de finitude da AUO) inevitavelmente levaria um sistema computacional automodificante (organismo digital), a definir prioridades e desenvolver regras, que aperfeiçoassem o uso dos recursos.

Porque deve haver fatores limitantes associados com alguma forma de existência finita real ou verdadeira, então “infinito” e “sem fronteiras” não descrevem precisamente a AUO. Contudo, de nossa relativamente minúscula perspectiva do sistema de realidade local (OS), a AUO parece ser infinita e sem fronteiras – não existem efeitos de borda com que tenhamos experiência **direta** . Imagine quão sem fronteiras e infinito nosso cérebro iria parecer para um átomo de carbono encaixado no meio dele. Veremos logo, que a **relativamente** infinita Unicidade Absoluta e Sem Fronteiras (AUO) é suficiente para nosso propósito, de gerar toda a realidade da qual possamos estar conscientes – e muito mais.

Faz sentido, que a pressão evolucionária operando sobre um sistema complexo de consciência encorajaria aquele sistema, a investir em melhorar a extensão e qualidade de sua própria consciência (a habilidade de interagir e organizar lucrativamente). Em outras palavras, o Processo Fundamental leva a AUO, a organizar e configurar a si mesma para reduzir (minimizar) sua entropia. De forma equivalente, poderíamos dizer que o Processo Fundamental leva a AUO, a melhorar e desenvolver o potencial do seu ser, a qualidade da sua consciência, o nível, amplitude e profundidade do seu potencial.

Isto fica bastante parecido com **nossa** missão, **nossa** razão de ser, não é? Será que, a motivação e o objetivo evolucionário da AUO, flui para baixo até nós? Com certeza. Somos manifestações dela, assim como poderia ser diferente? Ouviremos mais sobre isto mais tarde. Por enquanto é

suficiente compreender, que através de uma crescente complexidade em relação a ela mesma, a AUO escapa da atrofia e coloca sua energia limitada (habilidade de modificar a si mesma, mudar seu ambiente interno) para o uso mais lucrativo – continuamente redefinindo e melhorando sua capacidade geral, qualidade e percepção (consciência). A AUO desenvolve uma consciência de seus estados internos e aprende como modificá-los, para reduzir a entropia geral.

Outros tipos de interação e percepção (consciência) relacionados aos ambientes **externos** da AUO, podem estar também evoluindo, mas não são **diretamente** relevantes para nós. Consequentemente, vamos continuar a ignorá-los porque não podemos experimentar ou compreender seus processos e sua significância. O ambiente externo da AUO para nós é similar a situação do nosso próprio ambiente externo, em relação as bactérias do nosso intestino. Aquelas pequenas entidades que vivem em nossas entranhas, estão tão imersas em sua própria realidade limitada, que simplesmente não podem apreciar aquilo pelo que passamos, para ganhar dinheiro e comprar comida – muito menos o impacto que os fazendeiros, luz solar, chuva, meios de transporte e condições da economia, têm no grande ciclo da comida. Caramba, algumas delas nem sabem que existe este grande ciclo – você pode acreditar nisto? Pensam que comida é um maná que cai do céu. Droga!!! Elas deviam lidar com seu chefe e com a fila do caixa!

Vamos consolidar tudo isto com um curto sumário. Encontrar e implantar formas de aperfeiçoar o processo de fazer automelhoria, conforme julgado pelo senso de lucratividade imediato da AUO, leva a melhorias na qualidade da consciência da própria AUO. Isto está em linha com aquilo que aqueles primeiros aglomerados de células, faziam na sopa primordial em nosso planeta, uns poucos bilhões de anos atrás. Elas estavam se engajando em automelhoria simples – explorando as possibilidades – tentando encontrar uma forma de existência mais lucrativa (melhor). As restrições e formas da energia são diferentes, mas o processo evolucionário é exatamente o mesmo. A AUO é restringida por seu ambiente interno e pelo Processo Fundamental, a se mover em direção a uma existência mais lucrativa, pela redução de sua entropia média ou de forma equivalente, aumentar a disponibilidade de sua energia útil.

Automelhoria, também se tornou o motivador evolucionário primário da humanidade. O ambiente externo para os humanos está

essencialmente subjugado, conseqüentemente, nos tornamos nossa maior ameaça. O maior desafio para nossa espécie hoje é sobreviver a auto destrutividade, de nossa própria baixa qualidade de consciência. Agora precisamos aprender a ter domínio do nosso ambiente interno. Nosso sucesso em obter conhecimento e fazer ferramentas colocou uma grande capacidade de destruição em nossas mãos, que no momento são animadas por uma consciência de baixa qualidade, subdesenvolvida e imatura. A necessidade de uma automelhoria muito rápida, se tornou crítica. Será que os seres individualmente conscientes que coletivamente definem a humanidade, vão crescer (baixar a entropia de sua consciência ou de forma equivalente, aumentar sua qualidade espiritual) o suficiente para fazer escolhas, que permitirão a nossa espécie prosperar?

Poderia esta maturação do espírito ou da qualidade da humanidade acontecer logo ou será que precisamos experimentar mais dor, antes que números significantes de olhos e mentes comecem a se abrir? Lembre-se, crescer não é uma atividade em grupo ou política, é uma atividade pessoal. Os grupos têm sua qualidade média elevada, apenas quando os indivíduos dentro deles, fazem um esforço pessoal para evoluir sua qualidade individual. Automelhoria da espécie em geral, está a seu cargo como um indivíduo. Apenas indivíduos, atuando com indivíduos, podem fazer a diferença.

Caras durões cheios de músculos têm menos poder real e estão menos no controle de seus ambientes que “nerds fracotes” usando óculos. Procriação e sobrevivência estão dando lugar a automelhoria como definição de restrição evolucionária para a raça humana. Engenharia genética e drogas psicotrópicas são uma realidade crescente. O controle que podemos exercer sobre nossos corpos físicos está crescendo rapidamente. Se a maturação e a qualidade da nossa consciência fossem tão precocemente desenvolvidas, iriam prover graça, estabilidade e equilíbrio, para nossos grandes saltos ao desconhecido. Estamos vagarosamente, tomando as rédeas da evolução física nas próprias mãos. Escalando para fora da “placa de Petri” e para dentro do laboratório, nos tornando co-projetistas – um parceiro no processo evolucionário. Estamos indubitavelmente seguindo os passos da AUO, porque o Processo Fundamental é o mesmo para tudo (e todos) e porque nós tanto quanto a AUO, somos manifestações primárias de consciência.

O processo fundamental (que desenvolve o potencial da entidade individual ou dos sistemas de entidades, continuamente explorando todos os estados lucrativos de existência) aplica-se igualmente bem a humanos, outros seres e criaturas, consciência, ecossistemas, tecnologia, governos e todos os sistemas interativos suficientemente complexos. Sistemas são apenas organizações de indivíduos cuja interação sinérgica produz resultados coletivos. Sistemas de sistemas, são desenvolvidos da mesma forma.

Todos os sistemas crescentes, incluindo o sistema de consciência, evoluem na direção de minimizar a entropia média, pela geração de níveis de organização mais lucrativos. Coisas inanimadas tais como rios, montanhas, rochas, átomos e moléculas mudam através de um processo evolucionário que se move na direção do crescimento da entropia, pela busca do mais baixo estado de energia. Matéria física não-viva, objetos e sistemas, não têm capacidade para a auto melhoria ou redução da entropia, que a consciência senciente tem por causa de suas escolhas, interações e retorno, a habilidade de fazer auto modificações como resultado da sua “experiência” ou são não existentes ou muito limitadas.

Parece que derivamos (concluímos) um novo e mais abrangente método, para diferenciar entre objetos e sistemas, vivos e não-vivos (virtualmente todos os objetos e sistemas). Sistemas vivos são sencientes e exibem consciência – não importa quão opaca ou desfocada. Eles têm escolhas. As escolhas são guiadas por intenção e lucratividade – eles evoluem. Qualquer sistema que possa intencionalmente (agir, reagir, interagir) melhorar sua situação ou configuração presente ou que propositadamente (por fazer as escolhas apropriadas) reduz (ou mantém) sua entropia, diante do puxão constante da segunda lei da termodinâmica (na direção oposta), é um sistema vivo que cresce e evolui. Os atributos de um sistema de consciência, são dados mais precisamente no início do Capítulo 41, no Livro 2. Por hora é suficiente saber, que a capacidade e capacidade de efetivamente se auto-organizar na direção de um objetivo (lucratividade evolucionária) é crítica para formar e manter uma percepção consciente e toda a vida como a conhecemos. Será que isto faz de seu governo, do ecossistema da terra, de uma economia nacional ou global, dos computadores digitais e da internet, formas de vida **potenciais** ? Fique ligado.

É fato que os sistemas não vivos e crescentes, tendem a se mover naturalmente (evoluir) na direção dos estados de mínima energia, ao longo do caminho de menor resistência, que por fim é responsável pela verdade da segunda lei da termodinâmica. Mais tarde veremos que este fato da existência na PMR é uma das regras, do conjunto-de-regras espaço-tempo que define as leis da física na PMR.

Mais adiante ficará claro que somos uma parte integral do processo evolutivo da AUO – que somos consciência em evolução.

Para onde está indo esta coisa-AUO, como nos encaixamos nesta paisagem, e o que a AUO tem a ver com a dedução da física, o sentido da vida, nossa realidade material ou com a Visão Ampla da realidade maior? Será que estamos perdidos, caminhando sem direção no deserto metafísico? Não estamos perdidos e as respostas para esta e muitas outras perguntas, estão bem próximas. Seja paciente, existem muitos conceitos básicos que precisam ser introduzidos, antes que a Visão Ampla comece a tomar forma. É melhor deixar estas questões cozinharem lentamente por algum tempo, antes que voltemos a elas. Antes que resultados possam ser discutidos, precisamos seguir a evolução da AUO até sua conclusão lógica.

É isto para o sumário. Espero que as perguntas estejam desabrochando em sua mente como cogumelos após uma chuva de verão. Com que finalidade a AUO se motiva a gastar seus recursos? O que define as principais prioridades evolucionárias da AUO? Capacidade mental? Crescimento? Poder? Curiosidade? O que deixa a AUO “ligada” – arte, ciência, prazer ou apenas diversão? Com certeza, são questões interessantes – mas também desesperançadamente antropomórficas. Evite o hábito de pensar na AUO em termos de atributos humanos, a conexão existe, mas o ato de atribuir flui naturalmente dos pais para os filhos – tente então pensar em humanos com atributos da AUO.



## A Evolução da AUO: O Nascimento

### Do Grande Computador (TBC)

Conheça a AUO - um “gazilhão” de células de realidade mudando de estado mais ou menos aleatoriamente, oscilando, aparecendo e desaparecendo. Estas células eventualmente evoluem para padrões e grupos de padrões enquanto a consciência e complexidade aumentam. Alguns padrões são mais interessantes e lucrativos (úteis) que outros. Lembre-se que maiores níveis de organização, que levem a diminuir a entropia média, definem o auto melhoramento dentro de um sistema de consciência. O Processo Fundamental em interação com a consciência, produz uma pressão evolucionária, que empurra todas as entidades conscientes na direção do auto melhoramento.

O conceito de uma entidade, organizando a si mesma em um conjunto mais lucrativo (útil) de padrões (e padrões de padrões) nos leva de volta a uma discussão anterior, sobre como e porque formas de vida se diversificam e se especializam. Bactérias, peixes, jacarés, cangurus, pessoas, braços, olhos, pernas, seios, cérebros, automóveis elétricos, a internet e o governo representativo, são apenas alguns exemplos do avançado mundo biológico, organizando a si mesmo em conjuntos mais lucrativos (úteis) de padrões e padrões de padrões. Se em algum lugar, dentro dos confins de sua intuição a frase "padrões de padrões" sugere

algum tipo de processo fractal indefinido, como o criador definitivo de estrutura complexa, você está na trilha certa. Aguarde aí, chegaremos a isto eventualmente.

Alguns padrões podem apontar um padrão subsequente ou predecessor, ou definir interações entre padrões. Regras, não são nada além de padrões conhecidos ou baseados em experiência, para a definição correta, repetição e interação com outros padrões. Regras que definem a formação de padrões, bem como interações entre padrões e relacionamentos deveriam evoluir naturalmente, pela pressão evolucionária do auto melhoramento. Com o conceito de regras, surgem os conceitos de controle e hierarquia.

Por exemplo, padrões binários de Uns e Zeros, ligado e desligado, (ou para a AUO) uniforme e não-uniforme, podem ser usados para fazer aritmética, armazenar informação e mover dados por aí, entre os grupos de células. Os simples padrões binários e as regras (conjunto de instruções) definindo relativamente poucas operações, **evoluíram** até a tecnologia de computadores atual.

Inquestionavelmente, são os padrões e padrões de padrões (e o conjunto-de-regras que evoluem para definir, regular e ordená-los) que constituem os ingredientes básicos de quase tudo que experimentamos diretamente. Apenas como exemplo, imagine o padrão de organização celular do cérebro humano e seus padrões neurais e de atividade eletromagnética. Como outros exemplos, pense na cidade em que você vive ou a economia na qual trabalha e nos padrões políticos e culturais que ordenam sua vida. Civilização se trata de padrões ordenados definidos pela lucratividade (utilidade) e limites – é assim também com tudo o mais incluindo a consciência.

Pode se mostrar um conceito útil, descrever a consciência como feita de unidades discretas fundamentais (quanta). Um grupo mínimo de células de realidade complexas e interativas iria constituir um quantum de consciência. Dado que estes grupos de células de realidade estão no cerne da consciência e dado que a forma mais simples de célula de realidade é uma unidade binária, então, a lógica dita que os computadores têm o potencial **teórico** para se tornarem dispositivos conscientes. Afinal, são feitos de unidades básicas binárias, que são como as células de realidade que levaram ao desenvolvimento da consciência, memória e processamento de padrões, dentro da AUO. Obviamente, ter uma coleção de células

binárias não é o suficiente. Que estas células se inter-relacionem, usem e compartilhem informação (padrões de dados) e que se modifiquem ao redor de algum propósito ou intenção (não importa o quão parcamente percebido) é crítico para a formação dos quanta de consciência.

A AUO poderia especializar uma pequena parte de si mesma em “gazilhões” de tetra-tetra-tetra bytes de memória porque isto seria algo interessante e útil a ser feito. De fato, muito útil! No último capítulo, concluímos que evoluir a consciência pode ser limitado pela memória acessível. Evoluir uma memória e seções de processamento poderia levar a AUO, a inventar sua **própria** forma de matemática - que não é nada além de padrões, padrões de padrões, regras, operações e relacionamentos - um sistema autoconsistente de processos lógicos.

Essa função computacional de memória da AUO representa o Grande Computador primordial. O Grande Computador (TBC – The Big Computer) é uma metáfora importante usada através deste modelo de realidade. As funções e operações do TBC são descritas e discutidas em mais detalhes, pelo resto da “*My Big TOE*”, mas especialmente na Seção 4 (toda) e Seção 5 (especialmente nos Capítulos 78 e 83 do Livro 3). O Grande Computador é apenas isso - memória, processamento, regras, operações e conteúdo. Não é necessariamente O Grande Cérebro, como pensamos nele em termos biológicos (órgãos físicos discretos). Neste ponto, é mais como um processo computacional baseado no uso intensivo de memória, que provê uma organização melhorada, para uma mente celular relativamente fraca (de pouco brilho). Pense no TBC como uma funcionalidade computacional digital (baseada em células de realidade discretas) que evoluiu naturalmente, para melhorar sua organização e assim reduzir a entropia, dentro da energia que chamamos de AUO.

A própria AUO, representa agora uma forma de consciência digital baseada em células de realidade. A AUO é capaz de reduzir sua entropia e aumentar sua consciência, porque evoluiu “gazilhões” de células de realidade auto diferenciadas. Estas células eventualmente se organizaram em padrões de padrões, regras e processos ordenados -- tudo mantido, rastreado e controlado, por grupos de memória binária interativa em evolução, cujas ações e interações são coordenadas, para facilitar um sistema mais altamente organizado e lucrativo (útil). Lógica digital e memória, são necessárias para aplicar as regras de interação e para coordenar o todo na direção de maior rentabilidade. Compartilhamento de

conteúdo e manipulação intencional, evoluem nos calcanhares da lógica digital, adicionando assim direção e propósito ao processo. O propósito diferencia sucesso de fracasso e provê a análise racional e direção para atingir configurações de baixa entropia, que aparecem enquanto o sistema se auto aperfeiçoa.

Pense no TBC como um subconjunto de processador digital e memória de propósito especial, de uma consciência digital muito maior. AUO está evoluindo grupos especializados de células, da mesma forma e pelo mesmo motivo que as criaturas físicas baseadas em biologia o fazem. O mesmo Processo Fundamental é universalmente aplicado para todos os sistemas interativos ou intra-ativos, complexos bastante para serem capazes de auto induzir mudanças (crescimento) lucrativas. No entanto, os resultados de aplicar este processo simples diferem muito, de acordo com as capacidades e limites que definem cada sistema. A capacidade de um sistema é intrínseca a natureza do sistema, enquanto seus limites são definidos por seus ambientes interno e externo.

Tal como as entidades evolutivas não-vivas e não-crescentes se movem naturalmente para maior entropia, consciência naturalmente se move para menor entropia. Obscuridade gradualmente abre caminho para a luz enquanto a entropia é reduzida. A qualidade da consciência também aumenta enquanto a entropia é reduzida – chamamos a isto de crescimento da qualidade, crescimento espiritual. Tal como energia **externa** pode levar **às vezes** entidades não-vivas, não-crescentes a diminuir sua entropia individual por um tempo (elas crescem - como areia em arenito, minerais em cristais, biomassa em decomposição em combustível fóssil ou a fusão de hidrogênio em hélio), a energia **interna** pode **às vezes** levar a consciência a uma entropia maior e a diminuir sua qualidade. Veja mais sobre isto na próxima seção, enquanto colocamos para lutar nosso time favorito Os Ratos, contra os Anti-Ratos no Estádio da Realidade.

► Nós agora sabemos quase o bastante para conseguir um melhor entendimento da palavra "dimensão". Dissemos que a realidade maior é uma realidade multidimensional e que a **PMR** e **NPMR** representam duas dessas dimensões - mas o que isto significa?

Vamos começar com o que conhecemos. Eu tenho usado o termo "tridimensional" ou sua abreviação "3D" para caracterizar a nossa realidade local **PMR** . Alguns podem estar confusos porque lhes foi dito

que a ciência moderna usa um modelo 4D de espaço-tempo. De fato, espaço-tempo, como o termo é usado dentro da relatividade geral, é referido como um contínuo 4D - três coordenadas de espaço (que também são funções de tempo) e uma coordenada de tempo (que também é uma função da coordenada espacial). Existe uma justificativa matemática para chamar o espaço-tempo de quadridimensional, mas no sentido em que uso a palavra "dimensão", misturar tempo com as coordenadas de posição não constituem uma nova dimensão.

Embora tempo - a tecnologia e o processo que a AUO irá eventualmente construir para ordenar eventos - seja fundamental para definir e criar a realidade maior, não é particularmente útil pensar no tempo como dimensão independente. É mais descritivamente preciso dizer que nós humanos experimentamos diretamente uma realidade 3D orientada pelo tempo, que parece ser o produto da percepção limitada do universo espaço-tempo, que exige quatro coordenadas para especificar eventos individuais relativos ao quadro de referência de alguém, no que cada quadro de referência possível é tão fundamentalmente adequado quanto qualquer outro.

Procurar por uma quarta e mais alta dimensão em termos de geometria também não é particularmente útil para o entendimento da realidade maior. Realidade não é fundamentalmente geométrica. Pensamos que ela deve ser geométrica por causa do nosso olhar de visão estreita, ser centralizado em uma realidade geométrica 3D e por naturalmente tendermos a expandir sobre aquilo que já sabemos. PMR é geometricamente limitada pelo conjunto-de-regras do espaço-tempo - no entanto, o conjunto-de-regras do espaço-tempo é apenas um conjunto-de-regras local e não se aplica a realidade maior. Isso ficará claro na Seção 4.

O que é esta coisa de dimensão - se não é tempo e não é geométrica, o que resta? Esqueça sobre todos os filmes de ficção científica e fantasia que você já viu, a dimensionalidade da realidade não funciona como os roteiristas de “Além da Imaginação” e “Arquivo-X” te fizeram acreditar. No entanto, é verdade que a maioria das realidades existe simultaneamente dentro de sua própria dimensão e como subconjunto de uma realidade maior, e que viajar através de dimensões é possível - de fato é até relativamente fácil, uma vez que você souber como.

Iremos discutir o conceito de dimensões em mais detalhes depois, por enquanto quero espreitar a frente apenas o bastante, para dar alguma noção da natureza da dimensão sem te confundir demais no processo.

Por causa da realidade maior e do subconjunto da realidade maior, que serve como nossa realidade local, serem construções de consciência, podemos dizer metaforicamente, que eles existem no “espaço-mental” ou “espaço-pensamento”. Conecte isto com a ideia de que a consciência fundamental, na forma da AUO, é composta por células de realidade e que células de realidade podem ser empregadas, como células binárias - que estão neste ou naquele estado. Células binárias (como transistores em um microprocessador ou os Zeros e Uns em nosso CD favorito) são capazes de criar memória, armazenar informação e suportar processamento complexo. Assim, espaço-mental, na forma de consciência digital, está começando a parecer como um sistema computacional lógico baseado em regras – um computador generalizado de algum tipo.

Você descobrirá no Capítulo 30 deste livro que a energia potencial fundamental da AUO, evolui eventualmente para uma consciência digital brilhante enquanto sua consciência fraca se ilumina vagarosamente. Dentro da consciência digital, a criação de várias dimensões é apenas a criação de um subconjunto separado de memória e processamento. Por anos temos implantado o “particionamento” em nossos computadores digitais comerciais, bem como descoberto como torná-los multitarefa e multiprocessamento. Podemos facilmente, por exemplo, executar múltiplas simulações e múltiplas instâncias da mesma simulação (talvez com condições iniciais diferentes) de forma simultânea, dentro dos nossos mainframes na **PMR**. Pense em cada simulação executando simultaneamente, como representando uma realidade diferente dentro de sua própria dimensão e você terá um vislumbre do conceito de dimensão dentro da consciência digital e dentro da realidade maior. "Dimensão" se refere a um subconjunto de processamento bem definido dentro do Grande Computador, um espaço-pensamento limitado ou região de conteúdo relacionado, processando dentro da consciência maior. Uma dimensão particular ou realidade, pode ser pensada como uma simulação digital de um mundo virtual executada em seu próprio espaço de memória, dentro do TBC. O

conceito de dimensão se tornará claro enquanto estas ideias são desenvolvidas em capítulos posteriores. ◀

Agora devemos começar a contemplar coisas acontecendo em sequência. Existe um benefício imenso para o potencial organizacional de um sistema, se as operações e conteúdo puderem ser arranjados em uma ordem e sequência específicas. A AUO, em sua busca por lucratividade, precisa "inventar" o tempo, desse modo inventando o processo ordenado. Como criaturas do mar precisando "inventar" pulmões e pernas, para poder rastejar para fora dos oceanos e explorar os recursos disponíveis em terra seca. A AUO precisa inventar o tempo, para poder explorar a ordem e organização aumentadas (menor entropia), que vêm com o processo ordenado.

O Tempo provê o esquema de indexação e sequenciamento que suporta o próximo nível mais alto de organização, percepção, e complexidade dentro da consciência. Com a possibilidade de indexar e sequenciar o conteúdo interativo, a dinâmica (causalidade ordenada pelo tempo) nasce. A aplicação do tempo para o conteúdo digital, causa a explosão exponencial de possibilidades disponíveis para o processo fundamental, por criar interações de causa e efeito.

Tempo é uma tecnologia digital que permite a consciência, organizar seu conteúdo (pensamentos) mais eficientemente. Organização melhorada implica em entropia reduzida e maior lucratividade para o sistema. Evolução da mente, é sobre mudar para (engatar) uma marcha mais alta à medida que o potencial de uma consciência desperta (atenta), dá outro grande salto para dentro do desconhecido.



## A Evolução da AUO:

### O Nascimento do Tempo

A AUO está prestes a pegar seu ritmo natural. Tempo é tão fácil para a AUO inventar (evoluir) quanto é para nós marcarmos o ritmo batendo nossos pés. Para criar o tempo, nosso amigo trocador de estados precisa apenas oscilar (repetidamente mudar o estado de) alguma célula ou grupo de células de realidade mais ou menos regularmente (uniforme, não-uniforme, uniforme, não-uniforme, assim por diante). Essas células de realidade regularmente oscilantes se tornam o relógio da AUO - como um metrônomo, elas marcam o tempo para todo o resto. Se a frequência deste grupo de células é constante, será um relógio mais útil. O melhor relógio iria oscilar tão eficiente, regular e rapidamente quanto possível (sua frequência natural). Porque “funcionar melhor” é o que impulsiona a evolução, nós deveríamos esperar que a AUO fosse eventualmente evoluir, um processo que produza uma frequência constante altamente regular.

Tempo é uma tecnologia, um construto de uma consciência evolutiva auto modificadora, um artefato de um sistema de energia melhorando sua organização interna. Quando a energia potencial de

consciência primordial (o potencial de se auto-organizar mais eficientemente) evolui a habilidade de diminuir uma pitada infinitesimal de sua própria entropia, tempo é o subproduto dessa mudança interna. O tempo separa o estado “antes” do estado “depois”. Mudança cria a noção de tempo. Consciência da mudança, necessita da ideia de um tempo pessoal. O conceito de tempo é definido e criado, dentro da ainda fraca consciência da AUO, quando o Processo Fundamental permite à AUO mudar alguma coisa, para de alguma forma modificar sua unicidade absoluta - mesmo se essa mudança for inteiramente aleatória.

A modificação inicial pode ter sido um evento fortuito peculiar não planejado, ou diretamente relacionado ao ambiente externo incognoscível da AUO - ninguém pode saber. Não podemos com certeza especificar a origem da primeira célula biológica dentro da PMR, muito menos a primeira célula de realidade dentro da AUO -- isso foi há muito tempo atrás e não estávamos lá quando aconteceu. Como digo no Capítulo 25 deste livro: “... vá perguntar a sua mãe! Não é uma pergunta apropriada”. Escrupulosamente, evite fazer suposições e criar crenças (pseudoconhecimento) para preencher aquilo que você não consegue entender

Pseudoconhecimento é inútil exceto como pacificador do nosso ego carente. Você e suas bactérias intestinais, precisam perceber que existem coisas que nunca apreciarão completamente, porque estão (e sempre estarão) além do seu alcance limitado. Apreciar as próprias limitações é o primeiro passo na direção de obter sabedoria. Ao mesmo tempo, criar limitações aparentes onde nenhuma existe de verdade ao ficar preso em crenças armadilha, é uma grande perda de potencial. Leia as duas sentenças acima novamente. Percebe a importância de descobrir a Grande Verdade e porque você não deveria poupar esforços para entender nitidamente a diferença entre limitações verdadeiras e aparentes? Faça uma nota: A habilidade de avaliar com precisão sua limitação fundamental diferencia o sábio do tolo.

A incrível eficiência evolucionária do tempo é imediatamente óbvia. Eventos ordenados, permitem que sequências carreguem e

propaguem conteúdo. Interações complexas e cadeias lógico-causais evoluem enquanto a batida (o ritmo) continua. Entropia é reduzida. O tempo atua como um agente catalisador. Ele melhora drasticamente a habilidade da AUO de se auto-organizar, acelerando assim as interações entre o Processo Fundamental e a consciência.

A pressão evolucionária de auto melhoramento move a consciência na direção da qualidade superior e para estados de menor entropia - o que é equivalente a mover a consciência para configurações internas mais brilhantes, mais despertas e melhor organizadas. Menor entropia produz maior qualidade, o que significa que o sistema de consciência tem mais energia disponível (mais eficientemente organizada), para realizar trabalho.

O número um dividido pela frequência da oscilação dá o período de um ciclo. O período de um ciclo é o tempo necessário para mudar de estado e então voltar novamente. Um período é usado comumente como medida conveniente ou como unidade de tempo. Por exemplo, o período de rotação da terra sobre seu eixo é um dia e os relógios antigos, usam o período de um pêndulo para contar segundos.

Mais possibilidades e potencial evolucionário podem ser gerados se as partes e padrões da AUO puderem se comunicar, puderem interagir e se coordenar umas com as outras (como o braço, pernas, cérebro, cauda e olhos de um macaco tentando pegar uma banana). Atividade coordenada pode tanto propagar, como regular, padrões e conteúdo. Sinais e mensagens podem ser passadas de célula para célula tão rápido quanto uma célula pode mudar de estado em resposta a mudança de estado de uma célula “adjacente”. Se os padrões codificam significado como nossos padrões de neurônios, letras e palavras, gestos e sons fazem, logo a AUO tem partes de si mesma se comunicando e compartilhando dados com outras partes. Imagine algo grosseiramente análogo ao sistema nervoso biológico se comunicando entre as partes do corpo usando padrões sequenciados de neurônios.

► Você acha que isto é um conceito interessante, que o nosso sistema nervoso central (SNC), o qual inclui cérebro, nervos, neurônios, sinapses e cargas elétricas, espelha a consciência em seu processo de transferência de informação? Contemple a conexão próxima entre nosso sistema nervoso central e nossa consciência. O SNC é um análogo físico altamente restrito da funcionalidade da consciência. O SNC é um “host” (hospedeiro) para nossa consciência assim como um computador serve de “host” para o sistema operacional e os aplicativos. Ele serve como um transdutor, uma porta de dados e um tradutor bidirecional entre a experiência virtual do corpo físico e a consciência não-física individuada, que define sua existência e motiva sua intenção dentro da realidade mais ampla.

O SNC limita como a nossa consciência percebe a PMR, de maneira similar ao que o sistema operacional de um computador e suas aplicações limitam, aquilo que o processador central pode realizar. Ele serve como um delimitador sobre o fluxo de dados que define a experiência virtual de nosso corpo físico, dentro da mente de uma consciência não física individualizada, que por sua vez define sua existência e motiva seu intento, dentro da realidade maior. Aqueles que desejam explorar e expandir a discussão sobre o relacionamento entre consciência e cérebro, deveriam olhar o tópico “Physics” / “Consciousness and Physics” (Física / Consciência e Física) no grupo de discussão no site [www.My-Big-Toe.com](http://www.My-Big-Toe.com).

É razoável que os mecanismos de processamento de dados e transferência de informação, que se realizam dentro da mente baseada em células, à que chamamos AUO, sejam similares ao processamento de informações e comunicações, usadas pelo SNC. Imagine um sofisticado ser-computador-mainframe de alta capacidade, dentre outras coisas, conectado através de uma interface simples, a um banco de sensores personalizados. Pelo fato do SNC ter evoluído, para ser a interface entre a percepção da experiência física e a consciência do observador que ela hospeda, é razoável esperar que a tecnologia de

comunicação em ambos os lados (físico e não físico) da interface, seja altamente compatível - o que geralmente implica em alguma similaridade funcional. Nossa visão pelo lado físico da interface é sem dúvida severamente limitada, mas depois que tenhamos entendido mais plenamente como o cérebro e o SNC funcionam, vamos talvez ter uma pequena, física e bastante obscurecida, janela pela qual possamos espreitar os mecanismos dos processos dentro da consciência não-física - os mesmos processos pelos quais a realidade maior é eventualmente expressa. ◀

A tecnologia do relógio da AUO pode ficar complicada. Sabemos com certeza apenas, que a AUO pode fazer um relógio terrivelmente bom à fim de produzir, regular e integrar padrões, e padrões de padrões. Evolução, através do Processo Fundamental, cria a solução do relógio perfeito para a AUO - o que quer que ele seja. Os detalhes não são tão importantes. Não se intimide pelas senoides ou pelas expressões matemáticas, que foram dadas como exemplos das funções de oscilação no Capítulo 26 deste livro; tudo o que você precisa saber é que uma AUO digital baseada em células, pode prontamente evoluir um relógio adequado (grupo de células de realidade oscilando regularmente) para satisfazer suas necessidades evolucionárias.

O limite superior da velocidade com a qual uma dada mensagem pode ser propagada é determinado por quão rápido uma única célula de realidade pode mudar de estado. Essa velocidade máxima de mudança de estado é diretamente relacionada ao tempo mínimo do relógio de meio ciclo ou um quantum do tempo da AUO (um ciclo completo necessita que uma célula de realidade mude de estado e então retorne ao seu estado original). Em outras palavras, a velocidade máxima com a qual uma célula pode normalmente mudar de estado, provê a definição de menor unidade de tempo que o relógio da nossa AUO, pode medir diretamente. Essa unidade mínima de tempo é definida como o quantum fundamental de tempo.

Posso ver que muitos dos tecnoides na audiência de leitura levantaram as mãos. Se a mudança de estado é suave e contínua (na forma

de seno (  $\sin t$ ), por exemplo), a menor unidade prática de tempo pode ser reduzida para a menor **porção** discreta de uma mudança de estado (  $\Delta t$ ) que a AUO consegue medir precisa e consistentemente (estar ciente de). No entanto, esse é um detalhe técnico, que é de pouca importância para a Visão Ampla.

Acima, temos usado palavras como “adjacente” e “velocidade” que denotam distância e espaço, mas o espaço ainda não está definido. Essas palavras são apenas metáforas - não as levem literalmente ou estarão pensando antropomorficamente, de volta aos conceitos 3D habituais, acreditando que a AUO ocupa espaço e existe “lá fora” em algum lugar, de alguma forma, um lugar diferente e separada de nós. Considere a velocidade de seus pensamentos, o espaço entre ideias consecutivas ou adjacentes, ou os padrões de pensamento em sua mente aberta e cética. Pense sobre pensamentos múltiplos, simultâneos ou de ocorrência regular e sobre ter pensamentos simultâneos, existindo no primeiro e segundo plano de sua mente. Devemos evitar impor nossos padrões conceituais 3D extremamente limitados (bem como nosso senso de tempo e causalidade) à AUO.

A constante pressão evolucionária para maximizar a rentabilidade ao reduzir a entropia, fez a AUO progressivamente mais complexa e autoconsciente -- organismos biológicos passaram por um processo similar.

Quanto mais consciência e complexidade uma entidade individual ou sistema criam através da evolução, mais estados potenciais e possibilidades existem para serem explorados. Aprender, crescer e evoluir geralmente são processos em aceleração. A realização de determinado potencial dá nascimento a um potencial maior, que dá nascimento a um potencial ainda maior que...

Pelo fato de que o processo de nascimento-sobrevivência-propagação-morte, que absorve uma enorme quantidade de nosso tempo e energia dentro da PMR, não ser parte do processo de evolução da consciência, a aceleração do processo evolucionário é muito maior para um sistema de consciência do que para o biológico. Sem um corpo para arrastar

e tomar conta, a AUO viaja sem peso e se move rapidamente dentro de um conjunto muito maior de possibilidades.

Por exemplo, a educação e aprendizado é um processo imaterial que obviamente se acelera. Dado um nível constante de inteligência, quanto mais alguém sabe e compreende, mais rápida e prontamente pode saber e compreender material adicional relacionado. O aumento rápido da complexidade, valor, poder e penetração da tecnologia, provê outro claro exemplo de um processo evolucionário imaterial (a expansão de conhecimento e perícia técnica), que claramente demonstra aceleração evolucionária.

► A taxa da evolução tecnológica tem aumentado por centenas senão milhares de anos. Como sempre, cada geração acredita que o ritmo da mudança tecnológica deve estar prestes a diminuir - uma vez que, quase tudo que podem imaginar foi inventado. Há! Aqueles próximos à fronteira do conhecimento sabem melhor. A possibilidade de ser visionário é sempre nublada pela imaginação limitada. Nossa ciência e tecnologia mal arranharam a superfície das possibilidades - começamos só agora a acelerar “sem rodinhas auxiliares” - “Oh, oh... ei, como se dirige esta coisa? Nossa, está ganhando velocidade! Ei, não tem como descer, não tem volante... e nem freios! Minha nossa senhora, o que eu faço agora?”.

O que precisamos fazer é óbvio: Devemos aprender muito rápido como guiar nosso conhecimento técnico em rápida aceleração, com alguma sabedoria obtida e aplicada apressadamente, antes que a oportunidade de o fazer se perca. Tentar parar ou suprimir a inovação, a descoberta, o desenvolvimento e a aplicação de novos conhecimentos, é como tentar parar permanentemente o fluxo de um grande rio - não é uma opção realista. Forças sociais e econômicas (religiões, governos, sindicatos, corporações e vários movimentos sociais), nunca foram bem-sucedidas em retardar o progresso tecnológico, quer seja em quantidade ou por muito tempo.

A moral da história é que mudanças velozes de longo alcance, guiadas por dinâmicas sociais imaturas e inexperientes, sobre territórios totalmente desconhecidos dependem, na maior parte, de boa sorte para evitar os desastres. Depender de boa sorte para evitar uma multiplicidade de desastres, onde cada um deles tem o potencial de ser catastrófico, não é um plano muito inteligente. A única saída dessa situação difícil é rapidamente desenvolver uma visão clara de longo prazo e executar um bom planejamento, baseado em julgamentos de alta qualidade (sabedoria) **antes** que a velocidade aumente demais (que o sistema se torne irreversivelmente instável), ou que a sorte acabe - Puff!

Trogloditas, “luditas” (pessoa que se opõe à industrialização intensa ou a novas tecnologias), religiões, malucos homicidas e governos, todos tentaram de tempos em tempos reduzir dramaticamente o ritmo da inovação e da tecnologia - todos falharam, estão falhando e continuarão a falhar porque esta é a abordagem errada. Combater aplicações inovadoras de conhecimento e tecnologia, exaltando as virtudes da ignorância seletiva autoimposta é uma estratégia perdedora, que nunca irá funcionar. Tipicamente, essa estratégia não é efetiva nem como possibilidade de retardamento. Do esmagamento da maquinaria economizadora de trabalho no século dezessete, até a marginalização das pesquisas com células-tronco e clonagem, no século vinte e um - todas as tentativas de controlar a aplicação do conhecimento irão necessariamente falhar.

Atacar um resultado específico (particularmente pesquisas e produtos que não podem ser controlados de nenhuma forma prática) nunca irá derrotar o Processo Fundamental: corte uma cabeça e duas outras nascerão no seu lugar. Focalizar energia em uma estratégia falha, apenas torna a situação pior – a atenção acaba sendo dirigida, para longe do problema real enquanto o tempo disponível para implantar uma solução efetiva é desperdiçado. Uma cabeça enterrada na areia sempre deixa um traseiro desprotegido e exposto, balançando no ar.

Grande potencial é uma espada de dois gumes. Somos todos passageiros neste foguete da realidade local, onde a manipulação tecnológica de nossos ambientes internos e externos, pode logo produzir mudanças drasticamente mais rápidas. Devemos depender da **qualidade** das nossas instituições políticas, éticas, econômicas, técnicas e filosóficas, para agarrar as oportunidades e entregar as vantagens, enquanto evitamos as armadilhas.

Antes que você comece a lamentar a incompetência de nossas instituições públicas, deveria entender que qualidade, compreensão e sabedoria são atributos individuais. A qualidade dos indivíduos dentro de uma sociedade, define a qualidade das instituições daquela sociedade. Não existe a quem você possa passar esta bola - coletivamente, os cidadãos do planeta terra “mais ou menos” têm o que merecem. A média das instituições sociais, econômicas, educacionais ou governamentais, reflete a qualidade média dos indivíduos que as produzem e povoam. Você individualmente ou é uma parte ativa e integral da solução ou é parte do problema – neste caso não existem passageiros inocentes. É ônus de todos (cada um) elevar substancialmente, a qualidade de sua consciência pessoal.

Forçar uma solução pela aplicação de forças externas é geralmente contra produtivo e nunca se torna uma boa solução para o longo prazo.

A questão, é que a evolução da consciência como aquela de todos os grandes sistemas evolutivos, é um processo natural em aceleração. Para tornar esse conceito e alguns dos seus problemas correlatos, mais intuitivamente compreensíveis, eu apontei apenas para a evolução da tecnologia, como um exemplo já bem conhecido. ◀

Uma mente não-física pode mudar (crescer, evoluir) mais rapidamente do que o corpo físico, pois ela contém mais graus de liberdade e menos restrições. Existe, por bastante tempo, uma aceleração constante no crescimento e desenvolvimento da consciência. Isso significa que a taxa de crescimento cresce continuamente. Essa aceleração permite a cada nova

expressão da consciência evolutiva ser mais eficiente e produtiva, cada vez mais rápida. Aprender, como qualquer outra função cumulativa, não pode experimentar grande aceleração positiva para sempre, mas você ficaria surpreso, com quão longe a consciência pode progredir antes do Processo Fundamental, começar a canalizar a maior parte de sua energia apenas para as melhores oportunidades.

O fenômeno de aprendizado e processo evolucionário em aceleração, se aplica tanto para as entidades biológicas como para a consciência. No reino biológico, a vinda da clonagem e da engenharia genética (resultado de nossos computadores e outras tecnologias), supõe que a evolução biológica de certas entidades conscientes, possa ter saltos descontínuos através das possibilidades disponíveis, para acelerar relativamente rápido o potencial (positivo ou negativo) destas espécies. No reino da consciência, o efeito da aceleração representa uma função, mais íngreme e mais suave de auto melhoramento versus o tempo, enquanto o brilho aumenta sua capacidade de aprender assim como a qualidade e profundidade de sua compreensão.

► Pinte o quadro de uma visão sobre como seres sencientes com uma consciência desperta evoluem. No entanto, não quero que você deixe esse entendimento limitar sua visão, sobre a forma como um subconjunto particular de seres pode ter povoado uma dada dimensão da realidade, como o OS ou a PMR. Os fatos sobre a evolução da consciência, como se aplicam às comunidades dentro da  $NPMR_n$ , não impossibilitam logicamente um implante de seres sencientes ou um implante adicional de capacidades sencientes nestes seres já existentes. Modificar entidades existentes do OS através da evolução, adicionar novos seres ao OS, ou modificar diretamente entidades selecionadas do OS, representam três maneiras de mudar o subsistema de consciência do OS. Por não serem operações mutuamente exclusivas, coleções existentes de seres sencientes podem ser o resultado de todos os três processos, trabalhando em conjunto para aperfeiçoar o todo. ◀

Enquanto a percepção domina e refina suas capacidades mentais em evolução, uma nova e mais complexa motivação ascende como resultado do (e em conjunto com o) imperativo de se implantar o Processo Fundamental. Evoluir a complexidade e as propriedades interativas dos processos mentais, eventualmente produz as funções de intenção, retorno, interação, síntese e integração. Enquanto essas importantes funções de segunda ordem, começam a influenciar e direcionar o processo evolutivo, o número potencial de estados eficientes se expande drasticamente.

Mamíferos terrestres e muitos insetos podem prover, incontáveis exemplos de atributos de segunda ordem. O slogan “O homo sapiens faz melhor” (encontrado gravado nas ancas de um cavalo pré-histórico) demonstra que por causa da nossa habilidade em pensar e processar informação, nos declaramos ser os atuais campeões mentais da síntese, integração e retorno interativo, de toda evolução biológica terrena. Mesmo se o “Flipper” e a “Shamu”, com seus cérebros significativamente maiores, discordarem da afirmação anterior, a humanidade evoluiu um potencial extraordinário, que é primariamente alimentado, por um impressionante conjunto de funcionalidades de consciência de segunda ordem. A coisa-sistema-de-consciência AUO (agora também uma coisa-ser-pensante-digital) tem o material correto para ser um dia, muitas ordens de magnitude melhor nessas funções analíticas de segunda ordem do que nós. Talvez existam funções de quarta, quinta ou ordens maiores que nem podemos imaginar.

As escolhas e complexidades disponíveis para a AUO, agora estão se tornando surpreendentes. Os sons que as pessoas podem fazer e ouvir, do mesmo modo, representam a seleção escalonada de possibilidades, apesar de infinitesimal em profundidade e largura, se comparadas as possibilidades disponíveis para a AUO. O que nós pessoas fazemos com os sons disponíveis? Linguagem e música são duas aplicações que vem à mente imediatamente. A primeira detém um grande valor prático em resposta direta às exigências externas do Processo Fundamental; a segunda provê ao nosso bem-estar interno, nosso prazer e alegria. “Só por diversão” **não**

implica ser inútil, ou que nenhuma eficiência evolutiva é produzida. A música evolui a emoção, reduz o stress, motiva e une pessoas, comunica sentimentos e até aumenta a produção de leite em fazendas progressistas.

Olhe para o que fomos capazes de conseguir com apenas três cores primárias, vinte e seis letras e um conjunto limitado de sons. Toda nossa comunicação, arte, literatura, memória coletiva, ciência e tecnologia repousam sobre combinações específicas, sequências (em ambos, tempo e espaço), arranjos e padrões desse conjunto relativamente pequeno de variáveis fundamentais - e apenas arranhamos a superfície do que é possível. Conseguir imaginar o que a AUO pode ser capaz inventar, sem nossas restrições severas? Não, é claro que não pode, mas podemos imaginar que a AUO teria um gazilhão de vezes mais variáveis para arranjar, dentro de uma enorme multiplicidade de multidimensionalidades. Fato simples: Não podemos sequer vagamente imaginar, quão longe de nossa compreensão estão as possibilidades da AUO. Imagine nossas bactérias intestinais, especulando sobre o organismo maior dentro do qual vivem.

São esses processos de segunda ordem dentro da consciência, os responsáveis pelo eventual desenvolvimento de valores. Quando a percepção e a complexidade de escolhas alcançam um nível suficiente, os conceitos de alegria, estética, ideais e qualidade, começam a modificar nossa expressão do Processo Fundamental e nossas motivações, em sincronia. Estes abrangem um conjunto de funções de terceira ordem, que subsequentemente influenciam o resultado do Processo Fundamental da evolução. Dadas consciência e complexidade suficientes, temos diversão. Fazemos música. Produzimos arte. Somos os criadores e consumidores. Temos preferências, gostos e desgostos. Bom e mal se tornam definidos. Desenvolvemos valores e fazemos escolhas morais. Pássaros cantam e voam; cães pegam bolas de tênis e caçam “Frisbees”. Brincar, se espalha entre criaturas altamente evoluídas de todos os tipos. Se ter diversão, não fosse eficiente para a evolução da consciência de Visão Ampla, não teria vindo tão naturalmente ou se tornado tão popular. Criaturas sencientes têm

ambientes internos bem como ambientes externos para prestar atenção e interagir. Na verdade, quanto mais sencientes nos tornarmos e quanto maior a nossa qualidade, mais importantes nossos ambientes internos se tornam para a nossa evolução.

É razoável e lógico que a AUO tenha o potencial para evoluir valores, compaixão, escolhas intencionais, brincadeiras, comunicação, música, matemática, ciência computacional, criatividade, humor e por aí vai, dentro de um sistema que tenha bilhões de trilhões de gazilhões de vezes, mais riqueza nativa, seleção, complexidade, memória e consciência do que nós humanos temos.

Uau! Você não desejaria ter feito estoque desse bebê alterador de estados binários antes dele ter tomado conta do mercado da realidade? Essa Coisa-Ser-Supercomputador-Sistema-de-Consciência-Criativa (com ênfase em “Coisa”) está evoluindo valores. Adicionalmente, ela tem um potencial extraordinário que vai muito além da nossa compreensão. Se as pessoas evoluem funções de segunda e terceira ordem que influenciam sua evolução subsequente, por que não seria a AUO capaz de fazer algo similar? Afinal, o Processo Fundamental e a natureza da consciência, são os mesmos em todas as suas várias manifestações. Valores, escolhas, brincadeiras, comunicações, música, matemática, compaixão, ciência computacional e criatividade são uns poucos resultados naturais do Processo Fundamental sendo aplicado à consciência.

Apenas ter esses atributos de consciência não é o bastante. A fim de efetuar automelhoria, a AUO precisa de um processo e um mecanismo de retorno, que possa separar com precisão o que é eficiente do que não é - e outro para mover o sistema inteiro, na direção de uma existência com baixa entropia. Iremos discutir estes processos e mecanismos de retorno (do qual somos parte) nas Sessões 3 e 4.

Existe essa revoltantemente limitante tentação antropomórfica, de tornar este ser-coisa AUO em um maior, melhor, “super-legal” e assustador humanoide. [ Aaahhh... igualzinho a nós, que reconfortante. Seres que sejam realmente grandes, significantes e poderosos, devem ser de alguma

forma como nós... por dentro, quer dizer... mesmo que pareçam meio esquisitos por fora... certo? Ufa, já me sinto melhor agora]. Resista a essa tentação. AUO não é de forma alguma como nós, embora possamos parecer ao menos um pouco a ela.

Em breve você será capaz de dar suporte lógico, a espantosa ideia de que a consciência e a existência da AUO, são fundamentais enquanto nossa consciência e existência, são secundárias.



## **A Evolução da AUO: O Nascimento**

### **Da AUM (AUO evolui à AUM)**

Por ora, a AUO (Unicidade Absoluta e Sem Fronteiras) está pronta para fazer o espaço-tempo, a matéria física, você e eu, assim como iniciar vários experimentos em evolução da consciência. Cada experimento é desenvolvido e evolui, dentro de uma parte especializada (memória e espaço-computacional) da AUO. Nós percebemos cada uma destas partes especiais (espaços mentais dentro da AUO) como dimensões separadas, realidades separadas. Podem existir dimensões dentro de dimensões, realidade dentro de realidade, como um conjunto de bonecas Matrioscas Russas, ou talvez como as camadas concêntricas de uma cebola. Por exemplo, nosso amado universo da PMR (Realidade Física-Material) é apenas um, de um grupo muito grande de subconjuntos de realidades tanto físicas quanto não-físicas – cada uma dentro de sua própria dimensão de espaço-mental, parte de uma consciência digital muito mais ampla. Essas realidades são contidas dentro, tanto quanto são derivadas e dependentes, da

realidade mais geral, muito maior e menos restrita (com mais graus de liberdade) da  $\mathbf{NPMR}_N$ . Da mesma forma que a  $\mathbf{NPMR}_N$  é uma, de uma dúzia ou mais de subconjuntos da  $\mathbf{NPMR}$ .

► Se o uso de subscritos confundir, apenas pense na  $\mathbf{NPMR}_N$ , como sendo membros, subconjuntos ou porções separadas da  $\mathbf{NPMR}$  (como vizinhos, estados ou países que representam subconjuntos sociais, políticos ou geográficos na terra). A seguir, representamos uma lista de subconjuntos da  $\mathbf{NPMR}$ :  $\{\mathbf{NPMR}_1, \mathbf{NPMR}_2, \mathbf{NPMR}_3, \dots, \mathbf{NPMR}_N, \mathbf{NPMR}_{n+1}, \mathbf{NPMR}_{N+2}, \dots\} = \{\mathbf{NPMR}_n\}$ . Usar subscritos tais como  $\mathbf{NPMR}_N$  é uma forma conveniente de fazer referência a alguma porção, dimensão ou vizinhança, da  $\mathbf{NPMR}$  que contém e dá suporte ao OS (Our System – Nosso Sistema), o qual por sua vez contém e dá suporte à  $\mathbf{PMR}$ . Usando uma notação similar, podemos algumas vezes nos referir às múltiplas  $\mathbf{PMRs}$ , como  $\mathbf{PMR}_k$  (onde  $k = 1, 2, 3 \dots$ ). Se o uso da notação subscrita incomoda você, apenas esqueça isso – não é nada tão crítico ao seu entendimento geral. Uma ideia geral sobre o que pretendemos é tudo de que necessitamos por hora. ◀

Usando nossa analogia com uma simulação digital (ver aparte sobre dimensões no fim do Cap. 28), podemos facilmente enxergar sub-rotinas dentro de sub-rotinas, memórias particionadas e espaços reservados para cálculo, que são ainda subdivididos em pedaços menores onde certos subconjuntos (tais como a  $\mathbf{PMR}$ ) da simulação geral, são processados. Podemos imaginar realidades mais gerais contendo sub-realidades mais restritas, cada uma em seu próprio espaço de cálculo, espaço-mental ou dimensão. Mas não pense em uma cebola solitária ou um único conjunto de bonecas Matrioscas, existem muitas. Para vocês com “raízes em poltronas” na frente da TVs digital, realidades e dimensões são de alguma forma análogas ao efeito “picture in picture”, com uma imagem dentro da outra, dentro da outra – mostrando ou fazendo funcionar, múltiplos programas de TV simultâneos, dentro de seu próprio subespaço da tela ampla disponível.

Não importa quantas vezes a torta da consciência seja dividida, ainda que muitas realidades possam estar “rodando” como simulações ou subconjuntos de simulações maiores, todas estão conectadas através (e são partes) da Fonte Única (One Source): a consciência da AUO. AUO é a fundação de tudo, porque tudo existe como uma relação da AUO com ela mesma. A consciência é O Único (The One), enquanto os muitos, a grande diversidade das de realidades e de entidades que habitam e preenchem estas realidades, são subconjuntos especializados de consciência dentro de seu próprio espaço-pensamento ou dimensão. O processo e objetivo de subdividir a consciência tanto em dimensão com em unidades individuais de percepção (consciência) é discutido em detalhe, nas Seções 3 e 4 desta trilogia.

Quando a AUO eventualmente crescer e evoluir para um conjunto de células de realidade altamente organizado e especializado, podendo executar funções especializadas, ela se tornará um tipo inteiramente diferente de entidade e conseqüentemente, vamos dar a ela um novo nome: A Multiplicidade Absoluta e Sem Fronteiras (AUM – Absolute Unbounded Manifold).

AUM parece a nós ser absoluta e sem fronteiras (quase infinita). A propósito, a AUM é também ainda uma Unicidade Absoluta, mas agora também é uma multiplicidade (um em muitos) de sequências, padrões, realidades, dimensões e existência. AUM é uma forma mais complexa, uma manifestação de mais baixa entropia da AUO – nenhuma nova substância ou pressuposto foi adicionado. No coração da AUM, ainda está a mesma energia de consciência básica da AUO, desfilando um nível de consciência (percepção) mas evoluído, com menor entropia e maior funcionalidade.

Não existe uma linha de divisão clara entre AUO e AUM. A distinção é inteiramente arbitrária. A extensão na qual a AUO cresce e desenvolve estrutura, organização e comunicações complexas, assim como conteúdo, significado, autoconsciência, memória, valor e objetivo, é o que permite a AUO emergir, rebatizada como AUM. É mais um tema de grau e de desenvolvimento de novas capacidades fundamentais – evolução, não revolução. Porque a percepção (consciência), função, habilidade e objetivo da AUM são tão diferentes – mais representativas da consciência a que estamos acostumados, do que aquela que chamamos de pouco brilhante (opaca, fraca) – decidi dar-lhe um nome diferente, lembrando como

chamamos pessoas de “pessoas” em vez de “macacos eretos nus de braços curtos”.

Pense na AUM surgindo da AUO, como a consequência natural da consciência digital evoluindo propositalmente um sistema operacional e software de aplicação interativo, que funcione de forma altamente paralela e multitarefa. Este não deveria ser um conceito muito difícil de compreender: nós humanos podemos da mesma forma começar logo a modificar nosso software ou firmware (relativos aos nossos sistemas físicos), à medida que nossa habilidade para aplicar engenharia genética a nós mesmos amadureça e que melhoramos, a habilidade de manipulação bioquímica de nossos mecanismos de percepção consciente. Manipulação genética humana e medicações psicotrópicas, estão apenas na sua infância. Ainda não vimos nada – nem podemos imaginar o que está vindo – sobre como estes campos impactarão a humanidade, com tanta força quanto cada bit da revolução digital impactou, na tecnologia de computadores e redes de comunicação.

Vivemos no amanhecer de uma potencialidade de transição evolucionária e cultural explosiva. O ritmo da mudança está acelerando dramaticamente. Está à frente um único e poderoso potencial para progressão incrivelmente acelerada, regressão ou autodestruição. Depois de 250 anos da ‘Era Industrial’ vem a ‘Era da Informação Digital’ com engenharia genética, clonagem, drogas psicotrópicas e comunicações em rede computadorizada – tudo de uma vez! Ai, meu Deus! Prepare-se! Ponham os capacetes, fechem as escotilhas e apertem os cintos – este brinquedo está na rampa de lançamento.

O ponto é: uma vez que um sistema complexo é capaz de programar diretamente a si mesmo (desenvolver ou modificar seu código fonte original – que inclui engenharia genética), o ritmo da evolução se acelera dramaticamente. O intelecto, auxiliado pelos produtos da sua crescente percepção (digital e outras tecnologias), toma o lugar de mutações aleatórias e seleção natural como propulsor primário – consequentemente, a evolução acelera de um processo muito lentamente ritmado para outro ultrarrápido.

Exatamente quanto, a evolução da AUO-AUM acelerou à medida que ganhou as ferramentas para se autodirigir é desconhecido. Olhando para a evolução dos sistemas biológicos, podemos prever que processos que iriam normalmente tomar centenas de milhares de anos, sendo comprimidos em uma “mão cheia” de décadas ou somente alguns anos, através da

manipulação genética. Evolução mais rápida pode parecer uma boa ideia, mas velocidade é velocidade, quer seja na direção positiva (abaixar a entropia) ou negativa (aumentar da entropia).

Se a direção acabar sendo a negativa, a questão é: será que o processo evolucionário mudou demais ou muito rápido, para dar meia volta antes que o sistema em geral se autodestrua? A sabedoria diria para ir devagar, até que se saiba ao certo qual é o sabor do pudim. Será que existe sabedoria suficiente com influência necessária, para ter um impacto significativo na qualidade e visão de longo prazo das nossas decisões coletivas? Se não há, precisamos começar rápido o processo de gerar alguma, porque o dia da decisão não está tão longe!

A natureza, qualidade, estabilidade e balanço de qualquer sistema auto programável, determina se a aceleração evolucionária fará com que este sistema, eventualmente dê saltos gigantes adiante ou atrás. Grandes oportunidades e grandes riscos viajam juntos ao longo da estrada do autoprojeto e da manipulação química. Claro, consciência digital permite algumas vantagens significativas sobre sistemas biológicos. Se as avaliações de lucratividade cumulativa resultantes são negativas, ela pode sempre preservar (salvar) os estados prévios e então apertar o botão “desfazer” ou reiniciar (enquanto retém as lições aprendidas) – um daqueles truques digitais que fazem os sistemas baseados-em-carbono sentir-se invejosos.

Eu sei o que você está pensando: está cobiçando os graus de liberdade contidos nos sistemas digitais. Desesperadamente gostaria que sua esposa, marido, sogra e até o cachorro do vizinho tivessem botões de reiniciar e desfazer. Seja cuidadoso com o que deseja ou poderá obtê-lo antes que chegue a entender as ramificações. Vamos aprender nos capítulos subsequentes que você, sua esposa (ou marido) ou a mãe dela assim como o cachorro do vizinho são, no nível mais fundamental, subconjuntos de consciência digital individualizados. Ainda mais surpreendente, vamos entender claramente o como, o porquê e o objetivo assim como o funcionamento interno, deste modelo digital de Visão Ampla da realidade. Não, não, não, isto não é verdade – você está sendo pessimista. Tal compreensão, não é ilusão nem serve de prova que estou te deixando louco – não é um conceito tão fora de propósito ou difícil, como parece à primeira vista. Alguns dos mais respeitados tipos da ciência linha dura, estão do meu

lado neste tema e vou te apresentar alguns deles na Seção 6 (Capítulo 91, Livro 3).

► Existe mais em uma consciência operacional do que um botão liga-desliga. Também existem botões de reiniciar, pausar, gravar, rebobinar (voltar), adiantar rápido, tocar de novo, câmera lenta, reprodução rápida, editar, “picture in picture” e repetir – assim dê atenção a este Cara AUM e descubra como operar sua consciência de forma completa. Seria uma vergonha para sua consciência, ficar lá sentada preguiçosamente, mostrando apenas zeros na sua tela por toda uma vida, porque nunca se deu ao trabalho de aprender como usar os controles.

“Senhoras e senhores, aí vem a AUM! O Uno, o Único – a Fonte de Tudo O Que É, o gerador da realidade! Tudo bem! Vamos dar à AUM uma forte rodada de aplausos digitais! Vamos mexer estes dígitos companheiros!

Senhoras, senhores e distintos membros da imprensa, este é o momento pelo qual tanto esperamos. Como ponto alto do nosso programa desta noite, AUM -- o cara com a onisciente consciência digital desde o início – concordou em responder uma pergunta da galeria humana. Senhoras e senhores, este é um momento sem precedentes na história da existência – diante de nós estão as respostas para qualquer das grandes questões do nosso tempo – passado, presente e futuro.

“Por favor, não todos de uma vez! Silêncio! Silêncio, por favor! Sim, senhor Gumwrapper do Seattle Sunshine (jornal), qual é sua questão? Silêncio, por favor, todos quietos! Não consigo ouvir a pergunta. O que? Qual é a cor favorita da AUM? Por favor, senhor Gumwrapper, não acha que é uma pergunta meio rasa – rapidamente, vamos tomar outra pergunta! Ok, senhor Anchordesk do Evening Views, qual é a sua? Se AUM usa cuecas curtas ou samba canção? Caramba! Ok, vamos para outra questão de algum lugar que não seja do grupo da imprensa – Opa ... AUM está se levantando ... está caminhando para a saída e sacudindo a cabeça ... por favor volte ... senhor ... não somos todos da imprensa aqui ... podemos fazer melhor que isto ... é, é .... é isto, bem, senhor, para ser honesto as pessoas querem saber ... senhor... Senhor? Qual é a resposta senhor? Curta ou

samba canção? O senhor prometeu, prometeu! Não se vá! Por favor ... curta ou samba canção? Nos dê um sinal!

“É isto caras, ele se foi. Bem, vocês viram. O Grande Cara esteve aqui e saiu sem dizer uma palavra. Nem uma única palavra. O que você acha Johnny?”

“Bem Dan, quando AUM saiu, acho que vi os ombros dele subindo e descendo. Temos ainda um instante para repetir a cena? Veja isto, veja aquela sacudidela?! Da para fazer um “close up” dela? Olhe para isto Dan – definitivamente chacoalhando, subindo e descendo! ”

“Tudo bem caras, aí têm – agora levantem seus telefones e nos liguem com sua opinião – Isto é 1-900-\$\$\$--0000. Será que AUM estava gargalhando ou chorando quando ele saiu sacudindo a cabeça? Vamos rodar esta repetição de novo Johnny... Sim, definitivamente havia um chacoalhar de ombros lá! O que pensa a audiência em nosso estúdio? Gargalhando ou chorando ... é a questão do milhão para esta noite!” ◀

Tudo bem, já foram gracinhas que chegue, vamos nos acalmar e voltar ao trabalho. Você consegue ver a imagem: a consciência digital AUO é rebatizada para AUM quando o grau de complexidade e oportunidade (possibilidades) desenvolve suficiente percepção e funções mentais capazes de criar, evoluir, armazenar e manipular conteúdo automodificável, com processo, valor e objetivo. No próximo capítulo, vamos ver como o tempo gera o espaço e como ambos (em conjunto) geram o espaço-tempo – tudo de forma que possamos experimentar. Por quê? Porque como todos sabem, a experiência é o melhor professor.



## **O Nascimento do Espaço-Tempo:**

### **Como O Espaço É Criado Aplicando-se**

#### **Um Limite de Velocidade Constante à PMR**

Como demonstraremos, espaço e tempo são correlacionados bem de perto – de acordo com isto, vamos nos referir a eles como uma entidade única chamada espaço-tempo. Espaço-tempo, neste contexto é uma construção da consciência. Não é uma substância física ou coisa – não é uma construção física – é criado pela imposição de um conjunto restrições, sobre um subconjunto da realidade maior. Os cientistas da PMR descrevem o espaço-tempo como um contínuo no qual eventos ou objetos físicos com tempos associados parecem estar localizados ou se movendo, relativo a algum observador. Ele também é descrito como uma multiplicidade que algumas vezes é como-tempo e outras vezes é como-espaço, dependendo de como alguém interaja com ele.

Espaço existe com uma matriz 3D conceitual de pedaços imaginados (na mente ou consciência da AUM) de volume da PMR (um pixel ou quantum de espaço 3D) que define a resolução de nossa realidade e forma a estrutura subjacente dela. Esta estrutura, junto com sucessivos

incrementos de tempo, provê a infraestrutura conceitual que dá suporte ao conjunto-de-regras que define nossa percepção e assim nossa experiência física. Conseqüentemente, o espaço-tempo, como é visto de dentro da PMR, parece ter um componente espacial (como-espaço) e um componente dinâmico (como-tempo). O espaço-tempo do ponto de vista da “ *My Big TOE* ” , representa um conjunto particular de regras e restrições aplicadas a transferências interativas de energia entre objetos. Ele é a construção dentro da qual nossos “corpos de carne” parecem viver e interagir. O conjunto-de-regras espaço-tempo serve como um filtro de consciência que define a percepção (experiência) da Realidade Física Material (PMR – Physical Matter Reality) as entidades conscientes e sencientes participantes. As experiências do espaço PMR, tempo PMR, assim como massa, energia e gravidade PMR são todas derivadas das restrições espaço-tempo, aplicadas a experiência de interação das unidades de consciência participantes na experiência de realidade virtual a que chamamos nosso universo. (Estas afirmações que soam estranhas serão explicadas em detalhe na Seção 4. Naquele momento elas vão parecer muito mais razoáveis do elas parecem agora.).

Quando digo que “AUM inventou o espaço-tempo”, ou “AUM ... (seguida de qualquer verbo de ação), quero sempre dizer isto no sentido evolucionário, da mesma forma que os peixes inventaram os pulmões e pernas como os quais se tornaram em anfíbios.

Não se torne antropomórfico “para cima de mim” agora e postule que AUM é um pequeno velhinho com uma longa barba branca fazendo pessoas a partir do barro espaço-temporal em sete dias. Esta é uma perfeita e linda metáfora, mas não é onde esta discussão nos leva logicamente. Este é um esforço para melhorar a ciência e modelar a realidade, não para expor e seguir as pistas da Grande Verdade, que acabaram por se tornar nas várias metáforas religiosas, ainda que possamos atingir ambas as coisas de forma simultânea.

AUM usa um subconjunto particular da capacidade de sua consciência digital, uma porção de seu potencial organizacional, uma lasca do espaço-pensamento, no qual um conjunto uniforme de restrições é imposto sobre transferências de energia, entre subconjuntos individualizados de consciência que habitam (voluntariamente participam) naquela lasca particular (dimensão de realidade virtual). Se as restrições, são apresentadas por um conjunto-de-regras que define as propriedades do

espaço-tempo, a dimensão de realidade virtual criada é uma das  $PMR_k$  – talvez nossa própria  $PMR$ . Assim, o espaço-tempo é uma construção de percepção especial, definida dentro de uma dimensão ou subconjunto da consciência da AUM. O conjunto-de-regras do espaço-tempo entrega uma experiência consistente às unidades de consciência individualizadas que estão ali interagindo. O que? Isto é português? Entendo que esta descrição de conjunto de espaço-tempo está em algum lugar entre difícil e impossível de entender agora, mas se você se aguentar e me seguir através deste capítulo e da Seção 4, aquilo que parece fora de perspectiva e confuso vai eventualmente se tornar razoável e claro como cristal.

Decidi pular diretamente para dentro e lhe dizer o que é o espaço-tempo antes de desenvolver a base necessária para seu entendimento dele porque penso que você ter uma ideia de onde estamos indo vai ajudar a sintetizar os conceitos necessários para chegar lá. A experiência do espaço-tempo é produzida por uma construção-da-consciência que restringe as interações entre os subconjuntos ou “lascas” de consciência individualizadas. O ponto ou objetivo do espaço-tempo é produzir uma experiência especializada virtual consistente para os subconjuntos de consciência individuais restritos, que são chamados de seres ou entidades conscientes. Não se preocupe – estes conceitos devem ser difíceis de compreender neste momento. Como sempre, ceticismo de mente aberta define a correta forma de encarar tudo isto. Seja paciente – acredite ou não, existe um processo lógico e coerente que conduz estas descrições, mas ainda pode levar algum tempo antes que cheguemos e passemos por ele.

Voltemos a construção de um modelo lógico de baixo para cima. AUM, sob pressão para melhorar a si mesma, precisa evoluir ambientes internos e processos lucrativos que metodicamente reduzam a sua entropia de consciência, ou seja, a entropia do próprio sistema. Espaço-tempo é um de tais ambientes. Dentro da estrutura espaço-temporal, a  $PMR$  define os processos que fazem com que nosso espaço-tempo seja lucrativo de forma única para a AUM.

Simulações digitais, como as que rodam em nossos mainframes ou dentro do TBC (The Big Computer), geralmente modelam o que parecem ser, ao nível macro, eventos análogos. Da mesma forma, desenvolveremos um macro modelo de como a AUM poderia conceituar o espaço-tempo digital em termos de células de células de realidade e do tempo requerido para passar informação entre aquelas células. Isto deveria

ser mais satisfatório e de mais ajuda, do que apenas afirmar que o espaço-tempo e o conjunto-de-regras, constituem uma solução de projeto otimizada para um simulador de realidade virtual, que serve como um treinador, para o desenvolvimento da qualidade-de-consciência em ambiente interativo multijogador, para unidades de consciência individualizadas.

Vamos começar por conceber o espaço-tempo como uma construção de células de espaço-tempo. Lembrem-se, estas células são conceituais – o resultado de uma experiência “*gedanken*” (mental) na mente da AUM. Vamos mostrar que as células espaço-tempo precisam ser uniformes em forma, função e em sua constituição, à fim de produzir a estrutura subjacente para um simples espaço-de-experiência isotrópico (a realidade), que possa ser usado para melhorar a lucratividade evolucionária da AUM.

Para ajudar a tornar esta metáfora mais concreta, vamos dizer que estas células espaço-tempo residem na parte espaço-tempo da mente da AUM. A seguir, vamos aprofundar mais um nível de detalhe e separar o espaço do tempo. A base estrutural deste modelo é como-espaço e provê o conceito espacial ou parte-espaço do experimento “*gedanken*”, enquanto o tempo provê uma base dinâmica para esta conceituação que leva a possibilidade de mudança ordenada e, portanto, crescimento. O espaço-tempo na sequência se torna o meio fundamental para uma sub-realidade unicamente dimensionada ou realidade virtual, dentro do sistema mais amplo de consciência (“larger consciousness system”). Pareceria que o espaço-tempo é mais lucrativo, útil ou vantajoso para a AUM, se a parte como-espaço funcionar como um espaço-experiencial 3D isotrópico simples para consciências que interagem, porque é assim que ele evoluiu com sucesso. Deveria ser relativamente simples, visualizar em sua mente uma matriz tridimensional, feita de células de realidade espaço-tempo isotrópicas uniformes – o que imagino, foi com o que a AUM começou, mas isto foi apenas o começo.

Não precisa agarrar seu dicionário para os ‘cientificamente desafiados’. “Isotrópico” é uma daquelas sonoras palavras técnicas de U\$ 5, que tem dez por cento de significado e que nós “tecnoides” usamos, para impressionar as massas graduadas em Negócios, que fazem mais dinheiro que nós. Ela significa apenas que o espaço-tempo conceitual é não direcionalmente único – que dentro da consciência da AUM, ele é (reage,

interage, se propaga, se comporta) da mesma forma, independente de como a AUM “olha” para ele, o aplica, pensa sobre ele ou interage com ele.

Tenhamos em mente que estamos falando sobre um conceito ou ideia de espaço-tempo, dentro da mente digital que é a AUM. Dentro de uma consciência sem-espaço, “direção” não tem qualquer significado. À medida que o conceito de espaço, solidifica a nossa volta as definições que o restringem, a “isotropia” provê uma conceituação mais simples e direta de um espaço virtual. Que a **implantação** do conjunto-de-regras do espaço-tempo (que governa o tempo e a energia da PMR como espaço 3D) tenha consequências não-Euclidianas, não apresenta qualquer dificuldade lógica.

Os aficionados em relatividade, provavelmente estão agora engasgando, com esta descrição de conceituação de um espaço Euclidiano isotrópico. Contudo, a afirmação precedente não cria nenhum conflito, com a relatividade de nossa percepção no subconjunto da PMR, onde todos os sistemas coordenados podem ser movidos de forma arbitrária, relativamente uns aos outros, cada um sendo tão fundamental como qualquer outro. Nem tampouco isto conflita com a grumosa e não homogênea distribuição de massa/energia que interage pelas regras da gravitação. A ideia de um espaço isotrópico começa com a definição da velocidade da luz como uma das restrições primárias, diretamente derivada da especificação de um quantum de espaço e um quantum de tempo.

Ainda que estejamos descrevendo a parte-espaço da consciência da AUM com geometria Euclidiana simples, o espaço PMR parece ser curvo (não-Euclidiano) para um observador de alta-tecnologia bem instrumentado, experimentando a realidade física dentro da PMR. No fundo, o que se passa é que enquanto não houver, nenhum arcabouço inercial físico fundamental dentro de uma PMR sólida, o espaço-tempo curvo definido pela relatividade geral, continua a representar um modelo elegante da nossa percepção **dentro da PMR** – mesmo que assumamos um arcabouço de referência Euclidiano simples para conceituar o espaço virtual na mente da AUM. Nossa experiência espaço-tempo PMR é um derivativo das (ou baseado nas) restrições deste conjunto-de-regras espaço-tempo, que ordena nossa experiência em particular. Você verá depois, que o conjunto-de-regras do espaço-tempo residente dentro do TBC, define os detalhes das restrições que definem nossa realidade física e, portanto, também da nossa Física.

Se você não é um guru da relatividade, e não tem a mais vaga ideia sobre o que os dois parágrafos anteriores estão falando, esqueça isto, não é importante. Físicos, já tendo enterrado Euclides há muito tempo na sua visão ampla física, tendem a ser um pouco lentos em abandonar velhos padrões de pensamento. A percepção (de dentro da PMR) de que um espaço **físico** curvo poderia ser derivado do **conceito** de um espaço isotrópico não é tão difícil de entender, você apenas faz funcionar o antigo paradigma ao contrário.

Lembre-se que cada célula de realidade existe como uma dualidade, uma condição relativa a alguma condição diferente, cada condição existindo apenas em relação à outra. Conceitualmente, células adjacentes se comunicam via mudança de estado em sequência, habilitando assim a informação a se propagar pela matriz. Foi o conceito de comunicação pela técnica de passar adiante (interação celular sequencial) que levou a AUM, a desenvolver a ideia de espaço. Uma célula ou grupo de células, pode ser especializado para manter o tempo como uma oscilação constante do valor de estado, à fim de estabelecer o ritmo para uma propagação controlada, de célula a célula. Elas podem ser dependentes ou independentes do relógio principal ou fundamental da AUM e podem ser ajustadas para qualquer frequência, desde ela que seja menor do que a frequência fundamental da AUO.

O menor incremento DELTA-t, no espaço-tempo (um quantum de tempo espaço-tempo ou de forma equivalente um quantum de tempo PMR) deve ser um inteiro positivo não-zero (**n** ) vezes o menor incremento fundamental de tempo para AUM. O menor quantum de tempo possível para AUM é chamado de o “quantum de tempo fundamental”. Ele é o menor quantum fundamental de tempo dentro da realidade mais ampla. DELTA-t é também o mínimo tempo necessário para mudar o estado de uma célula de realidade **espaço-tempo** . Todo o espaço-tempo irá subsequentemente marchar pela batida do DELTA-t.

Desuniformidades de informação podem parecer se mover através do espaço-tempo a velocidade máxima de uma célula de espaço-tempo por DELTA-t. Tenha em mente que uma célula de espaço-tempo está no espaço-pensamento não-geométrico e sem distância. Estamos apenas gerando o **conceito** de espaço, dentro da parte espaço-temporal da consciência da AUM. Este conceito de espaço-tempo é implantado pela definição das restrições que o amarram. Uma vez que as restrições estão definidas dentro

do conjunto-de-regras da PMR, as consequências (propriedades do espaço-tempo) podem ser facilmente computadas. Deixe-me repetir isto, porque é um conceito fora do comum e muito importante. **Não** estamos criando um espaço 3D **físico** ou um espaço-tempo 4D **físico** a partir das células de realidade. Espaço físico, e a sua experiência dele, é uma ilusão, um truque de sua mente individuada, uma realidade virtual dentro da realidade da sua consciência. Espaço é uma realidade virtual, uma construção mental, não espaço físico nele mesmo – não existe tal coisa como espaço-físico!

“Você está brincando, sem espaço físico nenhum? Sobre o que é tudo isto a minha volta então? Aprendi a calcular volumes a partir de formatos 3D simples no sexto grau”. Fazer esta afirmação ultrajante (“não há tal coisa como o espaço físico”), não é tão obviamente estúpido como pode parecer à primeira vista – você vai ouvir exatamente a mesma observação diretamente de Albert Einstein e outros renomados cientistas “topo de linha” na Seção 6 (Capítulo 91, Livro 3). Não chegue a nenhuma conclusão apressada.

Nós medimos o limite superior da transferência de informação na PMR como “c”, que é o símbolo comumente usado pelos cientistas para representar a velocidade da luz. O valor de “c” é aproximadamente 300.000 km/s ou  $3 \times 10^8$  metros por segundo. Em termos menos precisos para os tecnófobos, a velocidade da luz é “excepcionalmente rápida”, “quase instantânea”, “como um raio engraxado”, ou outras expressões menos nobres dependendo da sua afiliação socioeconômica ou faixa etária (ou grau de degeneração do qual você tem orgulho). Pelo menos é a visão a partir da PMR.

Pela minha experiência, e aquela de muitos outros exploradores da NPMR, comunicações são **aparentemente** instantâneas na NPMR sem espaço e não restrita pela relativamente lenta taxa de transmissão da velocidade da luz como ela é na PMR. Por esta razão, pareceria seguro assumir que o valor inteiro de **n** é um número excepcionalmente grande. [Onde, conforme lembrará, **n** é o número de incrementos fundamentais de tempo da AUM (quanta de tempo fundamental) que tiquetaqueia durante um (muito mais longo) incremento de tempo do relógio de espaço-tempo (um quantum, DELTA-t, do tempo PMR)]. Para os registros, existem muitos quanta de tempo fundamentais (menor pedaço de tempo no relógio fundamental da AUM) tiquetaqueando durante um incremento do relógio

independente que define o tempo dentro da NPMR (um quantum de tempo NPMR).

Você vai aprender na Seção 5 (Capítulo 79, Livro 3) que **n** precisa ser um número muito grande, de forma que os estatísticos da NPMR tenham tempo suficiente (na NPMR) para computar superfícies de realidade provável entre sucessivos DELTA-t. Da mesma forma, a AUM prepara a NPMR com um quantum de tempo maior que o seu próprio, habilitando a AUM a processar dados entre cada incremento de tempo da NPMR. Lembre-se, quem quer que interaja com o menor quantum de tempo, está usualmente na cadeira do motorista.

É fácil estudar, manipular ou observar seres, objetos e energia que se move em super câmera lenta relativo a você mesmo, até onde você não seja atingido pela monotonia. AUM evolui (escolhe) o **n** ótimo para atender suas necessidades (mais fácil estudar e colher resultados sem ficar enfasiada). Pela minha experiência assim como a de outros, uma enorme quantidade de incrementos (quanta) de tempo NPMR passa, durante cada quantum de tempo NPMR. Vamos fazer bom uso deste conceito na Seção 5, onde passado, futuro e comunicações paranormais serão discutidos.

Transferência de informação também **parece** instantânea aqui na PMR (sobre pequenas distâncias), porque a velocidade da luz é excepcionalmente rápida, relativamente a outras velocidades na PMR. Pareceria que você precisa ser cuidadoso em usar sua experiência direta, para determinar o que é ou não instantâneo. Para grandes distâncias, tais como da terra até a estrela mais próxima (4.5 anos luz até a estrela tripla de Alfa-Centauro), até a velocidade da luz parece agonizantemente lenta.

No espaço-pensamento NPMR, coisas individuais não são separadas por distância física e informação, não tem que ser transmitida através de espaço à fim de viajar entre o emissor e o receptor. Ainda assim, dentro da NPMR, a informação precisa se propagar do emissor ao receptor (mas não através do espaço – não há distancia espacial entre eles). Então, isto requer algum **tempo NPMR** para que a informação faça a viagem entre os espaços-mentais digitais únicos do emissor e do receptor – tempo é necessário, para inverter os estados das células que representam conteúdo dentro do receptor. Pense sobre este processo como o análogo de um mostrador de tempo, ou similar à forma como seu computador troca dados dentro de sua memória central.

Eu sei, isto está começando a ficar estranho e posso ver seus olhos começando a embaçar com sobrecarga de informação. A clareza virá – colete as grandes ideias e deixe que os detalhes sigam por agora. Vamos fazer uma breve revisão dos pontos altos antes de seguir em frente.

O tempo da AUM é o mais fundamental porque tem o menor tamanho de incremento (quantum) e é usado para definir os demais. Imagine, pelo esforço de colocar alguma carne concreta nestes ossos altamente abstratos, que o quantum de tempo fundamental da AUM seja dez nano-nano-nano-nano-nano-nano-nano-nano-nano-segundos ( $10^{-80}$  s), enquanto o da NPMR seja  $10^{-62}$  s, e o da PMR seja  $10^{-44}$  s. Cada um é um bilhão de bilhões ( $10^{18}$  s) de vezes maior do que o anterior.

Usando estes números, se segue que DELTA-t, o qual em nosso exemplo é  $10^{-44}$  segundos e representa o quantum de tempo da PMR, é **definido pela AUM** como sendo  $10^{36}$  tiques do relógio fundamental dela ( $n=10^{36}$ ). Isto é, para cada  $10^{36}$  tiques do relógio (fundamental) da AUM, um quantum de espaço-tempo é incrementado em nossa dimensão de realidade (PMR). Depois de  $10^{80}$  tiques do relógio fundamental da AUM um segundo inteiro do nosso tempo PMR passou.

Fale sobre câmera lenta! Da mesma forma que há muitos **quanta-de-tempo fundamental** em um quantum (incremento) de tempo NPMR, assim existem muitos destes **quanta-de-tempo NPMR** em um **quantum de tempo PMR**. A relativamente enorme magnitude de um quantum de tempo PMR (um quantum de tempo do espaço-tempo) é exatamente o tempo requerido para uma célula de realidade (que suporta a PMR) espaço-tempo, para mudar seu estado de não-distorcido para distorcido (ou vice-versa).

O limite superior na propagação das distorções no **espaço-tempo** é assim uma célula de realidade espaço-tempo por quantum de tempo do espaço-tempo. Nós definimos este limite superior de velocidade como “c”, uma constante cujo valor foi evoluído pela AUM e o que foi experimentalmente medido na PMR como sendo  $3 \times 10^8$  metros por segundo. Então, **conceitualmente**, c define o tamanho virtual ou extensão espacial conceitual de uma célula de realidade espaço-temporal. Assim, o comprimento virtual, L, de uma célula-espaço-temporal dividido por DELTA-t (o qual é definido como um quantum de tempo PMR) ficariam iguais a c. Consequentemente, c é a velocidade na qual a informação pode ser transferida de uma célula de realidade conceitual da PMR, para a próxima

célula adjacente. A equação pode ser escrita como  $L = (c) * (\text{DELTA-t})$ . Podemos definir um quantum de espaço, DELTA-v, como sendo o menor pedaço de volume PMR 3D possível, v.  $\text{DELTA-v} \approx [(c) * (\text{DELTA-t})]^3 = L^3$ .

► Vamos usar os valores dados em nosso exemplo numérico arbitrário acima, para calcular a largura da célula de realidade espaço-tempo. Definir a largura da célula de realidade virtual como L, então  $L = (c) * (\text{tempo quantum DELTA-t da PMR}) = (3 \times 10^8 \text{ m/s}) * (10^{-44} \text{ s}) = 3 \times 10^{-36}$  metros, o que é aproximadamente o comprimento de Planck ( $16 \times 10^{-36} \text{ m}$ ) – à medida do ponto a partir do qual os melhores físicos do mundo dizem que nosso espaço 3D se torna granular (é composto de células discretas não contínuas).

Usei estes números de forma proposital no exemplo anterior, para serem simples números redondos e forçar a largura das células de realidade espaço-tempo a estar próxima do comprimento de Planck. Eles são apenas para o propósito de ilustrar – não tome os valores exemplificados muito seriamente.

Sei que isto está claro para você, mas deixe-me lembrar a alguns dos outros leitores, para deixarem de lado seus conceitos PMR habituais e manter em mente, que o tiquetaquear dos relógios da AUO não estão na verdade fazendo isso, com frações de nossos segundos. É um tique-taque no espaço-mental, dentro de uma consciência desperta que pode diferenciar entre desta forma e daquela, virando e desvirando átomos de consciência chamados células de realidade, cujos estados podem ser manipulados à vontade e com regularidade. Estes átomos de consciência por sua vez produzem moléculas de espaço-tempo.

O tique-taque do relógio da AUM representa a peça de tempo fundamental, o relógio primordial, um processo mental dentro de uma consciência da qual, nossos relógios PMR são derivados. Nosso tempo, medido em segundos – frações da revolução periódica dos corpos celestes ou mais recentemente algum número de oscilações atômicas – é uma sombra do Tempo Fundamental – é a nossa percepção sensorial de uma implantação específica, restrita e limitada, do processo de tempo mais fundamental definido pela consciência-AUM. ◀

No exemplo acima, informação pode viajar muito mais rápido do que  $c$  (a velocidade da luz na PMR) na NPMR porque o quantum NPMR de tempo é um bilhão de bilhões ( $10^{18}$ ) de vezes menor que o quantum de tempo PMR. Conforme mencionei antes, OS (Nosso Sistema) contém componentes físicos (PMR) e não físicos ( $NPMR_N$ ) que são interativos entre si. **Entre** incrementos de tempo na PMR (o tempo na PMR fica parado entre incrementos), coisas continuam a acontecer (distorções, padrões e informação que continua a se propagar) na  $NPMR_N$  porque o relógio continua tiquetaqueando ali. Em outras palavras, enquanto o tempo parece estar congelado na PMR, na  $NPMR_N$  continua tudo a seguir correndo com  $10^{18}$  incrementos de tempo válidos de atividade. E, entre cada incremento de tempo  $NPMR_N$ , enquanto o tempo está congelado na  $NPMR_N$ , AUM tem outras  $10^{18}$  unidades de tempo fundamental nas quais seguir conduzindo seu negócio da mesma forma que sempre.

► Se esta coisa de “incremento de tempo congelado” te deixa desconcertado, esqueça suas noções habituais de tempo contínuo e considere como uma simulação dinâmica complexa poderia incrementar o tempo dentro de várias sub-rotinas. O tempo parece estar parado em uma dada sub-rotina, até que a próxima vez que aquela sub-rotina seja chamada e a variável local de tempo seja uma vez mais incrementada. Uma descrição clara de circuitos (loops) de tempo dentro de simulações é dada no início da Seção 5. A menos que este conceito esteja deixando você louco, ele pode esperar até que você chegue ao Livro 3. ◀

Creia em mim,  $10^{36}$  ou um bilhão, de bilhão, de bilhão de bilhão (1,000,000,000,000,000,000,000,000,000,000,000.0) é realmente um grande número e poderia representar um tempo relativamente longo para que AUM espere por um DELTA-t da PMR ir e vir dependendo de quão longa seja a **percepção** da AUM para um quantum fundamental de tempo. Para **nossa visão**, a AUM é **capaz** de se mover em movimento super-rápido. Imagine ver todos os filmes já feitos em uma fração de um segundo. Isto apresenta um sério “avançar rápido” (“fast forward”). Por outro lado, AUM pode, contudo, ritmar a ela mesma como queira e frequentemente parece tomar a vista longa exercitando suficiente paciência. A visão que a

AUM tem de nós pode ser algo como a nossa visão de alguma forma de bactéria, que se arraste em seu crescimento em uma placa de Petri.

Imagine como seria, se envelhecêssemos apenas um ano para cada 100,000 anos (teríamos uma expectativa de vida de cerca de 8 milhões de anos) e ter memória brilhante, quase perfeita e mentes que fossem mantidas ocupadas, com muita coisa importante para fazer e sobre o que pensar. Poderíamos ver rios e montanhas ir e vir, assim como estudar mutações em sucessivas gerações de moscas de frutas de reprodução rápida. Se consegue imaginar isto, você tem no mínimo uma breve ideia da perspectiva da AUM. AUM não parece estar ficando chateada ou estar com nenhuma pressa. A percepção da passagem do tempo pela AUM (que ela mesma cria por alternar estados regularmente a fim de organizar e orquestrar suas atividades) é muito diferente da nossa. Não projete antropomorficamente seu senso de passagem do tempo para a AUM. Imagine como sub-rotinas dentro de um computador digital, ou o computador ele mesmo, poderia perceber a passagem do tempo.

A existência de múltiplos níveis de tempo quantizado é o porquê da transferência de informação na NPMR parecer tão próxima de instantânea, quando comparada com a vagarosa velocidade da luz no espaço-tempo construído da PMR. Da NPMR, a PMR pareceria estar rodando em câmera lenta. Ainda assim, a NPMR tem seu próprio limite de velocidade, assim como a AUM também tem, porque um tempo finito é necessário para mudar o estado de qualquer célula de uniforme a não-uniforme – é assim que definimos o conceito de tempo em primeiro lugar.

AUM pode definir (evoluir) tantos relógios quantos sejam necessários, para cada grupo de células especializadas que definem uma dimensão única da realidade. Nossa realidade espaço-tempo (PMR) é implantada por um destes tais grupos especializados de células espaço-tempo. Esta coleção de células de espaço-tempo existindo como um subgrupo dentro de um grupo maior da NPMR provê os recursos computacionais (memória, estrutura, conjuntos de regras e processamento) requeridos para atualizar (computar as consequências) para aquele subgrupo, como realidade virtual única dentro da NPMR. Visualize dimensões de realidade (como a PMR) dentro de uma dimensão mais ampla de realidade (como a NPMR) dentro de uma ainda mais ampla dimensão de realidade (como a AUM). Podem haver muitos subgrupos que definem dimensões únicas de realidade dentro da NPMR. Vamos ver na Seção 5

como os vários tamanhos de quanta de tempo (todos derivados como números inteiros do quantum fundamental de tempo da AUM) cada um em sua própria dimensão, pode ser diretamente relacionado com seu próprio loop (ciclo) de tempo dentro de uma simulação. Que pensamento bizarro! Realidade é como uma simulação-de-pensamento em várias camadas dentro da AUM – retenha este conceito por enquanto até que consigamos explorá-lo em mais detalhes depois. A significância de múltiplos níveis de tempo quantizado vai se tornar menos arbitrária depois de completarmos a Seção 5.

Aqui está um rápido sumário sobre o conceito de tempo dentro da NPMR. Tenha em mente que a NPMR não tem espaço e, portanto, nenhuma distância – ela existe fora do espaço-tempo da PMR. Sem espaço nem distância, o tempo de propagação da informação toma uma perspectiva completamente diferente. Porque a AUO e AUM podem trocar estados (relativos a elas mesmas) apenas tão rápido assim, existe um limite superior de velocidade com o qual as distorções (informações) podem se propagar através do sistema de consciência mais amplo. É um limite muito mais alto do que podemos imaginar dada a nossa relativa (que se arrasta como uma cobra) velocidade da luz, que determina o limite superior da transferência de informação, entre pedaços contíguos do espaço 3D PMR (DELTA-v) separados (de centro a centro) pela distância virtual L. Para gerar espaço-tempo, a AUM precisa somente especificar duas dentre as três restrições seguintes, na forma de constantes – a terceira pode sempre ser computada a partir das outras duas: 1º) O incremento de tempo a partir do qual a simulação de realidade virtual é incrementada pelo circuito (loop) externo, ou de forma equivalente, o menor tempo possível entre causa e efeito (o quantum de tempo PMR que denominamos DELTA-t). 2º) A “resolução gráfica” (geração de cena) definindo o “tamanho do pixel 3D” da realidade virtual, isto é, à medida da granularidade do espaço – um quantum 3D do espaço-tempo PMR que chamamos DELTA-v. 3º) A velocidade máxima na qual a informação pode ser transferida entre dois pontos dentro do espaço-tempo PMR (a constante que definimos como sendo c, a velocidade da luz). O relacionamento entre os três é  $c = (\text{DELTA-v})^{1/3} / (\text{DELTA-t})$ . Estas restrições precisam estar na forma de constantes para que o espaço-tempo seja uniforme e consistente (homogêneo e isotrópico como requerido pelo conjunto-de-regras). Assim derivamos e explicamos, porque a velocidade da luz precisa ser uma constante na PMR, independente da velocidade da

fonte daquela luz [ela é calculada pela divisão de duas constantes fundamentais que especificam os requisitos do processamento de dados de nossa PMR virtual (tamanho do pixel e incremento de tempo do loop externo)]. Este único fato levou Einstein a conclusão lógica de que “c” é uma constante fundamental independente do movimento da sua fonte. Os físicos ainda hoje não têm a menor noção, de como a velocidade da luz deve ser invariável relativamente ao movimento da sua fonte – só sabem que é assim.

Você, caro leitor, derivou agora a partir dos princípios fundamentais, compreensão a partir da qual a teoria da relatividade é baseada – um conceito “top” no mundo da física moderna. Você ainda vai descobrir no Livro 2 que a “*My Big TOE*” deriva a teoria da mecânica quântica (porque as partículas são distribuições de probabilidade antes que sejam medidas) a partir dos mesmos princípios fundamentais – outro “top” no mundo da física moderna. Assim a procura dos físicos por uma pequena “TOE” (Teoria de Tudo) única, que derive ambos os conceitos, relatividade e mecânica quântica, de um arcabouço único de compreensão foi atingida. Tendo embrulhado a ciência da PMR neste elegante pacote e resolvido o enigma que deixou perplexos os físicos desde a época de Einstein, vamos prosseguir deduzindo a natureza da realidade mais ampla. Afinal, isto é uma “*Big TOE*” .

Tempo, ou de forma equivalente frequência, é um atributo fundamental da AUM, ao passo que a noção de espaço é deduzida de um tempo especificando uma velocidade constante de propagação de informação. É por isto que os cidadãos do espaço-tempo devem viver com “c” como o “limite celestial” de velocidade. Tempo é fundamental -- espaço é derivado dele pela especificação da constante c. As três restrições que definem o espaço-tempo PMR: (DELTA-v), (DELTA-t) e c foram todas naturalmente evoluídas em conjunto conforme a consciência desenvolveu uma fundação adequada para um conjunto-de-regras específico da PMR, que poderia criar um laboratório de aprendizado ótimo para unidades individuadas de consciência – uma PMR que se encaixe bem na capacidade de implementar do sistema mais amplo de consciência.

Evoluir as PMRs dentro do sistema de consciência mais amplo não é particularmente milagroso – funciona pela aplicação do mesmo processo fundamental que trouxe você até aqui para ler esta página: ocupando todas as possibilidades e construindo sobre os melhores resultados, por tentativa e

erro, por colocar automodificação proposital e aleatoriedade para trabalhar a serviço da redução de entropia. Foi gerado por aplicar o Processo Fundamental em uma escala e ritmo que é difícil compreendermos. Tenha em mente que a AUM não tem corpo para ser alimentado, não toma espaço e não está preocupada com AUMmetes perfumadas.

Para aqueles, que ocasionalmente visitam a física de fronteira da PMR, o fato de que possamos ser espertos o suficiente para chegar a tomar um atalho, através de um “buraco de minhoca”, não muda o fato que permanece sendo o limite superior de velocidade de propagação da informação através do espaço, que **define** nosso espaço experiencial local dentro da consciência da AUM. Da mesma forma, se as taxas de transferência de informação parecem exceder a velocidade da luz em certas situações peculiares – isto implica apenas que o conjunto-de-regras definidoras, tem um nível de generalidade que permite casos especiais que **pareçam** violar o limite de velocidade  $c$ .

A realidade na qual interagimos entre nós é uma sala de aula virtual ou laboratório de aprendizado desenhado para nos ajudar a reduzir a entropia individual e crescer a qualidade da nossa consciência. Como consciência, é isto que fazemos – é assim que a evolução nos desafia. Que muitas implicações do nosso conjunto-de-regras esperam nossa descoberta (a física do futuro) simplesmente faz com que esta sala de aula seja mais interessante, desafiadora e educacional. Novas descobertas criam melhor compreensão tanto quanto novas oportunidades de aprender.

Os experimentos evolucionários da AUM são grosseiramente análogos aos nossos experimentos *gedanken* (mentais) ou simulações em computador, e assim podem ser feitos em grande variedade e de forma relativamente rápida. Com a ajuda de sua parte binária computacional especializada, AUM pode evoluir em um passo incrivelmente rápido comparado aos sistemas biológicos. O Grande Computador (TBC – The Big Computer) e o Computador Ainda Maior (EBC – “Even Big Computer”) discutidos na Seção 5 (Capítulos 78 e 83 respectivamente, do Livro 3) são na verdade apenas pequeninos subconjuntos da parte computacional da AUM. Se você adora torturar e abusar da língua Inglesa tanto quanto eu, já tem minha permissão para descrever AUM como sistema-de-consciência-digital-ser-coisa-mágica.

Células de realidade, células de memória, células binárias – tudo parece acabar em células. Células são unidades discretas de conteúdo

**relacional** estado-específicas e representam substância tanto informacional quanto organizacional (não necessariamente matéria física). Percepção, consciência, forma, função, conteúdo e objetivo, fluem todos da possível interação das células de realidade – o bloco construtor básico da consciência desperta ou perceptiva.

Toda criação celular e digital exhibe granularidade quando atinge algum nível de detalhe. Tanto a nossa realidade como a nossa percepção dela, são granulares na sua raiz. Na camada mais profunda da organização da nossa realidade, vamos encontrar unidades discretas relacionalmente formadas e organizadas em padrões dinâmicos restritos de relacionamento. A complexidade e organização destes padrões são progressivamente desenvolvidos, dentro de uma energia potencial primordial e não-diferenciada (consciência pálida não-desperta), pela operação interativa e recorrente do Processo Fundamental. A mecânica da evolução age naturalmente, sobre qualquer entidade que possua uma quantidade substancial de alternativas de escolha e possibilidades autogeradas. O processo é simples – manter os vencedores, descartar os perdedores – permutações e combinações mais ou menos aleatórias são aplicadas estatisticamente aos sistemas que tenham um significativo espectro de resultados potenciais. Os vencedores continuam a evoluir enquanto os perdedores vão desaparecendo aos poucos ou mantêm o “status quo”.

Algumas vezes um sistema de consciência em evolução pode com o tempo, desenvolver uma complexidade fantástica e ter potencial aparentemente sem fim, à medida que sob o Processo Fundamental ele interage repetitivamente sobre si mesmo, eventualmente evoluindo em alguma coisa que começa a imitar sua própria fonte. Quando a roda faz o giro completo e o produto exitoso do empurrão evolucionário na direção da automelhoria começa a tomar as características da sua fonte, ele se torna um parceiro no processo da evolução da consciência.

Imagine isto. Um fragmento restrito e de alta entropia de consciência individuada, eventualmente evolui (auto-organiza lucrativamente) para uma completude de baixa entropia. Como parte da fonte da qual foi retirado (separado), ele abaixa a entropia (aumentando a qualidade, levando adiante a evolução) do todo, pela quantidade do seu crescimento pessoal. Esta contribuição individual, para baixar a entropia do sistema de consciência inteiro, constitui o ponto alto (ou final) do ciclo da consciência. O ponto baixo ou inicial é representado, pela criação da

consciência individuada através do subconjunto de restrições únicas de consciência (bruta) não desenvolvida (de entropia relativamente alta) que é capaz de eventualmente evoluir, na direção dos estados de entropia mais baixa.

Você já consegue começar a ter uma sensação ou vislumbre, do grande ciclo de evolução da consciência do qual você é parte? Uma vaga compreensão de como e porque o ciclo de consciência, que opera para sustentar a ecologia do sistema de consciência mais amplo é sua primeira espiada, na direção da Visão Ampla (Big Picture). O ciclo de consciência descreve um mecanismo que permite a energia da consciência continuamente organizar a ela mesma, dentro do amplo ecossistema de consciência. Você tem um papel importante, no ciclo da consciência que impele a lucratividade, capacidade, potência operacional e brilho do sistema para cima à medida que entropia é expelida. Vamos perseguir este conceito de forma mais completa, no Capítulo 58 do Livro 2.

Vamos concatenar tudo isto. O limite constante superior de velocidade  $c$  (velocidade da luz) define tanto os conceitos de distância como de espaço, dentro do subconjunto de espaço-tempo da consciência da AUM. Cada assim chamada célula de espaço-tempo, por definição, agora tem um atributo **conceitual** de extensão. Assim a AUM inventou (pensou ou evoluiu) o **conceito** de espaço impondo a restrição de uma constante de velocidade máxima de propagação de informação, dentro de sua parte-espaço. Usando o exemplo numérico anterior para dar um senso mais concreto, DELTA-t é a menor unidade ou quantum de tempo **dentro do espaço-tempo** – é um tique do relógio **espaço-tempo** da AUM, (mas  $10^{18}$  tiques do relógio da NPMR da AUM e  $10^{36}$  tiques do relógio fundamental da AUM). Cada célula de realidade espaço-tempo agora tem um atributo conceitual de extensão espacial. Ele tem a largura de  $(c \text{ m/s}) * (\text{DELTA-t s})$  – cerca de  $3 \times 10^{-36}$  metros (aproximadamente o comprimento de Planck). A necessidade lógica de  $c$  como sendo uma constante, faz a entrega da teoria da relatividade de Einstein.

Para manter uma velocidade de propagação constante em todas as direções, é conveniente que estas células de realidade espaço-tempo, sejam conceitualmente esféricas – geometria 3D sólida se torna um conceito, um atributo da parte-espaço – e qualquer propagação em qualquer direção virtual, vai encontrar a distância virtual de qualquer célula vizinha como sendo a mesma. De forma mais sucinta: O diâmetro esférico = largura

conceitual de qualquer célula em qualquer direção =  $(c) * (\text{DELTA-t})$ . O **conceito** de espaço (distância e direção), e o **conceito** de tempo são inter-relacionados através da constante  $c$ , e se fundem conceitualmente como espaço-tempo. Não se preocupe com os vazios que existem entre as esferas quando as empilha em uma matriz 3D – isto é um problema no espaço-tempo PMR, mas não um problema no espaço-mental digital onde o espaço-tempo é criado e definido. Similarmente, interações energéticas entre várias formas de energia e a não variância do sistema de referências, dentro da experiência da realidade PMR, não estão em conflito com a forma de pensar Euclidiana da AUM.

Nosso espaço-tempo PMR (dentro do qual a experiência da matéria em nosso universo é criada – ver Seção 4) representa apenas uma aplicação de espaço-tempo com restrições únicas, existindo dentro de **uma** parte espaço-tempo (em oposição **A** parte espaço-tempo) da AUM. Existem outras partes espaço-tempo (ou dimensões espaço-tempo) da AUM correspondendo a outras PMRs (mencionadas no Capítulo 76 do Livro 3). Do nosso ponto de vista, estas outras PMRs existem em mundos não-físicos dentro de outras dimensões. De nossa perspectiva, cada subconjunto de células especializadas de realidade na AUM, define outra dimensão de existência – outra realidade, ou, se você preferir, outra realidade virtual. As partes especializadas da AUM são para a AUM, como sistemas de pensamentos são para nós – uma analogia grosseira mesmo se tivéssemos super memórias. Estes subconjuntos especializados da AUM, representam experimentos separados em evolução da consciência se propagando da sua própria forma, o que quer que venha a ser ou sair deles.

Espaço-tempo digital é implantado por um conjunto básico de regras que definem os critérios de lucratividade requeridos para evoluir o conteúdo de uma dada dimensão. Cada realidade virtual com conteúdo auto modificante automaticamente começa a evoluir suas configurações unicamente lucrativas à medida que suas possibilidades são exploradas. Padrões de interação dentro do subsistema espaço-tempo PMR vão eventualmente evoluir para conter os atributos de conteúdo, informação e substância – como padrões de luz, som e neurônios dentro de nossos sistemas biológicos ou como padrões de estrelas, cometas, galáxias e sistemas solares dentro de nosso universo.

Como um resultado direto do conjunto-de-regras do espaço-tempo, alguns poucos bilhões de anos atrás, aglomerados de células biológicas

começaram uma série de experimentos similares em especialização. Subconjuntos de células especializadas se tornaram a seção-de-comida (digestão), a seção-de-sensores (olhos, nariz, pele, ouvidos, papilas gustativas), a seção-motora (caudas, barbatanas, nadadeiras, pernas, asas), e a seção-de-controle (sistema nervoso central, cérebro). Então, comunicação entre as várias partes especializadas foi estabelecida, seguida por uma comunicação entre entidades individuais.

Desta forma a AUM faz brotar sistemas de realidades virtuais (universos) assim como a terra faz brotar espécies de plantas e animais, cada um deles contido em sua própria dimensão ou pedaço de espaço-mente dentro do TBC, e todos na mesma “rede” (network). AUM cria dimensões e manipula seu conteúdo, de forma similar à que criamos ideias e as escrevemos como parágrafos de padrões de símbolos. Os pensamentos criativos da AUM e seu uso das dimensões para separar partes especializadas dela mesma são grosseiramente comparáveis a nossa escrita criativa e uso dos parágrafos, livros ou documentos, para separar e delimitar agrupamentos especializados de conteúdo.

Note que geralmente não faço referência a dimensões mais altas ou baixas. Mais alto ou baixo não tem qualquer significado relativo a dimensões não geométricas. Dimensões e suas realidades correspondentes são diferentes, da mesma forma que livros são diferentes. Alguns podem ser simples ou complexos – podem ser mais ou menos úteis ao sistema de consciência. Contudo, todos são especializados em resposta a pressão evolucionária para seguir com sua função particular. Todas as funções especializadas contribuem para a automelhoria ou redução da entropia do todo. Este sistema de consciência não é tão estranho ou místico e funciona da mesma forma que qualquer sistema complexo em evolução. Por exemplo, ele precisa desenvolver um ecossistema equilibrado (sistema de relacionamentos) entre sua grande quantidade de partes interdependentes e interativas.

Você agora tem uma descrição por cima e de alto nível das origens do espaço-tempo e da natureza da dimensão. Este é somente o início de uma discussão mais profunda que vai continuar ao longo das próximas três seções. Logo, você vai apreciar o espaço-tempo como uma construção baseada em regras, feita pela consciência e que restringe as trocas de energia entre subconjuntos individuados de consciência (e entre seres e coisas) à fim de produzir uma experiência virtual especializada, onde estes

subconjuntos de consciência possam interagir lucrativamente. E esta descrição vai fazer sentido.

Perto do fim da Seção 4, todos estes bits espalhados de teoria vão começar a se juntar em uma imagem de alta resolução da Visão Ampla (Big Picture). Tenha em mente nossa discussão prévia sobre crença e “spin” (direção de giro). A solidez lógica e razoabilidade desta discussão pode não ser o único, ou o maior fator que o leve às suas conclusões. Para otimizar o retorno do seu investimento, sua análise deveria ser independente de paradigmas baseados-em-crença. Se a sua abordagem é de mente aberta, você pode encontrar, que o processo de avaliação é usualmente mais valioso que as próprias conclusões finais atingidas.

► Todos os grandes sábios conhecem esta Grande Verdade: “Você pode levar um jumento até a água e, se for esperto suficiente, induzi-lo a beber, mas você não pode fazê-lo regurgitar, gargarejar e cuspir a água de volta”.

É por isto que esta trilogia é estritamente para humanos de mente aberta. Se vir por aí algum jumento com uma cópia dela, por favor confisque-a imediatamente antes que ele chegue a alguma grande ideia. Mas por favor, seja cuidadoso! Também é conhecido pelos grandes sábios que: “Uma Pequena Verdade fazendo muito barulho, na pequena mente de um jumento, pode ser uma coisa perigosa”.

Isto é tudo que sei sobre bom senso equino. Assim, como sempre, você está por sua própria conta na fonte de água da Grande Verdade (Big Truth). ◀

Antes de deixar temporariamente o tema do espaço-tempo e terminar este capítulo, vamos fazer um esforço para criar uma ponte no espaço, entre a visão fundamental da célula-de-realidade da parte espaço-tempo da consciência da AUM e a visão dos sistemas digitais, na implantação do espaço-tempo dentro do TBC. AUM, consciência desperta e, portanto, o espaço-tempo (nossa realidade física) é em sua última instância, baseado sobre a existência das células de realidade dentro da consciência. De forma equivalente, alguém poderia dizer que o espaço-tempo é uma construção da consciência. Alguns poderiam ser tentados a dizer que o espaço-tempo é uma construção da consciência, mas que esta afirmação é como espalhar mais confusão do que iluminação. Pense em consciência como sendo um meio digital mais do que material de

construção. Na sua raiz, TBC (memórias, padrões, lógica e processamento) é conceitualmente baseado, nas propriedades binárias das células de realidade.

Recapitulemos a estrada evolucionária da AUO para AUM. A AUO primordial é uma forma de energia relativamente simples, uniforme, e de alta entropia. As células de realidade são criadas pela existência relativa de um par desta forma, daquela forma – uma existência distorcida ou não-uniforme em relação a existência não-distorcida e uniforme. A proliferação das células de realidade e a interação entre elas cria complexidade e um grande potencial para auto-organização, que eventualmente leva a uma autopercepção (autoconsciência) mais organizada de baixa entropia e que por sua vez leva a inteligência, valores, personalidade e objetivo. Em termos científicos, um sistema de consciência de baixa entropia tem mais potência – mais energia disponível para realizar trabalho – um nível de organização mais alto, mais útil. Em termos comuns, um sistema digital de baixa entropia comanda mais energia utilizável (organização mais lucrativa) e, por isto, se torna capaz de criar maiores e mais lucrativas configurações para ele mesmo. Adicionalmente, uma consciência de baixa entropia eventualmente desenvolve a habilidade de usar intenção consciente dirigida, para fazer reduções de entropia adicionais. A taxa de progresso evolucionário aumenta à medida que o sistema “puxa a si mesmo pelas alças das botas” (evolui) para atualizar configurações de entropia cada vez mais baixa e mais baixa.

A natureza específica (física) da nossa realidade é definida pelo conjunto-de-regras do espaço-tempo que define as restrições que limitam o que é possível. O conjunto-de-regras do espaço-tempo é uma coleção de padrões e algoritmos dentro do TBC que define os limites e propriedades relacionais de nossa experiência física. O “conjunto-de-regras” (“*rule-set*”) do espaço-tempo compõem nossa física. Ele é implantado ao nível mais baixo restringindo a interação entre indivíduos e grupos de células de realidade e ao nível mais alto restringindo os subconjuntos de consciência individuados.

As células de realidade são grosseiramente análogas aos transistores em um “chip” processador de computador. Eles vêm em altíssima quantidade e são as unidades ativas mais básicas do processador e da memória. Como as células de realidade, cada transistor é uma coisa que pode ser ligado/desligado, 0/1, desta forma/daquela forma, distorcido/não

distorcido. Ao nível de generalidade superior seguinte, está o conjunto básico de instruções do processador que definem as operações e processamento para armazenamento, recuperação e para fazer operações aritméticas e lógicas. Em nossa analogia, o conjunto das instruções básicas do processador é análogo ao funcionamento básico cognitivo funcionando dentro da AUM. Ao próximo nível de abstração chegamos ao conjunto-de-regras do espaço-tempo, o qual é análogo a algoritmos escritos em linguagem “assembly”. Nossa experiência é gerada no próximo nível de abstração pela AUM-TBC para a interface das consciências-individuadas, a qual é similar a uma simulação programada em C++ orientada a objetos, onde nós somos os objetos. A AUM é o computador, o programador e o sistema operacional. Nós seres conscientes e sencientes somos, como subconjuntos individuados de consciência, um subconjunto cercado (isolado) de células de realidade iterativas, altamente organizadas e evoluindo.

Como um análogo do espaço-tempo, considere um processador com objetivo especial projetado sob medida para uma necessidade específica, tal como um chip Processador Digital de Sinal (DSP). Compreender as regras (padrões) que governam a transferência de energia, para e dos transistores em um processador para objetivos especiais, iria fornecer algum entendimento dos relacionamentos mais básicos no projeto, implantação e capacidade do processador. Da mesma forma, compreender as regras que governam a transferência de informação entre células de realidade espaço-tempo, deveria produzir algumas das mais fundamentais relações da física. Na Seção 4 você vai ver como isto funciona.

A experiência física é gerada quando nossa percepção de uma consciência individuada (ser senciente) é restringida para seguir o conjunto-de-regras do espaço-tempo. Imagine um conjunto-de-regras espaço-tempo para fornecer a experiência operacional de causalidade consistente que habilita uma consciência individuada a evoluir para estágios mais baixos de entropia, exercitando sua intenção através de escolhas feitas com livre arbítrio. Os relacionamentos específicos definindo o conjunto de instruções do espaço-tempo da AUM constituem as leis físicas do espaço-tempo (física da PMR).

Matemáticos aplicados, cientistas e engenheiros tem uma tendência a definir sua realidade em termos de suas restrições expressadas como constantes físicas. Por exemplo,  $c$  (a velocidade da luz no vácuo) define a

velocidade limite da matéria na PMR. Pense sobre  $c$  como uma de várias constantes do espaço-tempo PMR local que restringem nossa realidade física para certo conjunto-experiência. Da mesma forma é razoável assumir que existem constantes que também restringem a visão mais ampla (bigger picture). Por exemplo, dado que um sistema de consciência digital finito e que cresce não pode criar um número infinito de células de realidade e que a informação contida no sistema de consciência digital é limitada pela capacidade daquele sistema (talvez um limite superior na quantidade total de células de realidade), então, depois que a tecnologia nativa do sistema foi estabilizada, a razão do tamanho do sistema para a quantidade de informação que ele contém iria tender para uma constante à medida que o sistema amadurece. Imagine uma AUM crescente onde nova informação e novas células de realidade são constantemente criadas e recicladas, enquanto a entropia do sistema evolui na direção de maior lucratividade, usando e organizando a informação de forma mais produtiva. O ponto é: sistemas reais finitos precisam sempre lidar com restrições e a coisa-sistema-digital-AUM não é uma exceção.

O que faz a AUM quando está pronta (o limite de capacidade foi atingido)? Sendo digital, ela pode sempre purgar o suficiente dos seus bits menos produtivos para seguir em frente, ou purgar ainda mais do que isto e começar tudo de novo. Considere que a AUM também pode ser um participante contribuinte em um ecossistema de consciência ainda mais amplo. Da mesma forma que nós interativamente “ciclamos” subconjuntos de nossa consciência individuada através do laboratório de aprendizado PMR, para ajudar a impulsionar o ciclo da consciência, a AUM pode reciclar sua própria consciência de maneira similar para forçar um nível mais alto de organização da consciência, que esteja além da nossa capacidade de sequer compreender. AUM pode regularmente fazer um upload de lições aprendidas e então reciclar a ela mesma, ou pode simplesmente continuar a melhorar a si própria gradual e continuamente e para sempre se mover na direção da entropia zero absoluta do sistema. Em qualquer dos casos, chegamos a mesma conclusão: Um cara digital em evolução nunca dá o processo por terminado.

Algumas poucas observações disponíveis como frutos ao nosso alcance, precisam ser colhidas das discussões precedentes e então podemos colocá-las no pacote. Você pode achar interessante dar uma olhada na Visão

Ampla (Big Picture), pelo lado do fluxo conceitual que é desencadeado pelo conceito, implantação e evolução do tempo.

AUO evolui um catalisador excepcionalmente útil que chamamos de tempo, mantendo uma batida regular (taxa constante de oscilação). A habilidade de sequenciar padrões e compelir a consistência, permite a AUO criar processos ordenados e disciplinados e, portanto, baixar a entropia. O tempo habilita que a simples existência possa gerar potencial evolucionário complexo a partir da explosão de novos padrões, sequências e formas, que subitamente se tornam disponíveis com a invenção de um processo dinâmico. O tempo gera novos graus de liberdade para a consciência explorar. O tempo permite que consciência opaca se torne brilhante. Ordem, consistência e regularidade habilitam a criação dos relógios multi-frequência precisos, do grande computador e do espaço-tempo, como padrões especializados individuados de informação e conteúdo dentro da AUM.

Porque os atributos do espaço-tempo proveem a estrutura lógica conceitual para a existência da nossa PMR (massa, energia, espaço e, portanto, biologia), está claro que nossa existência é habilitada pela invenção do tempo. É o tempo que permite que a AUO se organize – crie, armazene e use informação interativamente – para evoluir objetivo autoconsciente e desenvolver-se pró-ativamente.

O conceito de tempo dentro da percepção (consciência) fraca da AUO é um subproduto de um sistema de energia potencial, encontrando a lucratividade em melhorar a auto-organização. Como um motor para redução de entropia incrivelmente efetivo, o tempo começa uma inevitabilidade evolucionária. O Processo Fundamental não poderia ajudar no caminho da maior lucratividade, sem encontrar o tempo (um artefato de mudança). Assim o tempo evolui naturalmente dentro da consciência – ele entrega a tecnologia de organização fundamental que habilita a queda na entropia (comprime a mola digital) que propulsiona, faz funcionar, dirige e habilita, tudo o mais dentro do sistema digital avançado da AUM.

Tempo é fundamental para a existência de nossa realidade enquanto espaço é uma percepção virtual, baseada no tempo e na restrição de  $c$ . Conforme a consciência evolui, sua mola-energia continua a se comprimir na medida em que a entropia decresce. Em contraste, dentro do nosso subsistema PMR, a mola-energia (energia que é estruturada, organizada e que pode realizar trabalho) deve vagarosamente ir se

descomprimindo, à medida que o experimento vai tendo seu curso. Os físicos se referem a essa natural desintegração estrutural da PMR, como a segunda lei da termodinâmica. A segunda lei é saudada, como notícia muito ruim no longo prazo para nossa realidade local, porque os cientistas tradicionais têm apenas pequenas TOEs.

Esta música é universal para todas as culturas (e maioria das criaturas) e evoca profunda ressonância dentro de nós e parece razoável o suficiente, quando você considera que nossa consciência, nosso ser – inegavelmente, nossa realidade inteira – é construída de ritmo e padrão.

Tome um tempo para ponderar a profunda conexão que temos com nossa realidade. Tente pensar alguns grandes pensamentos (da sua escolha) – vá em frente, vou esperar. Você poderia brincar com a ideia de ter um “insight” (compreensão) na direção de desenvolver sua própria Big TOE. Tome seu tempo. Quando estiver pronto, de um profundo suspiro de resignação silenciosa em apreciação de suas limitações. Mas não desista. Tanto você como a AUM têm que começar, de onde quer que estejam agora e puxar a si mesmos por conta própria, pelas próprias alças das botas da experimentação – é simplesmente assim, como a evolução da consciência funciona.

Evolução da consciência, não progride através de um processo de epifanias sucessivas. Redução significativa da entropia é atingida através de um processo interativo que vagarosamente acumula um grande número de escolhas lucrativas quase infinitesimais, para produzir crescimento significativo. Tentar crescer sua consciência em grandes saltos, impede o progresso por distrair você das centenas de pequenos passos lucrativos que tem a oportunidade de dar a cada dia. A qualidade da sua consciência sobe e desce baseada na intenção que anima suas interações do dia a dia.



## Uma Visão Ainda Mais Ampla

Será que a AUM algum dia irá exaurir suas possibilidades?

Ela pode crescer indefinidamente? Algum dia irá atingir algum estado de equilíbrio, ainda viável para sempre, mas não mais evoluindo? Existirão outras AUOs ou AUMs ou a realidade só é grande o suficiente para apenas uma? E se houver duas, como elas interagem? Isto aumentaria dramaticamente o nível de complicação e criaria novas possibilidades para o Processo Fundamental de evolução e dificultaria o trabalho com ele. Certamente complicou para nós.

E se a AUM se dividir em duas, empregando um processo análogo a divisão de células biológicas, permitindo que interaja com ela mesma em uma forma completamente nova? Células biológicas encontraram uma forma de fazê-lo. Você acha que elas são mais espertas ou sortudas que a AUM? Uma AUM auto replicante poderia construir novas coisas-consciência a partir das células-AUM, cada uma existindo dentro de sua própria dimensão digital. Iria cada célula-AUM funcionar como uma única célula cerebral (ou célula de consciência) dentro de uma estupenda mente-grupal, ou uma criatura diferente e única emergiria? Clonagem, reprodução, reparação, expansão e aglutinação são processos particularmente diretos dentro de um meio digital – você alguma vez já copiou um CD? Até onde a busca da lucratividade leva uma unicidade digital finita e brilhante? Grupos de células AUM poderiam muito bem se especializar e formar um ser-coisa-sistema-pensamento muito mais complexo, e então... e então...

AUMamebas e AUMamebos pensando por aí em pântanos mentais primordiais!

As células biológicas de um grande bio-organismo amadurecem, morrem e são substituídas. Por contraste, células-AUM digitais podem simplesmente maturar e manter alguma lucratividade conjunta ótima com um organismo maior ou ocasionalmente reciclar a elas mesmas através do upload de seus produtos acumulados de lucratividade evolucionária junto com outros resultados comunicáveis uteis de experiência acumulada e então reiniciar (reboot). AUM como nós, pode servir como uma engrenagem em um motor muito maior de redução da entropia, que está engajado em impulsionar uma ainda maior manifestação do ciclo de consciência, na direção de estados mais baixos de entropia.

Aplice uma visão ampla nisto: sistemas de consciência (como futuros computadores digitais), derivados de sistemas de consciência (como o TBC), advindos de sistemas de consciência (como AUM), advindos de sistemas de consciência (sistema ainda mais amplo no qual a AUM é apenas um de muitos contribuintes) – todos exibindo as mesmas estruturas e processos fundamentais, enquanto hierarquicamente um suporta o outro em vários níveis e escalas. Você percebe que a terminologia usada para descrever sistemas de consciência interconectados e interdependentes é similar a terminologia usada para descrever fractais? Considere a elegância conceitual de fractais de evolução-de-consciência e guarde este pensamento, até que voltemos a ele aproximadamente ao fim da Seção 5.

Aproveitando que você está no humor para grandes pensamentos, imagine isto: toda nossa realidade local (OS, contendo nosso universo PMR, assim como uma parte da NPMR<sub>N</sub>), evoluindo em suas próprias felizes formas como se fosse uma colônia autocontida de bactérias existindo dentro de um pequeno e remoto canto da parte-espaco-tempo de apenas um, entre aparentemente infinitas quantidades de células-AUM, habitando as entranhas de um AUMossauro.

Pode ser divertido deixar algumas, entre todas as possibilidades, que possam descrever o ambiente **externo** da AUM, correrem soltas em sua imaginação, mas tudo que precisamos para construir uma teoria de tudo completa é uma simples unicelular monolítica e singular AUO e seu ambiente interno. Logicamente, tudo o que é requerido é que uma coisa-energia-potencial-consciência-primordial finita exista, assim como o Processo Fundamental de evolução. Apenas destes dois

pressupostos pretendemos deduzir a física, a natureza da sua existência, seu universo e experiência físicos e prover um modelo organizado e que funcione, da realidade mais ampla – tudo auto consistentemente contido entre a junta e a unha do meu “*Big TOE*” (dedão do pé). Isto deveria ser o suficiente! Vou publicar o trabalho definitivo sobre o AUMmossaurus-alémdacompreensãossuss-foradamentius, que é o seu nome próprio em Latim, no próximo ano – procure por isto na livraria de manicômio mais próxima, na seção de humor.

► Cuidado com aquele AUMossauro, caras! ... Oh não! ... Ele está começando a se agachar! Esperem... Este bebe poderia ejetar milhares de universos (incluindo o nosso) para fora de seu Subsistema Anterior em um poderoso tiro de flatulência digital!

O rugido de um bilhão de sóis explodindo simultaneamente chacoalha violentamente as fundações da realidade!

A existência estremece e treme em um terror incerto.

“Ainda estamos aqui?”

“Eu acho que sim, mas não estou certo? Quem pode me dizer?”

“Minha nossa, esta passou perto!”

Sim! Uau! Isto realmente nos deixa orgulhosos de ser uma bactéria intestinal, não é?” ◀

Sério caras, estão vendo o quão importante é apreciar suas limitações fundamentais? Do contrário, você corre o risco de não ter a habilidade de discriminar entre o tolo e o sério. Insistir que nós, o magnífico “*crème de la crème*” da existência, possamos não ter tais limitações só adiciona uma camada de arrogância ofuscante, no topo daquilo que já está além da compreensão. Com relação a Visão Ainda Mais Ampla, a melhor conclusão é nenhuma conclusão – Ceticismo de mente aberta não requer fechamentos e assim, aceita suas limitações. Ele, contudo, requer que você ponha de lado suas repostas automáticas tipo reflexo de joelho (que foram condicionadas por seu ego, crenças e medos) a fim de reconhecer todas as possibilidades.

Nunca tema deixar sua mente voar livremente, mas ao mesmo tempo esteja atento as limitações inatas da sua perspectiva ou você pode se perder vagueando pelas praias místicas da Terra do Nunca, acreditando que aquilo que você vê é o que realmente está lá.



## Infinito Fica Muito Grande

### Para Usar Calças de Verdade

Neste capítulo, o conceito (e a necessidade) de uma AUM **finita** provavelmente ficará claro. Você perceberá que AUM não precisa ser infinita ou sequer chegar perto disso, para poder gerar toda a realidade que podemos compreender.

No mundo biológico da PMR, grandes células biológicas devem parecer infinitamente grandes para os átomos que a constituem. Vamos traduzir esta comparação para a escala do nosso universo. Se seu universo inteiro fosse como um único átomo em uma célula aparentemente infinita, de algo ainda muito maior, na verdade não poderíamos nos preocupar menos porquê de nossa perspectiva minúscula, aquela coisa realmente grande, grande, não é tão importante para nós. Quer aquela célula seja na verdade infinita ou não, não chega nem a ser um tema. Ela é relativamente infinita para nós, isto é bom o suficiente para dar conta de tudo que precisamos saber.

Da menor coisa que pensamos saber que existe (partículas subatômicas) as maiores coisas que pensamos existir (o universo), cerca de 100 ordens de magnitude ( $10^{100}$ ) se passaram nas medidas. Os números 10 e 100 nem são números particularmente grandes. Se houvesse alguma coisa grande, como tão maior que nosso próprio universo da mesma forma que ele é muito maior que uma partícula subatômica, então esta coisa grande seria apenas 200 ordens de magnitude maior que uma de nossas partículas. Se esta coisa grande, fosse ela mesma ficar do tamanho de uma partícula para algo ainda maior, e esta coisa ainda maior fosse do tamanho relativo de uma partícula, para algo ainda maior....

Está me seguindo aqui? **Nosso** universo inteiro seria do tamanho de um único elétron, para um universo que também é como um elétron para um universo, que também é um elétron para um universo (quatro universos aninhados, um dentro do outro, cada um sendo de um tamanho-razão de  $10^{100}$  para o próximo). Penso que você vai concordar comigo, que aquele universo final é realmente muito, muito grande. Esta coisa colossal de verdade, realmente grande é apenas 400 ordens de magnitude maior, que um de nossos pequeninos elétrons. E adivinhe o que? Isto é apenas  $10^{400}$ , e todos sabem que 10 e 400 não são grandes números.

Agora mesmo, já ultrapassamos bem além das fronteiras mais distantes de nossa habilidade de compreensão. Que tal então  $10.000.000.000^{10.000.000.000}$  ( $10^{100\text{bilhões}}$ )? Isto é um 1 com cem bilhões de zeros entre ele e a primeira casa decimal vezes maior que um elétron. Tanta magnitude permitiria um bilhão de universos aninhados existindo um dentro do outro – cada um sendo do tamanho relativo de um único elétron, para o próximo universo maior. Consigo escrever estes números em poucos segundos tomando apenas alguns centímetros de papel – já estamos perto do infinito? De forma alguma, estes números são ainda infinitesimais quando comparados ao infinito. Contudo, já fomos muito além do tamanho que representa alguma coisa que nossa imaginação possa sequer começar a compreender. O que você acha de um trilhão de trilhões de zeros ( $10^{\text{trilhão de trilhões}}$ )? E ainda assim, não chegamos nem ainda na mais minúscula fração do caminho do infinito. Quantos zeros mais, você poderia escrever durante toda sua vida? Quantas vezes poderia escrever a palavra trilhão? Mesmo assim, ainda não estaríamos próximos do infinito – sempre poderíamos pegar este número e elevá-lo a um expoente igual a ele mesmo.

Consegue assim ter uma ideia, de quão desnecessariamente grande o infinito é quando você está falando a respeito de uma coisa **real**? **AUM** é **uma coisa real**, uma coisa **aparentemente** infinita, mas na verdade muito finita. Todas as MPRs e NPMRs são coisas reais e finitas. O infinito é grande demais para coisas reais. Veja, AUM não necessita ser infinita – de fato o conceito de infinito traz com ele, todos os tipos de inconsistências lógicas tais como processos infinitos que tomam tempo infinito e energia infinita, que sempre estarão indisponíveis para qualquer coisa que seja real. Consequentemente, é suficiente para AUM ser apenas relativamente infinita, aparentemente infinita. Isto é suficiente para atender nossos

propósitos. Em nossa mente, deixe a palavra “infinito” ser uma metáfora, não uma abstração matemática definida. “Infinito” faz um conceito matemático útil, mas um adjetivo muito enganoso, quando em frente a um substantivo real existente.

Enquanto estamos no tema das coisas grandes e reais, sendo relativamente pequenas quanto ao abstrato conceito de infinito, vamos falar sobre o tempo e coisas infinitesimais. O esquema é o mesmo. Para efeito da comparação, vamos ressuscitar os números que criamos no capítulo 31 deste livro. Aposto que você não sabia, que existiram menos de  $10^{18}$  dos nossos pequeniníssimos segundos, que tiquetaquearam desde de que o “Big Bang” formou nosso universo. No caso de estar imaginando, aqueles  $10^{18}$  segundos iriam consumir apenas cerca de  $10^{62}$  DELTA-t ou quantum-de-tempo PMR (lembre-se de que  $\text{DELTA-t} = 10^{-44}$  s). Divida um segundo em um bilhão de partes e vai ter um nanosegundo (ns). Menos que  $10^{27}$  nanosegundo (ns) vieram e se foram desde que o Big Bang fez bummm!

Quebre um nanosegundo em outro bilhão de peças e consegue um nano-nano-segundo (n-ns). Já existiram menos de  $10^{36}$  (n-ns) desde o Big Bang, e menos de  $10^{45}$  bilionésimo de bilionésimo de bilionésimo de um segundo (n-n-ns) já tiquetaqueou desde que nosso universo começou. Chega a ser surpreendente que dez n-n-n-n-ns longos incrementos de tempo DELTA-t (cerca de  $10^{-44}$  s) poderia ser pequeno o suficiente para fazer os nanosegundos gigantes de nossa PMR, parecerem absolutamente contínuos e que a quantidade deles que já passou (por muito mais tempo do que nosso universo foi formado) permanece um número relativamente insignificante, quando comparado ao infinito? Sem dúvida um número trivial para nossa aparentemente infinita AUM traquear (seguir).

Existe outro ponto importante aqui além do fato que a AUM é finita e real e mantém um enorme excesso de capacidade para compreender, apenas uma pequenina, pequenina, minúscula, infinitesimal fração das possibilidades para a existência. Acabamos de ver acima que muitos universos inteiros, cada um progressivamente maior que o nosso (na proporção que nosso universo pode ser maior que um elétron), podem coexistir conosco dentro de nossa realidade espaço-tempo 3D finita. Da mesma forma na direção oposta, muitos reinos podem existir, que sejam cada um progressivamente menor que o nosso.

Estes universos escalados acima e abaixo, não evoluiriam criaturas baseadas em carbono parecendo conosco. Nossa matéria física (composta de partículas elementares, átomos e moléculas com as quais somos familiares) é perfeitamente apropriada para a nossa escala e mal apropriada para drásticas mudanças em escala. Contudo, isto não quer dizer que não poderiam existir coisas estranhas o suficiente (totalmente diferente da matéria), que tenham evoluído formas e estruturas apropriadas a sua própria escala e que tenham complexidade suficiente, memória e poder de processamento para evoluir formas de vida inteligentes. **Porque?** Porque a Mãe Natureza é uma moça muito agressiva! **Porque não?** Porque você não tem a capacidade de conceber isto? Porque iria uma pessoa racional (que não fosse perdidamente otimista sobre a completude do seu conhecimento) acreditar que a nossa ignorância e limitação pessoal e coletiva, deveria logicamente constranger as possibilidades da criação?

Nossa base-de-conhecimento objetivo atual estabelece os limites daquilo que podemos coletivamente imaginar e que dirá compreender e é pouco provável que a nossa ciência de visão estreita, possa sequer criar hipóteses maiores, do que uma fração mínima das possibilidades reais da criação. Independente de com quanto esforço tentemos, tudo que podemos conjurar são várias versões de nós mesmos, porque é tudo que conhecemos. Há pouco proveito em especular além dos limites de nossa visão. Apreciar suas limitações inerentes e aplicar ceticismo de mente aberta a seus processos lógicos e científicos, constitui a única abordagem para explorar a Visão Ampla que faz sentido e produz resultados. Qualquer outra abordagem eventualmente levará você a se colocar em um canto, com amplas doses de crença e arrogância.

Nós mal podemos compreender, ou mesmo selvagememente imaginar, sequer uma pequena fatia do potencial de possibilidades, para a existência dentro do nosso espaço-tempo 3D – muito menos a existência dentro de outros espaço-tempos 3D dentro de outras dimensões – muito menos a existência fora do espaço-tempo 3D, mas dentro da  $NPMR_N$  – muito menos a existência fora da  $NPMR_N$ , mas dentro da  $NPMR$ . Será que os reinos possíveis, que ficam além da nossa compreensão seriam povoados? Poderiam eles ter evoluído consciência, criaturas, objetos, padrões de energia e outras coisas estruturadas? Ninguém diz que eles, sua matéria, seus ambientes ou seu conjunto-de-regras governantes (sua física) devam

necessariamente ser iguais aos nossos, nossa matéria, nosso ambiente ou conjunto-de-regras.

Em uma realidade de consciência digital, qualquer coisa que possa ser concebida é possível (de ser executada). Qualquer coisa com uma estrutura racional (baseada-em-regras) e com suficiente potencial e complexidade, vai eventualmente evoluir para um sistema de sistemas mais altamente organizado (de mais baixa entropia). Não estamos sós – a realidade é abundante em formas de vida inteligentes. De fato, nós humanos e as entidades não físicas do OS, somos relativamente pequeninos – como uma pequena escola de peixes em um oceano gigante de vida senciente. Quando aprender a mover sua percepção (consciência) entre as dimensões, você ficará maravilhado com a diversidade de formas de vida, que compartilha o ecossistema de consciência.

Que diferença faz a existência de outros sistemas de realidade? Até que uma ou mais destas realidades interaja com a sua, a resposta é absolutamente nenhuma diferença. Absolutamente nenhuma. É um fato que o OS é somente um de muitos sistemas de realidade em evolução, mas este fato em particular, não tem nenhuma importância **prática**, para sua tarefa atual de reduzir sua entropia no laboratório de aprendizado da PMR. Pode ser legal saber que você não está sozinho, interessante e educacional explorar outros reinos fora do OS, contudo, tais explorações podem fazer pouco por elas mesmas para melhorar a qualidade da sua consciência. Atividades que não contribuem de forma significativa para a evolução positiva da sua consciência, não são importantes.

O Processo Fundamental de evolução combinado com o potencial de sistemas digitais suficientemente complexos para se auto-organizar, gera toda a realidade que está dentro da nossa capacidade de compreensão. Por contraste, nosso universo espaço-tempo e nosso pequeno planeta azul, representam apenas um caso-especial de aplicação daquele processo. Vale notar, que a dinâmica de interação de um simples processo evolucionário com a energia fundamental de uma consciência digital auto-organizadora gere uma prole de consciências sencientes individuadas (seres pensantes), através de uma progressão de processos repetitivos multi-níveis e autogeradores, que lembram como uma simples relação geométrica gera um intrincado padrão fractal. Uma similaridade interessante: tanto na consciência como nos sistemas fractais, cada parte do padrão define o processo necessário para gerar o todo.

As criaturas e coisas da terra junto com nosso amado planeta, o sistema solar, e o universo, habitam apenas aquela fina fatia do espaço-tempo 3D e da realidade não-física, que são apropriados para nossa espécie e propósito. Cada realidade evolui seus sistemas e ecossistemas próprios e compatíveis. Palmeiras não crescem em altos topos de montanhas, pelas mesmas razões.

O conjunto-de-regras espaço-tempo é apropriado somente, para um pequeniníssimo subconjunto da realidade. Outros conjuntos-de-regras definem causalidades consistentes em outros lugares, que são inimagináveis para os residentes da PMR. Consciência e evolução têm poucos limites colocados sobre sua criatividade combinada. Se qualquer sistema ou subsistema é lucrativo (pode levar a redução da entropia auto-iniciada), ele provavelmente existe. Porque você acreditaria que os sistemas de realidade como o OS, são os únicos com chance de ser lucrativos, quando nossa mente não pode compreender mais que um subconjunto infinitesimal das possibilidades?

Não deixe que suas crenças e as limitações de conhecimento atuais, bloqueiem sua noção daquilo que pode ser possível. Deixar sua ignorância definir os limites de uma realidade aceitável é má ciência – infelizmente, isto também é a norma (lugar comum). É por isto que os cientistas jovens, fazem os mais dramáticos avanços e descobertas. Quando você **acredita** que sabe, mas não sabe, acaba por cortar a si mesmo, da possibilidade de jamais vir a saber. O conhecimento que fica fora das possibilidades permitidas por suas crenças centrais, está além do seu alcance intelectual – totalmente invisível a sua visão autolimitada. Você simplesmente não pode ver além das paredes que construiu, independente de quão duramente esteja tentando fazer exatamente isto e não importa quão forte seja sua crença de que sua visão é clara e desimpedida. Para ter uma visão mais ampla, para ver o que está além, você precisa primeiro desmontar tijolo a tijolo a parede ou pelo menos uma parte dela. As criaturas humanas são, pouco mais que comunidades de crenças compartilhadas onde crenças-cegueira comuns, levam a conclusões errôneas que são universalmente mantidas como se fossem verdades óbvias.

Formas-de-energia (matéria e luz por exemplo) e física dentro de outros nichos de realidade (incluindo outros reinos de espaço-tempo 3D), podem ser vastamente diferentes de nossa PMR porque cada dimensão de existência (realidade separada) funciona sob seu próprio conjunto-de-

regras. A Natureza (manifestações naturais de evolução dentro de cada realidade) tende a deixar poucos espaços vagos e tem uma forma de evoluir algo (não necessariamente com biologia baseada-em-carbono) para povoar, o que quer que possa ser povoado. Mesmo os ambientes em volta de ventilações termais de alta temperatura, sob altíssimas pressões e em total escuridão no fundo dos oceanos, produzem vida. Não talvez do tipo que estamos acostumados, mas ainda assim vida. O processo fundamental evolucionário parece trabalhar em todos os lugares – vida ou consciência perceptiva ou subsistemas individuados de consciência, são meramente o resultado de um sistema complexo e com memória, cheio de propósito, evoluindo seu caminho através de um grande e variado conjunto de possibilidades ambientalmente restringidas.

Um conjunto completo de possíveis formas que a vida senciente poderia assumir está além de nosso conhecimento. AUM é um membro deste conjunto e nós somos outro. Bactérias e minhocas são outros dois. A evolução produz formas-de-vida, que são adaptadas a seus ambientes particulares. É assim que nós e todas as criaturas (incluindo as unicelulares) e as plantas, se tornaram o que são – nos encaixamos (somos eficientes e efetivos) em nosso ambiente. Um ambiente além da nossa imaginação, vai evoluir formas e funções além da nossa imaginação para atender a ele mesmo. Todos deveriam concordar, que uma realidade virtual interativa simulada digital, tem poucas limitações intrínsecas.

É uma ideia geralmente aceita entre os cientistas, que se nós (ou pelo menos algo vagamente parecido com o que a terra tem produzido) não podemos existir, crescer e evoluir, dentro de alguma realidade postulada ou ambiente hospedeiro, então não é possível para a vida senciente florescer em tal lugar. A crença que qualquer forma-de-vida que possa existir “lá fora” tem que ser similar aquelas da terra é o produto do pensamento de visão estreita. Sem nenhuma dúvida, temos uma visão muito limitada de onde estamos e do que somos e assim, deveríamos ser duplamente cuidadosos, para não restringir as possibilidades que podemos imaginar apenas porque ainda não sabemos as respostas. Tal arrogância cria as paredes de sua própria prisão conceitual.

Nosso tempo PMR parece ser contínuo (não-granular, não-quantizado) porquê os menores tempos que conseguimos medir são vastamente enormes se comparados a um quantum do nosso tempo. Você não percebe a granularidade em uma placa de aço ou de vidro, a menos que

possa medir distâncias menores na proporção de um átomo ou molécula. O tampo de mesa de vidro, aço, ou madeira no qual você apoia sua bebida, parece ser sólido e contínuo ainda que saibamos que sejam feitos de partículas discretas extremamente pequeninas, com vastas regiões de espaço vazio entre elas – a granularidade é imperceptível, quando observada da visão macro. Com o tempo ocorre o mesmo. Da visão macro de nossa experiência diária, ele parece ser contínuo.

Você pode achar proveitoso visitar este tema de novo depois que tenha lido os Capítulos 81 e 82 do Livro 3, quando prováveis universos paralelos forem discutidos. A conclusão final é que, todo o tempo em todos os mundos passados e presentes que você possa imaginar, não são nenhuma dificuldade para a AUM acompanhar. Tanto no tempo, como no espaço, vemos que o aparente infinito (mas na verdade finito) é muito, muito mais que suficiente, para atingir tudo que pusemos ao pé de uma AUM real e de um TBC real. É razoável assumir que a AUM e o TBC têm múltiplos gazilhões de margem (folga) deixada para crescer e jogar. Ainda que a AUM seja um Grande Cara (“Big Dude”) com muito a fazer, e manter seguimento, ser infinito não é um pré-requisito para a posição.



## Saudações! Leitores Corajosos, Vós Haveis Demonstrado Paciência Divina e Grande Tenacidade

Sei que foi uma corrida selvagem e que você está imaginando o que fazer com todos estes conceitos e ideias novos, que se empilharam um sobre o outro, como comida no prato de um garoto adolescente, em um restaurante barato tipo bufê onde pode comer quanto queira. O que é pior, muitos leitores provavelmente têm pouca experiência, que possa ajudá-los a avaliar a verdade daquilo que acaba de ser lido. Esta é a natureza da Grande Verdade. Ela não é nem trivialmente óbvia, nem totalmente opaca.

Não existe necessidade de fazer nenhum julgamento ou saltar para conclusões. Não **acredite** em nada, a favor ou contra. Mantenha uma mente aberta e perceba, que você está apenas no começo desta jornada. Se tudo fizesse sentido logo de início, não seria uma exposição particularmente complexa e uma trilogia não seria necessária. Porque estou tirando o melhor de você em uma viagem muito além das suas especulações mais selvagens, deveria esperar (neste ponto inicial do desdobramento) se sentir de alguma forma ambivalente, perdido e – por favor – sempre cético.

Se tem pequena experiência de explorar sistematicamente a realidade mais ampla do espaço interno, o que lê aqui vai sem dúvida parecer obscuro, não substanciado e além do conhecimento. Não é o caso. Somente parece assim pela perspectiva da sua cultura e experiência

autolimitada. Considere como uma criança de cinco anos, ou como seu “pet” favorito, vê e compreende o mundo grande em que vive.

Muitas coisas que parecem ser absolutamente além da possibilidade de conhecimento de qualquer um, quando na verdade estão apenas fora do alcance da vista de uma visão e compreensão limitados. Acreditar que nossa visão é menos limitada do que realmente é, reflete o caráter natural de uma consciência de alta entropia, que é restringida a uma unidade individuada de ação independente. (A Seção 4 vai clarificar este conceito).

Ainda que o que leu na Seção 2 pareça remoto a seu senso de realidade, foi necessário para introduzir algumas das ideias básicas que você vai precisar, para trazer foco à Visão Ampla. Tudo vai se juntar e encaixar perfeitamente e de forma mais suave, mais adiante. Se a discussão da vida e dos tempos da AUM foi difícil, batida com força e fez você abrir sua boca em alguns ahhh-umms próprios, conforte-se, a próxima seção – Seção 3 – é toda sobre você.

Porque é sobre você, está destinado a ser excepcionalmente interessante – como poderia ser de outra forma? Na Seção 3 (“Homem no Circuito”) vamos fazer as primeiras conexões tentativas entre todos os conceitos estranhos “extremamente não convencionais” da Seção 2 e o que eles poderiam possivelmente, ter a ver com você e sua realidade física e mental. Acho que você vai gostar muito mais desta seção do que da anterior, porque ela te dará algumas coisas para pensar sobre algo que você tem experiência para avaliar e, portanto, será menos abstrato.

Se chegou tão longe até aqui e ainda tem o desejo e estomago para seguir em frente, premie a você mesmo com quatro lindas estrelas de ouro, por sua tenacidade intelectual e curiosidade. Cole-as na capa da frente deste livro de forma que todos saibam que você é um dedicado, comprometido e sério buscador, atrás de algo extraordinariamente importante mesmo que você não esteja certo a este ponto, do que exatamente isto é.

## **Fim do 1º Livro**

**Site americano :** [www.My-Big-TOE.com](http://www.My-Big-TOE.com)

**Site da tradução :** [www.MyBigTOE.com.br](http://www.MyBigTOE.com.br)

**Contato sobre a tradução :**  
[traducaomybigtoe@gmail.com](mailto:traducaomybigtoe@gmail.com)

## Quem é Tom Campbell



Tom Campbell começou pesquisando estados alterados de consciência com Bob Monroe (ver livros: Viagens Fora do Corpo, Jornadas Distantes, e A Última Jornada) nos Laboratórios Monroe no início dos anos 70 onde ele e uns poucos outros foram instrumentais em preparar os laboratórios colocá-los para funcionar.

Estes pioneiros na pesquisa da consciência sem uso de drogas, ajudaram a projetar experiências, desenvolver a tecnologia para criar estados alterados específicos, e foram também as principais cobaias de estudo (ratos de laboratório), tudo ao mesmo tempo.

Tom tem feito experiências e explorado a mente subjetiva e objetiva desde então. Pelos últimos 30 anos, ele tem se concentrado em explorar cientificamente as propriedades, fronteiras e habilidades da consciência.

Durante este mesmo período, ele esteve brilhando em seu trabalho como cientista, um físico profissional dedicado a forçar as fronteiras da realidade, da mente, da

consciência e dos fenômenos físicos. **Minha Grande Teoria de Tudo (My Big TOE)** é um modelo de existência e realidade que é baseado diretamente na pesquisa e experiência científica em primeira mão do Tom. Ele representa os resultados e conclusões dos trinta anos de exploração científica cuidadosa nas fronteiras e conteúdo da realidade, tanto do ponto de vista físico, como do metafísico. O autor fez todos os esforços para abordar suas explorações sem vieses ou noções preconcebidas. Não existe sistema de crenças, dogmas, credos, ou nenhum pressuposto incomum na raiz da “**My Big TOE**”.

Exigindo dados empíricos evidenciais de alta qualidade e repetibilidade, para separar o que é real (que existe de forma independente e externa) daquilo que é imaginário ou ilusório, Tom deduziu de forma significativa seu modelo geral da realidade.

**Tom Campbell nasceu em 09 dezembro de 1944** e é formado e pós-graduado em Física, tendo trabalhado para vários órgãos do governo americano, inclusive a NASA, desenvolvendo entre outros, simulações em computador.

Este livro já foi também traduzido para o Alemão, por Thomas Hasenberger sob o título: **Meine große Theorie von Allem: My Big TOE**. Outras traduções para o Espanhol e o Russo estão também em andamento.

Se você tiver questões ou comentários para o autor, pode fazê-los em inglês usando o seu e-mail:

[author@my-big-toe.com](mailto:author@my-big-toe.com) .

*Se tiver dúvidas, comentários ou sugestões sobre a tradução para o português, pode contatar os tradutores usando o e-mail: [TraducaoMyBigToe@gmail.com](mailto:TraducaoMyBigToe@gmail.com) ou [mario@mybigtoe.com.br](mailto:mario@mybigtoe.com.br) .*

*Comentários são bem-vindos e buscaremos incorporar as melhoras na tradução para as próximas edições.*